CEC 2017

CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA

Anais do

IV Congresso de Extensão e Cultura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
RS-BRASIL

PR
Pró-Reitoria de
EC
Extensão e Cultura

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Ubirajara Buddin Cruz – CRB 10/901

C749a Congresso de Extensão e Cultura da UFPel (4.: 2017: Pelotas)
Anais do... [recurso eletrônico] / 4. Congresso de Extensão e Cultura da UFPel; org. Francisca Ferreira Michelon... [et al.]. – Pelotas: Ed. da UFPel, 2018. - 2101p. : il.

ISSN: 2359-6686

Modo de acesso:
<https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/anais/anais-2017/>

1. Extensão. 2. Cultura. 3. Museus. I. Michelon, Francisca Ferreira. II.Título.

CDD: 378.1554

IV CEC
Congresso de Extensão e Cultura

Organização

Comissão Científica IV CEC
Francisca Ferreira Michelon – Presidente
João Fernando Igansi Nunes
Noris Mara Pacheco Martins Leal
Taís Ullrich Fonseca

Comissão Organizadora IV CEC (acadêmicos)
Andreia Skupien Bianchini
Caroline dos Santos Tabelião
Jayne Souza Peixinho
Jardel da Silva Moura
Lisiane Gastal Pereira
Lucas Lobo Pouey
Lucas Perez Fontoura
Marlene dos Santos de Oliveira
Rafael Evangelista de Sousa
Renildo Francisco da Silva Junior
Vitor Goveia Rechia

Reitor
Pedro Rodrigues Curi Hallal
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
Flávio Fernando Demarco
Chefe de Gabinete
Taís Ullrich Fonseca
Vice-Reitor
Luís Isaías Centeno do Amaral
Pró-Reitor Administrativo
Ricardo Hartlebem Peter
Pró-Reitor Adjunto de Gestão da Informação
Júlio Carlos Balzano de Mattos
Pró-Reitora de Ensino
Maria Fátima Cóssio
Pró-Reitora de Assuntos Estudantis
Mario Renato de Azevedo Júnior
Pró-Reitor de Gestão de Pessoas
Sérgio Batista Christino
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento
Otávio Martins Peres

Comissão Organizadora IV CEC
Joice Vieira Soares – Presidente
Ana Carolina Oliveira Nogueira
Andrea Lacerda Bachettini
Elias Lisboa dos Santos
Mateus Schmeckel Mota
Matheus Blaas Bastos
Nádia Najara Kruger Alves
Rose Méri Santos da Silva
Thâmisa Ramos Flores dos Santos
Vinicius Camargo Zientarski

Pró-Reitora de Extensão e Cultura
Francisca Ferreira Michelon
Coordenador de Arte e Inclusão
João Fernando Igansi Nunes
Coordenadora de Patrimônio Cultural e Comunidade
Silvana de Fátima Bojanoski
Coordenador de Extensão e Desenvolvimento Social
Felipe Fehlberg Herrmann
Núcleo de Ação e Difusão Cultural
Matheus Blaas Bastos
Núcleo de Formação, Registro e Acompanhamento
Thâmisa Ramos Flores dos Santos
Núcleo de Formação, Registro e Acompanhamento
Ana Carolina Oliveira Nogueira
Seção de Integração Universidade e Sociedade
Vinícius Camargo Zientarski
Seção de Captação e Gestão de Recursos
Mateus Schmeckel Mota
Seção de Mapeamento e Inventário
Andrea Lacerda Bachettini
Secretaria
Elias Lisboa dos Santos
Nádia Najara Kruger Alves

Designer Editorial
Matheus Blaas Bastos
Sarah Aguiar Marçal

Edição de capa
Eduardo Mendes

IV CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA

Na sua quarta edição, o Congresso de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas reuniu extensionistas dessa Universidade e de outras, sobretudo nas sessões de apresentação de trabalhos.

Inserido na 3ª Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão, que teve como tema "Os Desafios da Universidade Pública Contemporânea", o CEC trouxe como inovação na presente edição a supressão dos destaques, que nas edições anteriores geravam as premiações de primeiro a terceiro lugar. Os demais congressos da SIIEPE seguiram a iniciativa.

Mantendo o sistema de avaliação do resumo com vistas a qualificar a publicação dos textos, o objetivo da mudança foi o de dirigir a atuação das bancas para o debate e a reflexão sobre os conteúdos apresentados. Os avaliadores foram extensionistas voluntários - docentes, técnicos administrativos e alunos de pós-graduação - que se inscreveram no chamado da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura para esse fim.

O formato das sessões seguiu o usualmente empregado nos Seminários de Extensão Universitária da Região Sul, que ocorrem todos os anos em universidades públicas dos três estados. Em tal formato, cada trabalho é apresentado por um ou mais alunos que atuam nos projetos e prevalece a explanação sobre os resultados.Os debates ocorrem, em geral, sobre as evidências do atingimento das diretrizes básicas que norteiam a extensão universitária no Brasil, quais sejam: o envolvimento das equipes com públicos externos à universidade; a capacidade de atingir tais públicos e agir sobre a sua realidade; os resultados na formação dos estudantes envolvidos com vistas a ampliar e aprofundar a sua visão do social; a oportunidade que as equipes encontram de vivenciar a interdisciplinaridade e o potencial para associar conteúdos dos cursos com questões de pesquisa. Em especial, busca-se saber se os trabalhos evidenciam desenvolvimento do diálogo integrador entre as equipes extensionistas e as comunidades com as quais atuam.

Reunidos em sessões que cruzaram campos de ação com as áreas temáticas da extensão, os trabalhos apresentados propiciaram a divulgação do que é produzido nas unidades acadêmicas e a possibilidade de que equipes de projetos e ações possam se conhecer e se aproximar.

Os textos aqui reunidos expressam o conjunto das apresentações feitas, nas suas diversas áreas, bem como a amplitude e intensidade do que vem sendo produzido na dimensão extensionista, na UFPel, sobretudo.

Deseja-se incentivar que essa dimensão continue conquistando novos campos e envolvendo mais estudantes.

Que a presente edição dos Anais do 4º CEC possam contribuir para isso.

Francisca Ferreira Michelon
Pró-Reitora de Extensão e Cultura da UFPel

SUMÁRIO

"NADA CONTRA, TENHO ATÉ AMIGOS QUE SÃO..." **13**
AIRTON RODRIGUES CARDOSO; WAGNER FERREIRA PREVITALI; LUIZ AUGUSTO FONSECA DUARTE JUNIOR; MATEUS FERNANDES DA SILVA; LOUISE PRADO ALFONSO

SULDESIGN GALERIA **19**
ALANA MACHADO KUSMA; LÚCIA BERGMASCHI COSTA WEYMAR

OFICINAS PET ARTES VISUAIS: CRIANDO AMIGOS IMAGINÁRIOS **23**
AMANDA DA ROCHA AZEVEDO; JENNIFER NEVES DA ROSA; NADIA SENNA

DOCUMENTÁRIO DO FIFAP: UMA INTERAÇÃO TRIPOLAR **27**
AMANDA MORENO DE OLIVEIRA; CARMEN ANITA HOFFMANN

A CIDADE COMO ACERVO – AÇÕES DE UMA DOCUMENTAÇÃO COLABORATIVA: O CASO DO MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO **31**
ANDRÉA CUNHA MESSIAS; MÁRCIO DILLMANN DE CARVALHO; GIOVANI VAHL MATTHIES; GILSON BARBOZA4; MARIANA BOUJADI MARIANO DA SILVA; DIEGO LEMOS RIBEIRO

EM BUSCA DE UMA TUTELA JUDICIAL PARA A PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL DO PASSO DOS NEGROS **37**
ANTONIO ERNANI PINTO DA SILVA FILHO; MATEUS FERNANDES DA SILVA; LOUISE PRADO ALFONSO

CATALOGAÇÃO DOS LIVROS DO ATELIÊ 103 DO CENTRO DE ARTES DA UFPEL PARA DISPONIBILIZAÇÃO DO ACERVO BIBLIOGRÁFICO À COMUNIDADE **43**
BIANCA SANTANA DE OLIVEIRA; GIOVANNA BARBOSA HIGASHI; GEISON DE LIMA MARTINS; VINÍCIUS COLATTO ROSSO; REGINALDO DA NÓBREGA TAVARES; ANGELA RAFFIN POHLMANN

O PATRIMÔNIO CULTURAL E O ENSINO DE QUÍMICA ATRAVÉS DE MAPAS CONCEITUAIS **47**
BRUNA JESKE GEHRKE; DIEGO L. RIBEIRO; DANIEL V. DE SOUZA; CARLA GASTAUD; ALZIRA YAMASAKI;THIAGO SEVILHANO PUGLIERI

RE EXISTÊNCIA > SERIGRAFIA COMO LINGUAGEM DE CRIAÇÃO COLETIVA E SUSTENTÁVEL **51**
BRUNO FIGUEIRÔA; BRUNA LOPES SILVA; MARIA DAS GRAÇAS MOTA GULARTE; KELLY WENDT;

PERFORMANCE MUSICAL NO CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA: LICENCIADO SABE TOCAR? RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PREPARAÇÃO E O CONCERTO DO PEPEU EM LONDRINA - PR **57**
CAMILA BARBOZA CASTRO; JOSÉ EVERTON ROZZINI

DIZENDO O INDIZÍVEL NOS MUSEUS E RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS TRAUMÁTICAS: UM ESTUDO DE CASO. **63**
CARLISTON LIMA RIBEIRO; ANDRÉA CUNHA MESSIAS; GIOVANI VAHL MATTHIES; THIAGO BARWALDT CARDOZO[4]; MARCOS ROBERTO SILVA SOUZA DIEGO LEMOS RIBEIRO

TERMINOLOGIA CORRETA: PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA OU PESSOA COM DEFICIÊNCIA? **69**
CAROLINA DA MOTTA TAVARES; MARI LUCIE DA SILVA LORETO

ENTRE TRAMELAS, FERROLHOS E TESOURAS… DE PASSOS EM PASSO, CAMINHANDO PARA A CONSOLIDAÇÃO DA OFICINA DE DANÇAS FOLCLÓRICAS PARA CRIANÇAS **73**
CAROLINA MARTINS PORTELA; JACIARA JORGE

PROGRAMA ARTE, INCLUSÃO E CIDADANIA: INTEGRAÇÃO E AÇÕES **77**
CAROLINE BRASIL ALBRECHT; NÁDIA DA CRUZ SENNA

AÇÕES NO MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO **83**
DANIEL RODRIGUES MOURA; JULIANA CORRÊA HERMES ANGELI, LAUER ALVES NUNES DOS SANTOS

UMA EDUCADORA MUSICAL E PERCUSSIONISTA EM FORMAÇÃO COMO BOLSISTA DO PEPEU **88**
DANIELA GAZIS; JOSÉ EVERTON DA SILVA ROZZINI

VISITAS MONITORADAS PELOS PRÉDIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS: PROMOVENDO NOVOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL UNIVERSITÁRIO **95**
ÉVERTON FELIPE KAIZER ANDRÉIA SKUPIEN BIANCHINI;PRISCILLA TEIXEIRA DA SILVA; DALILA MULLER

PROJETO MUSICANDO: INICIAÇÃO MUSICAL ATRAVÉS DA PRÁTICA COLETIVA DE INSTRUMENTOS **100**
FERNANDA SILVEIRA DAS NEVES; RAFAEL VERAS ZORZOLLI; PAULA ANDREA GARZÓN BOCANEGRA; BRENDA POSTINGHER BRUGALI; MARIANA DA COSTA RIBEIRO; JOÃO ALEXANDRE STRAUB GOMES

AÇÕES DE RE-EXISTÊNCIA DO GRUPO CAIXA DE PANDORA NOS ANOS DE 2016 E 2017 ..... **106**
URSULA ROSA DA SILVA

PEPEU – INTEGRANDO A UNIVERSIDADE À COMUNIDADE **111**
GABRIELA CINTRA DOS SANTOS; JOSÉ EVERTON DA SILVA ROZZINI

TESTES PARA LIMPEZA DA ESCULTURA FUNERÁRIA DE JACOB ALOYS FRIEDERICHS **117**
GIOVANA BORGES PERES; JULIANA IOST DAMASCENO; LUIZA FABIANA NEITZKE DE CARVALHO

A REORGANIZAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO MUSEÓLOGICA NO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS: UM BREVE RELATO **122**
GIOVANI VAHL MATTHIES; GILSON BARBOSA; MAURÍCIO ANDRÉ MASCHKE PINHEIRO3; MARINA MONTEIRO; JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM; DIEGO LEMOS RIBEIRO

USO DO MINIMALISMO COMO MÉTODO DE ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE ACADÊMICO **128**
GIOVANNA BARBOSA HIGASHI; BIANCA SANTANA DE OLIVEIRA; GEISON DE LIMA MARTINS;VINÍCIUS COLATTO ROSSO; REGINALDO DA NÓBREGA TAVARES; ANGELA RAFFIN POHLMANN

A RELAÇÃO DO PROJETO PRÓ-BICHO PELOTAS COMOS PROTETORES DE ANIMAIS DA CIDADE DE PELOTAS E REGIÃO **133**
GIULIA RIZZATO; VERÔNICA SOARES ROSA; NÁDIA DA CRUZ SENNA; JULIANA ANGELI

AÇÕES EDUCATIVAS PARA O PATRIMÔNIO: O JOGO DE MEMÓRIA DO MUSEU DO DOCE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS **139**
GIZELE DOS SANTOS AMARO; RAFAEL CHAVES; LÚCIA MARIA TIMM MASKE; CARLA RODRIGUES GASTAUD

PATRIMÔNIO CULTURAL E DISPUTAS POR LEGITIMIDADE EM PELOTAS **144**
GUILHERME GALDO RUCHAUD; LOUISE PRADO ALFONSO

[IN]CÔMODO - ARTE EM EXTENSÃO **150**
HELCIO SILVA OLIVEIRA; DANIEL ALBERNAZ ACOSTA

GRUPO FOCAL COM IDOSOS: RUMO ÀS COMUNIDADES AMIGAS DO ENVELHECIMENTO **154**
ISABELA BUBOLZ PRESTES; SIRLENE DE MELLO SOPEÑA; TANARA GOMES DA COSTA; MOANA PEREIRA BELLOTTI; ANELIZE MILANO CARDOSO; ADRIANA PORTELLA

DOCUMENTAÇÃO, RESTAURAÇÃO E EXPOSIÇÃO DA OBRA SENHORAS TOMANDO CHÁ, DA PINACOTECA MATTEO TONIETTI, RIO GRANDE – RS **158**
ISIS FÓFANO GAMA; KERLLEN PERES CAVALHEIRO; ANDRÉA LACERDA BACHETTINI

CAMINHOS DA DANÇA NA RUA: EXPERIENCIANDO UM PROGRAMA PERFORMATIVO **162**
JANAINA BRUNA DOS SANTOS MOREIRA DÉBORA SOUTO ALLEMAND

O PROJETO ÓPERA NA ESCOLA PROPORCIONANDO EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS QUE TOCAM VIDAS **166**
JAQUELINE KRUMREICH BARTZ; RENATA GONÇALVES; MAGALI LETICIA SPIAZZI RICHTER

O TEATRO MUSICAL COMO INTEGRALIZAÇÃO DOS CURSOS DE ARTES **170**
JOÃO MATHEUS PASSOS GUELSI; SONIA ANDRE CAVA DE OLIVEIRA

ALÉM DAS REDES: AÇÕES EXTERNAS DO MUSEU DAS COISAS BANAIS **176**
JOANA SCHNEIDER; DANILO AMPARO RANGEL NARA REGINA FARIAS AVILA; CAROLINE SILVA DA COSTA; GREICE AVILA MARQUES; JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES

OFICINA DE PANORÂMICAS NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI: CHUÍ-CHUY; JAGUARÃO-RIO BRANCO **182**
JUNCRIS NAMAYA JUNIOR; ANA PAULA VIEIRA; LARISSA MÖRSCHBÄCHER; LUCAS BOEIRA BITTENCOURT ANA LUCIA COSTA DE OLIVEIRA

FOTOGRAFIA COM CÂMARA OBSCURA **187**
KATHLEEN OLIVEIRA DE AVILA; JOÃO PEDRO SCHEBEK; GIULIANA BAZARELE MACHADO BRUNO[3]; JULIANA CORRÊA HERMES ANGEL

UM RELATO SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO UNIFICADO DO NÚCLEO DE MÚSICA POPULAR **192**
LÍGIA POLIANA DE OLIVEIRA; RAFAEL HENRIQUE SOARES VELLOSO

AUDIODESCRIÇÃO: ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL NO MUSEU DA BARONESA **197**
LEANDRO PEREIRA; MARISA HELENA DEGASPERI

O NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA E SEUS ACERVOS **202**
LEONARDO SILVA AMARAL; MILENA VAZ DA SILVA ; LORENA ALMEIDA GILL

PROJETO DE RESTAURAÇÃO DA ESCULTURA DO ÍNDIO PERI DO TEATRO GUARANI (PELOTAS-RS): CONSOLIDAÇÃO DA ESTRUTURA EM FERRO E DAS PERNAS EM ARGAMASSA DE CIMENTO **206**
LETÍCIA ALVES PEREIRA; ANA FLÁVIA ALVES DA SILVA; LINDSAY ROCHA TAVEIRA; DANIELE BALTZ DA FONSECA

O DESENHO INFANTIL A PARTIR DO ARTISTA NUNO RAMOS NO MUSEU DO MALG **212**
LETÍCIA BECK FONSECA; CAROLINE LEAL BONILHA

EXPERIÊNCIA NO MUSEU: VIVÊNCIA NA MONTAGEM DE UMA EXPOSIÇÃO **217**
LIÉGE BUDZIAREK ESLABÃO; LAUER ALVES NUNES DOS SANTOS

RESTAURAÇÃO DE ESCULTURA EM ARGAMASSA DE CIMENTO DO ÍNDIO PERI DO FRONTÃO DO TEATRO GUARANI, EM PELOTAS – RS: HIGIENIZAÇÃO, LIMPEZA MECÂNICA E APLICAÇÃO DE EMPLASTO **221**
LINDSAY ROCHA TAVEIRA; ANA FLÁVIA ALVES DA SILVA, LETÍCIA ALVES PEREIRA; DANIELE BALTZ DA FONSECA

A REDE DE MUSEUS DA UFPEL E AS AÇÕES DO DIA DO PATRIMÔNIO **225**
LISIANE GASTAL PEREIRA; ALINE REGIANE DE JESUS MOTA; LUCAS LOBO POUEY; MARLENE DOS SANTOS DE OLIVEIRA; NORIS MARA PACHECO LEAL

ARTE MUNDANA: EXPERIÊNCIAS CULTURAIS NO IFSP **230**
LUANA CAROLINE DE MELO CORDEIRO SOARES; CAIO ÍTALO MARCIERI PIMPINATO; GABRIELLE BELCHIOR FERNANDES; LAÍS RAMOS MARTINS; VIVIANE DA SILVA PINTO; CARLOS VINICIUS VENEZIANI DOS SANTOS

COM-TATOS DE MEDIAÇÃO ATRAVÉS DO TELEFONE-SEM-FIO **236**
LUANA REIS SILVINO; CAROLINA CLASEN; CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT

SEMANA DO FOLCLORE DA UFPEL: INTERAÇÕES ENTRE O AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E A COMUNIDADE **241**
LUDMILA DE LIMA COUTINHO; CARMEN ANITA HOFFMANN; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS

ENTRE SALTOS, PERUCAS, ACESSÓRIOS E MAQUIAGENS: O UNIVERSO TRAVESTI EM DIÁLOGO NO DIA DO PATRIMÔNIO DE PELOTAS **246**
LUIZ AUGUSTO FONSECA DUARTE JUNIOR; JULIANO GOMIDES DOMENEGUETI; GUILHERME RODRIGUES DE RODRIGUES; AIRTON RODRIGUES CARDOSO; LOUISE PRADO ALFONSO

ROSANA PEREIRA E A REALIZAÇÃO DO TRABALHO COM NÃO ATORES MIRINS **251**
MATEUS BRUM DE ARMAS[1]; MARÍLIA SHEILA DOS SANTOS[2]; JOSIAS PEREIRA[3]

OS MUSEUS COMO LUGARES LÚDICOS, DE LAZER E APRENDIZAGEM: O CASO DO MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO **255**
MARCOS ROBERTO SILVA DE SOUZA; MIRIÃ DA MOTA MANOEL; JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM; MARIANA BOUJADI MARIANO DA SILVA; DIEGO LEMOS RIBEIRO

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS: REFLEXÕES SOBRE O PROJETO E MODOS DE ATUAÇÃO **260**
MARINA TIMM MEDEIROS; DÉBORA SOUTO ALLEMAND

"QUE NÃO SE ESMAGUEM COM PALAVRAS AS ENTRELINHAS" - UMA ABORDAGEM DO PASSO DOS NEGROS, EM PELOTAS: MOVIMENTOS, CIDADE E PATRIMÔNIO **266**
MATEUS FERNANDES DA SILVA; GUSTAVO FIORINI MARQUES; AMANDA CHRISTIANINE BATISTA LOUISE PRADO ALFONSO

ZERO QUATRO CINECLUBE **272**
MATHEUS STRELOW SARAIVA GUSTAVO FERREIRA DE MENEZES; RODRIGO ALVES ACEDO; IVONETE PINTO

CINE UFPEL E A TENTATIVA DE UM CINEMA DEMOCRÁTICO **278**
MAURÍCIO VASSALI; CINTIA LANGIE; YADNI CABRAL; ISABELA ROSSETTO[2]; LIÂNGELA C. XAVIER

O ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL: CONSERVAÇÃO, HIGIENIZAÇÃO E DIGITAÇÃO **282**
MIRIAM HELEM SOARES FERNANDES;ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES

EXPOSIÇÕES FAURB **286**
MORGANA DIAS MESQUITA; LAURA LOPES CEZAR

SISTEMA DE PRODUÇÃO DA SÉRIE ANIMADA SALADA MISTA 292
MURILO DA COSTA JARDIM; ORIENTADOR: ANDRÉ MACEDO

REDE PHI COMO FERRAMENTA DE APOIO ACADÊMICO: APLICAÇÃO NO ENSINO DE PATRIMÔNIO CULTURAL NOS CURSOS DE ARQUITETURA E URBANISMO 296
NATÁLIA FAVERO; ALINE MONTAGNA DA SILVEIRA; ANA LÚCIA COSTA DE OLIVEIRA

EXPOSIÇÃO MARGENS: DIFERENTES FORMAS DE HABITAR PELOTAS - ALGUMAS REFLEXÕES 301
PATRÍCIA SANTOS DA ROSA; LOUISE PRADO ALFONSO

PELOTAS OCULTA: A PRODUÇÃO DE UM EVENTO CULTURAL NA CIDADE DE PELOTAS 307
LUIZA KOVALSCKI SILVA; MICAEL HEBER DE OLIVEIRA MARQUES, PEDRO ELIAS PARENTE DA SILVEIRA, JULIANA HERMES CORRÊA ANGELI

HISTÓRIA EM REVISTA: PROCESSO DE EDITORAÇÃO E ADEQUAÇÃO PARA O PADRÃO DE EXCELENCIA CAPES 313
PEDRO MARCO RIBEIRO PIRES; LORENA ALMEIDA GILL

IDÉIA, PROJETO E PROGRAMA: A GALERIA BRAHMA E OS ESPAÇOS EXPOSITIVOS UNIVERSITÁRIOS COMO ESPAÇOS DE FORMAÇÃO E DIFUSÃO DE CONHECIMENTO 319
RAFAEL EVANGELISTA DE SOUSA; JOÃO FERNANDO IGANSI

A CULTURA NA SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA PROPOSTA EXTENSIONISTA 323
RAPHAELA PALOMBO; ALINE COELHO DA SILVA

PARA ALÉM DA MEMÓRIA A CONSTRUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O GRUPO BAILA CASSINO 329
RAQUEL ROMEIRO ALVES; DANIELA LLOPART CASTRO; CARMEN ANITA HOFFMANN

A TERRA É DE QUAIS SANTOS? DEBATES SOBRE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA SEMANA DO PATRIMÔNIO DE PELOTAS 335
RODRIGO ALVES ACEDO; GUILHERME RODRIGUES DE RODRIGUES; PAULO BRUM; LOUISE PRADO ALFONSO

O TEATRO DO OPRIMIDO E O DEBATE ACERCA DE OPRESSÕES EM ESCOLAS PÚBLICAS DE PELOTAS: POSSIBILIDADES DE INSERÇÃO 340
SAMUEL DE MORAES PRETTO; FABIANE TEJADA DA SILVEIRA

GEOCINEMA: CULTURA, ESPAÇO, SOCIEDADE E NATUREZA 345
SAMUEL MOREIRA SILVEIRA FERNANDES;GIOVANA MENDES DE OLIVEIRA

OS MUSEUS DO CONHECIMENTO: CATÁLOGO DOS MUSEUS DA UFPEL 350
SIMONE BITTENCOURT DE FREITAS; GIULIA FERREIRA MICHELON; FRANCISCA FERREIRA MICHELON

ATELIER LIVRE DE PRÁTICAS PICTÓRICAS 355
TALES MACEDO VARGAS; JOSÉ LUIZ DE PELLEGRIN; EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES

PROJETO ARTE NA ESCOLA: AÇÕES E PARCERIAS 361
TALIA CORTES; SIMONE DA SILVA CARDOZO; CARMEM REGINA SILVEIRA NOGUEIRA; NADIA SENNA

UM MUSEU ACOLHEDOR: VISITAS MEDIADAS NO MUSEU DO DOCE 366
TAMARA OLIVEIRA SILVA; CARLA RODRIGUES GASTAUD

VISIBILIDADE DAS NARRATIVAS, DA MATERIALIDADE E DAS LUTAS DO PASSO DOS NEGROS 371
TANIZE M. GARCIA; GUILHERME G. RUCHAUD; LOUISE PRADO ALFONSO

AS VIVÊNCIAS DOS IDOSOS NA CIDADE DE PELOTAS E A RELAÇÃO COM O BAIRRO ONDE VIVEM 377
TULIO MATHEUS SOUZA; GISELE SILVA PEREIRA; GREYCI BOLZAN; LUCAS PREZOTTO; SIRLENE. M. SOPEÑA; ADRIANA PORTELLA

CICLO DE PALESTRAS DE PROFESSORES-TRADUTORES 382
VITÓRIA TASSARA COSTA SILVA; BEATRIZ VIÉGAS-FARIA

ESCUELA TALLER DE BOYACÁ: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO 387
TAIS BELTRAME DOS SANTOS; MARGARETE R. F. GONÇALVES

CULTURA

"NADA CONTRA, TENHO ATÉ AMIGOS QUE SÃO..."

AIRTON RODRIGUES CARDOSO[1]; WAGNER FERREIRA PREVITALI[2]; LUIZ AUGUSTO FONSECA DUARTE JUNIOR[3]; MATEUS FERNANDES DA SILVA[4]; LOUISE PRADO ALFONSO[5]

[1]Universidade Federal de Pelotas - UFPel – airtonrodriguescardoso@gmaill.com
[2]Universidade federal de Pelotas - UFPel – wagnerfprevitali@gmailcom
[3]Universidade Federal de Pelotas - UFPel – luizjuniorbio@gmail.com
[4]Universidade Federal de Pelotas - UFPel – mateusfernandesdasilva@live.com
[5]Universidade Federal de Pelotas – UFPel - louiseturismo@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar situações e vivências relacionadas à "LGBTfobia" a partir da exposição Margens: diferentes formas de habitar Pelotas, realizada no âmbito das comemorações do Dia do Patrimônio de Pelotas em agosto de 2017. A exposição foi organizada pela equipe do Projeto de pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. Cinco projetos de extensão, desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPEL, fizeram parte da exposição. Os projetos são desenvolvidos por grupos formados por estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes áreas, bem como docentes dessa instituição e membros externos. Nesta apresentação, abordaremos questões relacionadas ao módulo da exposição desenvolvido pela equipe do projeto de extensão Mapeando a Noite: o Universo Travesti, que têm por intenção analisar, estudar e entender as diferentes formas de habitar Pelotas à noite, com foco nas travestis e o árduo trabalho da prostituição.

A exposição foi concebida de forma a apresentar diferentes grupos que habitam a cidade e são invisibilizados pelas políticas públicas de patrimônio e, muitas vezes, impossibilitados de exercer de seu direito à cidade (AGIER 2015). Os elementos materiais destes grupos trabalhados pelos diversos projetos de extensão foram selecionados, cuidadosamente, para compor os módulos da exposição de forma a favorecerem diálogos entre visitantes e mediadores, tornando o processo dinâmico e interativo. Cada módulo também apresentou um banner pautado na Pedagogia da Pergunta de Freire (1985) que trazia os principais temas dos projetos para debate junto à comunidade.

O Módulo do Projeto Mapeando a noite foi pensado considerando uma gama de elementos da noite e da prostituição, por vezes julgados como promíscuos e errados,

carregados assim de estigmas que tentaríamos discutir e desconstruir com o público. Uma das perguntas que guiou a elaboração do módulo e sua mediação foi: LGBTfobia é crime? Quando identificamos a possibilidade da resposta ser "talvez" consideramos a importância de se trabalhar este tema neste evento. Cabe destacar, que quando demonstra-se a incerteza da criminalização, mostra-se a não visibilização dos inúmeros casos de homicídios oriundos de violências físicas e psicológicas envolvendo a comunidade LGBT e os diversos discursos de ódio estourados nas mídias com muita frequência. Optamos aqui por tratar como "LGBTfobia" a discriminação contra vários grupos da comunidade LGBT, embora ressaltamos a existência e importância de termos como: lésbofobia, homofobia, bifobia e transfobia, que foram criados para dar mais visibilidade às diferentes causas e para que todo o movimento, em suas diferentes matizes, seja representado. Até o dia 20 de setembro de 2017, 277 homicídios haviam sido registrados no Brasil, segundo levantamento do Grupo Gay da Bahia (GGB) (UOL NOTÍCIAS 2017). Trata-se da maior média de assassinatos desde que os dados passaram a ser contabilizados pela entidade baiana. Também pela primeira vez, a média de mortes ligadas à LGBTfobia ultrapassou um assassinato por dia. Estes dados justificam a pertinência do tema e a urgência deste ser levado para fora da universidade e debatido com a sociedade.

Durante a exposição evidenciamos alguns comentários e a indignação de algumas pessoas ao perceberem que temática estava sendo exposta publicamente, em um Casarão de destaque no centro histórico, reconhecido enquanto patrimônio histórico cultural. Neste contexto, iniciamos anotações e aguçamos o olhar, focando nas reações negativas de visitantes e tentando entender o que essas pessoas queriam dizer ao ignorar, tratar com indiferença ou até criticar, algumas vezes de forma grosseira, a fala das/os mediadoras. A pesquisa envolveu a observação participante e a elaboração de etnografias, olhar, ouvir e escrever (DE OLIVEIRA, 1996). Ressaltamos, que foi efetuada uma avaliação por meio de entrevistas com visitantes. O resultado desta pode ser verificado em outro trabalho apresentado pelo grupo neste evento (ROSA 2018).

2. DESENVOLVIMENTO

Para entendermos essas dinâmicas, devemos considerar os tabus sobre sexualidade, desmistificando a ideia da temática como algo íntimo, abordando o assunto em âmbito social, coletivo, Também, levar em conta a falta de conhecimento a respeito de gênero por grande parte da sociedade, o contexto histórico de perseguições, vivermos no país com os maiores índices de homicídios por LGBTfobia do mundo sendo,

ao mesmo tempo, o país com maior número de acesso a vídeos pornôs envolvendo travestis. Esses corpos que fogem da norma são tratados como objetos e descartáveis, enfrentam a dificuldade em conseguir emprego formal, de ter visibilidade e de serem aceitas socialmente.

Buscamos enfrentar o preconceito através da visibilidade e da informação. A princípio, o módulo foi pensado contendo um Banner e objetos. Os objetos selecionados para representar as travestis da noite de Pelotas foram perucas, maquiagens e roupas relacionadas à vida noturna da cidade, sapatos de salto, brilho, etc. Montamos uma manequim, representando as travestis que, sem rosto e corpo, referenciava a invisibilidade social que elas têm. Mesmo que sem rosto, ganhou várias histórias, sendo nomeada por meio de um batismo por visitantes da exposição(papéis com nomes e homenagens fixados em seu sobretudo) .

Durante a montagem do módulo, um funcionário da Secretaria Municipal de Cultura perguntou sobre qual seria o tema tratado ali, após ouvir a fala das/os mediadoras/es ele informou que possuía em sua sala um cartaz com a foto da Brenda Lee e ofereceu para que este também compusesse o módulo. Destacamos que a exposição desde sua concepção se tentou colaborativa, pensada e montada a partir de muitas vozes. Assim, a inserção do cartaz e o batismo da manequim travesti foram apenas dois dos exemplos do dinamismo da mostra. O cartaz passou a fazer parte do módulo relembrando esta Transexual que foi assassinada e teve sua morte negligenciada pelas autoridades, referência na luta pelos direitos LGBTs. Ela foi assassinada sem qualquer tipo de defesa física. Ela era uma figura carismática e popular na cidade, por anos rainha dos blocos e escolas de samba, foi candidata a vereadora e estava para se formar em Psicologia pela UCPEL quando ocorreu o crime. Assim como Brenda, Michelly Garcia, 25 anos, foi brutalmente assassinada com tiros em sua própria casa. Bruna Santos, 22 anos, alvo de transfobia, foi alvejada por pauladas e tiros em um campo de futebol perto de sua casa.

> "…Quem era Bruna? Bruna era uma Trans com um sorriso enorme do rosto, tristezas por dentro mas sempre sabia suportar tudo, com 11 anos se assumiu homossexual, aos 16 anos se assumiu sua identidade feminina, todos que a conheciam sabia o quanto ela fazia um dia alegre… Infelizmente no dia 9 de Julho de 2017 Bruna perdeu sua vida em um campo de futebol próximo a casa de sua família, onde foi alvo de estupro/ socos no rosto e alvejada a tiros, mais uma Trans assassinada por homofobia. Bruna não tinha redes sociais e nem gostava de tirar fotos…

> Era uma pessoa que ficava longe de câmeras e redes sociais." Palavras de um amigo. (HOMOFOBIA MATA, 2017. online)

Também passou a compor o módulo uma foto da Juliana Martinelli, a Juju, liderança LGBT de Pelotas e interlocutora do Projeto Mapeando a Noite que faleceu na semana do evento. Com ela, aprendemos que a informação é uma ferramenta de luta, por anos ela percorreu a noite junto à ONG Vale a Vida levando informações sobre saúde e possibilidades de melhorias da qualidade de vida para as profissionais do sexo. Não apenas na exposição, mas também neste texto, registramos nossa homenagem e agradecimento pela parceria.

3. RESULTADOS

Evidenciamos, explicitamente, as expressões de curiosidade estampadas na face de quem entrava no Casarão 2. As/os visitantes não encontravam as narrativas sobre o casarão e sobre as famílias tradicionais Pelotenses que esperavam encontrar, seguindo a dinâmica dos anos anteriores do evento. Neste casarão, outros passados passaram a ser visibilizados pela exposição.

Uma primeira constatação foi que nos três dias que duraram a exposição, fomos confrontados com reações positivas e negativas. Vale comentar que notamos com frequência um certo receio por parte de alguns grupos ao avistar o módulo. Relacionamos tal fato à surpresa da temática ser trabalhada no evento e ao total desconhecimento de muitas/os visitantes sobre questões relacionadas à pluralidade de gêneros, à prostituição e à LGBTfobia.

Citamos aqui alguns casos de reações negativas por parte de visitantes que nos chamaram atenção. Houveram pais que bloquearam a visão de seus filhos para que não tivessem contato com o módulo. Uma menina falou para o pai: "faltou aquele", apontando para o canto da exposição onde estávamos, o pai respondeu "aquele não é para você". Durante a visitação de uma escola, os mediadores perguntaram se alguém queria se maquiar ou experimentar alguns dos objetos do módulo, rapidamente um aluno demonstrou interesse em se maquiar, a professora tentou impedir que o aluno tivesse contato com as maquiagens expostas, alegando que ele não teria a autorização dos pais para tanto. Cabe ressaltar, que várias meninas puderam usar maquiagens e experimentar objetos como perucas e saltos sem qualquer autorização dos pais. Essa observação demonstra questões de gênero cristalizadas em nossa sociedade, que dividem as coisas

como de meninos ou de meninas. Destacamos ainda, um grande grupo de religiosos que passou reto pelo módulo, ignorando, completamente, as/os mediadores. No final do circuito, três deles voltaram e solicitaram, de forma sarcástica, uma foto aos mediadores que usavam salto alto. O mesmo grupo impediu um membro da turma de solicitar água aos mediadores.

Um dos resultados mais significativos dessa ação foi a oportunidade que tivemos de dialogar com a prefeita da cidade, que estava acompanhada do secretário de cultura. Os projetos municipais de apoio a essa comunidade se resumem em palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis. Sugerimos que aumentassem as redes de apoio, principalmente, apoio psicológico e de de inclusão desta comunidade, tendo em vista o medo que muitas travestis e transexuais têm de transitar pela cidade durante o dia. Segundo elas, "nunca sabem se vão voltar vivas" ao fim de atividades corriqueiras como ir ao mercado.

Chegamos à conclusão de que muitas das reações negativas eram por motivações religiosas, construções sociais em contextos históricos e ideologias de homogeneidade. Ficamos surpresas/os ao ouvir relatos de pessoas que nunca tinham entrado em contato com transexuais e travestis, menos ainda com trabalhadoras da prostituição. Muitas pessoas desconheciam os assassinatos de pessoas trans e travestis em Pelotas, em alguns casos, manter memórias vivas se mostra como resistência, ainda mais em espaços historicamente opressivos.

4. AVALIAÇÃO

Consideramos que a exposição cumpriu seus objetivos. Atentamos para o lugar onde a exposição aconteceu e, como naquele ambiente, um casarão do período das charqueadas que remete às estruturas de uma história oficial que exclui, pudemos dar ênfase a vivências, narrativas e mortes de pessoas trans e travestis. Em épocas onde o avanço da intolerância ameaça a existência da diversidade, a nossa resistência pela visibilidade das histórias dessas pessoas marginalizadas é pertinente. Não descemos do salto durante a exposição, literalmente e, ainda que resultados não sejam imediatos, sabemos que plantamos uma semente ao iniciarmos o debate sobre questões de visibilidade com pessoas que nunca haviam escutado sobre essas vivências.

É importante que levemos essas questões para debate no âmbito social, para que esses casos e outros tantos tenham visibilidade e entendimento, pois o que é visto é lembrado. Por conseguinte, temos propostas de criar uma mesa/roda de conversa

com esta temática em um evento que o projeto Margens realizará durante o mês de novembro. Se existem grupos conservadores tentando combater a diversidade, temos que valorizar iniciativas visíveis à sociedade em geral, a fim de apresentar esse universo, visando respeito e igualdade de direitos.

5. REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer-cidade.** O antropólogo, a margem e o centro. Mana vol.21 no.3 Rio de Janeiro Dez. 2015.

DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** Revista de Antropologia, p. 13-37, 1996.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOMOFOBIA MATA. Bruna dos Santos / 22 anos / Tiros / RS, Pelotas. 2017. Acessado em: 03/10/2017.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. **A metrópole sob o olhar do antropólogo.** Revista USP, v. 102, p. 53-68, 2014.

ROSA, P. **Exposição Margens: Diferentes Formas De Habitar Pelotas - Algumas Reflexões.** In: IV Congresso de Extensão e Cultura da 3a Semana Integrada de Ensino Pesquisa e extensão UFPEL, 2017, Pelotas. Caderno de Resumos. Pelotas: UFPEAL, 2018.

UOL NOTÍCIAS. **ONG aponta recorde de LGBTs mortos no Brasil em 2017; "dói só de lembrar", diz parente.** 2017. Acessado em: 28/09/2017.

SULDESIGN GALERIA

ALANA MACHADO KUSMA[1]; LÚCIA BERGMASCHI COSTA WEYMAR[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – alanakusma@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – luciaweymar@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O projeto Suldesign Galeria, coordenado pela professora Lúcia Weymar refere-se à implementação e gestão de uma galeria fixa, situada no Hall do Auditório Dois do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, localizado a Rua Alberto Rosa, nº 62, em Pelotas, RS. Vinculado ao Suldesign Estúdio, setor pertencente a mesma unidade, o projeto foi criado a partir da necessidade dos Cursos de Design terem um espaço próprio para expor e tem por objetivo dar visibilidade aos projetos desenvolvidos pelos alunos bem como a trabalhos de designers renomados visando a apreciação pelo público em geral.

No mês de maio de 2017 foi cedida uma bolsa do Programa Arte, Inclusão e Cidadania, coordenado pela Professora Nádia Senna, para auxiliar na execução de atividades relativas ao projeto Suldesign Galeria uma vez que esse projeto não obteve bolsistas no período disponibilizado pela PREC, e somente agora tal bolsa acaba de ser a ele destinada.

Por meio desse artigo objetiva-se, então, apresentar o projeto Suldesign Galeria e sua relevância pelo ponto de vista da bolsista em questão, ou seja, pela acadêmica Alana Machado Kusma. Busca-se, ainda, descrever as exposições realizadas, apresentar o tema das peças expostas bem como seus autores ou responsáveis.

2. DESENVOLVIMENTO

Segundo Cury (2005, p. 38), deve haver " [...] a interação entre mensagem expositiva e o visitante, para que a exposição permita uma experiência de apropriação de conhecimento"; para tanto foram utilizados diferentes layouts e a veiculação de cartões contendo textos explicativos dos projetos expostos.

O planejamento das mostras a serem expostas na Suldesign Galeria iniciou-se pelo contato com possíveis expositores e análise dos trabalhos. Estabeleceu-se um cronograma que prevê datas e horas de montagens e desmontagens das exposições

bem como o seu período de duração. A colaboração de alunos voluntários para a realização da montagem e desmontagem das exposições foi prevista desde a primeira mostra.

Quanto ao planejamento da organização, aplicou-se a metodologia sugerida por Lupton (2013) a qual estabelece uma serie de diretrizes para auxiliar no estudo do espaço incluindo visitar e fotografar o local, criar uma planta e desenhos a partir das fotos e valer-se das informações coletadas para criar esboços com propostas conceituais. Realizou-se, portanto, o estudo do espaço através de fotos e medições que auxiliaram no desenho de esboços de possíveis configurações dos itens a serem exposto.

3. RESULTADOS

As atividades da bolsa tiveram início em 15 de maio de 2017 juntamente com a inauguração da Suldesign Galeria durante o evento “Suldesign 2017 VIII encontro sul-americano” na qual foram expostos os trabalhos do designer carioca Felipe Taborda. Uma das mostras da exposição, intitulada Cara a Tapa, apresentou cem capas de álbuns desenvolvidas pelo designer de 1983 até 2017. A segunda mostra, “Com todas as letras”, era composta por trabalhos caligráficos de dez artistas diferentes que, a pedido de Taborda, ilustraram as letras do mais recente álbum da dupla gaúcha Kleiton & Kledir. Durante o período da exposição, de 15 de maio a 28 de junho de 2017, foram realizadas visitas guiadas mediando a interação dos visitantes com as peças gráficas expostas.

Em 4 de julho de 2017 organizou-se a montagem da exposição “Cervantes es400” que apresentou trabalhos realizados por alunos dos Cursos de Design Gráfico e Design Digital nas disciplinas Projeto de Cartaz, ministrada pela Professora Sibelle de Medeiros e Identidade Visual, ministrada pela Professora Lúcia Weymar; os trabalhos foram desenvolvidos no semestre 2016/2 em homenagem aos 400 anos de morte do escritor espanhol Miguel de Cervantes.

No período de 26 de julho a 11 de agosto de 2017 a galeria abrigou a exposição “Música em postais: design que faz o bem” exibindo trabalhos realizados por alunos da professora Roberta Barros na disciplina de Metodologia Projetual. Como trabalho final da disciplina os alunos tiveram a tarefa de criar uma coleção de dez cartões postais que relacionassem a música ao design social. Infelizmente, durante essa mostra, houve o furto de diversas peças em exposição fazendo-se necessária a desmontagem antes da data prevista.

A exposição Identidad Argentina, ocorrida no período de 23 de agosto a 22 de setembro de 2017, apresentou ícones criados pelos designers argentinos Hernán Berdichevsky e Gustavo Stecher do escritório ImagenHB.com. Foram apresentados na forma de uma série de vinte e três banners, com dimensão 90 cm x 195cm. Os diversos ícones buscam traduzir a identidade do país vizinho através de representações sintetizadas de personalidades ilustres, pontos turísticos e comidas típicas.

Para todas as exposições foram desenvolvidos cartazes de divulgação para serem fixados nos murais no interior do Centro de Artes. Foi criada e é administrada pela bolsista uma página para o projeto na rede social Facebook, meio de divulgação com maior abrangência.

Utilizando os recursos disponíveis, sete painéis móveis e uma mesa que pode ser convertida em um oitavo painel, busca-se explorar diversas configurações desses elementos no espaço com o intuito de proporcionar aos visitantes diferentes experiências cinéticas e visuais a cada exposição visitada.

Figura 1: Visitantes na exposição Música em postais: design que faz o bem.
Fonte: das autoras, 2017

Figura 2:Interior da exposição Vito/R/amil.
Fonte: das autoras, 2017

No momento a galeria abriga a exposição Vito/R/amil que apresenta os resultados obtidos na disciplina de Projeto de Cartaz 2017/1 ministrada pela professora Lúcia Weymar; o projeto enfatiza a relação entre a música e o design, focando na figura do invulgar e nada óbvio pelotense Vitor Ramil, cuja discografia é amplamente elogiada. No desenvolvimento do projeto cada grupo de alunos referenciou dois designers de estilos gráficos diferentes, um moderno e outro pós-moderno, criando um par de cartazes com diálogo entre si.

4. AVALIAÇÃO

Acredita-se que o presente artigo tenha cumprido com seus objetivos e espera-se que, com isso, tenha contribuído com o projeto Suldesign Galeria dando visibilidade às mostras e ao mesmo tempo à necessidade de mais segurança no espaço, talvez através da criação de um espaço fechado ou a permanência de bolsista durante todo o período de funcionamento da galeria.

Percebe-se, ainda, a necessidade de investimento financeiro e de gestão no espaço da galeria como forma de propagar conhecimento e cultura a fim de qualificar a área do design visto que existem diversas galerias de arte em nossa cidade, porém nenhuma no campo do design. Na sequência, o projeto Suldesign Galeria pretende alcançar de modo ainda mais efetivo a comunidade em geral através de maior divulgação em redes sociais e na imprensa tradicional.

5. REFERÊNCIAS

ABREU, B. **Expografia brasileira contemporânea: Rio São Francisco navegado por Ronaldo Fraga.** 2014. 188 p.: 116 il. Dissertação (Mestrado – Área de Concentração: Projeto, Espaço e Cultura) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

CURY, M. X. **Exposição: Concepção Montagem e Avaliação.** São Paulo: Annablume, 2005.

LUPTON, E. **Intuição, ação, criação: Graphic design thinking.** [tradução: Mariana Bandarra] São Paulo: G. Gil, 2013.

OFICINAS PET ARTES VISUAIS: CRIANDO AMIGOS IMAGINÁRIOS

AMANDA DA ROCHA AZEVEDO[1]; JENNIFER NEVES DA ROSA[2]; NADIA SENNA[3]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – a.rochazevedo@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – jenniferveves.ro@gmail.com*
[3]*Universidade de Federal de Pelotas – alecrins@hotmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

Amigos Imaginários é uma ação do projeto de oficinas do Programa de Educação Tutorial Artes Visuais, que tem como principal objetivo aproximar a comunidade da universidade federal possibilitando a integração daqueles que não tem o acesso formal a esta, realizando um resgate do imaginário.

O ateliê surgiu a partir de um projeto pessoal que se estendeu para a universidade com o intuito de transformar em palpável o que se encontra no imaginário, ajudando as pessoas a usar a criatividade como ferramenta para diversos fins, como, por exemplo, educativos e rentáveis.

O público-alvo é constituído principalmente por estudantes e funcionários de escolas públicas e da própria universidade, porém, a oficina é totalmente aberta a comunidade e possui ampla divulgação através das redes sociais.

As oficinas do PET Artes Visuais visam a aproximação de alunos de outros cursos e instituições com o Centro de Artes propondo aprendizagem colaborativa através de trocas de saberes, vivências e gerar assim um espaço para exercitar e colocar em prática a imaginação através do artesanato como forma de expressão.

2. DESENVOLVIMENTO

A oficina segue uma metodologia aberta, baseada na aprendizagem colaborativa com a intenção de ativar o processo criativo do grupo. Promovemos um espaço de encontro e troca de narrativas a respeito do imaginário, buscando resgatar memórias de infância. Sarmento explica o conceito de “culturas da infância” que está diretamente atrelado ao imaginário.

> "Por este conceito entende-se a capacidade das crianças em construírem de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação" Sarmento (2003, p 54-55)

Durante a oficina teve-se o cuidado de proporcionar um resgate dessas memórias, os significados e as ações, a fim de recuperar um pouco da visão que cada participante tinha do mundo e de seu papel dentro dele.

A partir dessa atividade inicial surgem as primeiras ideias para a concepção dos personagens selecionados por cada participante. O processo contempla etapas que vão desde o desenho, escolha de materiais e técnicas para confecção, elaboração, execução e apresentação para o grupo dos amigos imaginários em forma e poesia.

Para vencer dificuldades de projeto para alguns participante disponibilizamos pré-moldes customizáveis através da projeção do imaginário, estes moldes padrão possuem cabeça e corpo com base nas formas geométricas. O grupo oficineiro também providencia materiais diferenciados, para a confecção, como lápis, papel, tinta, canetinhas, tecidos coloridos, agulhas, linhas, botões e espuma para o preenchimento das peças.

A criação dos amigos imaginários ocorre de maneira livre, deixando em aberta a possibilidade do participante utilizar ou não o pré-molde e os materias. Os que optam pela utilização do molde são orientados a desenhar características em seu personagem para que este ganhe uma aparência única que projete a personalidade do seu inventor.

Após finalizarem seus moldes os participantes escolhem o tecido de sua preferência e marcam para o corte usando como base o modelo customizado, em seguida, com botões e linha é confeccionado o rosto e logo após costurado e preenchido com espuma, assim como o corpo e por final as duas partes são unidas dando vida ao amigo imaginário.

Os participantes são auxiliados e acompanhados durante todo o processo de criação, são ensinadas técnicas de costura e manuseio dos materiais, levando em consideração que cada integrante possui uma vivência distinta e um nível diferente de instrução sobre estes, possibilitando assim uma troca de experiências e conhecimentos.

3. RESULTADOS

A oficina foi ofertada duas vezes, na escola Barreto, aberta para os alunos e funcionários da instituição, e na UFPel aberta para a comunidade e alunos de diferentes cursos.

Ao final da oficina o participante tem como resultado um amigo imaginário confeccionado por ele mesmo, a experiência de criação e o conhecimento para reproduzir o que aprendeu com os fim que julgar pertinente.

Durante o processo de confecção das peças ocorreram conversas sobre diferente temas. Na oficina desenvolvida na escola Barreto os alunos e professores fizeram perguntas sobre a universidade, os cursos e as perspectivas de futuro. Alguns alunos também compartilharam histórias de suas vidas que envolviam o ofício da costura e artesanato, como por exemplo, um aluno que era filho de uma costureira, mas nunca tinha aprendido a costurar.

Na universidade havia um número maior de pessoas, alguns graduandos, em especial de cinema e animação, tentaram reproduzir personagens populares o que pode vir a ser útil em projetos futuros segundo estes. Também foram compartilhadas experiências e expectativas sobre suas graduações, os participantes com maior experiência em artesanato auxiliaram os oficineiros a instruir os que não tinham domínio dos materiais e técnicas.

A primeira oficina ofertada aconteceu dentro da universidade e apesar dela ter sido divulgada através das redes sociais, não houve a disseminação esperada para pessoas não vinculadas a universidade, contudo constatamos a presença de um número significativo de graduandos do centro de artes e outras unidades. Como um dos objetivos era o contato e intercâmbio com público diferenciado, o grupo oficineiro integrou uma atividade extensionista do Programa Arte, Inclusão e Cidadania do Centro de Artes, voltado para a comunidade escolar, o que oportunizou a criação do amigo imaginário do universo infantil.

4. AVALIAÇÃO

As oficinas do PET puderam aproximar um pouco a comunidade da universidade e da artes. A criação de amigos imaginários resgatou as memórias da infância e os processos de artesanato. As novas gerações também foram capazes de refletir, ter um contato com essa prática do artesanato e com o poder da imaginação.

As oficineiras também receberam experiências e aprendizados, fazendo com que a oficina. as técnicas e a costura tenha sido aperfeiçoada e novos desdobramentos sejam planejados.

Espera-se dar continuidade ao projeto dentro da universidade, voltando-se para cursos, como, pedagogia e outras licenciaturas, porém, é importante ressaltar que a oficina de amigos imaginários sempre será aberta para todos.

O planos de extensão para a comunidade continuam, haverá mais oficinas do grupo PET Artes Visuais nas escolas públicas, voltadas aos alunos e também para professores do magistério e anos iniciais, para que as práticas de ensino dentro das escolas continuem se diversificando, transformando em tátil o que se encontra no campo das ideias.

Temos a pretensão de posteriormente expandir o projeto para a comunidade carente, como: asilos, orfanatos, casas de apoio. Para a concretização destas ações contamos com uma possível parceria com estudantes de outros cursos, especializados no tratamento de pessoas a fim de estabelecer uma abordagem que visa o bem-estar de cada indivíduo que, por meio da oficina, entrará em contato com suas antigas memórias.

5. REFERÊNCIAS

Sarmento, Manuel Jacinto. **"Imaginário e culturas da infância."** Cadernos de Educação 12.21 (2003): 51-69.

GUERRA, M. T. T.; MARTINS, M. C. F. D. **Didática do ensino da arte: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, R.; TOURINHO, I. **Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola.** Santa Maria: UFSM, 2010.

SHRADER, V. V. A. **500 Handmade dolls: modern explorations of the human form.** New York: Lark Books, 2007.

DOCUMENTÁRIO DO FIFAP: UMA INTERAÇÃO TRIPOLAR

AMANDA MORENO DE OLIVEIRA[1]; CARMEN ANITA HOFFMANN[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – mandsdimartino@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – carminhalese@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

Em 2012, surgiu o projeto inicial do que viria a ser o Festival Internacional de Folclore e Artes Populares de Pelotas, o FIFAP. Realizado pela primeira vez em 2013 e de caráter bienal, o festival visa o intercâmbio, aproximação e estímulo à tolerância e à paz mundial por meio das artes populares, proporcionando aos participantes inúmeras oportunidades de relacionamento de expressões artísticas e humanas. Além disso, o evento configura-se como um dos mais abrangentes projetos de extensão comunitária promovido em conjunto pela Universidade Federal de Pelotas e pelo Instituto Federal Sul-Rio-Grandense de Pelotas, contando com apoio da Prefeitura Municipal de Pelotas e tendo como grupo anfitrião a Abambaé Cia de Danças Brasileiras. Dessa forma, a realização do documentário aqui idealizado, mostra-se de suma importância a partir do momento em que há a necessidade de registrar tal memória dos pontos de vista dos envolvidos na realização do evento.

Para que isso ocorra, temos então a junção da dança com o cinema, resultando em um documentário que não só é feito para ser exibido dentro da comunidade onde é gravado, mas também para documentar e captar como a comunidade em si se comporta enquanto ator social trazendo uma nova interpretação do que Bill Nichols chama de "interação tripolar" entre cineasta, atores sociais e público-alvo[1].

2. DESENVOLVIMENTO

Contando com a participação de dançarinos de 9 países nessa edição de 2017, o Festival Internacional de Folclore e Artes Populares de Pelotas é por si só um espaço culturalmente amplo e que causa um forte impacto na sociedade levando até a comunidade as respectivas histórias de cada um contadas através dos corpos dos bailarinos em movimento. Assim, o presente documentário surge a partir da necessidade de representar o significado do Festival Internacional de Folclore e Artes Populares de Pelotas

de forma audiovisual do ponto de vista dos realizadores, bailarinos e espectadores do evento em questão.

Segundo Bill Nichols (2012, p.30):

> "Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. Quanto desses aspectos da representação entra em cena varia de filme para filme, mas a ideia de representação é fundamental para o documentário." (NICHOLS, Bill. Introdução ao Documentário. 2012, p.30)

Para se chegar ao resultado esperado no documentário em questão, o realizador se vale de perguntas utilizadas de forma a guiar o pensamento dos entrevistados e também de registro audiovisual dos vários momentos/espaços do festival. Ao registrar os bailarinos Abambaenses em seu espaço de ensaio, os bailarinos de outros países inseridos no espaço de convivência do festival, bem como os ensaios unindo todos os bailarinos, os espetáculos, o envolvimento com a comunidade no desfile de rua, a extensão até os colégios municipais através das oficinas e atividades realizadas com os bailarinos nos mesmos e, por fim, os envolvidos no festival no momento de suas entrevistas, podemos então atingir um panorama amplo de tudo que o Festival engloba e significa.

Se na maioria dos momentos captados os indivíduos forem captados inseridos dentro do coletivo, as entrevistas então terão como propósito desmontar esse conceito de unidade para então construir na mente dos espectadores a imagem de cada pessoa ali como um indivíduo. Assim, temos então a ideia de que o festival é visto de forma diferente por cada um que o vê, e também podemos entender que o impacto do festival na vida de cada um é diferente. Dessa forma, o espectador ao assistir o produto finalizado tem, mesmo que sem tomar consciência, a ideia de que cada pessoa documentada no processo é, para além de um ator social, um ser humano. Passar essa visão é de suma importância, visto que caso isso não aconteça torna-se então muito fácil generalizar tudo que for retratado como um evento apenas e nada além disso.

3. RESULTADOS

Conforme o documentário é realizado, mais perceptível é a tênue linha que separa atores sociais de público-alvo do mesmo. Ao mesmo tempo em que as entrevistas com os realizadores e bailarinos do Festival vão sendo captadas, mais se nota a ansiedade dos mesmos em ver o material resultante ultrapassando sempre a ansiedade em ser ali registrado.

Voltamos então a pergunta de Nichols: "Porque as questões éticas são fundamentais para o cinema documentário?"(pg. 31). Tal pergunta só pode ser respondida honestamente quando levamos em conta que só há sentido em produzir um filme documental quando aqueles que são abordados como tema são também o público-alvo. Do contrário, o filme perde então todo o seu sentido e compromisso ético com os atores sociais a partir do momento que se torna apenas uma representação imagética feita por uma pessoa que se distancia do tema e o interpreta sem nenhum cuidado com a ética por trás do processo.

Por fim, o realizador procura sempre se precaver e evitar todo e qualquer fator subjetivo, cultural e pessoal que possa interferir na representação dos fatos e, por conseguinte, dos atores sociais, de forma a evitar também interpretações errôneas do público-alvo e julgamentos equivocados por parte do público alvo.

4. AVALIAÇÃO

Para além da representação audiovisual do evento para preservação da memória do mesmo, tem-se a demanda de fazer do documentário uma ferramenta de divulgação do festival, fazendo com que o mesmo atinja um alcance cada vez maior, de forma a atrair mais pessoas para as próximas edições. No entanto, cabe aqui ressaltar a indagação de Nichols referente ao que fazemos com aqueles que são retratados ao colocarmos os mesmos frente a uma câmera de vídeo. Quais transformações ocorrem a partir do momento em que se posiciona a câmera até o último frame gravado?

Seguindo então por essa linha de raciocínio podemos concluir que as pessoas e os acontecimentos registrados são atores sociais acima de artistas teatrais, ou seja: "seu valor para o cineasta consiste não no que promete uma relação contratual, mas no que a própria vida dessas pessoas incorpora." (NICHOLS, 2012, pg. 31)

Portanto, o objetivo tem sido apenas registrar o evento para que a memória permaneça. Sendo assim, levar tanto os atores sociais quanto os espectadores a refletirem a respeito da influência do Festival nas pessoas que participam dele e nos membros da comunidade que tem contato com o mesmo.

5. REFERÊNCIAS

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas: Papirus, 2012.

HOFFMANN, Carmen Anita. **Danças Tradicionais do Rio Grande do Sul: dentro e fora do Manual.** In: SOUZA, Marco Aurelio da Cruz. (org.) As Danças Populares no Brasil na Contemporaneidade. São Paulo: All Print Editora, 2016.

DZI CROQUETTES. Direção: Tatiana Issa, Raphael Alvarez. Brasil: TRIA Productions, Canal Brasil, 2010.

BLOG FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE E ARTES POPULARES DE PELOTAS. Disponível em: <http://fifappelotas.blogspot.com.br/> Acesso em 10/10/2017.

FIFAP - **FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE E ARTES POPULARES DE PELOTAS**. Disponível em: <https://www.facebook.com/fifappelotas/> Acesso em: 10/10/2017.

SITE FIFAP. Disponível em: <http://fifap.org/> Acesso em: 13/10/2017.

A CIDADE COMO ACERVO – AÇÕES DE UMA DOCUMENTAÇÃO COLABORATIVA: O CASO DO MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO

ANDRÉA CUNHA MESSIAS[1]; MÁRCIO DILLMANN DE CARVALHO[2]; GIOVANI VAHL MATTHIES[3]; GILSON BARBOZA[4]; MARIANA BOUJADI MARIANO DA SILVA[5]; DIEGO LEMOS RIBEIRO[6]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – andreacmessias@hotmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – marciomdc@yahoo.com.br*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – giovanivahlmatthies@gmail.com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas – gbsom1@gmail.com*
[5]*Universidade Federal de Pelotas – mariana.boujadi@gmail.com*
[6]*Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados das ações extensionistas, da área da cultura, realizadas no Museu Histórico de Morro Redondo/RS, no contexto da 11ª Primavera de Museus, cuja temática foi "Museus e suas histórias". Na ocasião, extrapolamos os muros do museu e nos apropriamos do entorno da Instituição, em que a paisagem cultural e a biografia de importantes referenciais de memória da localidade foram transformadas em palco de diálogos, envolvendo turistas e moradores do município.

As atividades foram planejadas conjuntamente com a equipe do Projeto de Extensão "Museu Morro-Redondense: Espaço de Memórias e Identidades" e representantes da Associação de Amigos da Cultura da cidade. Contou, igualmente, com a parceria de moradores e visitantes que estavam presentes na Festa das Cores, Sabores e Amores – organizada pelo Roteiro Turístico Morro de Amores. De modo cooperativo, contando com uma equipe interdisciplinar, com diferentes formações e experiências, buscou-se incentivar a interação entre as comunidades e o Museu através da coleta de narrativas sobre importantes lugares de memória existentes nas proximidades da Instituição, mais especificamente no entorno da Praça 12 de Maio – palco da Festa.

Quatro momentos foram planejados para o desenvolvimento das ações: a criação de QR Code sobre os lugares de memória; a confecção de material gráfico ilustrado para compor uma placa que foi fixada nos locais visitados; a construção coletiva de memórias, utilizando a página do Museu enquanto ferramenta, e, por fim, a caminhada intergeracional para a construção memorial da biografia dos pontos trabalhados. Como

norteador, tivemos como base a ideia de que: "(…) é por meio de comunicação interativa e participação das comunidades envolvidas que o espírito do lugar é preservado e realçado da melhor forma possível" (ICOMOS, 2008, online).

Perceber a paisagem do entorno da Praça 12 de Maio enquanto cultura material permite dizer que ela pode oferecer informações sobre os modos de vida das pessoas e sobre inúmeros aspectos da Cidade. Para além dos aspectos físicos das casas, da praça, do colégio, da igreja e dos antigos salões de baile, existe uma enorme gama de significados simbólicos que foram registrados através de um processo de documentação colaborativa com os participantes da caminhada e com as contribuições feitas pelos visitantes na página do Museu no Facebook[1] .

Esse trabalho cooperativo entre a equipe envolvida no projeto de extensão e a comunidade local é de fundamental importância para a formação de todos os estudantes envolvidos por possibilitar essa aproximação com a comunidade e possibilitar, ainda, o exercício empírico de uma vivência museológica baseada na troca de experiências e no diálogo. As atividades realizadas pelo Museu modificaram as relações sociais existentes entre os morrorredondenses e o MHMR, aproximando as diversas comunidades e intensificando as trocas de saberes entre o Museu e os moradores.

2. DESENVOLVIMENTO

A biografia dos lugares de memória[2] , existentes na paisagem dos arredores do Museu, e sua significação simbólica foram atribuídas a partir da compilação de relatos orais de moradores locais; dos depoimentos deixados pelos visitantes no perfil do Museu no Facebook e do diálogo travado com os participantes da caminhada intergeracional. Esses elementos somados confluíram para a construção memorial da biografia dos lugares trabalhados

Através de informações compiladas na página do Museu (Facebook), na qual foi feita a chamada para a população, realizou-se a escolha dos "lugares de memória". Após a seleção, foi elaborado material visual para ser exposto em forma de placas, em frente aos locais selecionados, acompanhado do sistema de informação e identificação por QR Code (Quick Response), que permitiu, via celular, o acesso a um vasto espectro semântico sobre os lugares.

[1] Disponível em: <https://www.facebook.com/museuhistorico.demorroredondo>.
[2] Esse conceito foi sistematizado por Pierre Nora. Segundo o autor, "mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica" (NORA, 1993, p.21).

As placas, confeccionadas em papel, foram plastificadas e fixadas nos lugares de memória. Dessa forma, serviram de suporte para comunicação da informação[3] e permitiram, aos transeuntes, o acesso à informação sobre os usos pretéritos dos lugares, de forma sucinta. Durante as caminhadas, já na presença dos idosos, essas informações ganharam novas camadas de significados e foram renovadas as possibilidades de interação. Sendo assim, os participantes tiveram acesso a essas informações e exploraram novas memórias e lembranças, que foram registradas pelos membros do museu e serviram como subsídios para fomentar a criação de uma documentação colaborativa. Segundo o documento elaborado pelo ICOMOS, denominado Declaração de Québec – Sobre a preservação do "Spiritu loci", entende-se que:

> Meios de transmissão não formais (narrativas, rituais, atuações, experiência e práticas tradicionais etc.) e formais (programas educativos, bancos de dados digitais, websites, ferramentas pedagógicas, apresentações multimedia, etc.) deveriam ser fomentados, porque não apenas garantem a proteção do espírito do lugar, mas, acima de tudo, protegem o desenvolvimento sustentável e social da comunidade (ICOMOS, 2008, online).

Baseados nessa premissa, os QR Code foram utilizados com o objetivo de favorecer a interação entre diversos públicos e a informação sobre os lugares de memória existentes no entorno da Praça 12 de Maio. Espera-se que o conteúdo disponibilizado pelo QR seja alimentado pelos usuários e fomente a construção de uma extensa rede de memórias, tal como acontece com as imagens disponibilizadas na página do Museu no Facebook.

3. RESULTADOS

As ações realizadas caminharam no sentido de demonstrar a ampliação do conceito de patrimônio e de acervo, bem como de evidenciar que as tradicionais operações museológicas de documentação e de aquisição de coleções podem ser vistas por outro prisma, ao considerarem a construção de memórias sociais em rede, conforme ilustra a imagem a seguir.

[3] Os suportes para as placas foram confeccionados em bamboo. Sobre a Praça 12 de Maio, há narrativas de memórias sobre quando os tropeiros amarravam os cavalos em abundantes touceiras de bambus existentes no local.

Figura 1: Documentação Colaborativa – Memórias Em Rede.

Fonte: Acervo do Museu.

Inspirados no Antropólogo Joel Candau, compreendemos que os objetos podem funcionar como sociotransmissores e, quando percebidos como tal, contribuem para a transmissão memorial, para a construção de identidades e de memórias sociais (CANDAU, 2009). Do mesmo modo, ancorados em Peter Van Mensch, partimos da premissa que os marcos urbanos podem ser relevantes mediadores da memória coletiva (MENSCH, 2006). Nessa toada, acreditamos que a potencialidade memorial fixada nessas referências urbanas pode ser evocada por intermédio do estímulo do olhar patrimonial; na referida ação, optamos pelo diálogo intergeracional como forma de calibrar o olhar.

Ampliar as ações museológicas para além de aplicações de técnicas está na agenda contemporânea dos profissionais de museus (SANTOS, 2008). Nesse sentido, por intermédio das atividades desenvolvidas no Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR), buscamos reorientar as práticas preservacionistas para além da natureza material dos objetos, tentando compreender as pessoas por detrás dos marcos urbanos – cujas biografias estão fixadas na praça, nas casas, no colégio etc. Ao partilhar essas lembranças, o acervo desencadeia experiências sensoriais que permitem que os indivíduos afirmem sua personalidade e serve de sedimento para a integração social (TURGEON, 2007).

Considerando o uso da tecnologia dos QR Code para a documentação colaborativa no MHMR, verifica-se que ela tem favorecido a construção de uma rede de memória sobre os lugares existentes na Praça 12 de Maio – primeiro espaço da Cidade em que foi experimentada essa ferramenta para subsidiar a documentação colaborativa.

4. AVALIAÇÃO

As ações permitiram perceber que, no escopo do trabalho do profissional de museologia vinculado à área da documentação – na qual se busca o tratamento, a recuperação e o cadastro de informações intrínsecas e extrínsecas do objeto –, diversas formas e possibilidades de registro e disseminação de informação favoreceram a construção de um sistema colaborativo com os públicos.

Durante o processo de construção colaborativa da documentação museológica evidenciou-se, também, a característica e atribuição do Museu como um agente social e político, ao utilizar-se da relação não hierárquica para potencializar o processo de transformação de informações em conhecimentos, indo de encontro com as práticas museológicas que eram tradicionalmente feitas nos laboratórios assépticos. Em suma, extrapola-se o engessamento da cultura material e colocam-se os artefatos em interação social.

Ao vivenciar a experiência da documentação museológica extramuros foi permitido expandir a relação entre o Museu e as pessoas presentes na Cidade de forma a beneficiar o processo de trocas de conhecimentos e de desconstrução da imagem de que todo museu é um local sem vida e fechado em si mesmo.

5. REFERÊNCIAS

CANDAU, J. **Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade.** Revista Memória em Rede, Pelotas, v.1., n.1., jan./jun., 2009.

ICOM Itália. 2014. **Carta de Siena: Museus e Paisagens Culturais.** Disponível em: <http://icom-portugal.org/multimedia/documentos/CartaSiena.pdf>. Acesso em jun. 2016

ICOMOS. **Declaração de Québec sobre a preservação do "Spiritu loci".** 2008. Disponível em: <https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf>. Acesso em jan. 2017.

MENSCH, P. V. **Notas sobre os arredores: patrimônio e novas tecnologias.** Musas. Revista Brasileira de Museus e Museologia, 4, 2009, (4): 11-23.

SANTOS, M. C. **Encontros Museológicos: reflexões sobre a Museologia, educação e o museu.** Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.

TURGEON, L. **La mémoire de la culture matérielle et la culture matérielle de lamémoire.** In: DEBARY, O. e TURGEON, L. Objetts e mémoires, Quebéc: Les Presses de l'Université Laval, 2007, p.13-32.

EM BUSCA DE UMA TUTELA JUDICIAL PARA A PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL DO PASSO DOS NEGROS

ANTONIO ERNANI PINTO DA SILVA FILHO[1]; MATEUS FERNANDES DA SILVA[2]; LOUISE PRADO ALFONSO[3]

[1]Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Curso de Antropologia - ernanifilho@bol.com.br
[2]Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Curso de Antropologia - mateusfernandesdasilva@live.com
[3]Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Curso de Antropologia - louise_alfonso@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O Passo dos Negros é uma região de importância histórica e sociocultural na cidade de Pelotas. Hoje, também conhecido como Estrada do Engenho, fica localizado às margens do Canal São Gonçalo, nas proximidades da confluência com o Arroio Pelotas, reconhecido enquanto Patrimônio Natural e Paisagístico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual.

O Passo está sendo estudado desde 2014, no âmbito do projeto de extensão Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogas/os em formação, um dos cinco projetos de extensão vinculados ao projeto de pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. Todos os projetos estão vinculados ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR, do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPEL.

Em sua origem, o projeto de extensão tinha por objetivo dar visibilidade ao passado histórico da região, traçando um paralelo com as comunidades negras de Pelotas na atualidade (ALFONSO et al, 2015). Contudo, a partir da convivência com os habitantes do Passo dos Negros, dos resultados das etnografias realizadas e das mais diversas ações desenvolvidas em parceria com a comunidade local, o projeto ampliou seu olhar para as diferentes formas de habitar o Passo, com atenção para a materialidade e discussões sobre o direito à cidade, “enquanto direito de estar ali e de ali levar uma vida urbana” (AGIER, 2015). Consideramos para pensar o projeto que a cidade constitui uma construção permanente, em movimento, um contexto contínuo de expansão dos universos sociais e urbanos. Assim, o fazer cidade é “uma declinação pragmática, aqui e agora, do “direito à cidade”, sua instauração” (ALFONSO et al, 2015).

Neste sentido, temos buscado levar para a sociedade o debate sobre esse direito e os processos de exclusão de comunidades, de forma a denunciar os processos de remoção de pessoas daquela região motivados pela crescente exploração imobiliária. Assim como, contribuir com a luta das/os moradoras/es em demonstrar suas formas de ocupar e habitar o lugar de forma a impor aos fatos sua presença e seu reconhecimento, em especial por meio da patrimonialização.

Pela importância da aproximação entre ensino, pesquisa e extensão para o projeto em apreço, no primeiro semestre de 2017, os debates propostos pela pesquisa e atividades de extensão realizadas em parceria com as/os moradoras/es do Passo dos Negros foram levados para as disciplinas de Graduação e Pós Graduação, especialmente em Antropologia em contexto de conflitos, o que possibilitou a ampliação do grupo de pesquisa e extensão, o aprofundamento dos debates sobre aquele contexto urbano e maior intensidade das ações de extensão. Foram realizadas várias idas a campo, foi organizada uma audiência pública sobre a localidade e seus bens patrimoniais junto à Câmara de Vereadores de Pelotas, a comunidade participou de uma mesa de debates durante o evento de comemoração do Dia do Patrimônio organizado pela Secretaria Municipal de Cultura. O Passo dos Negros ainda esteve presente na exposição Margens: diferentes formas de habitar Pelotas, que foi montada pela equipe do projeto de pesquisa em um casarão de destaque durante o mencionado evento. Os debates tiveram ampla divulgação na mídia escrita e impressa, legitimando as lutas, narrativas e materialidades daquela comunidade. Ainda foi finalizado um dossiê com pedido de patrimonialização das referências culturais escolhidas pelas/os moradores e enviado um documento ao Ministério Público objetivando assegurar a proteção imediata de tais referências. É sobre este documento que este texto irá tratar.

2. DESENVOLVIMENTO

Ao longo destes anos de desenvolvimento do projeto, ao vivenciar o lugar, encontramos diferentes modos de habitar o Passo dos Negros. São ex-funcionários do antigo engenho que não hesitam em narrar suas histórias de vida e trabalho. Atentamos também para narrativas de descendentes de ex-escravos que visitam a região e a ponte dos dois arcos para relembrar a história de seus antepassados. Há os pescadores, cujos modos de vida estão diretamente vinculados às águas do São Gonçalo, entre outros grupos. Pessoas lembram de quando as tropas passavam em direção ao Frigorífico

Anglo. Na região, havia diversos tropeiros que eram contratados pelo frigorífico para buscar as tropas de gado das mais diferentes regiões do pampa. Muitas pessoas que não vivem no Passo dos Negros guardam um vínculo afetivo ao lugar remetendo à memória de um local marcado por campos, pela bela paisagem que o São Gonçalo traz.

Entre os pontos destacados pela comunidade como elementos de importância histórica e cultural que compõem a identidade dos grupos moradores e do Passo dos Negros, enquanto um conjunto, estão o **Corredor das Tropas**, a já mencionada **Ponte dos Dois Arcos** (repetidamente reforçada no diálogo que fora construída por escravos), o complexo do **Engenho Coronel Pedro Osório** (que envolve a antiga Escola Visconde de Mauá e casas da antiga vila operária), o campo do **Osório Futebol Clube**, o **Canal São Gonçalo** e as **figueiras centenárias**. Cada um desses pontos apresenta diversos significados para a comunidade local, conforme demonstrado em alguns trechos que citamos abaixo de conversas com interlocutoras e interlocutores:

- "Essa é a ponte dos dois arcos, viu? É toda feita de barro. Foi feita por mão de obra escrava, tchê."

- "Esse corredor aqui, todo esse corredor aqui, isso é a continuação da São Francisco de Paula, antigo Corredor das Tropas. Eles tropeavam pra trazer gado pra charqueada".

- "É uma pena, às vezes eu falava: "ó, a história do Passo dos Negros tá morrendo..." Mas os caras dizem "ah, nego..." Mas o negro teve sua história, então eles não podem ser apagados, porque isso aqui é uma história. Senão chega qualquer um e pensa que essa vila aqui nasceu ontem. Essa vila aqui é mais velha do que esse bairro aí. Isso aqui era o antigo Passo dos Negros, só tinha a região aqui, e o resto era mato até tu chegar lá na ponta da Tiradentes, não tinha mais nada, era só mato e árvore".

- "Aí no engenho os barcos encostavam ali, era navegação de primeira. Era o serviço, o trabalho deles era mais por mar. Depois que vieram se aperfeiçoando já colocaram os caminhões a puxar arroz". "É ali tinha um colégio, Visconde de Mauá. Ali, antes, na entrada do engenho, ali era o colégio. Antigo primário. Claro, nós todos estudamos lá (se referindo aos irmãos)".

- "Esse Canal São Gonçalo, isso aí era limpinho, isso aí a gente pegava. Queria ir pescar ia lá pra beira do arroio, pescava, bah, olha. Pescava peixe enorme, época de Semana Santa.

- "Figueira mal-assombrada, falaram que morreu uma mulher lá, uma mulher enforcada, faz tempo, sem ser nessa primeira aqui, na outra lá. Deus que me perdoe, mas eu vou falar pra eles o que eu falo pra ti, pode me dar o dinheiro que for de noite eu não passo lá". "Uso muito a figueira pra fazer serviço pra saúde, serviço pra movimentar

as pessoas, eu uso a figueira muito pra isso, aí depende... Agora mesmo eu tenho um serviço que eu tenho que despachar numa figueira, aí depois vou lá".

Avaliamos que esses sítios histórico-culturais pertencentes ao Passo dos Negros correm sério risco de serem eliminados, pois a região tornou-se alvo de investidores interessados na implantação de loteamentos e condomínios de alto padrão, pressionando, por consequência, os habitantes a saírem de suas residências, dos seus locais de memória, desconsiderando seus vínculos com este lugar, tentando apagar suas histórias, suas narrativas de pertencimento e seus direitos de viver ali.

A Lei Municipal n.º 4977, de 14 de outubro de 2003 (PELOTAS, 2003), que institui o "Roteiro das Charqueadas como Referência Cultural", reconhece esse roteiro em sua importância histórica e cultural (art. 2º), delimitando seu território, tendo como base, entre outros, os seguintes elementos já mencionados pelos moradores: "Antigo Corredor das Tropas, no prolongamento da Avenida São Francisco de Paula, desde a Avenida Ferreira Viana até a Estrada do Engenho, passando pela Ponte dos Dois Arcos; Avenida Cidade de Rio Grande, a partir da Estrada do Engenho até a Rua Dr. Mário Meneghetti; Estrada do Engenho; Estrada do Passo dos Negros até a Boca do Arroio Pelotas", e destacando como elementos de interesse o "Engenho Cel. Pedro Osório" e a "Ponte dos Dois Arcos, no antigo Corredor das Tropas".

Destaque-se, ainda, a Lei Municipal n.º 5502, de 11 de setembro de 2008 (PELOTAS, 2008), que institui o Plano Diretor Municipal de Pelotas, a qual estabelece como um dos princípios que deve pautar a política de ordenamento e desenvolvimento territorial do município, "a cidade de Pelotas como Patrimônio Histórico Nacional" (art. 6.º, VI). Prevê as condições de preservação da qualidade do ambiente natural e cultural" (art. 6.º, § 1.º, VIII), que a política de ordenamento e desenvolvimento territorial do município deve ter como diretriz, entre outras, "fortalecer a identidade sócio-cultural da população" (art. 7.º, XXXII), a proteção e a preservação do patrimônio cultural" (art. 8.º, IV).

A legislação acima referida é desprovida de sanções capazes de desestimular ações que possam destruir o patrimônio histórico-cultural do Passo dos Negros. Os elementos desse patrimônio estão sujeitos à destruição repentina. A título de exemplo, tem-se que a instalação de uma tubulação de esgoto de um dos condomínios já causou um impacto na Ponte dos Dois Arcos. O que se deseja é que esses empreendimentos preservem e convivam com o patrimônio histórico e cultural do Passo dos Negros e com a população que nele habita.

3. RESULTADOS

Em reunião entre as/os moradores e as/os integrantes do Projeto, chegamos à conclusão da necessidade urgente em obter uma tutela judicial que proibisse qualquer ato que pudesse alterar ou destruir os principais sítios histórico-culturais do Passo dos Negros e, com isso, dar visibilidade às histórias, narrativas e materialidades daquela comunidade. Para isso, entendemos oportuno buscar o Ministério Público, pois compete-lhe, por força de mandamento constitucional, a função de "proteção do patrimônio público e social, do meio ambiente e de outros interesses difusos e coletivos" (BRASIL. Constituição, 1988, art. 129, III). Para tal, organizamos um abaixo-assinado junto à população do Passo dos Negros e elaboramos uma petição dirigida à Promotoria de Justiça da Comarca de Pelotas, onde expusemos a importância histórica e cultural do Passo dos Negros e os riscos de destruição desse patrimônio. Ao final, requeremos a intervenção do Ministério Público no sentido de ajuizar um pedido de tutela judicial, com vistas à obtenção de uma medida cautelar, que tenha como objetivo assegurar a proteção imediata da Ponte dos Dois Arcos, do Engenho Pedro Osório, nele incluído o prédio da Escola Visconde de Mauá, das figueiras e do Corredor das Tropas, enquanto elementos/componentes históricos e culturais da região do Passo dos Negros, na cidade de Pelotas.

A petição foi protocolada no Ministério Público de Pelotas, no dia 15 de agosto de 2017, sob o número AT.00824.00311/2017. Até o momento, o Promotor de Justiça responsável pelo processo encaminhou ofícios à SECULT/Pelotas e ao IPHAN para, no prazo de 60 (sessenta) dias, prestarem informações ao Ministério Público.

4. AVALIAÇÃO

Avaliamos como extremamente positiva a atuação do projeto de extensão *Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogas/os em formação* durante o ano de 2017. Destacamos a importância da aproximação entre ensino, pesquisa e extensão para a ampliação das ações realizadas em parceria com a comunidade e para o amadurecimento dos debates junto à comunidade do Passo e à sociedade mais ampla. Neste processo foi possível identificar o fortalecimento de atores voltados para a luta pela preservação das referências culturais locais, bem como, pela manutenção de diferentes grupos na região, contra os processos de remoção agendados para dia 14 de novembro de 2017. Diferentes movimentos sociais e docentes e

discentes de cursos da UFPEL e da UCPEL passaram a participar das ações. Cabe destacar que um dos desdobramentos do dossiê de patrimonialização e do documento ao Ministério Público foi um pedido de explicação solicitado pelo Conselho Municipal de Cultura à Prefeitura Municipal de Pelotas, questionando o não cumprimento do Plano Di-retor da Cidade e as autorizações de implantação de condomínios na região em apreço. As ações terão continuidade objetivando que seja garantido o direito a esta comunidade de habitar o Passo dos Negros.

5. REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, v. 21, n. 3, Rio de Janeiro, dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p483>. Acesso em 24 fevereiro 2018,

ALFONSO, L. P; ORTIZ, S; SEGER, D; PEREIRA, I. K. S; ARAUJO, J. M. Aflorando memórias: narrativas de escravidão do Passo dos Negros. In: XVIII Congresso da SAB, 2015, Goiânia. **Livro de Resumos XVIII Congresso da SAB**, 2015.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

PELOTAS (Município). Lei nº 4.977, de 14 de outubro de 2003. Institui o roteiro das char-queadas como referência cultural e dá outras providências. **Jornal Diário da Manhã**, Pelotas, 08 out. 2003.

PELOTAS (Município). Lei nº 5.502, de 11 de setembro de 2008. Institui o Plano Di-retor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desen-volvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências. **Jornal Diário da Manhã**, Pelotas, 13 set. 2008.

CATALOGAÇÃO DOS LIVROS DO ATELIÊ 103 DO CENTRO DE ARTES DA UFPEL PARA DISPONIBILIZAÇÃO DO ACERVO BIBLIOGRÁFICO À COMUNIDADE

BIANCA SANTANA DE OLIVEIRA[1]; GIOVANNA BARBOSA HIGASHI[2]; GEISON DE LIMA MARTINS[3]; VINÍCIUS COLATTO ROSSO[4]; REGINALDO DA NÓBREGA TAVARES[5]; ANGELA RAFFIN POHLMANN[6]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – giovanna.higashi@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – bianca_santana@live.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – gison_1@msn.com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas – vinicrosso@yahoo.com.br*
[5]*Universidade Federal de Pelotas – regi.ntavares@gmail.com*
[6]*Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann.ufpel@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma parte do trabalho que está sendo realizado no projeto de extensão Ações Multidisciplinares com Arte e Engenharia Digital, envolvendo a catalogação dos livros armazenados na Sala 103 do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Na primeira fase de catalogação dos livros, realizamos uma lista completa de todo o acervo do Atelier. Na segunda etapa, iniciamos uma ação exploratória em busca das principais bibliografias sobre o assunto, que servissem de base e de fundamentação teórica para desenvolvimento do trabalho.

O projeto de extensão Ações Multidisciplinares com Arte e Engenharia Digital existe desde 2012, e tem como objetivo realizar projetos interdisciplinares dedicados à comunidade local, através da união das áreas distintas das artes visuais, da engenharia eletrônica e engenharia de controle e automação e áreas afins, como design gráfico e digital. O grupo realiza objetos e desenvolve ações que integram arte e engenharia, construindo artefatos artísticos interativos, objetos com próteses eletrônicas, rádio escolar para difusão de saberes nas escolas públicas de Pelotas, etc. As reuniões do grupo acontecem no ateliê de gravura, sala 103 do bloco I do Centro de Artes, campus Porto da Universidade Federal de Pelotas (UFPel. Diversos livros e trabalhos acadêmicos foram armazenados ao longo dos anos pelos professores, orientadores, alunos e ex-alunos, bolsistas e voluntários dos projetos e frequentadores do local que decidiram contribuir com doações. A organização e catalogação do material bibliográfico produzido e armazenado pelo grupo visa proporcionar controle dos

materiais bibliográficos pertencentes ao acervo do Ateliê, e também possibilitar o acesso, através de mecanismos de empréstimos de livros para a comunidade acadêmica e pessoas da cidade de Pelotas-RS.

Portanto, a ação de catalogação dos livros e dos materiais bibliográficos do Ateliê 103 tem como objetivo facilitar a organização, o arquivamento e indexação, manipulação e empréstimo dos livros e arquivos armazenados neste local e a catalogação digital facilitará o acesso e a circulação dos dados, aproximando o acervo a uma biblioteca tradicional.

> O avanço das tecnologias propiciou às bibliotecas a conversão retrospectiva de catálogos manuais em catálogos automatizados mediante cópia de registros catalográficos em formato legível por computador elaborado por outras bibliotecas e que a continuidade desse processo de cópia pode ser garantida dentro de um contexto de cooperação entre bibliotecas que disponibilizam gratuitamente seus registros desde que seja utilizado o mesmo formato de metadados e de transferência de dados remota. (FUJITA, 2010).

2. DESENVOLVIMENTO

Para realizar a classificação dos livros de forma organizada, foram levadas em consideração as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) de referências bibliográficas para livros, adotadas pela UFPel.

Segundo a ABNT NBR 6023, “é o conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual”. Tem como objetivo apresentar e orientar elementos que identificam documentos em diferentes suportes ou formatos utilizados para a elaboração de trabalhos acadêmicos. Devem ser listadas em ordem alfabética única de sobrenome e nome do autor e título, observando os demais elementos da referência como: local, editora e data. Este capítulo não recebe a indicação de numeração progressiva.

Foi então formulada uma tabela no Microsoft Excel categorizando os livros na ordem de referência das normas da ABNT, possibilitando uma pesquisa dos títulos e organização do material e armazenamento digital do acervo. Nesta tabela, os livros foram classificados em: autor, título, local, editora, ano e área.

Depois de concluída a catalogação digital do acervo bibliográfico da Sala 103, a próxima etapa foi organizar os serviços fins: “os serviços fins são realizados para a difusão do acervo, que fazem parte a consulta, empréstimo, referência e extensão. A difusão pode ser realizada para o individual e/ou entre bibliotecas” (SANTOS, 2013).

Tendo como referência o sistema de catalogação das bibliotecas da UFPel, recorremos às categorias aplicadas na tabela para separar os livros de acordo com sua área, sendo essa a principal ramificação estabelecida. Outra parte importante do processo foi a produção do redesign do carimbo do projeto, viabilizando a identificação dos livros pertencentes à biblioteca.

Para a realização do carimbo, foi feito um processo de avaliação dos símbolos representativos do ateliê, e foi escolhida a forma da bicicleta, por estar relacionada com diversos projetos realizados pelos bolsistas e participantes do Ateliê. Foi então confeccionado um modelo de carimbo circular, identificando os livros simbolizando a união das áreas de arte e engenharia.

3. RESULTADOS

Utilizando a metodologia proposta, foi possível a catalogação e ramificação de todos os livros contidos no acervo do ateliê, o que oportunizou grande avanço na organização do espaço, além de facilitar a localização de cada volume.

No futuro, o projeto pretende disponibilizar acesso aos livros para leitura no local, bem como consulta virtual de todo material disponível e produzido pelos alunos, para posterior empréstimo à comunidade. Notamos grande mudança na organização do espaço físico da sala 103, após a primeira fase de organização dos livros ter sido realizada. Os livros já foram separados por grande área, por exemplo, os de ciências exatas e os das humanas, facilitando o acesso aos alunos tanto das engenharias quanto das artes, incentivando também a interdisciplinaridade já proposta no momento de criação do projeto.

4. AVALIAÇÃO

Com este trabalho foi possível breve reflexão sobre os serviços prestados pelos alunos do projeto Ações Multidisciplinares com Arte e Engenharia Digital para a comunidade local. Também foi possível grande aprendizado na área de catalogação e organização de livros e trabalhos acadêmicos, o que possibilitou aproximação com as bibliotecas

locais e métodos utilizados, para em um futuro próximo inaugurar uma biblioteca própria do projeto. O aprendizado proporcionado ao pesquisar sobre a catalogação de livros trouxe estímulo e incentivo para a formação de todos os bolsistas do projeto, facilitando no uso das regras da ABNT e leitura das fichas catalográficas dos livros, que são práticas obrigatórias para a produção dos trabalhos acadêmicos e de conclusão de curso, além de trazer proximidade a materiais exclusivos, que possibilitam conhecimento e aprofundamento nas leituras e na produção de conteúdos desta pesquisa.

5. REFERÊNCIAS

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; BOCCATO, Vera Regina Casari; RUBI, Milena Polsinelli. O Contexto da indexação para a catalogação de livros em abordagem, socio-cognitiva. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 4, n. 2, p. 22-40, 2010. Online. Acessado em 03 set. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/114674>.

SANTOS, Lidiane Rodrigues**. Organização de bibliotecas**. Monografia de conclusão de curso. FBV Cursos-Online. Serra, 2013. Online. Acessado em 03 set. 2017. Disponível em: <http://www.fbvcursos.com.br/online/aluno/trabalhos/137884175579.docx>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Vice-Reitoria. Coordenação de Bibliotecas. **Manual de normas UFPel para trabalhos acadêmicos.** Pelotas, 2013. Revisão técnica de Aline Herbstrith Batista, Carmen Lúcia Lobo Giusti e Elionara Giovana Rech. Online. Acessado em 20 set. 2017. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/ppgveterinaria/files/2014/07/Manual_Normas_UFPel_trabalhos_ acadêmicos.pdf>

Agradecemos ao CNPq pelo apoio recebido nas pesquisas que deram origem a este texto.

O PATRIMÔNIO CULTURAL E O ENSINO DE QUÍMICA ATRAVÉS DE MAPAS CONCEITUAIS

BRUNA JESKE GEHRKE[1]; DIEGO L. RIBEIRO[2]; DANIEL V. DE SOUZA[3]; CARLA GASTAUD[4]; ALZIRA YAMASAKI[5];THIAGO SEVILHANO PUGLIERI[6]

[1]Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – brunagehrke94@hotmail.com;
[2]Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – dlrmuseologo@yahoo.com.br;
[3]Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – danielmvsouza@gmail.com;
[4]Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – crgastaud@gmail.com;
[5]Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – alzira_yamasaki@ufpel.edu.br;
[6]Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – tspuglieri@gmail.com.

1. APRESENTAÇÃO

O ensino de química no Brasil se encontra seguidamente com desafios associados à aplicação do seu conteúdo na vida prática dos alunos, muitas vezes tornando essa disciplina pouco atrativa. Deste modo, trabalhos têm sido desenvolvidos para a contextualização da química, (WARTHA; SILVA; BEJARANO, 2013) promovendo um melhor conhecimento não somente da química, mas também do conteúdo abordado. Na área de patrimônio cultural, por exemplo, é possível pensar que a contextualização da química através de bens culturais pode auxiliar no conhecimento e contextualização da química ao mesmo tempo que, dependendo da metodologia utilizada, pode ajudar na preservação patrimonial.

Pensando nisso, um trabalho de pesquisa, ensino e extensão foi conduzido no ano de 2016 para o desenvolvimento e aplicação de uma metodologia de ensino de química junto da educação para o patrimônio, visando tanto o ensino dessa disciplina quanto a preservação patrimonial (PUGLIERI et al 2017). No ano de 2016, o referido trabalho aplicou a metodologia em alunos de uma escola da rede pública de São Lourenço do Sul e, considerando o excelente desempenho obtido, decidiu-se aplica-la em 2017 a alunos de uma escola pública do município de Pelotas. Além disso, visando a aperfeiçoar as metodologias de ensino e aprendizagem da atividade conduziu-se, neste trabalho, o desenvolvimento de mapas conceituais de química aplicada a bens culturais e de corrosão metálica, além da reformulação dos materiais didáticos. Destaca-se que, apesar da contextualização da química através de bens culturais ser um tema recorrente no exterior, e timidamente no Brasil, (ARGOLO; COUTINHO; CHACON, 2013; CARVALHO; NETO, 2016) seu uso por si só é pouco eficiente no que diz respeito à promoção da preservação

patrimonial, sendo por isso que no projeto de 2016 se considerou explicitamente a fusão do ensino de química com a educação para o patrimônio, sendo o principal diferencial frente aos demais trabalhos.

De modo geral, pensando no impacto da atividade de extensão, alguns dos principais objetivos específicos do projeto são:

- proporcionar ferramentas a alunos do ensino médio para uma melhor fixação de conteúdos associados à disciplina da química;
- incentivar os alunos do ensino médio a reconhecerem e se apropriarem do patrimônio cultural;
- produzir e aplicar novos materiais e métodos para promover a divulgação científica da química aplicada a bens culturais, focando em alunos do ensino médio;
- auxiliar na formação interdisciplinar e profissional dos alunos de graduação participantes do projeto.

2. DESENVOLVIMENTO

Considerando o acima exposto, o desenvolvimento segue dividido em uma primeira parte, sobre a concepção dos mapas conceituais e sobre a revisão dos materiais anteriores, e em uma segunda, sobre a aplicação dos materiais e o desenvolvimento de atividade junto de alunos do ensino médio.

No que diz respeito aos mapas conceituais, segundo Moreira e Rosa (1986), de forma geral esses são diagramas que indicam relações entre conceitos. Geralmente são vistos como diagramas hierárquicos que refletem a organização de conceitos de parte de uma disciplina. Desta forma, elaborou-se um método de ensino a partir de mapas conceituais que utiliza o patrimônio cultural como um tema inspirador para o ensino de conteúdos químicos. Os materiais e a aula expositiva e dialogada também foram revisados e complementados.

Sobre a aplicação desse material e o desenvolvimento da atividade, a mesma deverá ocorrer na primeira quinzena de novembro, na Praça Cel. Pedro Osório, seguindo a metodologia já desenvolvida e descrita em Puglieri et al (2017) e utilizando-se do tema de corrosão metálica.

3. RESULTADOS

Existem vários tipos de mapas conceituais, dentre eles o tipo aranha, que se organiza colocando-se o tema gerador em sua parte central, sendo que os demais conceitos vão se espalhando do centro. Outro mapa é o tipo fluxograma, que se organiza de maneira linear e é geralmente utilizado para demonstrar melhores detalhes de um procedimento com um ponto inicial e final. Tem-se, ainda, o mapa do tipo entrada e saída, que é semelhante ao fluxograma, mas com a possibilidade de entrada e saída das informações (TAVARES, 2007).

Fazendo-se uso do modelo tipo fluxograma, neste trabalho um mapa conceitual foi elaborado para trabalhar-se com as relações entre a Química e o Patrimônio Cultural. O mapa, não mostrado neste resumo, aborda conceitos químicos como ligações metálicas, reações químicas e corrosão metálica. A finalização com o tema de corrosão é intencional para, com um segundo mapa, trabalhar com os alunos do ensino médio com objetos da Praça Cel. Pedro Osório.

O segundo mapa aqui construído, portanto, focou no conteúdo de corrosão metálica, envolvendo, por exemplo, reações de oxidação e redução; corrosões química, eletroquímica e eletrolítica; poluição ambiental de ambientes internos e externos, destacando-se fenômenos como a chuva ácida; deterioração do patrimônio; e estratégias para preservação patrimonial, abordando-se inclusive a atuação da química como ciência no patrimônio.

4. AVALIAÇÃO

Como avaliação parcial deste trabalho tem-se que o desenvolvimento de mapas conceituais relacionando química, ciência, corrosão metálica e patrimônio cultural foi devidamente efetivo durante intensa discussão de equipe interdisciplinar, com o envolvimento de cientista do patrimônio, químicos, museólogos, professor da rede pública de ensino médio e aluno de graduação da licenciatura em química, de modo a garantir a melhor eficácia possível do material desenvolvido e da formação do aluno participante, bem como do treinamento do professor de ensino médio envolvido no projeto. Avalia-se que esta etapa de planejamento, desenvolvimento e treinamento é fundamental para garantir o sucesso patrimonial, científico e pedagógico da atividade de extensão a ser efetivada com os alunos no período acima citado. Destaca-se também a importância da

etapa já desenvolvida no contexto de produção de materiais e metodologias, permitindo que atividades semelhantes sejam desenvolvidas em outras cidades e Estados e, por fim, que a atividade teve impacto direto na formação da estudante bolsista, a qual poderá ofertar tais atividades em escolas que desejam desenvolve-las. Da atividade já realizada com alunos no ano de 2016, conclui-se que a proposta não apenas atingiu um de seus principais objetivos (promover o ensino de química através de sua contextualização no patrimônio cultural, ao mesmo tempo em que promove a preservação patrimonial através do ensino de química), mas também os da contextualização da química no cotidiano, que, segundo Wartha, Silva e Bejarano (2013), deve ser tida como um recurso pedagógico para contribuir com a construção de conhecimentos e com a formação de capacidades intelectuais superiores.

5. REFERÊNCIAS

ARGOLO, M. I. S.; COUTINHO, L. G. R.; CHACON, E. P. Química e Arte: Uma Articulação Mostrada Através de Mapas Conceituais. In: **XVI ENEQ/X EDUQUI-ISSN: 2179-5355**, Salvador, 2013. Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (ED/SBQ).

CARVALHO, M. A.; NETO, P. C. P. O ensino de Química e sua contribuição para a valorização da identidade cultural. In: X**VIII Encontro Nacional de Ensino de Química**, Florianópolis, 2016. Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (ED/SBQ).

MOREIRA, M. A.; ROSA, P. Mapas Conceituais. **Cad. Cat. Ens. Fis.**, Florianópolis, v. 1, n. 3, p.17-25, abr. 1986.

PUGLIERI, T. S. et al O ensino de química através do patrimônio cultural e a preservação do patrimônio cultural através do ensino de química. Artigo submetido, 2017.

TAVARES, R. Construindo mapas conceituais. **Ciências & Cognição**, Paraíba, v. 12, p.72-85, nov. 2007.

WARTHA, E. J.; SILVA, EL da; BEJARANO, N. R. R. Cotidiano e contextualização no ensino de Química. **Química Nova na Escola**, v. 35, n. 2, p. 84-91, 2013.

RE EXISTÊNCIA > SERIGRAFIA COMO LINGUAGEM DE CRIAÇÃO COLETIVA E SUSTENTÁVEL

BRUNO FIGUEIRÔA[1]; BRUNA LOPES SILVA[2];
MARIA DAS GRAÇAS MOTA GULARTE[3]; KELLY WENDT[4];

[1]Universidade Federal de Pelotas – figueiroa.brunop@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – silvabrunalopesart@gmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas – gracagularte57@gmail.com
[4]Universidade Federal de Pelotas – kelly.wendt@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Re Existência – Serviços Serigráficos é um projeto de extensão coordenado pela professora Kelly Wendt, que tem como objetivo principal prestar serviços serigráficos para pequenos grupos da comunidade. O projeto surgiu após a greve deflagrada em 2016 com a mobilização da comunidade acadêmica que uniu estudantes, professores, técnicos da UFPel e a sociedade pelotense em prol da educação, da saúde, dos direitos constitucionais garantidos, e contra a PEC 241 e MP 746. A necessidade de difusão de identidade visual através de um meio alternativo que pudesse ser produzido de forma rápida trouxe a serigrafia como a principal opção, um grupo motivado com isso produziu um grande número de materiais, sacolas, camisetas e bandeiras profissionalização o trabalho. E assim, vendo uma demanda da comunidade em geral de produzir materiais de divulgação de eventos, construí-se o projeto de extensão que tem inicio de suas atividades no começo do ano letivo de 2017.

O projeto não tem objetivos lucrativos e sim aprendizado na estamparia que se faz da prática da impressão. Busca diminuir os custos de impressão em materiais visuais, como camisetas, cartazes, envelopes, panfletos, pastas e eco bags para pequenos grupos e eventos. Desta maneira, o Re-Existênica oferece a infra-estrutura da produção, mão de obra dos serviços de impressão e feitura dos trabalhos, os grupos investem nos próprios matériais que irão ser utilizados para realizar as impressões.

Tendo em vista essas prerrogativas, o projeto também tem o intuito de estimular o uso da linguagem serigráfica, otimizar o espaço físico do ateliê e sua infra-estrutura. Através dos trabalhos desenvolvidos, o projeto almeja atingir a sustentabilidade da linguagem e dos recursos oferecidos pela universidade, a profissionalização dos alunos e principalmente suprir a demanda de grupos da comunidade. Entende a importância de uma identidade visual para a visibilidade, construção e afirmação de coletivos, pode- se

dizer que a identidade tem como objetivo deixar explicito ideias e conceitos do grupo assim estar estampados nos produtos, e ideias tenham uma visibilidade maior para o seu público alvo.

2. DESENVOLVIMENTO

Em comparação com outros meios tradicionais das artes gráficas, como a xilogravura, a cacografia e a litografia, por exemplo, a serigrafia é facilmente o meio mais versátil e econômico entre os processos de impressão. Com a possibilidade de grandes tiragens, está ao alcance de artesões e também de artistas contemporâneos, apresenta equipamento simples, podendo ser improvisado com meios alternativos. Quase tão portátil como uma mesa de desenho, o artista/gravador tem a seu comando meios para reproduzir imagens, impressões de diversos tamanhos em inúmeras superfícies, com uma infinidade de cores e possibilidades. O processo serigrafico tem origem na linguagem de molde vazado, também conhecido como estêncil[1] . A imagem gravada na tela garante a proteção de algumas áreas, ao passar a tinta com rodo sobre a superficie da tela, a tinta ultrapassará as áreas desprotegidas e garantirá a imagem fixada no suporte, seja tecido ou papel.

Com encontros semanais, sextas-feiras, os integrantes do projeto reúnem-se no ateliê de serigrafia do Centro de Artes, localizado no Campus Porto 3, da Universidade Federal de Pelotas. Nos encontros são realizadas reuniões e prestação de serviços para os grupos e coletivos agendados previamente com o projeto, para produção dos materiais. Assim, discutimos o projeto visual que vai ser realizado e impresso, a preparação da transparência necessária para gravar a tela, a gravação das telas e as impressões em suportes testes e impressão final. Deve ser adquirido pelos grupos solicitantes todos materiais usados na produção: emulsão, tinta, tecido e suporte, assim como devem trazer a arte final que irá ser utilizada para realização das gravações e impressões. Fica em responsabilidade do projeto não somente toda a infraestrutura necessária, mas também a produção completa dos materiais gráficos, desde a gravação e impressão.

A técnica utilizada na serigrafia é a transparência, uma espécie de fotolito, que reserva áreas negras e transparentes, variante utilizada pelo mercado de reprodução gráfica podendo ser feito de forma manual ou através de máquinas. Muitas aplicações têxteis industriais são viabilizadas pelo uso da serigrafia.

[1] Um estêncil é uma técnica usada para fazer impressões de desenhos, ilustrações ou tipografias. A sua aplicação é feita a partir de uma matriz vazada feita em papel ou acetato.

Importante na prática serigráfica também é refletir a relação entre a produção e o trabalho na contemporaneidade, Krausser destaca que "A relação homem-produção tem vivido importantes transformações. Os modos de produção, com o desenvolvimento tecnológico, têm mudado rapidamente [...]" (KRUSSER, 2002, p.11). Observando o desenvolvimento tecnológico através dessas rápidas evoluções nos meios de reprodução gráfica, atuantes na lógica do mercado em busca de rapidez e enorme quantidade de múltiplos. O projeto caminha em outro sentido, respeitando o equilíbrio entre quantidade e qualidade, procurando realizar uma produção em série que tenha um alinhamento entre o conhecimento da técnica e a produção em grande escala. Por entendimento desse contexto busca-se atingir sustentabilidade na produção, contando com a infraestrutura da universidade, para reverberar em pequenos grupos da comunidade em geral.

Explora o trabalho através de um ecossistema coletivo sensível a conjuntura contemporânea, propõe um meio de reprodução gráfica acessível, dinâmico e de baixo custo de produção. O projeto visa a demanda que provem da comunidade e percebe a falta de recurso dos coletivos que estão na busca construir sua identidade para afirma-se na sociedade, e propõe "esquemas flexíveis de produção capazes de se adaptar à volatilidade e à diversificação da demanda" (FERREIRA, 1997, p.17).

O projeto é fundamentado a partir dos processos impressão e gravação serigráficos, e conforme a necessidade, outras linguagens também podem ser utilizadas. O Re-Existência dispõe de mídias sociais para divulgar seus trabalhos e alcançar o seu público alvo. Pensando na grande propagação de informação que a internet proporciona, escolhemos fazer uso desse espaço virtual para divulgação e contato com a comunidade, grupos e coletivos que desejam produzir materiais gráficos por meio de sua própria identidade visual. Hoje o projeto, além do email institucional (reexistenciaserigrafia@gmail.com) conta com uma página no Facebook (https://www.facebook.com/reexistenciaufpel) e um perfil no Instagram (https://instagram.com/reexistenciaufpel) onde são publicados os processos e documentações dos trabalhos realizados.

3. RESULTADOS

No contexto contemporâneo, movido por constantes evoluções tecnológicas, a técnica serigráfica dentro de um contexto de produção serial em grande escala estão gradativamente se tornando obsoletas. Novos processos de impressão digitais estão tomando conta do cenário da reprodução gráfica atual, por sua rapidez e praticidade por baixo custo. Em contra-ponto a essa realidade, ações coletivas com pequenas demandas

e produções de estampas em camisetas e eco-bags já realizadas mostram uma nova possibilidade diante do uso desta técnica. Assim, surge a necessidade eminente dessa linguagem, que permite pequena e média produção com baixo custo, tendo um apelo artesanal. A serigrafia é um método especifico de impressão, com base no estecil tem uso em diversos momentos da história de diferentes civilizações, uma técnica moderna que garante rapidez e resultados distintos para infinidade de suportes.

Ao compara-la com outras técnicas de impressão tradicional, como xilogravura, calcogravura e litografia, a serigrafia é a mais dinâmica na sua aplicação. Enfatizo que esta técnica é de grande importância para o evolução dos meios e os desenvolvimento da reprodução de imagens, assim como tange o cenário contemporâneo das artes visuais, discutindo as linguagens pictoricas e a multiplicidade e repetição. A velocidade que ocorrem os eventos cotidianos atualmente vem ao encontro da linguagem serigráfica produzindo imagens no campo artístico profissional, facilitando a reprodução dos discursos, não só pela possibilidade de uma grande tiragem de exemplares em curto prazo, mas também por apresentar recursos alternativos e flexíveis. A infraestrutura necessária para que a técnica serigráfica seja colocada em prática é acessível, assim podemos destacar que "A instalação não precisa ser cara. A serigrafia é o único método importante de impressão que não necessita de prensa: todas as peças e ferramentas podem ser fabricadas em casa[2]" (RUSS, 1974).

O projeto mostrou resultados expressivos, desde seu inicio foram realizados quatro projetos de grupos distintos da comunidade. Camisetas produzidas para calourada e grupos de pesquisa e ensino e ecobags para Encontro de Estadual de Flautistas.

E mais recentemente, o último trabalho realizado pelo projeto, até a conclusão desse artigo, foi junto ao coletivo A Cataclisma. Que realizou a Mostra Nômada Multimídia Internacional de Arte Contemporânea R I Z O M A em parceria com a produtora MAGA[3]. A exposição aconteceu entre os dias 03 a 20 de agosto de 2017 na Secult localizado no Casarão 2 da Praça Cel Pedro Osório. A exposição contou com trabalhos de mais de 300 artistas mulheres e tinha como objetivo dar visibilidade a produção de artistas contemporâneas mulheres. O projeto Re-Existência estampou para este evento artístico, uma série de camisetas (Fig. 1 e 2). Realizado em conjunto com o coletivo Cataclisma o material visual textil para a exposição, camisetas para equipe que integrava a produção do evento e camisetas estampadas com a identidade visual da exposição para divulgação da exposição.

[2] Tradução por Bruna Silva Lopes
[3] Coletivo de produção independente. Cinema, música e artes visuais. Integrantes: Adriana Yamamto, Bruna Fortes, Camila Cuqui e Carol Trindade

Fig. 1: RIZOMA
(fonte: arquivo do autor)

Fig. 2: Processo de impressão
(fonte: arquivo do autor)

Nesse processo de produção coletiva existiu uma ponte de trocas de vivências, experiências entre o projeto e o coletivo, fortalecendo as discussões sobre arte e sociedade durante toda a produção do material. Através disso tivemos a oportunidade de reforçar uma troca muito importante, garantir a sustentabilidade da produção serigráfica através não só do conhecimento mas também da prática. Garantindo uma maior ativação do espaço físico do ateliê e da linguagem dentro deste espaço. As ações realizadas reverberam também nas movimentações socio-culturais que estão sendo realizados na comunidade pelotense.

4. AVALIAÇÃO

Os trabalhos realizados durante este primeiro semestre de 2017 colaboram a garantir a possibilidade da sustentabilidade do espaço de produção e principalmente da técnica serigráfica que não necessita de meios ultra-técnologicos ou de grandes recursos monetários envolvidos diretamente no trabalho.

A possibilidade de levar para os pequenos grupos e coletivos da comunidade a oportunidade de obter um material gráfico para sua identidade visual com qualidade, assim como os grandes grupos que possuem capital exclusivo para essa função. As operações executadas pelo Re-Existência permitem aos coletivos envolvidos o conhecimento de uma técnica recorrente de impressão utilizada no contexto artístico contemporâneo e numa linha de produção alternativa e sustentável.

Para os estudantes que fazem parte dos processos realizados pelo projeto, fica o aprimoramento e a capacitação técnica de grande importância. Surge como uma vertente dos processos de impressão e gravação existentes e utilizados no contexto contemporâneo das artes visuais e que estão presentes na história da gravura e na evolução dos meios de multiplicação da imagem.

5. REFERÊNCIAS

BIEGELEISEN e COHN. **Silk Screen Techniques**. EUA: Dover, 1958.

FERREIRA, C. G. **O "Fordismo", sua crise e algumas considerações sobre o caso brasileiro.** Nova Economia, Belo Horizonte, CEDEPLAR/UFMG, v. 7, n. 2, 1997.

KRUSSER, R. **Um olhar ergonômico para projetos de identidade visual.** 2002. (Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção do Programa de Pós-Graduação) UFSC.

RUSS, S. **Tratado de Serigrafia artística.** Barcelona, Espanha: Blume, 1974.

PERFORMANCE MUSICAL NO CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA: LICENCIADO SABE TOCAR? RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PREPARAÇÃO E O CONCERTO DO PEPEU EM LONDRINA - PR

CAMILA BARBOZA CASTRO[1]; JOSÉ EVERTON ROZZINI[2]

UFPEL[1]– castrobcamila@gmail.com
UFPEL[2] – zeeverton@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Uma grande falácia do mundo acadêmico refere-se ao enunciado “Quem sabe faz, quem não sabe ensina”, versão de “Those who can, do. Those who can’t, teach” ou “Aqueles que conseguem, fazem. Aqueles que não conseguem, ensinam” (TONTINI, 2013, pág.1, tradução nossa). Trata-se de uma sentença sem registro seguro de sua origem, mas que teria como autor o dramaturgo irlandês George Bernard Shaw, que foi adaptada e utilizada em vários países. No Brasil, acabou tendo seu uso fixado como citamos inicialmente, tornando-se muito popular como forma de menosprezar o papel do professor dos cursos universitários de licenciatura. Nos cursos de Música da UFPEL, que são oito (Bacharelado em Música Popular, Composição, Ciências Musicais, Violino, Violão, Flauta Transversal, Canto e Licenciatura em Música), ainda se experiencia esse tipo de segregação ideológica, na qual bacharéis “sabem fazer” e licenciados “só ensinam mas não fazem”.

Sendo assim, este relato objetiva refletir sobre as ações do P.E.P.E.U. - Programa de Extensão em Percussão da UFPel -, problematizando a concepção de que professor de música sabe ensinar mas não sabe executar, bem como destacando as experiências extracurriculares dos projetos de extensão a fim de reiterar a importância desse tipo de atividade na formação do educador musical.

O PEPEU foi idealizado pelo Prof. Ms. em Educação e percussionista José Everton da Silva Rozzini, em 2013, e tem como princípio estabelecer um elo entre o curso e a cultura local, entrelaçando comunidade e academia. O programa tem interagido com a comunidade de diversas maneiras, realizando oficinas de percussão, concertos, recitais, mostras de percussão, rodas de conversa, além da participação de eventos na cidade de Pelotas e em outros municípios.

Mesmo que o programa seja aberto à comunidade no núcleo performático - ou seja, no grupo que realiza concertos e apresentações -, os seus integrantes, em sua maioria,

são alunos do curso de Licenciatura em Música. Desse modo, o grupo é formado atualmente por dez (10) estudantes de licenciatura e apenas dois (2) integrantes que não pertencem a esse curso, sendo um estudante de Artes Visuais e outro de Música Popular (e funcionário aposentado da UFPEL). Assim, o programa tem uma ligação extremamente íntegra, afetuosa e enérgica com a licenciatura, proporcionando uma prática musical acentuada aos estudantes que, muitas vezes, devido à carga horária e à demanda de disciplinas pedagógicas e teóricas, não vivenciam no curso essa atividade.

Segundo seu projeto pedagógico, o curso de Licenciatura em Música da UFPel possui carga horária total de 3112 horas, devendo estas serem cumpridas ao longo de no mínimo quatro (4) anos, ou seja, oito (08) semestres, e de no máximo oito (08) anos ou 16 semestres. Essa carga horária está distribuída em

408h de disciplinas teórico-práticas de vivências pedagógicas, 90h de disciplinas optativas, 408h de estágio supervisionado, 200h de atividades complementares e 2006h de disciplinas de conteúdo científico-cultural. Dessas 2006 horas, 748 são dedicadas à área de conhecimento instrumental; porém, não são compostas apenas de horas práticas. Diante disso, podemos dizer que, nesse curso, há somente 24% de horas práticas instrumentais, distribuídas em quatro anos de curso.

É claro que, nessa licenciatura, o aluno estuda tanto a parte prática musica quanto a teoria, bem como aprende a manusear os instrumentos, conhece o maior número possível deles, estuda técnicas e as pratica. Entretanto, acreditamos que essa carga horária de estudo técnico-musical poderia ser maior, ainda que para isso fosse necessário um aumento de duração do curso, pois isso possibilitaria melhores vivências musicais, acabando por formar um profissional mais qualificado no que tange aos aspectos técnicos musicais.

Nesse contexto, é interessante descrever algumas ações do grupo neste projeto de extensão, principalmente devido ao impacto que ele causou e causa na formação dos participantes, licenciandos em música.

2. DESENVOLVIMENTO

O PEPEU recebeu um convite para compor a grade de programação do 37º Festival Internacional de Música de Londrina, um dos mais expressivos eventos da área atualmente, ocorrido de 9 a 22 de julho deste ano. Esse convite foi feito pela diretora pedagógica do festival, a Professora Doutora em Música e ex-presidente da Associação Brasileira de

Educação Musical, Magalí Kleber, a qual o grupo conhecera no XVII Encontro Regional Sul da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), em Curitiba, no ano de 2016.

A preparação para o festival de Londrina teve início no final do mês de abril, quando foram confirmadas as condições necessárias para transporte dos alunos e dos instrumentos pela UFPel. Sendo assim, o tempo disponível para preparação do concerto (aproximadamente 3 meses) foi considerado demasiadamente curto, devido à magnitude do festival. Todavia, o grupo já possuía um repertório, sendo somente necessário seu aperfeiçoamento, além de integrar novas músicas.

Além disso, o convite¬ se estendia à participação do PEPEU em outros três concertos: um com a Banda Sinfônica do Festival, outro com a Orquestra do Festival e, por último, compor o naipe de percussão de "Carmina Burana", a significativa obra do compositor Carl Orff, que foi apresentada três vezes no encerramento do evento, tendo todas as sessões lotadas. Convém dizer que essa obra é uma das mais executadas pelas principais orquestras do mundo e destaca-se pelo elevado nível técnico exigido dos músicos.

Ficou determinado então que haveria ensaios todas as noites de segunda à sexta, sendo este o único turno possível devido às disciplinas de cada participante, pois muitos tinham aulas pela manhã e pela tarde e ainda conciliavam outros projetos da universidade, estágio ou trabalho.

Visto que o novo repertório possuía um grau de dificuldade elevado, fez-se necessário que cada integrante se dedicasse também a um estudo individual do repertório, com objetivo de realizar a leitura de sua parte das músicas e tornar o ensaio realmente produtivo. Isso demandou organização de tempo entre aulas, ensaios, estágio, trabalho e projetos para ainda estudar o repertório.

Foi uma jornada intensa devido à demanda de atividades, porém foi possível aprender e aprimorar o repertório a tempo, além de planejar as atividades que realizaríamos com a comunidade em uma escola pública e em um projeto social da cidade de Londrina.

Em praticamente todos os dias do evento, no turno da tarde e algumas vezes pela manhã, o PEPEU participou do curso de Percussão Sinfônica ministrado pelo professor José Everton Rozzini e pelo professor Marcelo Casagrande. À noite, havia concertos e recitais variados, mas, pela manhã, foi possível participar de alguns outros cursos e oficinas oferecidas pelo festival. Entre essas atividades, ainda foram realizadas oficinas com um projeto social e alunos de uma escola pública, um cortejo no centro da cidade apresentando o tambor de Sopapo, ensaios nas praças de Londrina e ensaios com a

Banda e Orquestra Sinfônica do festival, com o Maestro Daisuke Soga e com o Coral do Festival.

O concerto do grupo foi realizado no dia 20 de julho, dois dias antes do fim do festival, no Teatro Ouro Verde, onde ocorreram as principais apresentações do evento. Como o PEPEU já estava na cidade desde o dia nove (9), foi necessário que houvesse ensaios durante o festival, sendo estes ou à noite, após os concertos, ou nos intervalos de almoço, devido às outras atividades descritas anteriormente.

3. RESULTADOS

O concerto foi uma experiência marcante para a história do grupo e para seus membros individualmente. Teve duração de 1:30h e foram interpretadas 13 músicas. Entre algumas peças, houve momentos em que os membros do grupo apresentaram o PEPEU e sua proposta e homenagearam o respeitado compositor e percussionista brasileiro Ney Rosauro, que compôs grande parte do repertório interpretado.

A apresentação se deu de forma muito intensa, positiva, sendo que se conseguiu realizar a proposta com êxito, considerando que ocorreu em um festival internacional de música, e sua crítica foi muito elogiosa. Foi possível constatar isso quando Ney Rosauro, no dia seguinte à apresentação, assistiu pela internet, através da página do festival, a interpretação de uma de suas obras e elogiou publicamente em rede social a performance do PEPEU, ressaltando a dificuldade da música e manifestando orgulho perante a ótima performance de sua peça.

Por consequência, obtivemos um resultado que ultrapassou a nossa expectativa, uma vez que conseguimos superar com sucesso o problema do curto tempo de preparação até o festival e também pelo fato de que, mesmo sendo a primeira experiência performática em formato de concerto de praticamente todos os membros do grupo, apresentamos um concerto contagiante e musicalmente consistente. Além disso, contamos também com a participação de alunos do festival que realizaram o curso de Percussão Sinfônica com o grupo em nosso concerto. E essa interação tornou-se uma experiência positiva de troca e aprendizado entre musicistas formados, estudantes de percussão e crianças participantes do curso.

Dessa forma, comprovamos que o licenciado em música pode, sabe e consegue executar sua arte. Pois participar do festival possibilitou que o grupo adquirisse individual e coletivamente uma vivência e uma prática musical imensurável, seja de forma “passiva”, assistindo a recitais, ou ativa, ensaiando os diversos repertórios trabalhados no curso e

em outros espaços, como nos ensaios da banda sinfônica e do concerto de encerramento do evento além de momentos em que ocorreram práticas livres, unindo e harmonizando o grupo. Foi, portanto, uma verdadeira imersão no universo musical.

4. AVALIAÇÃO

Graças ao Programa de Extensão em Percussão da UFPEL, vários alunos do curso de licenciatura em música tiveram uma grande experiência em um festival internacional de música. Conheceram pessoas importantes de vários ramos da educação musical e performance, além de passar onze (11) dias vivenciando intensa prática instrumental e musical com colegas, outros estudantes e profissionais da área musical. Tal atividade mostra resultados para além do projeto de extensão, do evento, apontando, consequentemente, para melhor aproveitamento e maior facilidade no aprendizado na graduação.

Desse modo, esse processo prático foi de muita importância para a própria graduação de cada membro do PEPEU, uma vez que a carga horária dedicada a atividades como essa é relativamente pequena. Sendo assim, foi possível impulsionar e fortalecer várias habilidades que se desenvolvem no curso de licenciatura em música além de motivar os integrantes nos seus diversos estudos musicais.

Com isso, intensificamos a relevância de projetos e programas de extensão, pois estes, como o PEPEU na área da música, possibilitam o crescimento pessoal e a consolidação de saberes da formação universitária, através de experiências como a relatada neste trabalho. Corrobora, portanto, a perspectiva de Teixeira (2012), para quem:

> (..) a participação num grupo de percussão traz benefícios ao processo individual de aprendizagem dos alunos de percussão. Estes benefícios verificaram-se ao nível das competências cognitivas, das competências sociais, da motivação para o estudo e da construção de uma identidade musical. (p.107)

Enfim, refletindo sobre toda a experiência relatada, concluímos que ela não só contribuiu para fomentar conceitos musicais existentes, mas também levou a questioná-los, fazendo com que quem viveu isso pesquise mais e modifique suas ações na prática disciplinar dentro da própria graduação bem como em outras atuações, – como, por exemplo, no PIBID (Programa Institucional Brasileiro de Iniciação à Docência), nos estágios

curriculares e nos projetos de ensino. Do mesmo modo, também atestou as habilidades e as práticas musicais dos licenciandos em música, reforçando a ideia de que quem ensina também faz.

5. REFERÊNCIAS

TONTINI, G. Quem sabe faz. Quem não sabe, ensina? O papel de diferentes atores em nossa peça não teatral. In: **XXXVII EnAMPAD**. Rio de Janeiro-RJ, 2013. 7 a 11 set, 2013.

TEIXEIRA, L.A.L.D. **O grupo de percussão e sua influência na aprendizagem da percussão.** Dissertação de Mestrado em Ensino de Música - Universidade de Aveiro, 2012

DIZENDO O INDIZÍVEL NOS MUSEUS E RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS TRAUMÁTICAS: UM ESTUDO DE CASO.

CARLISTON LIMA RIBEIRO[1]; ANDRÉA CUNHA MESSIAS[2]; GIOVANI VAHL MATTHIES[3]; THIAGO BARWALDT CARDOZO[4]; MARCOS ROBERTO SILVA SOUZA[5] DIEGO LEMOS RIBEIRO[6]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – marcosroberto02012@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – andreacmessias@hotmail.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas - giovanivahlmatthies@gmail.com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas – tbc.faculdade@gmail.com*
[5]*Universidade Federal de Pelotas - marcosroberto02012@gmail.com*
[6]*Universidade Federal de Pelotas - dlrmuseologo@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, pertencente à área da cultura, intenta delinear o processo de concepção e montagem de exposições temporárias no contexto de dois museus, ambos localizados na Serra dos Tapes: O Museu Histórico de Morro Redondo – situado no município homônimo – e o Museu Gruppelli, localizado na zona rural da cidade de Pelotas. Ambas as experiências foram planejadas no contexto da 15º Semana de Museus, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)[1] , cujo tema, em 2017, foi "Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus". Optou-se por explorar, em ambos, narrativas referentes ao "apagamento" memorial e identitário durante o período que compreende o Estado Novo (1937-1945).

Importa ressaltar que, durante o período do Estado Novo, uma parcela significativa da população brasileira, sobretudo os descendentes dos países do eixo, (Alemanha, Itália e Japão), bem como os próprios descendentes de pomeranos, sofreram com o processo de nacionalização, que buscava hegemonizar culturalmente o território nacional, fatos esses que resultaram na construção de inúmeras memórias traumáticas nas comunidades locais.

Alicerçados na pesquisa documental e no trabalho de campo enquanto procedimentos metodológicos, ambas as exposições tiveram como suporte as narrativas e histórias de vida de descendentes (filhos e netos) de alemães, pomeranos e italianos. As memórias evocadas, em justaposição aos objetos do acervo dos museus, e o aporte de variados recursos audiovisuais, deram forma, tom e contexto para elaborar a linguagem expográfica.

[1] Instituto Brasileiro de Museus

A participação das diversas comunidades em todas as etapas do processo mostrou-se de grande relevância na medida em que se estabeleceu forte relação entre os públicos e os museus, fortalecendo laços de afetividade e pertencimento. No mesmo compasso, resultou em uma oportunidade de amadurecimento teórico-prático para os alunos que fazem parte dos dois projetos de extensão[2] , transpondo todo repertório técnico-científico relacionado ao ensino e à pesquisa em ação transformadora. Conceber e planejar conjuntamente as exposições a partir da compreensão dos museus enquanto espaços de estranhamentos, de questionamentos e, sobretudo, de diálogos – fundamentados em uma relação horizontalizada e sem imposição de verdades (Roque, 1989/90) – foi de extrema importância para os discentes, docentes e comunidades envolvidas nas ações.

2. DESENVOLVIMENTO

Os procedimentos metodológicos que deram partida a esta experiência museal basearam-se na escuta e sistematização de narrativas coletadas a partir da relação intersubjetiva travada com os objetos do acervo, utilizados como "extensões de memória" (CANDAU, 2014), nos encontros denominados "Café Com Memórias". Esta ação é realizada com a participação de um grupo de idosos, que acontece mensalmente no Museu Histórico de Morro Redondo/RS, onde estes relatam vivências a partir de determinada temática, tendo como gatilho de memórias os objetos do próprio Museu.

A partir de um tema comum aos dois contextos museológicos, foi desdobrado um processo de pesquisa documental e audiovisual, que, somado aos relatos coletados pelos moradores das cercanias dos museus, serviram como pano de fundo para a montagem de exposições temporárias em ambas as instituições, ora denominadas: "Entre lembrar e esquecer: Resistir é lutar". As mesmas fontes serviram, também, como embasamento para a confecção de uma peça teatral intitulada "Memórias Caladas", que foi realizada no espaço da exposição temporária do Museu de Morro Redondo. A peça foi protagonizada por alunos do curso de Museologia/UFPel, alunos e professores do Colégio Bonfim – Colégio Municipal de MR – além de membros das comunidades.

Foi escolhido o teatro como forma de ativação da memórias, além da exposição, por ser uma modalidade artística que agrega em si muito da linguagem e expressão que

[2] Os projetos de extensão vinculados ao Bacharelado de Museologia da Universidade Federal de Pelotas que apoiaram as ações descritas o presente trabalho: "Museu Morrorredonsense- Espaços de memórias e Identidades" e "Revitalização do Museu Gruppelli" são coordenados pelo Prof. Dr Diego Lemos Ribeiro e desenvolvem trabalhos multidisciplinares envolvendo discentes e egressos da Museologia, Conservação e Restauro, Psicologia, Terapia Ocupacional, Antropologia, Arqueologia, História, Geografia, Artes e Educação Física.

fazem a ligação entre o inconsciente e o consciente, revelando memórias e sentimentos escondidos em nosso ser (PUFFAL; WOSIACK; JUNIOR, 2009). O teatro é também uma forma dinâmica de apropriação cultural, e ainda proporciona o desenvolvimento da imaginação nas crianças em idade escolar. Através do "brincar" (a encenação de um fato histórico), a criança se apropria do ato, algo que Vygotsky (1989, p. 63) chamou de internalização. Em outros termos, o jovem passa a reconstruir em seu interior o que estava em seu exterior, ajudando-os a vivenciar e colocar em perspectiva um período histórico de grande trauma, além de criarem uma relação de empatia com o que seus avós e bisavós passaram.

Houve também, visitas-guiadas em excursões da Universidade Federal de Pelotas, nas quais os visitantes puderam vivenciar as duas exposições e a peça de teatro em um mesmo dia, podendo observar as diferentes formas e linguagens que uma mesma temática foi abordada em ambos os museus, considerando suas diferenças e proximidades.

3. RESULTADOS

O trabalho de campo realizado elucidou que, nas localidades pesquisadas, as culturas foram oprimidas pelo processo de nacionalização imposto pelo Estado Novo. As narrativas apontaram que o forjamento de uma "identidade brasileira homogênea", promovida pela campanha de nacionalização de Getúlio Vargas, gerou forte impacto cultural na região, especialmente na Serra dos Tapes. Em Morro Redondo, por exemplo, muitas lembranças evocadas remeteram a esse período de sofrimento e opressão e demonstraram que os sentimentos negativos permaneceram ativos e preservados nas memórias de quem as vivenciou, e especialmente por tabela – por transmissão memorial das histórias de vida de seus ascendentes, que são assumidas como suas. Tais rememorações causaram dificuldades iniciais nos ensaios, que foram sendo suprimidas lentamente no decorrer da construção coletiva das ações. No Gruppelli, a situação mostrou-se semelhante, principalmente em relação à própria família Gruppelli que não falava espontaneamente sobre o tema e, no período de repressão, viu-se "obrigada" a assumir a identidade brasileira, ao pintar a bandeira nacional no teto do restaurante.

As exposições temporárias em ambos os museus foram organizadas em nichos temáticos. No Museu Histórico de Morro Redondo foram representados, essencialmente, três espaços: a escola; o bar e a casa. No Museu Gruppelli, a temática foi mimetizada

na própria exposição de longa duração do local, que tiveram seus nichos temáticos ressignificados.

No nicho do ambiente escolar, retratado no Museu Histórico de Morro Redondo, buscou-se representar as escolas alemãs do século XX, que tiveram seus professores alemães substituídos por brasileiros natos, além de inúmeras outras regras impostas pela lei de nacionalização (FACHEL, 2002, p. 120). Ambos os museus buscaram expor os espaços de socialização, através do bar, e do armazém, em que, apesar de suas características de espaços para reuniões entre "colonos", a aglomeração de imigrantes era também motivo de repressão[3].

A representação do espaço doméstico também é uma peça fundamental para ambas as exposições. Em Morro Redondo, tem-se a sala como lugar de exposição de símbolos cívicos e objetos que remetessem ao Brasil. Era um local para expressar toda a brasilidade dos moradores, para evitar represálias de agentes do governo. A cozinha, por sua vez, figura como o refúgio dos imigrantes, onde eles podiam falar o idioma de seu antigo país e cozinhar a comida típica, como forma de aproximação com a terra natal e como expressão de resistência. Ambas as temáticas foram igualmente retratadas no Museu Gruppelli a partir do seu núcleo sobre os afazeres domésticos, com ênfase a bandeira do Brasil presa no teto, simbolizando a bandeira pintada no forro do restaurante Gruppelli, e que lá permanece até hoje.

O quarto, retratado em forma de cenário fidedigno no MHMR, além de um lugar de descanso da família, era também um refúgio, um local que servia para guardar símbolos que pudessem colocar a família em risco, como livros e revistas em outro idioma, tendo-se em vista a proibição de circulação de bibliografia pertencente aos países do Eixo (Alemanha, Japão e Itália). No Museu Gruppelli utilizou-se da sala de exposições temporárias para abordar o tema da ocultação dos pertences, utilizando-se de uma mala antiga repleta de objetos pessoais, textos e bandeiras da Alemanha e da Itália.

Outros elementos expositivos são trazidos como forma de discutir a integralização forçada no Museu Gruppelli. Ao cenário da barbearia, buscou-se representar a figura do barbeiro como alguém que ia de casa em casa, e que muitas vezes era o responsável por manter informados os "irmãos imigrantes e seus descendentes" sobre os acontecimentos do momento. Retratou-se, também, a mudança de nomes de clubes esportivos e o fechamento de agremiações desportivas na época. Utilizou-se como "provocação" a foto de Getúlio Vargas olhando para um hinário em alemão; pende sobre essa vitrine um

[3] Disposição constante no decreto-lei nº 1.545, de 25 de agosto de 1939.

ponto de interrogação, chamando o visitante à reflexão sobre o que é ser brasileiro em um país com tanta diversidade cultural.

4. AVALIAÇÃO

A partir dos relatos observados e da análise bibliográfica, percebemos que que os imigrantes e seus descendentes residentes na região sul do Brasil foram amplamente perseguidos pela política de nacionalização promovida pelo Estado Novo, e que este episódio permanece na memória, mesmo daqueles que eram crianças na época. Entretanto, apesar das represálias, puderam encontrar formas de resistir à integralização forçada e ao apagamento memorial. Seja através da culinária, da continuidade do uso da língua, e da preservação dos pertences, como subterfúgios para preservar sua cultura.

É importante destacar o impacto gerado pela exposição do Museu Histórico de Morro Redondo no público, em especial nos idosos. Ao assistirem à peça e visitarem a exposição os idosos se emocionaram e relataram ter evocado diversas memórias, uma vez que, ao se identificarem nos diálogos, se conectaram intimamente com os personagens, objetos e cenas anteriormente vivenciadas por eles. Constatou-se, também, através das narrativas das crianças, que elas tiveram a oportunidade de conhecer e valorizar esta fase da história de seus antepassados, até então desconhecida por elas, já que os familiares ainda evitavam falar, espontaneamente, sobre o assunto.

No Museu Gruppelli, notou-se um crescente interesse do público pela temática conforme o decorrer da exposição observou-se que a maior parte dos visitantes escuta atentamente os áudios e assiste ao documentário que buscam complementar a ambientação dos cenários expositivos.

Esta ação conjunta entre os museus foi uma primeira experiência, bem-sucedida, que pretende ser repetida em outras ocasiões. Buscou-se relacionar as proximidades geográficas e históricas destes espaços, unindo os museus, as equipes que colaboram com eles, as comunidades locais e seus visitantes. Embora se trate de uma memória traumática, foi-nos relatado pelos idosos que, a partir das ações, eles conseguiram ficar em paz com o seu passado.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL, Decreto-Lei Nº 1.545. Dispõe sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros.

CANDAU, J. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2014.

FACHEL, J.P.G. **As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul** - Pelotas: Ed. UFPel, 2002. 261p.

PUFFAL, D.C; WOSIACK, R.M.R; JUNIOR. B.B. **Arteterapia:** Favorecendo a Auto Percepção na Terceira Idade, 2009. Disponível em :<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/161/487>. Acesso em: 08 de junho de 2017.

ROQUE. M.I.R. **A Comunicação no Museu.** 1989/1990. Dissertação Final do Curso de Pós Graduação em Museologia e Património Artístico, sob orientação da Dr.ª Maria Natália Correia Guedes. Universidade Lusíada de Lisboa.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

TERMINOLOGIA CORRETA: PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA OU PESSOA COM DEFICIÊNCIA?

CAROLINA DA MOTTA TAVARES[1]; MARI LUCIE DA SILVA LORETO[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – carolmt1295@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – mari_lucie@yahoo.com*

1. APRESENTAÇÃO

A terminologia correta para denominar as pessoas com algum tipo de deficiência foi ao longo dos anos se alterando, a fim de se tornar correta e com objetivo de não estigmatizar este público. Um dos maiores exemplos disto podemos observar na constituição brasileira que utilizava a terminologia de pessoa portadora de deficiência para nomear pessoa com deficiência.

Para exemplificar podemos citar algumas leis ou decretos sobre acessibilidade, entre eles estão: lei Nº 7.405 de 1985 que torna obrigatória a colocação do ''Símbolo Internacional de Acesso" em todos os locais e serviços que permitam sua utilização por pessoas portadoras de deficiência; lei Nº 7.853 de 1989 que dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência; decreto nº 3.298 de 1999 que regulamenta a lei no 7.853 de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência; lei Nº. 10.098 de 2000 que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência; decreto Nº 3.956 de 2001 que promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência, são as principais leis e decretos na área.

Após a convenção citada acima, a terminologia alterou-se de pessoa portadora de deficiência, para pessoa com deficiência, podendo ser observada essa mudança a partir do decreto nº 6.949 de 2009 que promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007 e por fim, na lei 13.146 de 2015, que institui o Estatuto da Pessoa com deficiência ou a Lei Brasileira de Inclusão – LBI. Segundo SILVA (2015):

> Na legislação anterior à Convenção, os termos utilizados eram "portador de necessidades especiais", portadores de deficiência", "deficientes".

> tudo isso caiu em desuso, tornando-se obsoleto em virtude de estigmatizar as pessoas com deficiência, reforçar a deficiência, em detrimento da pessoa. A LBI reforça, então, a terminologia correta, já utilizada na Convenção da ONU: simplesmente "pessoa com deficiência". (SILVA, 2015, p. 93)

Ao ocorrer a mudança de terminologia, além das pessoas com deficiência, sentirem-se melhor acolhidas pela legislação, sente-se melhor ao se denominarem desta nova forma, evitando o preconceito e o estigma de que as pessoas com deficiência não têm autonomia e independência.

2. DESENVOLVIMENTO

A metodologia aplicada para realização deste trabalho, foi um recorte bibliográfico a partir da monografia do curso de Museologia intitulado "Audiodescrição da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, acervo da Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas UFPel".

Utilizou-se uma pesquisa bibliográfica referente a terminologia correta para nomear as pessoas com deficiência, dentro desta pesquisa está a consulta a legislação brasileira na área de acessibilidade, utilizamos as leis nº 7.405, nº 7.853, nº. 10.098 e nº 13.146 e os decretos nº 3.298, nº 3.956 e nº 6.949, além do livro "Estudo comparado da Lei Brasileira de Inclusão – LBI", da jornalista Maria Isabel da Silva.

A partir dos dados obtidos com a pesquisa bibliográfica, foram aplicados onze questionários com alunos da escola Louis Braille, da cidade de Pelotas, com o objetivo de identificar com de avaliar quatorze audiodescrições, referente ao trabalho de conclusão de curso acima citado.

Além disso, durante a aplicação dos questionários e na pesquisa bibliográfica surgiram indagações a respeito da terminologia correta para designar as pessoas com deficiência, o que for o mote norteador deste trabalho.

3. RESULTADOS

A pesquisa referente a terminologia correta para designar pessoa com deficiência, obteve um breve relato a partir do trabalho de conclusão de curso para o curso de

bacharelado em Museologia intitulado “Audiodescrição da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, acervo da Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas – UFPel”, porém o aprofundamento sobre está temática começou a ser realizado com a pesquisa para este trabalho.

A importância em definir de melhor maneira um termo para nomear as pessoas com deficiência, além de promover a inclusão deste público, visa o reconhecimento que o termo “portadora” não está adequado para designar a deficiência das pessoas. Segundo SASSAKI (2003):

> A condição de ter uma deficiência faz parte da pessoa e esta pessoa não porta sua deficiência. Ela tem uma deficiência. Tanto o verbo “portar” como o substantivo ou o adjetivo “portador” não se aplicam a uma condição inata ou adquirida que faz parte da pessoa. Por exemplo, não dizemos e nem escrevemos que uma certa pessoa é portadora de olhos verdes ou pele morena. Uma pessoa só pode portar algo que ela possa não portar, deliberada ou casualmente. Por exemplo, uma pessoa pode portar um guarda-chuva se houver necessidade e deixá-lo em algum lugar por esquecimento ou se assim decidir. Não se pode fazer isso com uma deficiência, é claro. (SASSAKI, 2003, p.6)

A partir da aplicação dos onze questionários e da pesquisa bibliográfica na escola Louis Braille, observou-se que a mudança de terminologia não beneficia somente as pessoas com deficiência, mas sim todas as pessoas, que ao conhecerem a terminologia correta, possam disseminar o termo e promover a acessibilidade e inclusão das pessoas com deficiência, assim como está previsto na legislação brasileira.

4. AVALIAÇÃO

O objetivo é que a mudança de terminologia seja difundida e conhecida não somente pelas pessoas que trabalham na área de acessibilidade, e sim para o público em geral, para que se evite constrangimentos, tanto da pessoa com deficiência quanto da pessoa sem deficiência que utiliza um termo incorreto.

Além disso, com a aplicação dos questionários, observou-se que as pessoas com deficiência, sente-se envergonhadas ao se expressarem ou mesmo ao corrigir quem

utiliza a designação incorreta, por este fato que a mudança de termo visa a igualdade de condições e não descriminação das pessoas com deficiência, para que estas tenham o direito de ir e vir, autonomia e independência das pessoas com deficiência.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Nº 7.405, de 12 de novembro de 1985.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/L7405.htm. Acesso em: 11 de setembro de 2017.

BRASIL. **Lei Nº 7.853, de 24 de outubro de 1989.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7853.htm. Acesso em: 11 de setembro de 2017.

BRASIL. **Decreto Nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm. Acesso em: 11 de setembro de 2017.

BRASIL. **Lei Nº. 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm. Acesso em: 14 de setembro de 2017.

BRASIL. **Decreto Nº 3.956, de 8 de outubro de 2001.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/d3956.htm. Acesso em: 14 de setembro 2017.

BRASIL. **Decreto Nº 6.949, de 25 de agosto de 2009.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 15 de setembro de 2017.

BRASIL. **Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 15 de setembro de 2017.

SASSAKI, Romeu. **Vida independente: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos.** São Paulo: RNR,2003, p. 12 – 16. Disponível em: http://www.saberes.com.br/congressoSalto/oficinas/of-3-e-9-/Terminologia-de-deficienciaII-Romeu-sassaki.pdf. Acesso em: 18 de setembro de 2017.

SILVA, Maria Isabel da. **Estudo Comparado da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência/Maria Isabel da Silva** – São Paulo: SEDPcD. 2015.

ENTRE TRAMELAS, FERROLHOS E TESOURAS... DE PASSOS EM PASSO, CAMINHANDO PARA A CONSOLIDAÇÃO DA OFICINA DE DANÇAS FOLCLÓRICAS PARA CRIANÇAS

CAROLINA MARTINS PORTELA[1]; JACIARA JORGE[2]

[1]Universidade Federal de Pelotas – carol.martins.portela@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – jaciarajorge@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão "Oficina de Danças Folclóricas para a comunidade", oferece oficinas de danças para a comunidade da cidade de Pelotas com o intuito de despertar o gosto pelo folclore nacional e a cultura popular. O Projeto teve início em 2016 com duas atividades distintas: oficina para crianças (sequencial) e oficina itinerante (esporádica).

A oficina para as crianças, na sua primeira fase, reuniu crianças de 08 à 12 anos, entre meninos e meninas. Nessa fase foi introduzida a temática folclórica, com auxílio de material didático diverso que, por ter uma abordagem lúdica, facilitou a compreensão dos alunos sobre o que é folclore. Na fase inicial a dança folclórica trabalhada foi o "samba de roda", uma manifestação popular da região nordeste do Brasil, tombada pelo IPHAN como patrimônio cultural imaterial. Além de proporcionar o diálogo e a aproximação entre a família dos alunos participantes e a Universidade, o projeto tem como um de seus objetivos a formação de público para a àrea de Arte, principalmente para as Danças Folclóricas.

Nesta nova fase do projeto, a oficina de dança para crianças objetiva dar continuidade ao trabalho iniciado na primeira fase e inserir novos conhecimentos teóricos e práticos acerca das danças folclóricas brasileiras para as crianças participantes, com o intuito de consolidar o projeto e os conhecimentos artísticos e culturais por ele proporcionado. É de extrema importância salientar que a prática docente é desenvolvida por alunas do curso de Dança Licenciatura, sendo uma bolsista de extensão e cultura e outra monitora voluntária, que ministram as oficinas sob orientação da professora coordenadora do projeto.

2. DESENVOLVIMENTO

Durante a fase de retomada das atividades do referido projeto de extensão, buscou-se uma sistematização das leituras e reflexões teóricas, escolha dos temas a serem propostos e planejamento da prática. A estrutura organizacional do projeto consiste em encontros presenciais e a distância para o planejamento e avaliação das aulas que acontecem semanalmente. As aulas acontecem na Universidade Federal de Pelotas, no prédio da antiga AABB (Rua Alberto Rosa nº 580), às quartas-feiras, das dezoito horas às dezenove horas.

Os alunos da primeira fase retornaram ao Projeto, trazendo mais quatro novos integrantes. Pelo fato de a maioria já ter um breve conhecimento sobre Folclore, na primeira aula foi retomado esse conteúdo e, logo em seguida, foi apresentado a dança escolhida para essa nova fase através de vídeos e fotos, ilustrando os passos e indumentária típica, instigando os alunos a aprender.

A Dança escolhida para a segunda fase foi o Frevo, por ser uma dança alegre, popular e de outra região do nosso país. Como aporte teórico das aulas foi utilizado o livro “Frevo para aprender e ensinar” dos autores Valéria Vicente e Giorrdani de Souza, também foi utilizado o acervo do Núcleo de Folclore da Universidade Federal de Pelotas (Nufolk).

Foi construído nas primeiras aulas um adereço (sombrinha), para o auxílio das movimentações características do Frevo, esse adereço foi construído com material reciclável. Nesse dia de confecções foi solicitado a presença de um responsável para ajudar no manuseio dos materiais aproximando a família das aulas, assim podendo compreender melhor o contexto das aulas, para dar sequência nas atividades.

Para as futuras aulas o planejamento contemplará exercícios de experimentações cênicas e composição coreografia de Frevo, onde os alunos poderão contribuir no processo criativo.

3. RESULTADOS

As aulas do Projeto de Extensão “Oficina de Danças Folclóricas para a comunidade”, estão evoluindo para um processo criativo, onde será desenvolvida uma coreografia com os passos trabalhados nas primeiras aulas. As alunas ministrantes colaboram com as sequências coreográficas a partir do aporte teórico, passando por um processo de

ambientação cênica com os alunos, chegando a uma futura obra coreográfica, com figurinos e adereço característicos do Frevo.

Espera -se com este trabalho que as crianças se apropriem efetivamente das características principais dos passos do frevo, não somente para que contribuam com o processo de composição coreográfica, mas para que potencializem seu vocabulário corporal, cultural e artístico.

4. AVALIAÇÃO

Acreditando que a contribuição do projeto está na importância de aproximar as Danças Folclóricas e a Cultura Popular das crianças, percebe-se que a aceitação do trabalho pela comunidade deve-se ao fato de que a linguagem artística é acessível e de fácil assimilação. Na prática, observa - se a aproximação das pessoas pelo modo com que abordamos as danças folclóricas, não tendo características específicas referentes a gêneros e a hierarquia e pela integração que estas proporcionam.

Tomamos como base dessa abordagem a noção apresentada por FRADE (1997), a qual diz que as danças folclóricas são:

> [...] expressões populares, desenvolvidas em conjunto ou individualmente, que têm na coreografia o elemento definidor [...] manifestações exclusivamente coletivas, com os dançadores organizados em círculo, fazendo todos, simultaneamente os mesmos movimentos. (FRADE, 1997, p.35)

Esta noção nos faz entender as danças folclóricas de uma forma singular, onde os participantes têm o mesmo grau de importância na dança/coreografia, contribuindo para o empoderamento cultural e a consciência de que o papel desempenhado por cada um dos alunos é importante para a valorização e visibilidade da arte, principalmente para a dança, de uma determinada cultura. Este tipo de abordagem está, até o presente momento, contribuindo com a construção de conhecimento artístico e cultural, não somente dos alunos participantes, mas também de suas famílias.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional II:** danças, recreação e música. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BONZATTO, Eduardo Antônio. **Folclore:** entre a prática e a teoria, entre o fazer e o poder. São Paulo: Icone, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. São Paulo. Brasiliense, 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** São Paulo: Global, 2012.

CÔRTES, Gustavo Pereira. **Dança, Brasil! Festas e Danças Populares**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2010.

FRADE, Cascia. **Folclore**. São Paulo: Global, 1997.

VICENTE, Ana V.; SOUZA, Giorrdani G. Q. de. **Frevo para aprender e ensinar.** Olinda: Editora da Associação Reviva; Recife: Editora UFPE, 2015.

PIAI, Arlete.; PACCINI, Maria Júlia. **Viajando pelo folclore de norte a sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

PROGRAMA ARTE, INCLUSÃO E CIDADANIA: INTEGRAÇÃO E AÇÕES

CAROLINE BRASIL ALBRECHT[1]; NÁDIA DA CRUZ SENNA[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – linebrecht@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – alecrins@uol.com*

1. APRESENTAÇÃO

O programa Arte e Inclusão e Cidadania surgiu em 2012, a partir da reunião de vários projetos de extensão existentes no Centro de Artes da UFPel, engajados na promoção da inclusão para grupos em situação de vulnerabilidade. As ações se caracterizam por um fazer integrado que alia ensino e pesquisa, seja no desenvolvimento, ou como desdobramento para atender necessidades apontadas em meio ao percurso. A missão do programa é a promoção do enriquecimento individual e a interação social por meio de vivências poéticas, que promovem o fazer, a fruição e a reflexão artística.

Os projetos associados contemplam a diversidade de linguagens artísticas, que comparecem sob a forma de cursos, oficinas, mostras, exibições de vídeos, apresentações, jornadas de aprimoramento, encontros e ciclos de debates e seminários. A maioria das ações visam a comunidade escolar da rede básica e fundamental, líderes comunitários, crianças e jovens sob tutela, idosos, deficientes, pessoas com transtornos psíquicos, comunidades em situação de risco, mulheres trabalhadoras.

A linha metodológica é integradora, multidisciplinar e aberta as motivações e demandas dos grupos participantes, segue concepções emergentes que percebem o processo artístico como experiência dinâmica, cognitiva, simbólica e coletiva.

A arte é compreendida pelo seu viés mais inclusivo, centrada no humano, como uma plataforma que desencadeia a percepção de si e do outro, através da ativação dos sentidos e do sensível. João Francisco Duarte Jr, Paulo Freire, Ana Mae Barbosa, Edgar Morin, Fernando Hernandez, Jorge Larrosa Bondía são alguns dos educadores e arte-educadores que revisitamos com frequência para nos orientar, colocar em prática ações relatadas e subsidiar a reflexão e a crítica dos processos desenvolvidos.

O programa orienta e incentiva os parceiros a apresentarem as ações nos grupos de trabalho e pesquisa, em eventos acadêmicos e artísticos, para que compartilharem os resultados alcançados em escala ampliada e, assim, garantir a retroalimentação tão necessária para manutenção e atualização das propostas. A documentação fotográfica

é disponibilizada nos sites institucionais e nas redes sociais e, dá origem a organização de catálogos do programa e da extensão da unidade.

Cientes de nossa responsabilidade social e de inclusão, investimos na arte e no afeto, para promover a autonomia e autoestima das pessoas e dos grupos em situação de exclusão e discriminação, para que tenham acesso a saberes dos quais todos têm direito. Um direito, aliás, que o governo deve garantir. O ProExt constitui um destes programas de incentivo as ações extensionistas que efetivam políticas públicas. Nos últimos anos, contamos com o apoio e os recursos capturados foram majoritariamente destinados a implementação de bolsas para os graduandos atuantes nos projetos, uma estratégia, que além de ampliar equipes, permitiu efetivar as ações e contribuiu para a consolidação do programa.

2. DESENVOLVIMENTO

Os projetos filiados ao programa almejam a integração e a qualificação de todos os envolvidos. Os objetivos guardam em comum a busca pela valorização dos indivíduos, procuram conduzir ações voltadas a uma percepção positiva da diversidade, com conscientização de questões relacionadas à ética, identidade, memória, cultura e pertencimento; tudo isso é acionado para alavancar a autoestima, o autoconhecimento e enfim, promover um conhecimento plural e crítico.

O programa alcança projetos, núcleos, grupos e setores dedicados as ações extensionistas em nossa unidade. As instalações, a estrutura pedagógica e acadêmica do Centro de Artes é disponibilizada para atender um amplo programa de atividades. Também temos projetos que se deslocam para estar com as comunidades nos seus espaços de inserção, como por exemplo as atividades que acontecem junto às escolas da rede, casas de passagem, associações de bairro e grupos comunitários.

As ações se caracterizam pela oferta de oficinas, cursos, mostras, apresentações e mediações nas linguagens do desenho, pintura, gravura, cerâmica, fotografia, teatro, dança, música, design e audiovisual buscando promover o fazer artístico, sua fruição e reflexão de forma integrada. A formação continuada e ampliada decorre da participação em seminários, grupos de trabalho e jornadas de atualização em arte, educação e cultura.

Atualmente, integram o programa 20 projetos, contemplados com 23 bolsas para os graduandos extensionistas. Para essa apresentação selecionamos alguns projetos, vislumbrando a diversidade de atividades propostas:

Projeto Arte na Escola – Polo UFPel, constitui o projeto "carro-chefe", pela natureza de suas ações de formação continuada, formação complementar, de apoio ao ensino da arte e proposição de práticas que envolvem a escola e a universidade. O Projeto, através de suas ações, tem se dedicado a promover a discussão em torno dos temas transversais conforme apontados pelos PCNs, alcançando as transformações que incidem sobre experiências artísticas, culturais e educacionais.

Inclusão digital com arte e carinho, o projeto dá continuidade as ações iniciadas pela nossa técnica educativa, Ana Beatriz Argoud, gestora do núcleo de extensão da unidade. Incentivadora da inclusão e da cidadania, foi ela quem denominou o programa e nos auxiliou em sua concepção. Atualmente, o projeto é conduzido por um grupo de professores e alunos do curso de Design Digital, voltado à inclusão digital das crianças assistidas pela Casa do Carinho. As atividades educativas recorrem aos computadores e demais tecnologias de informação e comunicação para que as crianças tenham acesso, conheçam e experimentem as ferramentas em exercícios que envolvem o desenhar, pintar, escrever, pesquisar, jogar e interagir em rede.

Núcleo de Desenho e Quadrinhos, um dos núcleos vinculados ao programa, que se caracteriza por promover a produção, pesquisa e reflexão crítica em torno de desenhos, ilustrações, desenhos animados e histórias em quadrinhos. O núcleo oferece oficinas para grupos em situação de risco, atingindo, principalmente, adolescentes e jovens adultos. As narrativas autobiográficas, a produção de coletivos, a leitura crítica de mundo e os temas polêmicos são abordados a partir da própria produção mais contemporânea, que anima o fazer e o debate. O grupo tem se destacado pela sistematização das experiências, que desencadeiam TCCs, monografias e dissertações de mestrado, dando visibilidade para o potencial educativo e inclusivo, através do domínio das linguagens e reconhecimento dos discursos veiculados.

Ações Educativas no MALG, o projeto busca a integração entre a comunidade escolar de ensino fundamental e médio da cidade de Pelotas com o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, enfatizando o compromisso do espaço com o processo educativo em suas dimensões de exploração, desenvolvimento do pensamento crítico, diálogo e contemplação. A mediação cultural promovida pelo museu estimula o diálogo com a comunidade para que reconheça o espaço como pleno de possibilidades relacionadas ao estudo da arte e da preservação da memória e da identidade da cidade de Pelotas. Atua, ainda, na linha da formação continuada para profissionais da arte e áreas afins; bem como, formação de público em geral, para fruir arte e frequentar espaços expositivos.

Núcleo de Folclore e Artes Populares de Pelotas, o núcleo se vincula ao programa pela sua vocação para promover o intercâmbio entre diferentes culturas, resgatar saberes populares, ativar memórias e valorar identidades e diversidades. O núcleo é atuante na formação, fruição e reflexão através da oferta de oficinas, organização de espetáculos e festivais de dança folclórica e artes populares. A multidisciplinariedade é outra marca do grupo, evidenciada pelas diferentes áreas de formação de seus membros, com professores, alunos e colaboradores oriundos de outros cursos, unidades e instituições. Uma concepção que já viabiliza o intercâmbio entre diferentes saberes e, a produzir coletivamente.

Cine UFPel para as escolas, o projeto que alia ensino, pesquisa e extensão integra estudantes dos cursos de cinema com a comunidade de Pelotas, através da promoção de mostras e sessões de filmes para públicos específicos. Com horários especiais, sessões comentadas e desdobramentos em ações educativas nas escolas, o grupo tem proporcionado para muitos estudantes a experiência primeira de ir ao cinema. Além da fruição e formação de público, o projeto investe em oficinas para produção e divulgação de curtas, documentários e audiovisuais. Também promovem sessões que visam a inclusão de idosos, deficientes físicos e demais grupos excluídos, dando a ver obras que atualizam problemáticas emergentes nas sociedades contemporâneas.

Teatro do Oprimido na Comunidade, o projeto unificado tem ações voltadas para a qualificação dos futuros professores de teatro promovendo práticas nas comunidades de origem desses acadêmicos e de outros estudantes da UFPel que são cotistas ou de programas de demanda social.

O método desenvolvido por Augusto Boal, se apoia em Paulo Freire e outros educadores da inclusão e da transformação da realidade pelo diálogo. Os exercícios, jogos teatrais e performáticos buscam o domínio da linguagem teatral, assim como, ampliar o repertório expressivo dos sujeitos envolvidos no processo.

A valorização das manifestações artísticas e culturais das comunidades é uma conquista decorrente das experiências individuais e coletivas com as técnicas do Teatro do Oprimido. A atuação do grupo também se caracteriza pela promoção da conscientização política dos sujeitos, sendo o teatro instrumento para a organização, debate dos problemas, formação cidadã e multiplicadora em prol da defesa de direitos e igualdade.

3. RESULTADOS

Os projetos apresentados ultrapassam a noção de educação como mera conquista de saberes, buscam a produção de subjetividades, ressignificações e posturas tranformadoras; investem sobre proposições que almejam as reinvenções de si e a redescoberta do outro. Sobretudo, interessam aos grupos a vivência dos processos, como experiências significativas, ou seja os resultados materiais, os produtos do fazer não são o foco da ações.

Os projetos afiliados almejam a expansão de um conhecimento sensível para uma formação cidadã, capaz de apreender a diversidade e ser de fato, inclusiva. As ações adotam uma linha metodológica aberta e compreensiva, que se faz presente nos projetos pedagógicos dos cursos do Centro de Artes, para estabelecer a interlocução com a comunidade, e de fato torná-la parceira.

O programa é concebido pelo trabalho em colaboração. As experiências demonstram que não há soluções definitivas, ao contrário a atuação requer atualizações e continuidade, para efetivar vivências e práticas reflexivas, segundo um processo que demanda esforço e integração de todos os envolvidos.

4. AVALIAÇÃO

O programa Arte, Inclusão e Cidadania efetiva uma proposta interdisciplinar e integradora, que tem nos motivado a repensar práticas de ensino e de formação de professores dos cursos do Centro de Artes.

Nossa unidade é reconhecida pela inclusão que promove no ensino, pesquisa e extensão, proporcionando qualificação profissional, enriquecimento estético e consciência cidadã. Nos últimos anos temos adotado uma linha de ação que apela para a sistematização do conhecimento e investe na avaliação crítica e no aprofundamento da reflexão sobre as práticas, desdobradas em pesquisas.

Temos observado o quanto as ações se dão de forma indissociada, e o quanto essa concepção mais aberta e híbrida, se afina com as metodologias emergentes, que desenvolvem narrativas, dispositivos e artefatos inovadores para dar conta dos processos e fenômenos.

Essa fluidez das dinâmicas, vence obstáculos e tem contribuído para a inserção de egressos e professores atuantes na rede educacional da cidade e região nos nossos

cursos de pós-graduação. O impacto positivo pode ser dimensionado pela efetiva capacitação que nossa extensão viabiliza.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da Arte.** São Paulo: Cortez, 2003.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **A montanha e o videogame:** escritos sobre educação**.** Campinas: Papirus, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários a uma prática educativa. 53 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

AÇÕES NO MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO

DANIEL RODRIGUES MOURA[1]; JULIANA CORRÊA HERMES ANGELI[2], LAUER ALVES NUNES DOS SANTOS[3]

[1] *Universidade Federal de Pelotas – daislumoura@hotmail.com*
[2] *Universidade Federal de Pelotas – julianaangeli@gmail.com*
[3] *Universidade Federal de Pelotas – lauer.ufpel@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão "Ações no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo" ligado ao Centro de Artes da UFPel, tem por finalidade realizar atividades voltadas para a comunidade em geral, como exposições do acervo, exposições convidadas, mas também produzir atividades conexas às artes visuais, como a capacitação de professores e universitários através de ações de formação a partir das exposições que estão sendo realizadas no Museu. Além disso, o projeto visa proporcionar às escolas públicas e privadas da região visitas mediadas, promover seminários e palestras sobre história da arte, workshops, oficinas e cursos de técnicas artísticas e a capacitação profissional dos discentes da UFPel.

O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) fundado em 1986, ligado ao Centro de Artes da UFPel tem como patrono o pintor pelotense Leopoldo Gotuzzo (1887 – 1983). Atualmente o Museu possui mais de 3.000 obras divididas em 7 coleções: Coleção Leopoldo Gotuzzo, Coleção Escolas de Belas Artes, Coleção Dr. João Gomes de Mello, Coleção Faustino Trápaga, Coleção Século XX, Coleção Século XXI e Coleção L.C. Vinholes. Neste espaço sempre se encontra exposições do artista patrono e exposições temporárias das outras coleções do Museu, de artistas convidados ou exposições em parceria com outras instituições.

Este projeto busca promover ações de aproximação do público com o Museu e com as atividades que estão acontecendo durante o ano em seu espaço, oferecendo a comunidade além das exposições, formação continuada e atividades voltadas tanto para professores da rede de ensino público e privada da cidade, capacitação profissional aos discentes da Universidade, acesso às atividades do museu para a comunidade escolar e comunidade em geral.

2. DESENVOLVIMENTO

A programação expositiva é previamente estruturada pelo Núcleo de Curadoria[1] que elabora um calendário para as atividades por um ano e que são aprovadas pelo Conselho do Museu. As atividades ligadas às exposições são propostas também pelos conselheiros do Museu, pela equipe do Museu e pelo Núcleo Didático-Pedagógico do MALG. Durante o ano serão realizadas exposições com o acervo do patrono e exposições temporárias de artistas convidados ou de instituições parceiras ao Museu. Cada uma dessas atividades proporcionará paralelamente outras.

Além das atividades formativas, é possível aos bolsistas e voluntários do Museu acompanhar todo o processo de concepção e montagem de uma exposição. Nesse processo, os curadores escolhem as obras e realizam a expografia da mostra. Bolsistas e voluntários ficam envolvidos com os funcionários do Museu colaborando nas diversas atividades, como higienização das obras, reparos (sempre supervisionado pelo restaurador do Museu), registro fotográfico e fixação das obras no local definido pelos curadores. Desta forma, os acadêmicos ligados aos cursos da UFPel vão adquirindo experiência em várias áreas de conhecimento. Após a abertura é ofertado aos professores de Artes da rede pública e privada de ensino da região, formação junto ao artista e aos curadores, onde é realizado um encontro onde são apresentadas questões pertinentes à exposição, sua elaboração e conceito, seguida por visita mediada pelos próprios curadores e pelo artista. Bolsistas e voluntários também participam deste encontro, cuja formação auxiliará em sua atuação na mediação das visitas no Museu durante a exposição. Além desta formação, os bolsistas e voluntários realizam pesquisas e são orientados pela Coordenadora do Núcleo Didático-Pedagógico, Consuelo Sinotti Rocha.

> Sendo a opção do aluno de atuar no Setor Educativo, eram preparados para atuarem como mediadores nas exposições que aconteciam no Museu. Faziam leituras mais aprofundadas da vida e obra do patrono, o artista plástico pelotense Leopoldo Gotuzzo. Pesquisas sobre os artistas que iriam expor no MALG (podiam ser realizadas com antecedência,

[1] O Núcleo de Curadoria do Museu é presido pelo Diretor Adjunto do Museu e seus membros são a Direção do Museu, professores dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel e membros externos convidados e ligados ao meio cultural da região. Atualmente o núcleo de Curadoria é composto por Prof. Lauer Alves Nunes dos Santos (Diretor Adjunto do MALG), Profa. Juliana Corrêa Hermes Angeli (Diretora do MALG), Profa. Carolina Corrêa Rochefort, Profa. Caroline Leal Bonilha, Prof. José Luiz de Pellegrin, Carmen Regina Bauer Diniz (Profa. aposentada do Centro de Artes e Presidenta da Sociedade de Amigos do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo – SaMALG e Giorgio Ronna (Secretário de Cultura de Pelotas).

pois o museu contava com um cronograma anual de suas exposições) (ROCHA, 2010, p. 74).

Todas as ações são abertas à participação da comunidade e são previamente divulgadas nos meios de comunicação ligados ao Museu, como o site do MALG[2] , a página no Facebook[3] e em matérias divulgadas pela imprensa local.

Durante o ano, além dessa programação, o MALG participa de eventos nacionais ligados à atividades promovidas pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), como a Semana de Museus e a Primavera de Museus, e de atividades realizadas pela Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas, como o Dia do Patrimônio e a Virada Cultural.

3. RESULTADOS

Em 2017, até o presente momento, tivemos cinco exposições[4] do patrono do Museu e a exposição da artista pelotense Arlinda Nunes[5]. Esta última conforme pode ser visualizado na figura 1 com um grande envolvimento da equipe e dos acadêmicos da UFPel para preparar as galerias e ajudar na embalagem das obras, no transporte e na montagem, pelo grande volume de obras de uma artista que tem quase sete décadas dedicadas a arte. O MALG ofertou duas formações de professores neste período e também foi realizado um seminário de História da Arte[6] no mês de maio e em julho o VI Seminário "Fotógrafos Históricos"[7] que neste ano, além de comentar os grandes fotógrafos da história, fez relações da fotografia com os movimentos das vanguardas artísticas. Paralelo às atividades do Dia do Patrimônio e a 11ª Primavera dos Museus, foram realizadas oficinas de crochê ministradas pela professora e diretora do Centro de Artes Ursula Rosa da Silva e na figura 2 apresenta-se retratada a oficina de "Bonecas Feias" ofertada pela mestranda em Artes Visuais Cláu Paranhos, sua pesquisa discuti os padrões de beleza

[2] https://wp.ufpel.edu.br/malg/
[3] https://www.facebook.com/museuleopoldogotuzzo/
[4] Exposições "Desenhos de Leopoldo Gotuzzo" e "Mares, Rios e Lagos do acervo do MALG". Ambas com curadoria do Prof. Lauer Alves Nunes dos Santos, de 19 de janeiro a 19 de março de 2017. "A Coleção Leopoldo Gotuzzo", com curadoria de Carmen Regina Bauer Diniz, Raquel Santos Schwonke e Jose Luiz de Pellegrin e "A Trajetória do Museu", com curadoria de Jose Luiz de Pellegrin de 9 de abril a 4 de junho de 2017. Leopoldo Gotuzzo: "caricaturas de gente boa" e obras do Sul, com curadoria de Helena Neves, Juliana Angeli e Lauer Alves Nunes dos Santos de 02 junho a 8 de outubro de 2017.
[5] Arlinda Nunes: a trajetória de uma artista e sua atuação nas Artes Plásticas de Pelotas com curadoria de Carmen Regina Bauer Diniz e Jose Luiz de Pellegrin, de 2 de julho a 8 de outubro de 2017.
[6] XV Seminário de História da Arte CA/UFPel, coordenado pelo professor Carlos Alberto Avila Santos.
[7] VI Seminário Fotógrafos Históricos, coordenadora: Paula Garcia Lima, realizado 25,26 e 27 de julho 2017.

na contemporaneidade. Todas as ações contaram com grande procura pela comunidade junto a programação do Dia do Patrimônio e a Primavera de Museus.

Figura 1 - Montagem da exposição Arlinda Nunes: a trajetória de uma artista e sua atuação nas Artes Plásticas de Pelotas – Fotos Daniel Moura

4. AVALIAÇÃO

As ações são para que o Museu possibilite a comunidade, não só acadêmica, mas a comunidade em geral, um encontro com a Arte, através das exposições do patrono e de artistas e instituições convidadas, permitindo realizar atividades paralelas que dialoguem e abram o espaço expositivo para formação de professores, visita de escolas, seminários e oficinas que aproximam o público do MALG, de seu acervo e de suas atividades. A comunidade esteve sempre presente em todas as etapas participando e desfrutando das ações e do ambiente do Museu.

Novas atividades estão previstas para 2017 e que envolvem toda a equipe, bolsistas e voluntários, com sua capacidade e determinação, tem conseguido com que essas ações cheguem até o público-alvo, e este está respondendo positivamente através de sua participação e reconhecimento.

Figura 02 - Oficina de Bonecas Feias – Foto Daniel Moura

5. REFERÊNCIAS

Tese/Dissertação/Monografia

ROCHA, M.C.S. **Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo: contribuição e integração com o ensino de Arte através de seu Setor Educacional.** 2010 (Trabalho de Conclusão de Curso) Universidade Federal de Pelotas, 2010. 107f. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/especializacaoemartesvisuais/files/2013/06/Maria-Consuelo-Sinotti-Rocha-–-2010.pdf>. Acesso em: 04 outubros de 2017.

Documentos eletrônicos

UFPel. **Sobre o MALG.** Acessado em 04 out. 2017. Online. Disponível em: http://wp.ufpel.edu.br/malg/sobre-o-malg/

UMA EDUCADORA MUSICAL E PERCUSSIONISTA EM FORMAÇÃO COMO BOLSISTA DO PEPEU

DANIELA GAZIS[1]; JOSÉ EVERTON DA SILVA ROZZINI[2]

UFPEL[1]– daniela.gazis@gmail.com
UFPEL[2]– zeeverton@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar e refletir sobre as ações e experiências vividas no ano de 2016 e atualmente enquanto bolsista do Programa de Extensão em Percussão da UFPel (PEPEU) e falar sobre a experiência de aprender por meio do fazer, o aprendizado obtido por meio de vivências que são significativas e enriquecedoras, como diz Bondiá: "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" BONDIÁ, (2002). A atuação como bolsista do PEPEU tem proporcionado muitas oportunidades de aprendizado por meio dos estudos em percussão, prática musical em conjunto e educação musical através de reflexão, planejamento e realização de ações que envolvam percussão, educação musical e ações sociais em contato com a comunidade interna e externa à universidade.

2. DESENVOLVIMENTO

Ingressei no curso Música Licenciatura da UFPel em 2014, antes disso era bastante envolvida com canto e regência coral. Tive contato com a percussão logo no primeiro semestre nas aulas de percussão e percepção rítmica, me interessei e passei a acompanhar o grupo de percussão onde tive a oportunidade de fazer uma participação em uma música.

Ao longo dos semestres segui acompanhando os ensaios, interessada em fazer parte, aprender mais e tocar percussão. Depois de algum tempo acompanhando o grupo e seus ensaios, tive oportunidade de participar de três das músicas que o grupo estava preparando para a apresentação em um grande evento que aconteceu em 2015, a Bienal Internacional de Artes e Cidadania. Fui aprendendo a tocar minhas partes das músicas em meio a desafios e sucessos por meio da prática em conjunto nos ensaios do grupo e em estudos individuais, aprendendo a usar os instrumentos conforme a necessidade

surgia e contando com ajuda de colegas e do professor Ms. José Everton da Silva Rozzini, coordenador do PEPEU.

Em 2016 me candidatei e fui aprovada para uma das vagas de bolsista do Programa de Extensão em Percussão da UFPel, o PEPEU, em 2017 novamente fui aprovada. Como bolsista tenho participado do desenvolvimento e realização de diversas ações que atenderam diretamente - em oficinas e minicursos - por volta de 150 pessoas até agora, além do público que assiste as apresentações do PEPEU.

Uma de minhas ações como bolsista em 2016 foi protagonizar ao lado de Rafael Marques, na época colega de curso e bolsista do Projeto de Ensino em Percussão, na realização da Oficina Ritmos Brasileiros. Esta oficina teve como seu principal objetivo oferecer aos interessados da comunidade interna e externa à universidade a oportunidade de ter acesso ao estudo de percussão, através do contato com instrumentos e práticas em conjunto voltadas para ritmos brasileiros.

Essa oficina foi criada a partir do entendimento de que o acesso ao aprendizado da música por meio da percussão é bastante significativo e eficaz, segundo Paiva:

> "A aprendizagem musical através dos instrumentos de percussão acontece de diferentes maneiras, em diferentes manifestações musicais e em diferentes contextos e grupos sociais. Seja qual for a situação, o modelo ou o processo de ensino-aprendizagem envolvido, a percussão está presente de maneira marcante em diversas práticas musicais."(PAIVA, 2004, p.24.)

Após um período de estudos, planejamento e divulgação da oficina, iniciamos com uma turma de 15 pessoas da comunidade externa e alunos da UFPel e a média de frequência durante os meses de setembro e dezembro de 2016 continuou 15. O Laboratório de Percussão do Centro de Artes da UFPel foi o local escolhido para os encontros semanais. Foi possível durante 11 encontros apresentar e trabalhar em conjunto os ritmos baião, samba batucada, samba reggae, ijexá e samba enredo, além de preparar o grupo para apresentações em eventos da universidade.

As oficinas aconteciam em uma grande roda onde todos participavam coletivamente. Antes de começar a tocar sempre havia uma breve contextualização sobre o ritmo abordado no dia, em seguida iniciava-se o estudo da clave do ritmo. Após aprenderem a executar a clave, aos poucos eram apresentados os instrumentos de percussão que seriam utilizados, as células rítmicas que deveriam ser executadas em cada instrumento e uma breve explicação de como fazê-lo.

A prática em conjunto foi a metodologia adotada em todos os encontros e todos deveriam prestar atenção aos outros instrumentos e instrumentistas porque sempre aconteciam trocas de instrumentos com o objetivo de que todos tivessem a possibilidade de experimentar a sonoridade e técnica específica de cada instrumento. O grupo de participantes contemplava diferentes níveis de habilidades musicais e faixas etárias distintas.

Também fiz parte de uma pesquisa sobre o Tambor de SOPAPO, sua importância histórica e seu significado simbólico para a cidade de Pelotas e região ao lado do professor Ms. José Everton da Silva Rozzini, coordenador do PEPEU, da colega Georgia Bento, na época aluna do curso Ciências Musicais e Bolsista do PEPEU, do colega senhor Aldemir Belchior aluno do curso Música Popular e integrante do PEPEU além de outros colegas integrantes do PEPEU. Essa pesquisa resultou na oficina "O Tambor de Sopapo e a Cultura Popular" que apresenta o instrumento, seu contexto histórico e significado para a cultura popular da região sul do RS, com a intenção de manter viva sua história. Sua primeira realização aconteceu no trigésimo quarto Seminário de Extensão Universitária da Região Sul (SEURS) no Instituto Federal Catarinense (IFC) em Balneário Camboriú no mês de agosto e atendeu vinte e cinco alunos do terceiro ano de uma escola pública daquele município.

A oficina se iniciou com uma metodologia expositiva, apresentamos alguns instrumentos característicos da música popular brasileira utilizados na região: sopapos, caixas, pratos, surdos, repiniques, tamborins, ganzás, cuícas, rebolos, platinelas, frigideiras, agogôs e pandeiros, além de falar sobre suas características, modo de execução e contexto de utilização de cada um deles. A ênfase maior voltou-se ao tambor de sopapo, onde foi possível contextualizar sua relação com a história do povo negro de Pelotas. Com o auxílio de um mapa do Brasil mostramos a localização de Pelotas e abordamos alguns aspectos da constituição social da região. Em seguida a oficina tomou rumo prático e os alunos aprenderam por meio de diversas estratégias pedagógico-musicais, um dos ritmos básicos executados no sopapo. Salientamos a participação das professoras presentes na sala de aula em todas as atividades. A oficina terminou com uma grande prática de conjunto coletiva, onde todos puderam tocar alguns dos instrumentos.

Esta mesma oficina foi realizada novamente em outros dois momentos e para dois outros diferentes grupos: para os vinte e dois bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) da música da UFPel, que aconteceu no Laboratório de Percussão do Centro de Artes da UFPel e para um grupo de 25 pessoas entre alunos

de diversas idades e professores de uma escola pública de Pelotas em um evento cultural realizado pelos pibidianos.

Faz parte da proposta do PEPEU atuar em parceria com outros programas e projetos de ensino e de extensão, no que se refere a música de percussão. Como bolsista do PEPEU, faço parte desde 2016 da equipe que realiza as Oficinas de Repertório Musical para Professores (ORMP) ao lado do professor Ms. Vitor Manzke. A ORMP que em 2017 mudou seu nome para Formação Continuada em Educação Musical (FOCEM), é um projeto de Extensão que em 2016 atendeu 30 professoras da rede pública de Pelotas em encontros semanais no Centro de Artes da UFPel e em 2017 foram 60 professoras inscritas em 2 módulos. Por meio de atividades musicais e reflexões sobre o ensino de música, pretende oferecer ferramentas para que seja possível o ensino de música na rede pública por meio desses professores ou para que se qualifique e melhore o ensino de música que esses professores já realizam.

O PEPEU desde a sua criação tem buscado desenvolver ações em parceria com projetos e programas da própria universidade, e também com diferentes instituições, grupos e projetos sociais. Esta visão estratégica oportuniza aos seus monitores, bolsistas ou voluntários de conhecer diferentes realidades e contextos sociais distintos. Por meio desta parceria me foi possível dedicar quatro horas semanais durante dez semanas, auxiliando na realização de aulas semanais de percussão ministradas para um grupo de adolescentes em vulnerabilidade social no Centro de Referência de Assistência Social no município de Capão do Leão e também na preparação de uma apresentação musical para um evento social do CRAS.

No ano de 2017 uma das minhas responsabilidades como bolsista tem sido possibilitar os encontros do grupo Vocal Esperança que acontecem nas sextas feiras às 14h no Centro de Artes da UFPel. O Grupo Vocal Esperança acontece por meio do projeto de extensão Grupo Vocal Saúde Mental e tem como objetivo “oportunizar os usuários e ex-usuários dos CAPs de Pelotas, participarem do grupo vocal, visando a integração e a inserção na sociedade, compartilhando o mesmo espaço com alunos do curso de música da UFPel” (Site da Câmara de Extensão do Centro de Artes da UFPel). Surgiu em 2001 com o apoio e incentivo da professora Ana Beatriz Argoud que era coordenadora do Núcleo de Extensão e Divulgação e do projeto Arte e Saúde, criou-se então o projeto de extensão que atualmente está sob coordenação do Professor Mário Maia. Por meio deste contato com o grupo tive a oportunidade de participar da gravação do DVD 2017 do grupo que aconteceu na Fenadoce e tenho acompanhado de perto a energia e valor que esse trabalho tão significativo tem.

Dentre as ações desenvolvidas pelo programa possivelmente as que mais tem dado visibilidade ao PEPEU são as apresentações musicais realizados em diferentes espaços. Durante o ano de 2016 e 2017 tenho participado de ensaios semanais do Grupo, visando a preparação para os concertos e recitais, além de estudos individuais e coletivos para preparar as partes das músicas que ficaram sob minha responsabilidade de execução. Neste período foram realizadas diversas apresentações como o Recital no Centro de Artes; Apresentação artística III Congresso de Extensão e Cultura (CEC); Concerto Didático no XVII Encontro Regional Sul da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical em Curitiba); Concerto do PEPEU com o GLIP (Grupo Livre de Percussão) em Florianópolis; Ensaio de Porta Aberta na sala de Percussão do LAPIS - Laboratório de Artes Populares Integradas.

No primeiro semestre de 2017 o grupo dedicou sua atenção para atender o convite do 37° Festival Internacional de Música de Londrina, que aconteceu no mês de julho e tivemos a oportunidade de estarmos no palco do Teatro Ouro Verde ao lado de artistas de reconhecimento internacional, apresentando Concerto do PEPEU, Concerto da Banda Sinfônica do FML e compor o elenco da significativa obra de Carl Orff, Carmina Burana, escrita originalmente para para dois pianos, percussão e um coro de duzentas vozes, que nesta ocasião foi regida pelo renomado maestro japonês Daisuke Soga.

Teixeira, 2012 analisou como a participação em grupo de percussão pode oferecer benefícios musicais, ele afirmou:

> ...a análise dos dados sugere que a participação num grupo de percussão traz benefícios ao processo individual de aprendizagem dos alunos de percussão. Estes benefícios verificaram-se ao nível das competências cognitivas, das competências sociais, da motivação para o estudo e da construção de uma identidade musical.(TEIXEIRA, 2012 pg 95)

Aprendi com os estudos de percussão para as apresentações e tive muitas oportunidades de aprender mais sobre educação musical e prática musical em conjunto por meio de reflexão, planejamento e realização de ações que envolviam percussão, educação musical e ações sociais.

3. RESULTADOS

A experiência de estar fazendo tem sido muito valiosa e resulta em aprendizado por meio de fazer. Enquanto planejo e executo essas ações estou aprendendo habilidade necessárias para a minha atuação profissional por meio da prática e das necessidades que surgem durante o processo. Por exemplo ao planejar e realizar a Oficina Ritmos Brasileiros e a oficina O Sopapo e a cultura popular, pude vivenciar todas as etapas para a preparação e realização de uma oficina e, diferente de ouvir sobre como é organizar e realizar, eu aprendi com a experiência real.

Na oficina Ritmos Brasileiros, após a realização dos onze encontros semanais de duas horas o grupo participou de apresentações na universidade e foi possível observar que mesmo com os diferentes níveis de habilidades musicais, o resultado musical foi satisfatório. O processo foi significativo e rico para os oficineiros, segundo a avaliação feita pelos participantes na presença dos oficineiros monitores e do coordenador do programa durante o último encontro, foi possível observar que a oficina além de trabalhar habilidades musicais e conhecimentos sobre os ritmos brasileiros, foi também bastante significativa para os participantes.

O planejamento e realização da oficina o Sopapo e a cultura popular também resultou na apresentação de um trabalho acadêmico no III Congresso de Extensão e Cultura (CEC) na UFPel, onde ressaltei a experiência da realização da Oficina “o Tambor de Sopapo e a Cultura Popular” no 34 SEURS em balneário Camboriú.

Auxiliar nas aulas de percussão para um grupo de adolescentes em vulnerabilidade social no CRAS resultou em poder acompanhar de perto como se pode utilizar a música por si só como uma ferramenta de transformação e inclusão social para as pessoas.

Como bolsista do PEPEU e monitora integrante da equipe do FOCEM, aprendo na prática por meio do planejamento e realização de atividades de educação musical para professoras que tem muitos anos de experiência de sala de aula com crianças. O trabalho inclui planejamento semanal a partir das necessidades que surgem nos encontros com as professoras e nas discussões em grupo realizadas semanalmente para avaliar e desenvolver uma maneira de solucionar necessidades e seguir buscando o objetivo o que tem sido muito rico.

4. AVALIAÇÃO

Todas as ações de que participei apresentaram significativos resultados e em muitos casos além do esperado. É inegável, a importância e a riqueza das atividades de extensão tanto para as pessoas da comunidade quanto para o processo de formação dos alunos bolsistas envolvidos diretamente nas atividades que foram modificados e atravessados por meio da atuação. Todas essas vivências me ofereceram oportunidade de aprender, me desenvolver e fortaleceram em mim como educadora musical e percussionista em formação o desejo de qualificar as minhas práticas em todas as oportunidades geradas nas ações de ensino, pesquisa e extensão.

5. REFERÊNCIAS

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, v19, p. 20-28, 2002.

PAIVA, R. G. **Percussão: uma abordagem integradora nos processos de ensino e aprendizagem desses instrumentos**. 2004. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Artes Universidade Estadual de Campinas.

TEIXEIRA, L A L D. **O grupo de percussão e sua influência na aprendizagem da percussão.** 2012. Dissestação (Mestrado) - Departamento de Comunicação e Arte Universidade de Aveiro.

UFPel. **Grupo Vocal Saúde Mental.** Câmara de Extensão - CA. Acessado em 13 out. 2017. Online. Disponível em: http://wp.ufpel.edu.br/camaradeextensaoca/cursos/musica/grupo-vocal-saude-mental/

VISITAS MONITORADAS PELOS PRÉDIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS: PROMOVENDO NOVOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL UNIVERSITÁRIO

ÉVERTON FELIPE KAIZER[1]; ANDRÉIA SKUPIEN BIANCHINI[2]; PRISCILLA TEIXEIRA DA SILVA[3]; DALILA MULLER[4]

[1]Universidade Federal de Pelotas – E-mail: evertonfk@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – E-mail: andreia.bianchini@hotmail.com.br
[3]Universidade Federal de Pelotas – E-mail: priscilla.cet@gmail.com
[4]Universidade Federal de Pelotas – E-mail: dalilam2011@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Considerando as cidades como espaços vivos, possuidores de significados materiais e imateriais das gerações que ali habitaram e ainda vivem, as suas edificações são bens representativos da memória coletivamente construída. Pensando nisso, é notória a importância da preservação destas formas arquitetônicas, que instituem a reconstrução da história dessas civilizações e constituem assim uma identidade patrimonial coletiva (ALMEIDA, 2013, p.19).

O município de Pelotas, localizado na região sul do Estado do Rio Grande do Sul, dispõe de um grandioso patrimônio histórico cultural, comprovado através dos seus variados exemplares arquitetônicos com forte influência europeia e das suas diversas outras edificações tombadas e inventariadas (PELOTAS, 2017). Essa riqueza cultural se reflete no patrimônio universitário, visto que muitos dos prédios que pertencem a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) fazem parte da história local e retratam as memórias de formação e desenvolvimento do município.

Nesse contexto se insere o Projeto de Extensão e Cultura "Visitas Monitoradas pelos Prédios da Universidade Federal de Pelotas", desenvolvido pelo Curso de Bacharelado em Turismo. Seu objetivo é realizar visitas educativas pelas principais edificações pertencentes à instituição, visando divulgar, valorizar e preservar o patrimônio histórico cultural universitário (UFPEL, 2017). Por intermédio de suas ações, o projeto pretende, ainda, proporcionar uma nova experiência aos seus participantes, exercitando o olhar diferenciado sobre o patrimônio universitário.

Ao apresentar a história da Universidade e de Pelotas através de suas edificações, são estabelecidas relações que propiciam a troca de saberes entre o público atendido e os acadêmicos. Essa troca de experiências entre indivíduos, onde todos saem modificados,

é um aspecto fundamental da hospitalidade, que refere-se ao ato de se relacionar (DIAS, 2002). Ao fazer esse trabalho de acolhimento com grupos distintos e apresentá-los à instituição, se constrói uma convidativa porta de entrada para a UFPel, integrando e (re) construindo laços afetivos e de pertencimento na relação comunidade-patrimônio.

A comunidade externa é classificada como público alvo principal das ações realizadas, enquanto que os acadêmicos da UFPel, os alunos de ensino médio e a comunidade universitária pertencem ao grupo secundário de atendimento (UFPEL, 2017). Durante o primeiro semestre do corrente ano, as demandas recebidas pelo projeto foram constituídas apenas de integrantes da comunidade interna. Posto isso, o objetivo do presente trabalho é analisar a experiência de quatro grupos que participaram das ações ofertadas durante 2017/1, possuindo como metodologia a pesquisa de campo com abordagem qualitativa.

2. DESENVOLVIMENTO

Quatro visitas monitoradas foram realizadas no primeiro semestre de 2017: dois grupos eram formados por servidores ingressantes na UFPel, que foram atendidos através de uma parceria firmada entre o Curso de Bacharelado em Turismo e a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP); os outros dois eram compostos por discentes ingressantes nos Cursos de Medicina e Turismo, que foram atendidos através de uma solicitação dos Diretórios Acadêmicos (DAs) das respectivas graduações. Levando em consideração o perfil de cada público, elaborou-se dois roteiros distintos visando abranger as especificidades e expectativas de cada grupo.

- Roteiro Servidores: Escola Eliseu Maciel, Mercosul, Campus Capão do Leão (Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel e Faculdade de Veterinária), Campus da Saúde (Faculdade de Medicina), Grande Hotel, Casarão Assumpção e Museu do Doce. Apenas um dos grupos também visitou a Rádio Federal FM.
- Roteiro Calouros: Escola Eliseu Maciel, Rádio Federal FM, Mercosul, Campus Capão do Leão (Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel e Faculdade de Veterinária), Campus da Saúde (Faculdade de Medicina), Grande Hotel, Casarão Assumpção, Museu do Doce, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Direito, Campus Porto (Anglo, Memorial, Faculdade de Administração e de Turismo). Apenas um dos grupos também visitou a Livraria e Gráfica da UFPel.

O roteiro executado com os dois grupos de servidores continha menos lugares por estes estarem dispostos a um maior tempo de contemplação e análise dos espaços e suas narrativas. Já o roteiro realizado com os calouros teve o intuito de mostrar a extensão da UFPel como um todo, fazendo um percurso amplo e menos contemplativo, visto que haviam ingressantes oriundos de diversas partes do Brasil. Todas as edificações citadas nos roteiros foram apresentadas externamente, sendo que as visitas internas ocorreram apenas nos seguintes prédios: Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM), Mercosul, Rádio Federal FM, Museu do Doce, Livraria e Gráfica da UFPel e Campus Anglo.

Após a realização de cada visita monitorada, um questionário com perguntas abertas e fechadas era aplicado ao grupo participante da ação. Este instrumento continha, além dos dados básicos de identificação de cada atividade, quatro questões que objetivavam analisar uma parcela da experiência proporcionada ao público atendido.

3. RESULTADOS

Os resultados obtidos através do instrumento de coleta de dados utilizado pelo presente trabalho, descritos e analisados a seguir, foram significativos para as ações realizadas pelo Projeto “Visitas Monitoradas pelos Prédios da Universidade Federal de Pelotas”. O primeiro tópico perguntava ao grupo como estes definiam a visita monitorada, se aprovavam ou não a atividade da qual participaram. Uma vez que todos relataram “sim”, o resultado dessa questão foi unânime e extremamente positivo para o projeto.

A segunda interrogativa se referia a tudo aquilo que os participantes mais gostaram durante a visita. Entre as respostas coletadas, o Museu do Doce foi bastante citado, seguido do Campus Capão do Leão e do Centro Histórico de Pelotas, local onde ficam situados alguns dos prédios apresentados. Além disso, as histórias das edificações também foram mencionadas como instrutivas, fato que pode ser atribuído às explicações relatadas pelos acadêmicos sobre os espaços visitados, que forneciam novas e interessantes informações ao grupo.

O terceiro item questionava se os participantes já conheciam algum dos locais visitados durante a realização da atividade. No primeiro grupo de servidores, quase todos não conheciam nenhum dos prédios, com exceção de um indivíduo que era mais familiarizado com a UFPel; no segundo grupo, o Museu do Doce e a Rádio Federal FM foram apontadas como novas para todos os integrantes. Nos grupos de calouros, os acadêmicos de Medicina somente conheciam a Faculdade onde estudavam, do mesmo

modo que os discentes de Turismo apenas possuíam algum conhecimento vago sobre o local de sua unidade. Essas respostas permitem destacar que essa ação oportuniza o conhecimento sobre a estrutura acadêmica, a troca de informações sobre os pontos interessantes da cidade e uma acolhida diferenciada aos ingressantes.

A última pergunta era relacionada aos prédios que os integrantes da visita mais apreciaram conhecer e o porquê dessas preferências. Todos os grupos escolheram como seu favorito o Museu do Doce, situado no Centro Histórico de Pelotas, devido a sua história interessante, sua arquitetura que exibe uma incrível riqueza de detalhes e sua estrutura que conta com um grande porão. A Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, localizada no Campus Capão do Leão, também foi citada em referência a sua ampla estrutura. Podemos observar que apenas as edificações conhecidas internamente foram escolhidas como as mais preferidas pelos participantes da atividade, ressaltando a importância do incentivo a visitação desses espaços por toda a comunidade.

4. AVALIAÇÃO

O patrimônio histórico cultural edificado pertencente a UFPel é amplo e diversificado, sendo que divulgar e viabilizar o seu conhecimento é fundamental para a valorização e preservação desses bens. Nessa perspectiva, as ações realizadas até o presente momento pelo Projeto de Extensão e Cultura “Visitas Monitoradas pelos Prédios da Universidade Federal de Pelotas” cumprem esse objetivo, visto que apresentam o patrimônio universitário aos novos ingressantes da instituição ao mesmo tempo em que acolhem esses indivíduos.

Desse modo, as atividades desenvolvidas pelo projeto propiciam novos olhares acerca da Universidade, promovendo o entendimento de sua história e de seu papel social na comunidade em que está inserida. Esse aprendizado é construído através das interações estabelecidas entre os locais visitados, o público envolvido nas atividades e os acadêmicos do Curso de Bacharelado em Turismo da instituição.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. M. A Gestão do Patrimônio Histórico em Pelotas: um processo de conscientização e crescimento da cultura local. In: MICHELON, F. F. (Org.). **Patrimônio Cul-**

tural Edificado da Universidade Federal de Pelotas: primeiro estudo. Pelotas: Editora da UFPel, 2013. Cap. 4, p. 19 – 26.

DIAS, C. M. M. (Org.). **Hospitalidade:** reflexões e perspectivas. Barueri: Manole, 2002. 164 p. ISBN 85-204-1549-0.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Pelotas Cultural**. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/pelotasturismo/atracoes-turisticas/pelotas-cultural/>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

UFPEL - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Projeto Visitas Monitoradas pelos Prédios da Universidade Federal de Pelotas.** Projeto de Extensão e Cultura. Pelotas, 2017.

PROJETO MUSICANDO: INICIAÇÃO MUSICAL ATRAVÉS DA PRÁTICA COLETIVA DE INSTRUMENTOS

FERNANDA SILVEIRA DAS NEVES[1]; RAFAEL VERAS ZORZOLLI[2]; PAULA ANDREA GARZÓN BOCANEGRA[3]; BRENDA POSTINGHER BRUGALI[4]; MARIANA DA COSTA RIBEIRO[5]; JOÃO ALEXANDRE STRAUB GOMES[6]

[1]Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – bebemason@hotmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas (UFPel – rafael.zorzolli@gmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – paulagarzonmusic@gmail.com
[4]Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – ba_pb@hotmail.com
[5]Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – dopariateopara@hotmail.com
[6] Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – joaoalexandrem6@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O Musicando: Iniciação Musical Através da Prática Coletiva de Instrumentos é um projeto de extensão universitária que iniciou em maio de 2017, tendo como objetivo principal a realização de um trabalho de musicalização no contexto do ensino fundamental pelotense. A proposta busca permitir que os acadêmicos desenvolvam suas habilidades didáticas e pedagógicas em uma situação real. Eles podem experimentar os desafios profissionais do educador musical de maneira muito significativa, transformadora e direta (BEINEKE, 2002). E também complementam a formação a que são submetidos no âmbito das disciplinas, em que eles observam e planejam atividades em condições hipotéticas.

Desde a concepção do projeto, tínhamos a intenção de proporcionar uma interação entre os alunos do Curso de Licenciatura em Música da UFPel com turmas de alunos de escolas da rede pública em situação de vulnerabilidade social. Então, a atuação dos acadêmicos da UFPel apresentaria uma contrapartida social, proporcionando o desenvolvimento musical e estreitando os laços entre nossa instituição e outros ambientes da comunidade.

O conceito e formato de realização do Musicando tem embasamento teórico na filosofia educacional que compreende o indivíduo enquanto ser complexo, integral e multifacetado. Na construção de nosso trabalho acreditamos que a formação técnico-musical, embora importante e caracterizadora das ações, constitui apenas uma parte da formação integral do ser humano (KOELLREUTTER, 1998). Além da formação musical e instrumental, o aspecto do relacionamento social apresenta relevância para a constituição do projeto. Entendemos que a socialização proporcionada no ensino coletivo

potencializa a própria relação do ensino-aprendizagem (SWANWICK, 2003) como auxilia no desenvolvimento de outras dimensões como o relacionamento interpessoal (GADAMER, 1994).

É importante registrar que todos os envolvidos no projeto experimentam o desenvolvimento nesses vários níveis com a interação estabelecida entre acadêmicos da UFPel e a comunidade escolar. O projeto Musicando tem a coordenação do prof. João Alexandre Straub Gomes, do Curso de Licenciatura em Música da UFPel. A colaboração discente é de Fernanda Neves e Rafael Zorzolli, além de alunos da modalidade de bacharelado em música, sendo Brenda Brugalli e Mariana Ribeiro, acadêmicas do curso de Música Popular, e Paula Bocanegra, do curso de Ciências Musicais. O projeto desenvolveu vínculo interinstitucional com a Escola Estadual Felix da Cunha e o Instituto São Benedito.

2. DESENVOLVIMENTO

O Musicando teve início a partir de uma parceria com a ONG “Anjos e Querubins” no mês de abril de 2017. Na ocasião, o idealizador e fundador da ONG, o sr. Ben Hur Alves Flores, entrou em contato com alunos do curso de Licenciatura em Música da para propor atividades musicais nas escolas onde ele atua com oficinas de percussão. Então, foi feito um planejamento e construção metodológica.

Inicialmente, foram realizados encontros para discussões e seleção de materiais didáticos e métodos de ensino de instrumentos e canto. Para a turma de violão, utilizamos materiais voltados ao estudo específico do instrumento, como o Método Mascarenhas. Também utilizamos uma base mínima de teoria musical para o entendimento da funcionalidade do violão (bohumil med 4ª edição), e apostilas disponibilizadas do “Projeto Guri” da Secretaria de Cultura e Governo de São Paulo. A ideia era montar um referencial bibliográfico básico que conferisse uniformidade e sistematização formal de conteúdos e metodologias (LIBÂNEO, 1999). Em seguida, ficou definido que cada turma teria uma aula semanal com duração entre 60 e 90 minutos. Os encontros aconteceriam principalmente no espaço físico que as instituições disponibilizassem para as atividades. E pretendíamos que, eventualmente, algumas das atividades fossem ministradas nas salas do Centro de Artes, motivando que os alunos passassem a frequentar os eventos artístico-culturais que ocorrem frequentemente no auditório do referido prédio.

Cada uma das instituições parceiras possui uma organização específica. E isso fez com que a atuação em cada uma delas tenha sido diferente, embora tenhamos programado uma base de procedimentos comuns para as ações. Por exemplo, a Escola Felix da Cunha apresenta as características gerais das escolas da rede pública estadual, enquanto o Instituto São Benedito apresenta o modelo de semi-internato. Além disso, esta instituição atende exclusivamente meninas, enquanto aquela atende crianças e adolexcentes de ambos os sexos.

As atividades iniciaram na Escola Felix da Cunha, onde o sr. Ben Hur já estava trabalhando com percussão. Ofertamos na escola o ensino de violão e de escaleta. Foram formadas duas turmas de violão, cada uma delas com seis alunos onde trabalhamos um repertorio inicial de musica popular, parte ofertada pelo professor, e outra parte sugerida pelos alunos. Acreditamos que essa disposição para lecionarmos com um repertório que nosso aluno conheça, seria mais fácil a compreensão do conteúdo trabalhado. Para escaleta foi formada uma turma com oito alunos e foram trabalhados métodos para o uso de instrumentos de sopro, também para o ensino de teclado, como o metódo ‘’Lições para piano’’ e de teoria musical como o “Bona’’. Já no Instituto São Benedito, foram montadas duas turmas para aulas de canto coral. E cada uma das turmas é composta por vinte meninas. Para as aulas de canto coral, devido a dificuldade de lidar com o comportamento das meninas, foi criado um método para trabalhar com elas, utilizando o recurso de gravações e até mesmo pinturas, organizando gincanas e trabalhos em grupo para melhor entendimento dos conteúdo abordado, usando de base também o método “A técnica da boz cantada’’. Nas duas instituições, as aulas acontecem na escola e em turno inverso às aulas regulares.

Regularmente são realizadas reuniões do coordenador do projeto com a equipe de colaboradores discentes. Estes apresentam o panorâma do que ocorre ao longo dos encontros e discutem estratégias para melhorar a atuação em sala de aula, bem como a resolução das dificuldades e problemas que e apresentam.

3. RESULTADOS

Apesar de o trabalho estar em andamento, já conseguimos notar diversas melhorias e alcançar alguns dos objetivos iniciais. A relação entre os alunos já tem mostrado resultado positivo, onde muitos desses se reúnem em horários fora aula para tocar e ensaiar seus instrumentos, praticando o que é passado em sala de aula, criando uma

melhor interação fora do âmbito escolar. Além disso, a integração dos alunos com a universidade acontece de forma promissora, com a constante participação dos alunos do projeto em recitais e masterclasses oferecidas pelos cursos de musica da UFPel. Outro objetivo alcançado foi a escola disponibilizar um espaço especifico para que o projeto acontecesse. Estamos estudando a possibilidade de uma intervenção artística com a ajuda dos alunos do projeto, para que os estes se sintam responsáveis pelo espaço e ajudem na preservação do mesmo.

No instituto São Benedito, os resultados também são satisfatórios para os professores da instituição, onde são notadas mudanças comportamentais nas alunas, como a disciplina, uma concentração maior em sala de aula, e empatia aos colegas e professores.

4. AVALIAÇÃO

Ao decorrer do projeto musicando, conseguimos perceber com clareza as diferenças entre desenvolver um trabalho em uma escola de rede publica e em um semi-internato como o São Benedito. Já avaliamos de forma positiva a interação entre o ensino superior com a realidade do ensino fundamental, saindo das teorias estudadas dentro da universidade, e fazendo um contraste com a vida real dentro de uma escola.

Acreditamos que os principais fatores que contribuíram para o sucesso do projeto até aqui foram a motivação e o engajamento da equipe de alunos que integra o projeto.

Apesar de termos uma visão otimista de tudo que o projeto já cumpriu com pouco tempo de existência, ainda temos muitos pontos que ainda temos dificuldades. O investimento para o ensino da musica nas escolas ainda é baixo, o que nos faz ter turmas com menos alunos do que gostaríamos pela falta de instrumentos para todos. Um dos recursos utilizados para amenizar essa falta de intrumentos e abranger um maior numero de alunos, são oficinas de musica aplicadas em sala de aula. Essas oficinas são aplicadas em horário dispostos pelos professores, e trabalham a percepção, e rítmica, embasadas nos autores “Émile Jaques - Dalcroze” e atividades musicais propostas pelo grupo “Palavra Cantada”. Acreditamos que com o decorrer do projeto, e com a apresentação de resultados, os investimentos aumentem.

Outra barreira que nos deparamos é que anteriormente ao projeto musicando acontecia um outro projeto de iniciação musical na escola, com proposta pedagógica diferente, e isso ocorreu com que os alunos tivessem um pouco mais de resistência com o nosso projeto.

As greves que estão acontecendo em virtude da reinvindicação dos professores, estão atrasando o cronograma de aulas e pode colocar em risco alguns resultados do projeto. Como as aulas do projeto acontecem no espaço escolar, não há como desenvolver as atividades com escola estando fechada. Tentamos como alternativa realizar as aulas no Centro de Artes da UFPel que fica próximo a escola, porem, somente alguns alunos compareceram, pela dificuldade de comunicação com os alunos atendidos.

Até o momento, as turmas de cada instrumento seguiam um trabalho independente. Mas após a elaboração das oficinas em conjunto, sentimos a necessidade de organizar os conteúdos técnico-musicais de modo a estabelecer uma horizontalidade, de modo que tanto as turmas de escaleta, violão e canto, trabalhem aspectos semelhantes. Inclusive estamos discutindo um repertorio comum com a intenção de fazermos uma apresentação de final de ano, onde os alunos de instrumento da escola e o coral do instituto se apresentem de forma conjunta.

O projeto musicando já participou de ações junto da ONG Anjos e Querubins em algumas situações, entre elas, as mais importantes são a entrega de titulo de utilidade publica em uma seção solene realizada na Câmara Municipal de Pelotas, e tambem uma apresentação realizada no Parque da Baronesa, na cidade de Pelotas, em comemoração ao aniversario de 45 anos da RBS TV, transmitida para toda região sul do estado ao vivo no jornal local da emissora.

5. REFERÊNCIAS

BEINEKE, Viviane. Construindo um Fazer Musical Significativo: Reflexões e Vivências. **Revista Nupeart**, Florianópolis, V.1, p. 59-72, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. **Estruturas da Mente:** A Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KOELLREUTTER, Hans Joachin. Educação Musical Hoje e, Quicá, Amanha. In: LIMA, S A de (Org.) **Educadores Musicais de São Paulo:** Encontro e Reflexões. São Paulo: Nacional, 1998, p. 39-45.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, Pra Quê?**. 2ª ed - São Paulo: Cortez, 1999.

SWANWICK, Keith. **Ensinando Musica Musicalmente.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

AÇÕES DE RE-EXISTÊNCIA DO GRUPO CAIXA DE PANDORA NOS ANOS DE 2016 E 2017

FLÁVIO MICHELAZZO AMORIM JÚNIOR[1]; NÁDIA DA CRUZ SENNA[2]; URSULA ROSA DA SILVA[3]

[1]*UFPel – Artes Visuais Licenciatura – flaviomichelazzo@outlook.com*
[2]*UFPel – Centro de Artes (coorientadora) – alecrins@uol.com.br*
[3]*UFPel – Centro de Artes (orientadora) – ursularsilva@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O grupo de pesquisa *Caixa de Pandora: Estudos em Arte, Gênero e Memória* surge em 2007 do desejo de retomar algumas questões referentes à representação feminina e como esta se constitui na historicidade, ou como a História registra esta produção quanto a obras e quanto a concepções teóricas femininas, ou seja, sua produção intelectual e artística. Desde 2009 o grupo se relaciona também com ações de extensão e ensino, e vem realizando atividades junto à comunidade. Neste ano de 2017, o projeto se encontra vinculado ao programa PROEXT denominado ARTE, INCLUSÃO E CIDADANIA, realizado pelo Centro de Artes da UFPel.

O objetivo do projeto é promover palestras, encontros e grupos de discussão sobre as questões de gênero, tendo realizado, nos anos de 2016 e 2017, ações como o V SIGAM – Simpósio Internacional de Gênero, Arte e Memória – cuja temática foi Transgressões de Pandora, visando fomentar o debate não só em torno do feminino, mas também abarcando as questões como o queer e o trans –, o I Fórum de Interdisciplinaridades e a Caminhada de Luto pela Educação, sendo, estes dois últimos, conseqüências da atual situação político-econômica do país, que desencadeou o surgimento do movimento Re-Existência UFPel.

2. DESENVOLVIMENTO

Devido à natureza diversificada dentro do projeto, várias metodologias são adotadas como meio de prática das ações, que são decididas pelo grupo através de reuniões realizadas quinzenalmente, bem como: levantamento, produção e apresentação de material bibliográfico, fundamentado na pesquisa sobre mulheres artistas e mulheres pensadoras; seleção de palestrantes para o ministro de falas em eventos como o SIGAM;

preparação dos próprios integrantes do grupo para apresentação em eventos; grupos de discussão em torno das pesquisas concomitantes dentro do grupo.

O referencial segue os estudos culturais e de gênero pautado em autores como Simone de Beauvoir, Joan Scott, Judith Butler, Ana Paula Simioni e Whitney Chadwick, que, abordam a história, a arte e a sociedade em perspectiva de gênero, situando comportamentos e políticas, mostrando como estes se relacionam entre si fomentando um sistema que ainda privilegia um fazer masculino.

Diante do cenário atípico caracterizado pelo caos instaurado no país desde o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, o grupo se uniu aos movimentos de protesto ocorridos dentro da Universidade Federal de Pelotas e desenvolveu suas atividades em paralelo ao Re-Existência, tendo realizado a maior parte das ações durante os 51 dias de greve ocorridos na UFPel, período no qual estavam previstos o V SIGAM e o I Fórum de Interdisciplinaridades, como uma forma de re-existir e discutir as reformas no ensino médio e o congelamento nos gastos públicos em educação e saúde.

Vivemos um momento de ruptura, em que a crise da educação não é uma crise, mas um projeto, em que sua organização sempre foi tardia e seletiva. A patologização da pobreza e a pacificação do fracasso escolar comprova cada vez mais essa problemática.

3. RESULTADOS

O V SIGAM – que contou com o apoio da FAPERGS, do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais da UFPel e o Projeto Arte na Escola Pólo Pelotas – e o I Fórum de Interdisciplinaridades contaram com a adesão da comunidade em geral e acadêmica, que compareceu mesmo ante a greve. Algumas das ações do V SIGAM que merecem destaque foram a performance Revivendo a Ceia de Judy Chicago e a exposição Transgressões de Pandora.

O Fórum de Interdisciplinaridades foi criado para promover um debate que reunisse todos os cursos do Centro de Artes – Música, Teatro, Dança, Artes Visuais, Cinema e Design – visando uma maior interação entre os mesmos.

A repercussão do Movimento Re-Existência foi além dos muros de nossa cidade. Nossa arte foi também utilizada pelo Movimento da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, bem como teve visualização internacional. A Universidad de la Republica Uruguay, em Montevideo, única instituição de ensino superior pública do país contando com mais de 80 mil estudantes, também solidarizou-se com a luta

dos brasileiros por uma educação com maior qualidade, onde os direitos individuais sejam respeitados e a democracia restabelecida. Estendeu em sua fachada banners, estimulando a que a nossa luta não perdesse a força.

No Centro de Artes ocorreu também o Empacotamento dos prédios vinculados a Instituição, como o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo – MALG, o prédio do Conservatório de Música, a Escola de Belas Artes (esses três de forma digital), e o prédio II do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Durante os anos de 2016 e 2017 os membros e as membras do Grupo Caixa de Pandora participaram de eventos e exposições nacionais e internacionais em diversos lugares do país.

4. AVALIAÇÃO

Mostrar as contribuições femininas para a filosofia, a arte, a ciência e a literatura é uma das intenções deste estudo, ao tratar do tema dentro da universidade e fazer essas ideias chegarem a alunos do ensino fundamental e médio, por meio da formação de professores, assim como contribuir para que mulheres, cada vez mais, tenham consciência de seu papel social e de seus direitos enquanto pessoas. Este projeto pretende aproximar os contextos de produção intelectual e artística das mulheres, analisando a recepção de seus trabalhos e como estas foram consideradas cultural e historicamente, no âmbito de suas épocas, dentro do século XX.

Apontando para a importância da produção artística e intelectual de algumas mulheres, no século XX, que se destacaram pelo caráter inovador ou polêmico de sua obra, abordamos a obra de mulheres que assumem em sua arte e teorias modos de vida próprios. Mulheres como Hannah Arendt, Frida Kahlo, Simone de Beauvoir, com a especificidade de seus olhares sobre o mundo e seu pensamento influenciaram épocas, movimentaram seu meio, apresentaram novos caminhos para o “sexo frágil”, para além da distinção ou da discriminação que pesou sobre elas desde a Antigüidade grega aos nossos dias.

Para além das questões discutidas dentro do grupo de pesquisa, em tempos de tantas situações anômalas e tensas, temos que encontrar caminhos, em busca de soluções. Emerge a necessidade de despertar a consciência crítica em torno destes problemas, e, dessa forma, trazer essas discussões para o universo educacional. As leis são alteradas e, com ela, nossas vidas são afetadas. Camile Paglia (2010) nos ensina que a civilização

é definida pelo direito e pela arte. As leis governam o nosso comportamento exterior, ao passo que a arte exprime a nossa alma.

Acreditamos que o grupo, apesar do enfoque em pesquisa, consegue abranger a comunidade, ao possibilitar, através destas atividades, a formação continuada, fomentando o debate das questões de gênero no corpo docente, tão necessárias em tempos que a democracia encontra-se abalada, e, mesmo em greve, as ações de extensão continuaram a acontecer, sensibilizando a comunidade acerca da necessidade do ensino das Artes.

Saliento minha própria transformação humana dentro do projeto, do qual faço parte desde o ano de 2013. Entrei no grupo com o intuito de desconstruir minha visão particular sobre o universo feminino e as questões históricas da inserção da mulher no campo das Artes e descobrir os porquês de sabermos tão pouco sobre a participação delas neste meio predominantemente masculino. Acredito que os estudos, as leituras e o convívio com as professoras coordenadoras e colegas de grupo foi potencial transformador em minha maneira de conviver com as causas do feminismo, mesmo sendo do sexo masculino, e da importância que existe na compreensão destas causas para o homem, para que também lute pelo espaço da mulher, buscando um mundo mais igualitário em todas as esferas.

5. REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Vol.1 Fatos e Mitos e Vol.2 A experiência vivida. 3º ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e Subversão da Identidade. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHADWICK, Whitney. Mujer, **Arte y Sociedad.** 2ª ed. Barcelona: Destino. 1992.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. **O impacto do ensino da arte (ou da falta dele) na percepção do mundo.** 01/06/2015. Acessado em 30 set 2017. Online. Disponível em

http://www.fronteiras.com/artigos/o-impacto-do-ensino-da-arte-ou-da-falta-dele-na-percepcao-do-mundo.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2. jul./dez. 1995.

SENNA, Nádia da Cruz. **Donas da beleza:** a imagem feminina na cultura ocidental pelas artistas plásticas do século XX. Tese. Doutorado em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

SILVA, Ursula Rosa. **A Fundamentação Estética da Crítica de Arte em Ângelo Guido:** A crítica de arte sob o enfoque de uma história das ideias. Tese. Curso de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista:** Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

PEPEU – Integrando a Universidade à Comunidade

GABRIELA CINTRA DOS SANTOS[1]; JOSÉ EVERTON DA SILVA ROZZINI[2]

[1]Universidade Federal de Pelotas – gabriela.cintra@hotmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – zeeverton@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o Programa de Extensão em Percussão da UFPel contextualizando sobre sua atual conjuntura e relacionando seus objetivos com alguns resultados alcançados até o momento. O Programa de Extensão em Percussão da UFPel – PEPEU é um programa vinculado a outros projetos da universidade que desde a sua criação em 2013 tem realizado e participado de diversas ações na cidade de Pelotas e região, bem como em outros estados do país. Visto que as ações e projetos em que o PEPEU está presente são extensas, o presente texto pretende apresentar um panorama geral do programa, destacando algumas ações pontuais e seus resultados.

Criado em 2013 pelo professor do curso de Música – Licenciatura da UFPel, José Everton da Silva Rozzini, o PEPEU tem como objetivo geral

> Articular o estudo de percussão feito em sala de aula pelos alunos dos cursos de Música - Licenciatura e Bacharelado da UFPel com a cidade de Pelotas e Região por meio de ações de extensão que possibilitem alcançar professores e alunos de escolas da rede pública de ensino, alunos de outros cursos da UFPel e comunidade interessada no estudo da música de Percussão (UFPEL, 2016, p. 1).

Atualmente o programa conta com cerca de 16 alunos participantes, entre bolsistas e monitores voluntários, sendo em sua maioria alunos do curso de Licenciatura em Música da UFPel, havendo também um aluno do bacharelado em música e um de Artes Visuais. O número de participantes varia de um semestre para o outro, bem como o perfil de cada um, não sendo o programa destinado apenas para estudantes da UFPel.

Para dar conta de alcançar esse objetivo o programa é vinculado a outros projetos como: Projeto de Ensino de Percussão – P.E.P, também coordenado pelo professor José

Everton; o projeto de Formação Continuada em Educação Musical – FOCEM, projeto do Centro de Artes coordenado por um professor do curso de Música – Licenciatura; o Grupo Vocal Esperança, grupo destinado aos usuários e ex-usuários do CAPS, os ensaios acontecem no Centro de Artes; e parceria em algumas ações do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. As ações realizadas entre esses programas e projetos e o PEPEU variam em relação ao objetivo de tal atividade. Algumas ações necessitam de todo o grupo, como em uma apresentação musical em determinado local. Outras dependem apenas de alguns participantes para uma apresentação menor, para uma oficina ou atividade musical.

O programa está inteiramente ligado ao ensino e à extensão, não só em atividades práticas musicais mas também no estudo de percussão e educação musical que decorrem de outros projetos. Como parte do objetivo do programa e como resultado de suas parcerias em outros projetos, o PEPEU atende à comunidade de Pelotas e região, bem como de outros estados, de variadas maneiras. As ações com a comunidade se dividem entre: recitais, ensaio aberto, oficinas continuadas, oficinas itinerantes, entre outras. Para a escrita desse trabalho escolhi algumas dessas ações e apresento a seguir sua constituição e alguns resultados obtidos.

2. DESENVOLVIMENTO

O Programa de Extensão em Percussão da UFPel atua em diversos espaços na UFPel, em Pelotas e região e também fora do estado do RS. Entre as atividades que o PEPEU realiza, ou realizou, podemos citar: oficinas de percussão em escolas pública; oficina de musicalização voltada à percussão para professoras pedagogas da cidade de Pelotas; oficinas sobre o SOPAPO, instrumento de percussão característico da região de Pelotas e Rio Grande, entre outras. Além dessas atividades, o PEPEU também realiza performances musicais, já tendo se apresentado na UFSM em Santa Maria/RS (2014), na UFU Uberlândia/MG (2014), em diversos eventos pela cidade de Pelotas, como na abertura do CIC/CEC/Enpos de 2014, no Teatro Guarany, na Bienal Internacional de Arte e Cidadania (2015), que contou com a participação do conceituado percussionista, compositor e educador musical, Ney Rosauro, no Encontro da Associação Brasileira de Educação Musical em Curitiba/PR (2016), Florianópolis – SC (2016), no Largo do Mercado Público de Pelotas, em parceria com o PIBID-UFPel, e no Festival Internacional de Música de Londrina/PR (2017).

Em julho de 2017 o PEPEU esteve presente no 37º Festival Internacional de Música de Londrina, em Londrina/PR. O grupo foi convidado para participar do evento, com duração de 2 semanas, e fazer uma apresentação musical no mesmo. O convite para este evento foi resultado da participação do grupo no XVII Encontro Regional Sul da Abem, em Curitiba/PR no ano de 2016.

Foram meses de organização para definir as ações do PEPEU em Londrina, tanto no que diz respeito à apresentação musical quanto às atividades pedagógico-musicais que o grupo realizaria. Depois das tratativas em relação ao transporte do grupo e dos instrumentos, ambos custeados pela UFPel e das hospedagens e alimentações que ficaram sob responsabilidade do 37º FML, foi então confirmada a participação do grupo no festival e deu-se início ao processo de preparação para as atividades pelas quais o grupo havia ficado responsável. Foram quase 3 meses de preparação nos quais o grupo se encontrou de segunda à sexta, das 19h às 21h, para o ensaio do repertório de percussão e, em alguns momentos, para o preparo de oficinas a serem ministradas em Londrina. A princípio o PEPEU realizaria 4 oficinas em 3 escolas públicas da cidade de Londrina e para tanto os integrantes se dividiram em grupos para a idealização e estruturação das mesmas. Entretanto, devido ao fato das escolas estarem em férias no período do festival, não foi possível a realização dessas oficinas nas escolas programadas, mas outras duas oficinas aconteceram. As oficinas de percussão foram para dois grupos musicais de Londrina: O projeto social da Guarda Mirim de Londrina e Banda Marcial do Colegio estadual Marcelino Champanhat.

Como dito anteriormente, as ações do PEPEU são extensas para serem todas descritas nesse trabalho, e as ações realizadas em Londrina não são diferentes. Foram 2 semanas de trabalho intenso por parte de toda a equipe do PEPEU, e além das oficinas acima mencionadas, o grupo também realizou: cortejo pelo centro da cidade de Londrina, apresentação com a Banda Sinfônica do Festival, Recital da Oficina de Percussão com alunos participantes do festival, Concerto de encerramento do Festival, em que foi interpretada a obra Carmina Burana e o concerto do PEPEU, que aconteceu no dia 20 de julho no Teatro Ouro Verde em Londrina. Além das apresentações musicais, os integrantes do PEPEU puderam participar das oficinas que estavam acontecendo no festival, como oficinas de piano, canto coral, técnica vocal e composição. O grupo também participou de uma oficina com o educador musical irlandês Phill Mullen e com o Professor Iramar Rodrigues do Instituto Dalcroze de Genebra, Suíça.

Essas foram algumas das atividades realizadas pelo grupo na sua participação no 37º Festival Internacional de Música de Londrina.

3. RESULTADOS

Todo o processo que se deu de preparação e participação no festival e vivências dos resultados advindos do mesmo está refletido na conjuntura atual do PEPEU e está servindo de influência para os próximos trabalhos do grupo. A participação do PEPEU no festival de Londrina foi uma conquista muito importante não só para o grupo, bem como para o curso de Licenciatura em Música e para a Universidade Federal de Pelotas. Como resultado da apresentação musical todo o concerto do PEPEU foi gravado em áudio e vídeo e esse material ficará disponível para todos que interessarem-se em conhecer, apreciar e estudar sobre as músicas performadas pelo grupo. Além desse material físico, os integrantes do grupo trouxeram consigo todas as experiências advindas das apresentações musicais em grupo e das oficinas que cada um participou.

Concerto do PEPEU (Londrina/PR)
Fonte: 37º FML

Decorrente dessa participação no 37º FML, o PEPEU está organizando apresentações musicais pela cidade de Pelotas, sendo algumas em virtude de convites e outras por iniciativa própria em eventos organizado pelo grupo. Alguns eventos confirmados: Concerto na Expofeira Pelotas, Concerto no Seminário do PIBID, Apresentação no Largo do Mercado Público de Pelotas durante a Semana Acadêmica do curso de Licenciatura em Música e na Semana dos Saberes Percussivos, apresentação do PEPEU na 3ª Semana Integrada da UFPel, Concerto de final de ano do PEPEU com o local ainda a confirmar, Seminário de Arte na Escola e os Ensaios de Portas Abertas, em que o PEPEU convida a comunidade a assistir os ensaios do grupo que acontecem na sala de percussão do LIFE na AABB.

Além das apresentações musicais, estão sendo pensadas e articuladas oficinas itinerantes por alguns locais da cidade de Pelotas e Capão do Leão para a realização de atividades ligadas à música de percussão e à educação musical, alicerçando as experiências advindas do festival de Londrina com os objetivos e com o papel que o PEPEU exerce enquanto programa de extensão da Universidade Federal de Pelotas.

4. AVALIAÇÃO

A extensão universitária é parte imprescindível da Universidade, juntamente com a pesquisa e o ensino, e como tal necessita ser considerada. Historicamente, a extensão tem sido deixada em segundo plano em relação às práticas de ensino e pesquisa, não sobrando tempo e espaço para ela.

> Em relação à extensão, não há clareza sobre o seu significado, o seu papel no âmbito institucional e social e, em muitos casos, assume-se uma "prática cega de atendimento à comunidade", prática centrada numa via de mão única, em que a universidade determina o que será desenvolvido para a comunidade externa (RODRIGUES, 2006, p. 87).

Segundo o autor, para que a extensão universitária seja de fato construída é necessário que a comunidade reconheça a universidade como um espaço possível para o exercício do pensamento crítico da sociedade e que a mesma adentre o seu interior, estabelecendo um processo permanente de diálogo entre comunidade e universidade.

> Portanto, a Universidade somente poderá ter sua extensão institucionalizada se os seus muros deixarem de existir e a comunidade tiver livre trânsito no seu interior, influenciando o ambiente acadêmico e sendo por ele influenciado, destruindo, assim, a concepção meramente assistencialista de extensão (RODRIGUES, 2006, p. 85).

Além do papel para com a comunidade externa à universidade, a extensão é também fundamental para uma mais completa formação acadêmica do discente, integrando teoria e prática numa relação com a sociedade que possibilite a troca de saberes entre ambos (MANCHUR et. al., 2013). Em se tratando dos cursos de Licenciatura, "a extensão favorece o contato direto para o desenvolvimento da prática docente, que possibilita

o desenvolvimento de metodologias de ensino que potencializam a sua formação acadêmica" (MANCHUR et. al., 2013, p. 335).

Tendo em vista o papel que a extensão universitária exerce na universidade e a sua função na mesma, o Programa de Extensão em Percussão da UFPel, vinculado com seus projetos parceiros, tem uma grande responsabilidade a cumprir, não apenas para com a comunidade mas também com os seus integrantes, especialmente os discentes do curso de Música – Licenciatura. O PEPEU é um espaço de ensino-aprendizagem que possibilita a troca de saberes e de experiência entre seus participantes, a comunidade e a universidade. Desde o seu surgimento em 2013 foram muitas as conquistas do PEPEU enquanto um programa de extensão da UFPel e grupo musical. No curso de Música – Licenciatura o PEPEU foi o que deu início e o que possibilitou diversas ações das quais os discentes fizeram parte, como viagens e participações em eventos nacionais e internacionais em outras partes do país, escrita e apresentação de trabalhos acadêmicos e apresentações musicais em diversos espaços formais e informais.

O PEPEU é um espaço que está sempre de portas abertas para toda e qualquer pessoa que queira participar, seja tocando percussão, apreciando as músicas ou trocando ideias. Não é possível mensurar o alcance que resulta das ações do PEPEU pelos locais em que passou, mas é certo que o grupo está construindo sua história integrando da melhor maneira possível comunidade e universidade.

5. REFERÊNCIAS

MANCHUR, J.; SURIANI, A. L. A.; CUNHA, M. C. A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas. **Revista conexão UEPG**, Ponta grossa, v. 09, n. 2, p. 334-341, 2013. Acessado em 20 jan. 2017. Online. Disponível em: http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao

RODRIGUES, R. A extensão universitária como uma práxis. **Em Extensão**, v. 5, p. 84-88, 2006. Acessado em 20 ago. 2017. Online Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20340/10820

UFPEL. **Projetos por Unidade – Ano 2016.** PREC – Pró Reitoria de Extensão e Cultura. Acessado em 01 out. 2017. Online. Disponível em: https://buddhi.ufpel.edu.br/diplan/projetos/relatorios/coplan_projetos.php

TESTES PARA LIMPEZA DA ESCULTURA FUNERÁRIA DE JACOB ALOYS FRIEDERICHS

GIOVANA BORGES PERES[1]; JULIANA IOST DAMASCENO[2];
LUIZA FABIANA NEITZKE DE CARVALHO[3]

[1]Universidade Federal de Pelotas – giovanaborgesperes@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – juleesan.iost@gmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas – marmorabilia@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os testes realizados na escultura da Capela funerária de Jacob Aloys Friederichs, hoje inexistente, a qual era localizada no Cemitério São José II de Porto Alegre/RS. A escultura retornou para o local em 2016. Esta atividade faz parte do Projeto de Extensão: Restauração da Escultura Funerária de Jacob Aloys Friederichs, que busca analisar o estado de conservação e propor a restauração, a conservação e a realocação da escultura no cemitério, trabalho esse desenvolvido no Grupo de Pesquisa Marmorabilia- Inventário da Memória Tumular do Rio Grande do Sul, que vem a ser uma extensão da disciplina de Materiais Pétreos, do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauração da UFPel.

Esta escultura, em sua origem, adornava o frontão da capela funerária de Jacob Aloys Friederichs (fig. 1). Após o desmanche da capela, a escultura sofreu dissociação e passou a ornamentar o lago do Crematório Saint Hilaire em Viamão/RS (fig. 2) (CARVALHO, 2015).

O estudo busca a conservação e o registro do patrimônio tumular, ressaltando a importância histórica da Arte Funerária e suas técnicas de fabrico (saber fazer) dos marmoristas do RS, com valor de memória cultural. Os fatores de degradação ocasionaram diversos problemas à escultura, que por se tratar de um artefato em arenito, rocha de formação sedimentar, apresenta avançados níveis de erosão, alveolização, eflorescência e diversas colonizações biológicas, consequentes a sua exposição contínua ao intemperismo e do contato direto com a água (ICOMOS, 2000).

Fig. 1- Fonte: Fotografia de Maria Elizia Borges, 2003.

Fig. 2- Fonte: Fotografia de Luiza F. N. Carvalho, 2012.

2. DESENVOLVIMENTO

A metodologia utilizada baseou-se em revisões bibliográficas sobre a conservação e restauração de bens culturais em materiais pétreos, onde buscou-se utilizar métodos seguros de limpeza, evitando produtos de abrasão e químicos que possam ocasionar danos ao artefato. Foram realizados testes cujos resultados apontaram estratégias e metodologias de higienização, limpeza e dessalinização.

Para o desenvolvimento dos testes foi primeiramente realizado um pré-estudo na área de conservação e restauração de materiais pétreos (revisão bibliográfica).

Antes de começarem os testes, foram realizados os exames organolépticos, a coleta de amostras dos microrganismos, sais e fragmentos da pedra para futuros exames e descrição no mapa de danos das manifestações patológicas, gerando dados para a elaboração da documentação.

Após, foram iniciados os testes para a elaboração do plano de tratamento. O primeiro teste foi realizado na base da escultura com bastante salinidade afim de determinar qual a polpa adequada para aplicação de químicos (fig. 3). Os materiais empregados foram polpas de algodão, de celulose e bentonita embebidos em água destilada e tensoativo (detergente neutro) aplicadas por 45 minutos. Após foi feita a rinsagem, com água corrente e com auxílio de escova de cerdas macias.

O segundo teste foi realizado no intuito de amenizar os resquícios de tinta rosa da escultura, mantendo sua pátina como resultado (fig.4). Foi utilizada uma solução de acetona P.A a 50% e álcool 96% a 50%, aplicada com swabs e em movimentos circulares.

O terceiro teste realizado foi o da limpeza úmida na parte superior da escultura (cabeça e chapéu) (fig. 5). Utilizando uma solução de água destilada, tensoativo (detergente neutro) e biocida (cloreto de benzalcônio a 5%) com o auxílio de um borrifador, em movimentos circulares e leves com escova de cerdas macias, após, foi realizada a rinsagem com água corrente para total eliminação do produto.

Fig. 3- Fonte: Giovana Borges Peres, 2017.

Fig. 4- Fonte: Luiza F. N. Carvalho, 2017.

Fig. 5- Fonte: Luiza F. N. Carvalho, 2017

3. RESULTADOS

Com este estudo tivemos a oportunidade de conhecer o comportamento que o arenito (pedra grês) apresentou nos testes de limpeza realizados, os quais até o momento geraram resultados satisfatórios. No primeiro teste com as polpas a que apresentou melhor resultado foi a bentonita. O artefato foi analisado depois de estar seco com o auxílio de uma lupa de pala. Constatamos que os sais superficiais e as algas foram removidos em um curto período (fig. 6). No segundo teste, onde o objetivo era amenizar o contraste da pedra com a tinta, obtivemos bom resultado, pois ocasionou uma pátina discreta sem agredir o suporte na remoção da tinta (fig. 7). E por último, a limpeza úmida com o auxílio do biocida, que apesar do curto contato com as colonizações biológicas, apresentou resultados satisfatórios (fig. 8), direcionando as tomadas de decisões do tratamento a ser realizado.

Atualmente, o trabalho encontra-se em andamento, onde será elaborado um laudo técnico que constará todas as informações levantadas, testes realizados, registro fotográfico, mapa de danos e proposta de tratamento. Os testes oferecem maior segurança para a realização do tratamento que requer intervenções pontuais mais profundas. Serão realizados também testes em laboratório para identificar com precisão a composição da rocha, os tipos de colonização biológica, de sais e outras alterações da rocha.

Fig. 6- Fonte: Giovana Borges Peres, 2017.

Fig. 7- Fonte: Giovana Borges Peres, 2017.

Fig. 8- Fonte: Luiza F. N. Carvalho, 2017.

4. AVALIAÇÃO

A realização deste trabalho forneceu informações para desenvolver uma proposta de conservação e restauração em artefatos de arenito e dar continuidade nos estudos de materiais pétreos. Aponta o caminho das futuras intervenções e permite refletir sobre a conservação do artefato, um bem dissociado de seu contexto de origem e que requer um tratamento diferenciado de outras esculturas funerárias expostas à intempérie, já que passou por mudanças de ambiente muito pontuais. O desenvolvimento deste estudo deve indicar inclusive a apresentação e salvaguarda do artefato em local propício à sua conservação para novamente ser exposto à comunidade, ressaltando a importância e preservando a memória de Aloys Friederichs para a Comunidade de Alemães Católicos do São José, o qual participou ativamente e contribuiu como administrador do Cemitério São José I, por um período de doze anos, além de seu ofício de marmorista que colaborou para o desenvolvimento da necrópole.

5. REFERÊNCIAS

BRAGA, M. D. **Conservação e Restauro:** pedra, pintura mural e pintura em tela. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2003.

CARVALHO, L. F. N. **História e Arte Funerária dos Cemitérios São José I e II em Porto Alegre (1888-2014).** 2015. 539 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Programa de Pós- Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CARRACEDO, M.S. **Estudio de Patologías, Técnicas de Diagnosis, Restauración y conservasión de Materiales Pétreos.** 2013. Monografia (Grado en Arquitectura Técnica) - Graduação, Universidad de la Coruña

ICOMOS. **Glossário Ilustrado das Formas de Deterioração da Pedra,** Paris, 2000. Acessado em 18 abr. 2017. Online. Disponível em: http://www.icomos.pt/index.php/80-glossario-ilustrado-das-formas-de-deterioracao-da-pedra.

ISQUIERDO, R.R.; RODRIGUES, M.D.N.; GARCIA, S.E.C.;PERES, V.R.C.; CAVALIERI, J.; CARVALHO, L.F.N. Procedimento de higienização do Monumento Funerário Poeta Lobo da Costa – Pelotas/RS. In: **XXII CIC UFPEL**. Pelotas, 2013. Anais XXII CIC UFPEL, Pelotas. Consulta em 18 abr. 2017. Online. Disponível em: http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2013/SA_02852.pdf.

SANES, M.P.; QUEVEDO, D.M.S; CARVALHO, L.F.N. Ficha descritiva do Monumento Funerário do Poeta Lobo da Costa – Pelotas/RS. In: **XXII CIC UFPEL**. Pelotas, 2013. Anais XXII CIC UFPEL, Pelotas. Consulta em 18 abr. 2017. Online. Disponível em: 2013. http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2013/CH_01431.pdf.

A REORGANIZAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO MUSEÓLOGICA NO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS: UM BREVE RELATO

GIOVANI VAHL MATTHIES[1]; GILSON BARBOSA[2];
MAURÍCIO ANDRÉ MASCHKE PINHEIRO3; MARINA MONTEIRO[4];
JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM[5]; DIEGO LEMOS RIBEIRO[6]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – giovanimatthies@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – gbson1@gmail.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – mauriciopinheiro685@gmail.com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas – marinamonteironascimento33@gmail.com*
[5]*Universidade Federal de Pelotas – josepbrahm@hotmail.com*
[6]*Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o processo de reorganização da documentação museológica do Museu Gruppelli, localizado no 7º distrito da zona rural da cidade de Pelotas. As ações doravante descritas são realizadas no escopo do projeto de extensão "Revitalização do Museu Gruppelli", na área temática da cultura. Esse espaço de memória foi inaugurado no ano de 1998, pela iniciativa da comunidade local que buscava um espaço para preservar suas histórias e memórias. O acervo do Museu é dividido em núcleos temáticos (esporte, doméstico, impressos, trabalho rural e trabalho especifico) e se apresenta como "um espaço de exposição e guarda de objetos que traduzem a 'vida na colônia', ou seja, as dinâmicas sociais de uma comunidade identificada pelas origens e trajetória imigrante" (FERREIRA, GASTAUD, RIBEIRO, 2013, p. 58).

Na véspera de Páscoa de 2016, a região do 7º distrito de Pelotas foi atingida por uma enchente de proporções inéditas que trouxe imensurável prejuízo para a população local, com inúmeras perdas. No Museu Gruppelli, não foi diferente: a água, que chegou perto de 1,20 metros de altura, inundou o espaço expositivo e a reserva técnica. Foram encontrados objetos em meio à lama e água e, logo, foram notadas as ausências. Dentre as principais perdas do acervo está o tacho de cobre e a cadeira, esta que ficava no cenário da barbearia. Nesse acontecimento de grandes proporções, o Museu não perdeu somente objetos do acervo, mas parte de seu material informacional (livro de sugestões, de contabilidade, fichas catalográficas, dentre outros).

Em um primeiro momento, a equipe do Museu trabalhou no resgate dos objetos, que consistiu em limpar a lama e secá-los. Todo esse processo foi realizado em uma ação

conjunta, que convergiu dos Cursos de Museologia e de Conservação e Restauração da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), além de diversos outros colaboradores voluntários. Diversos itens do acervo, sobretudo os de suporte em papel, foram levados para os laboratórios do Curso de Conservação e Restauração, onde foi realizado um trabalho de restauração mais aprimorado e emergencial. Importa mencionar que, embora a ocasião fosse trágica, houve uma forte integração entre a Universidade e a comunidade local, no sentido de trazer o Museu de volta à ativa. Outrossim, o evento em questão, sobretudo para o curso de Conservação e Restauração, serviu como laboratório para incrementar as pesquisas sobre acervos em situação de risco, gerando substrato também para trabalhar, no ensino, as questões suscitadas no momento do resgate e na posterior restauração – o Museu serviu como estudo de caso em disciplinas do Curso.

Em reunião semanal do projeto, para tratar das ações mais voltadas aos processos técnico-científicos do Museu, foi decidido que seria necessário organizar uma equipe interdisciplinar para tratar o acervo e a documentação, assim como o imediato remanejamento da reserva técnica para o andar superior do Museu Gruppelli. A interdisciplinaridade, nesse contexto, para além dos cursos de Museologia e de Conservação e Restauração, cria pontes igualmente com os cursos de Informática e de Antropologia, ambos no sentido de gerar uma maior disseminação do acervo, nomeadamente em termos informacionais e comunicativos. Importa apontar para a notável relevância dos processos de documentação de coleções em museus, por se tratar de uma elementar ferramenta de controle dos itens do acervo, além de servir como fonte de pesquisa para o desenvolvimento de exposições – a maior janela que se abre entre museu e público. Em outros termos: quanto mais aprimorado for o sistema documental, maior será o potencial de socialização das informações produzidas sobre as coleções.

2. DESENVOLVIMENTO

Concordamos com Marília Xavier Cury (2006) quando afirma que os museus, enquanto lugares de preservação patrimonial, abarcam como funções basilares coleta, pesquisa, documentação, conservação e comunicação, encadeamentos esses que configuram o processo de musealização.

Destacamos, para fins deste trabalho, que a documentação museológica, enquanto parte do processo de musealização, possibilita a organização, a recuperação, o

gerenciamento e a disseminação das informações dos acervos e coleções que compõem as instituições museológicas. “Um museu que não possui suas coleções devidamente documentadas não poderá cumprir suas funções de gerador, comunicador e dinamizador de conhecimento junto ao patrimônio e à sociedade, enfim não será útil a seu público” (NOVAES, 2000, p. 44).

Padilha (2014) diz que a documentação museológica pode ser dividida de duas maneiras: em documentação dos objetos e em documentação das práticas no museu. A primeira aborda a seleção, a pesquisa, a interpretação, a organização, o armazenamento, a disseminação e a disponibilização da informação. Já a segunda põe em evidência as questões administrativas, organizacionais e de gestão do acervo.

O processo de documentação, em nosso entendimento, também diz respeito à própria forma como o Museu dispõe os objetos e todos os fatores de risco inerentes aos espaços de guarda. Devido à perda documental e ao risco de degradação dos objetos, sobretudo após a enchente, optou-se pela realocação da reserva técnica do andar térreo para o andar superior do Museu Gruppelli. Consideramos que documentação e conservação devem seguir rotas convergentes para a potencialização da salvaguarda.

Nesse sentido, o processo de documentação foi pensado e dividido em três etapas: a primeira foi o remanejamento dos objetos da antiga reserva técnica para as salas de cima (superiores) do Museu, como já mencionado. Com as salas devidamente limpas, os objetos do acervo foram colocados em caixas de madeira e dispostos nas prateleiras e estantes para a melhor organização. Com tudo já organizado, foram higienizados livros, quadros, objetos de madeira e de ferro para, posteriormente, ser comprados os materiais necessários para o processo. Atualmente, ainda está sendo organizado um espaço mais adequado para as ações voltadas à conservação.

A segunda etapa consistiu na elaboração de uma ficha catalográfica que contemplasse não somente a materialidade dos objetos, mas também sua biografia. Para isso, foram realizadas entrevistas com doadores ou parentes dos antigos donos de alguns objetos – como a carroça, a cadeira de barbeiro e a coleção de utensílios (máquinas) utilizada na fabricação de vinho. A ficha teve várias versões até que satisfizesse e contemplasse a riqueza informacional dos objetos.

Vale mencionar, de acordo com Peter Van Mensch (1994), que a natureza informativa dos objetos comporta dados intrínsecos e extrínsecos. Os dados intrínsecos estão associados a peso, dureza, forma, cor, textura, entre outros. Já os dados extrínsecos são referentes ao significado, à função, ao valor estético, histórico, financeiro, simbólico, científico, entre outros. É importante destacar, ainda, as reflexões de Brahm; Ribeiro;

Tavares (2016, p. 689), que consideram a existência de uma terceira natureza informativa que redunda nos "sentidos que podem ser gerados, frutos da relação entre o sujeito e a cultura material; estes, por sua vez, são imensuráveis e mimetizáveis de acordo com as memórias e emoções que são desencadeadas secretamente no cognitivo do sujeito". Em outros termos: a documentação serve à emoção patrimonial, ao afeto e ao campo do sensível.

A terceira etapa compreende a construção de uma ferramenta interativa para a documentação das coleções, que consiste na elaboração de um site[1] em que serão disponibilizadas as fichas para acesso remoto. Essa ferramenta será importante na medida em que as pessoas poderão cooperar com o preenchimento das fichas ajudando, desse modo, na recuperação e criação de novas versões e histórias sobre os objetos do acervo. Ou seja, as fichas terão um espaço designado para que o público possa contribuir com as suas memórias, que serão armazenadas no servidor do site. Vale mencionar que as pessoas que visitam o Museu já contribuem através de suas narrativas com informações associadas aos objetos do acervo.

Essa ferramenta ampliará notoriamente a comunicação e a interação objeto/público e, consequentemente, a salvaguarda de memórias e identidades. Acreditamos que, por meio dessa ferramenta, o público se sentirá mais identificado com o Museu, amplificando seu potencial de preservação e difusão. Do mesmo modo, colocará em xeque a ideia de que os processos técnico- científicos são restritos à equipe do Museu.

3. RESULTADOS

Com esse trabalho, ainda em andamento, tivemos a oportunidade de pôr em prática o que aprendemos em sala de aula podendo fazer, desse modo, uma ligação entre pesquisa, ensino e extensão. O trabalho nos proporcionou a oportunidade de perceber a realidade que grande parte dos museus vivenciam na atualidade, como a falta de recursos e de infraestrutura.

Tendo em vista as dificuldades apresentadas, criamos métodos mais exequíveis para reorganizar o acervo e qualificar a comunicação, fazendo uso da criatividade e potencializando os parcos recursos disponíveis. Essas práticas melhoram a comunicação e expandem as conexões entre os objetos e o público. Do mesmo modo, aproximam os

[1] O site em questão está em desenvolvimento, mas parte do trabalho pode ser acessado no perfil do Museu no Facebook, por intermédio do endereço: https://www.facebook.com/museugruppelli

discentes da realidade do campo de trabalho, muitas vezes distantes do que é ilustrado na bibliografia da área.

Embora o trabalho ainda esteja em andamento, já conseguimos contemplar as etapas 1 e 2 do processo. A etapa três está em fase de testes e próxima de ser colocada em prática, com o auxílio de discentes do curso de Informática e em parceria com os colaboradores do projeto de extensão.

4. AVALIAÇÃO

As ações permitiram perceber que a documentação está no cerne do trabalho do profissional museólogo ao interligar, nessa prática, o tratamento, a recuperação e o cadastro de informações intrínsecas e extrínsecas do objeto. O trabalho ora exposto possibilita vislumbrar diversas formas de registro e de disseminação de informação, que favorecem a construção de um sistema colaborativo e interativo com os públicos. Práticas museológicas que eram tradicionalmente feitas nos laboratórios "assépticos", em instituições que engessam os objetos em vitrines, nesse contexto seguem caminho reverso. Além de retratar a biografia dos objetos, revelada por intermédio de entrevistas com os doadores e outros atores-sociais, os colaboradores do projeto buscam desvelar a biografia das pessoas por intermédio dos objetos – em uma relação duplamente relacional com eles. Por essa prática, os objetos são colocados à disposição para que novas histórias e memórias sejam anexadas a estes, tendo em perspectiva que: "enquanto dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço, dois ou mais sentidos podem ocupar um mesmo corpo patrimonial, uma vez que eles (os sentidos) estão na dependência do lugar social que a ele (o corpo) é destinado" (CHAGAS, 2005, p. 215). Em síntese, acreditamos que o maior potencial do museu reside no extramuros, que oferece oxigênio para manter sua vitalidade social e cultural.

5. REFERÊNCIAS

BRAHM, J. P. S.; RIBEIRO, D. L.; TAVARES, D. K. Memória e identidade: a musealidade no Museu Gruppelli, Pelotas/RS. **RELACult-Revista Latino- Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 2, n. 4, p. 685-705, 2016.

CHAGAS, M. Casas e portas da memória e do patrimônio. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra-capa, 2005.

CURY, M. X. **Exposição:** concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2006.

FERREIRA, M. L.; GASTAUD, C.; RIBEIRO, D. L. Memória e emoção patrimonial: Objetos e vozes num museu rural. **Museologia e Patrimônio**, v. 6, p. 57-74, 2013. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/download/236/218>. Acesso em ago. 2017.

MENSCH, P. V. **O objeto de estudo da museologia.** Rio de Janeiro: UNI RIO/UGF,1994.

NOVAES, L. R. Da organização do patrimônio museológico; refletindo sobre documentação museológica. In: **Museologia Social,** SMC, Porto Alegre, 2000.

PADILHA, R. C; CAFÉ, L. M. A. Organização de acervo fotográfico histórico: proposta de descrição. inCID: **Revista de ciência da informação e documentação**, v. 5, n. 1, p. 90-111, 2014.

USO DO MINIMALISMO COMO MÉTODO DE ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE ACADÊMICO

GIOVANNA BARBOSA HIGASHI[1]; BIANCA SANTANA DE OLIVEIRA[2]; GEISON DE LIMA MARTINS[3]; VINÍCIUS COLATTO ROSSO[4]; REGINALDO DA NÓBREGA TAVARES[5]; ANGELA RAFFIN POHLMANN[6]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – giovanna.higashi@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – bianca_santana@live.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – gison_1@msn.com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas – vinicrosso@yahoo.com.br*
[5]*Universidade Federal de Pelotas – regi.ntavares@gmail.com*
[6]*Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann.ufpel@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

Este artigo relata uma proposta de organização do espaço de um ateliê dentro da universidade baseada no *minimalismo* destinada ao espaço acadêmico em que se desenvolvem as atividades do projeto *Ações Multidisciplinares com Arte e Engenharia Digital*. O projeto de extensão teve início em 2012, reunindo estas duas áreas do conhecimento, cujos objetivos estavam voltados à construção de objetos artísticos interativos, ou objetos com próteses eletrônicas, e demais artefatos que pudessem ser executados para melhorar as relações estabelecidas no meio acadêmico e na comunidade de Pelotas.

O projeto situa-se na sala 103 do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Neste ambiente, são feitas reuniões semanais do grupo. A sala é de fácil acesso aos participantes do projeto, e cumpre bem sua função como ateliê de gravura em questão de localização e tamanho. No entanto, com a execução de projetos artesanais feitos no local, tanto de gravura quanto na área da engenharia, acumulam-se, neste espaço, equipamentos e materiais variados como madeiras, papéis, caixas, eletrônicos e bicicletas. O modo como alguns destes objetos estão armazenados pode suscitar uma "pseudo" desordem física e visual, que poderia interferir ou reduzir a produtividade do grupo, ou parecer pouco acolhedor a pessoas que não estão habituadas à composição do ambiente.

Assim objetivo do projeto, portanto, é de unir conhecimentos advindos do design e do minimalismo para transformar a organização do espaço de modo a tornar o ateliê mais prático e acolhedor.

O minimalismo possui duas vertentes. A primeira é a estética, conhecida também como Minimal Art, que é o nome dado a um conjunto de características encontradas em obras de diversas épocas. Nestas, é comum o uso de poucas cores e geralmente sólidas, monocromia, poucos elementos e formas simples ou geométricas (BATCHELOR, 2001, p.6). Atualmente esta estética ainda é muito vista, e foi principalmente no design que popularizou-se o *flat design*, que possui as características básicas do minimalismo, e visa melhorar a experiência dos usuários com interfaces e marcas mais simples de maneira mais eficaz.

A segunda é definida como um "estilo de vida", a qual propõe mudanças de hábitos com o propósito de evitar excessos materiais e removê-los, melhorando a qualidade de vida, aumentando o tempo disponível de cada um e consequentemente diminuindo as pequenas preocupações diárias que esses acúmulos podem trazer, gerando mais foco e produtividade no dia-a-dia.

2. DESENVOLVIMENTO

Este projeto ainda está em fase inicial, cuja pesquisa bibliográfica exploratória está sendo realizada no campo teórico do minimalismo. Foram coletadas informações provindas de livros sobre a estética minimalista assim como o estilo de vida, buscando conhecimentos que possibilitaram realizar a proposta de reorganização do ateliê. É necessário levar em consideração que o objetivo do artigo é tratar de um ambiente acadêmico, e não da vida pessoal dos participantes ou estudantes. Desta maneira, serão estudados e analisados casos que podem ser aplicados no projeto.

Para definir a metodologia do processo de organização, é necessário ter o conhecimento um pouco mais aprofundado a respeito do que se baseia esse estilo de vida. Por ser um assunto que relaciona-se com a vida e hábitos de cada um, é caracterizado por ser bastante flexível e sem regras definidas - apenas visando maior bem-estar e aproveitamento do tempo no cotidiano - sendo disseminado pelas experiências pessoais de quem incluiu o minimalismo em suas vidas e que são compartilhados por pessoas do mundo todo por meios onlines, como blogs, plataformas de vídeos e livros.

Apesar dos diferentes graus de radicalismo que cada pessoa pode desenvolver ao aderir práticas minimalistas, o objetivo sempre será a melhoria da qualidade de vida, gerando uma satisfação pessoal que independe da quantidade de bens que se possui, tornando o dia-a-dia menos conturbado com distrações e aumentando o foco e tempo disponível.

Bea Johnson, conhecida por propor a si mesma a redução máxima do lixo produzido em sua casa, fundou o movimento *Zero Waste* como forma de incentivar outras pessoas a tomarem consciência da quantidade de lixo que produzem e mostrar alternativas simples como optar por lojas a granel ao invés de comprar produtos industrializados.

> *Zero Waste* é uma filosofia baseada em um conjunto de práticas voltadas a evitar a maior quantidade de desperdício possível. No mundo manufaturado isso inspira o design *cradle-to-cradle*; na casa isso incentiva o consumidor a agir de modo responsável. Muitas pessoas têm a concepção errada de que tudo que é envolvido é uma reciclagem extensiva, quando o que ocorre é o contrário, *Zero Waste* não promove a reciclagem. Ao invés disso, ele leva em consideração as incertezas e os custos associados com os processos de reciclagem. Reciclagem é considerada apenas como uma alternativa ao manuseio (contra idealmente, eliminação) de materiais desperdiçados, e apesar de ser incluída no modelo *Zero Waste*, é vista como último recurso antes da compostagem (JOHNSON, 2013, p. 14) [tradução nossa].

A autora possui cinco princípios, denominados de 5Rs: r*efuse, reduce, reuse, recycle* e *rot* (recusar, reduzir, reutilizar, reciclar e compostar), além de, como citado, incentivar o design *cradle-to-cradle* ("do berço ao berço"), onde não existe o conceito do lixo, apenas dos materiais a serem utilizados como nutrientes para novos projetos.

Ao analisar os princípios de Johnson (2013), percebe-se que algumas dessas etapas já são encontradas nos projetos do ateliê da Sala 103, principalmente na área da engenharia onde os materiais são constantemente reutilizados e repassados de projeto a projeto.

Outro nome importante para o minimalismo, agora com o foco na parte do desapego material é Marie Kondo, uma consultora de organização japonesa que possui técnicas para organizar o ambiente rapidamente e de maneira eficaz. Seu princípio base é de manter apenas itens importantes e que trazem alegria, diminuindo o total de objetos possuídos e tornando a organização um processo natural (KONDO, 2015).

A técnica utilizada por Kondo consiste em separar os objetos em categorias pré-definidas, como roupas, livros, produtos de beleza, dentre outros, e a partir disso analisar cada grupo - possibilitando dessa maneira analisar a quantidade de materiais acumulados - facilitando o descarte do que é pouco utilizado ou até mesmo repetido.

Com base nesse método, será feita uma reunião com todos os bolsistas e coordenadores do projeto para definir as categorias que englobam os materiais contidos no local, e criar uma lista que facilitará a separação e descarte apropriado de materiais específicos não utilizados, bem como a organização do espaço.

Além disso, como forma de conscientização da quantidade de itens que são adicionados no ateliê, é possível elaborar um projeto gráfico composto de cartazes informativos indicando seu descarte, uso correto e cuidados com a sala, evitando o surgimento de materiais que não serão utilizados e como forma de incentivar a organização do local.

3. RESULTADOS

Esperamos que após todo o processo de avaliação dos objetos e descarte dos excessos haja uma mudança de hábitos e a organização seja mantida naturalmente, pois haverá maior consciência a respeito dos novos itens que serão acrescentados àquele espaço. Com isso, objetos antes guardados por muito tempo poderão ser encontrados e utilizados, podendo até mesmo incentivar novas criações e invenções advindas da área da engenharia.

É interessante ressaltar, também, que já existia antes uma relação entre o projeto e o minimalismo, que ocorria naturalmente ao utilizar um pensamento muito próximo do que a autora Johnson propõe, com principal foco na reutilização de peças e evitando o descarte de materiais que poderão ser utilizados futuramente.

4. AVALIAÇÃO

Em suma, é possível concluir que estas mudanças irão impactar o projeto *Ações Multidisciplinares com Arte e Engenharia Digital* de maneira positiva, trazendo benefícios para os participantes e aumentando a qualidade do tempo que o espaço do Atelier pode proporcionar.

Além disso, percebe-se que o minimalismo é um tema amplo e que se relaciona com diversas atividades e ambientações, sendo um assunto que permite ser estudado e aplicado em diferentes áreas do conhecimento, variando desde a vida pessoal até a área profissional ou acadêmica.

Muitas vezes, alguns hábitos que o minimalismo recomenda já estão incorporados no cotidiano de cada um, e basta um pouco de estudo e informações a respeito para

encontrar um equilíbrio e melhorar muito a produtividade, foco, e qualidade de vida, além de trazer benefícios ao meio ambiente ao reduzir o consumo excessivo.

5. REFERÊNCIAS

BATCHELOR, D. **Minimalismo**. São Paulo: Cosac Naify Edições, 2001.

JOHNSON, Bea. **Zero Waste Home.** Nova York: Scribner, 2013.

KONDO, Marie. **A Mágica da Arrumação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

Agradecemos ao CNPq pelo apoio recebido nas pesquisas que deram origem a este texto.

A RELAÇÃO DO PROJETO PRÓ-BICHO PELOTAS COM OS PROTETORES DE ANIMAIS DA CIDADE DE PELOTAS E REGIÃO

GIULIA RIZZATO[1]; VERÔNICA SOARES ROSA[2]; NÁDIA DA CRUZ SENNA[3]; JULIANA ANGELI[4]

[1] *Universidade Federal de Pelotas – giuliarizzato@hotmail.com*
[2] *Universidade Federal de Pelotas – veronicasoaresrosa@gmail.com*
[3] *Universidade Federal de Pelotas – alecrins@hotmail.com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas – julianaangeli@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão Pró-Bicho Pelotas iniciou-se em março de 2012, com a iniciativa da professora de fotografia do Centro de Artes da UFPel, Juliana Angeli e está vinculado ao Programa de Extensão "Arte, Inclusão e Cidadania", coordenado pela professora Nádia da Cruz Senna. A inspiração partiu do projeto *Cão Em Quadrinhos*[1] , de julho de 2009, criado pelas irmãs Manoela e Ana Carolina Dutra, tendo a proposta de ser um estúdio fotográfico especializado em fotografar animais de estimação, mas que também fotografa animais sem raça definida e que precisam de um lar, auxiliando os protetores locais. O *Cão Em Quadrinhos* foi o primeiro estúdio fotográfico voltado para animais no Rio Grande do Sul, tendo sua sede em Porto Alegre (CÃO EM QUADRINHOS, 2017).

Com o mesmo intuito, o projeto Pró-Bicho Pelotas se tornou um grande apoio à comunidade de Pelotas e região, às ONGs e aos grupos protetores independentes, ajudando na obtenção, tratamento e divulgação das imagens de seus resgatados através da página no Facebook[2] .

Desde seu início, com o agendamento das sessões fotográficas gratuitas produzidas no Centro de Artes da UFPel ou nos locais onde se encontravam os animais, o projeto auxiliou realizando fotografias dos resgatados das ONGs: A4 ONG [3] (*Associação de Amigos dos Animais Abandonados do Município de Capão do Leão*) e *S.O.S Animais Pelotas*[4] ;e para grupos de proteção independentes, como: *Amigos do Lixão*[5] *, 84 Gatos da Gonça*[6]*, Projeto Segunda Chance*[7]*, Um Real Para Castração*[8] , para o Canil da

[1] https://www.facebook.com/prasemprecachorro/
[2] https://www.facebook.com/ProBichoPelotas/
[3] https://www.facebook.com/a4amigos/
[4] https://www.facebook.com/sosanimaispelotas
[5] https://www.facebook.com/amigosdolixao/
[6] https://www.facebook.com/84gatos
[7] https://www.facebook.com/Projeto.Segunda.Chance/
[8] https://www.facebook.com/groups/UMREALPARACASTRACAO/

Prefeitura Municipal de Pelotas[9] e Canil Municipal de Arroio Grande[10] , aumentando as chances de adoção dos retratados.

Além da formação profissional e do exercício de cidadania oferecido aos bolsistas e voluntários do projeto, o objetivo principal do Pró-Bicho Pelotas está em ajudar animais de rua resgatados e que precisam de um lar e contribuir na redução da população de animais errantes na cidade de Pelotas e região.

Figuras 1: Fofucho. Filhote fotografado na A4 ONG em fevereiro de 2017.
Fonte: www.facebook.com/ProBichoPelotas, 2017.

2. DESENVOLVIMENTO

As ONGs (Organizações Não-Governamentais) protetoras dos animais vêm realizando trabalhos importantes no combate aos maus tratos e resgate de animais de rua. A primeira ONG nacional voltada para proteção animal foi a UIPA – União Internacional de Protetores de Animais – fundada em 1895 em São Paulo, sendo a responsável pelo início do Movimento de Proteção Animal no Brasil. Mas, além das ONGs, existem vários grupos e associações de pessoas, que atuam em prol da diminuição da população de animais de rua, que resgatam os animais necessitados para, em seguida, proporcionar tratamento veterinário, castração, vacinação e vermifugação, deixando-os saudáveis e aptos para adoção responsável.

Além de realizar sessões fotográficas, o Pró-Bicho Pelotas vêm fazendo parcerias com as ONGs e os Grupos de Protetores independentes de Pelotas e região, compartilhando pedidos de ajuda para o tratamento de animais resgatados ou na divulgação do trabalho realizado por esses grupos, como por exemplo, a castração gratuita de cães e gatos de pessoas com renda abaixo de 2 salários mínimos, resultado de convênio entre a Prefeitura Municipal de Pelotas e a ONG *S.O.S Animais Pelotas* e os eventos produzidos para angariar recursos para que esses grupos prossigam com seu trabalho. Os grupos de proteção, também realizam eventos e brechós beneficentes para arrecadação

[9] http://www.pelotas.rs.gov.br/centro-zoonoses/
[10] https://www.facebook.com/Canil-Municipal-de-Arroio-Grande-1401710070159397/

de verbas com o objetivo de custear tratamentos de seus resgatados. O projeto Pró-Bicho Pelotas também auxilia na divulgação e, quando há disponibilidade, comparece nos eventos para realização de fotos no local.

3. RESULTADOS

Desde o início do projeto, já foram apoiados inúmeros eventos beneficentes na comunidade. Em 2016, essa participação se intensificou com a participação em três eventos: 1º *Pet Stop* – Feira solidária (abril de 2016), promovido pelo grupo VetCard Sul e que contou com grande participação da comunidade e dos grupos protetores de Pelotas; o *Bazar Amigos do Lixão* do grupo Amigos do Lixão, coordenado por Cristina Oliveira (dezembro de 2016) e o *Bingo de Natal* (dez/2016) promovido pelo Grupo Um Real Para Castração. Nossa participação se deu através do registro de imagens do evento, de animais e tutores e de animais que se encontram para adoção no local.

O evento beneficente "Proteloucas – Explode Coração!", organizado pelo grupo *Um Real para Castração*, coordenado por Maristela Costamilan e Sabrina Pereira, aconteceu no final de setembro desse ano e com a temática cigana. O evento reuniu bancas com os produtos vendidos por várias protetoras da cidade em prol de seus resgatados e contou com atrações artísticas e concurso de Mister e Miss Primavera, onde concorreram ao título cães resgatados pelos grupos da cidade. Além da divulgação na página, o Pró-Bicho Pelotas pôde ajudar contribuindo no evento com fotografias dos cães com seus tutores e dos candidatos do concurso.

Figuras 2 e 3: Público do evento "Proteloucas – Explode Coração!" e seus cães, fotografados pelo projeto. Fonte: www.facebook.com/ProBichoPelotas, 2017.

Apesar de ainda existirem muitos animais nas ruas pelotenses, notamos ao longo de 2017 uma sensível diminuição nos agendamentos das sessões fotográficas. Desde 2012, já foram fotografados 1.584 animais e destes, 992 foram adotados (62,62%). Porém, este ano, tivemos redução na quantidade de animais fotografados, 161 até o presente momento. No mesmo período de 2016, de janeiro a agosto, havíamos fotografado 267 animais, havendo portanto, uma redução significativa. Acreditamos que essa diminuição tenha ligação com o projeto de castrações da Prefeitura Municipal de Pelotas em parceria com a *SOS Animais Pelotas*.

Por outro lado, o êxito nas adoções teve pequena melhora: dos 161 animais fotografados, 88 foram adotados (54,65%). Em 2016 tivemos no mesmo período 138 adotados dos 267 fotografados (51,68%). As adoções são confirmadas pelos responsáveis pelos animas. Nem sempre temos retorno de todos e utilizamos para as estatísticas somente os dados confirmados pelos responsáveis.

Gráfico 1: Comparativo do Projeto Pró-Bicho Pelotas nos anos de 2016 (período de janeiro à agosto) e 2017 (de janeiro à agosto).
Fonte: Pró-Bicho Pelotas

Além da possibilidade da quantidade de animais de rua ter caído, devido ao projeto das castrações gratuitas, também podemos levar em consideração que a diminuição dos agendamentos pode ter relação com o crescimento da página do projeto no Facebook. Contando com mais de 13.600 seguidores na página do Facebook, e com alcance de até 130 mil pessoas no período de um mês, ela vem sendo uma importante ferramenta de apoio para os grupos de proteção.

Muitas vezes somente compartilhar o post já veiculado pelo responsável pelo resgate, ou compartilharmos as fotos enviadas por este, já obtém algum tipo sucesso junto à comunidade quanto à adoção ou quanto ao pedido de ajuda, não havendo a necessidade de agendamento de sessões fotográficas presenciais.

4. AVALIAÇÃO

Levando em consideração o trabalho desenvolvido nesses cinco anos de atuação e a rede de cooperação formada ao longo dessa trajetória junto às ONGs e Associações de proteção independentes, pode-se perceber a importância da atuação do projeto Pró-Bicho Pelotas na comunidade, sendo conhecido como ferramenta social importante no apoio aos animais de rua e eficiente na divulgação dos animais para adoção. Seu êxito é resultado do trabalho desenvolvido pela equipe, aliado ao envolvimento da comunidade que resgata e compartilha as publicações.

Desta forma, a ação do projeto vem alcançando resultados que vão além das imagens produzidas em estúdio. É um projeto que existe para a comunidade e que auxilia de várias formas, indo além do objetivo inicial da realização das fotografias dos resgatados. Fazer parte de um projeto como esse, dentro de uma universidade pública, é um grande aprendizado de cidadania e nos dá a certeza de que pequenas ações podem fazer uma grande diferença.

5. REFERÊNCIAS

Monografia

LIMBERGER, Fernanda Müller. **Fotografia de Estimação: um estudo de caso que aborda a recordação como desejo de consumo.** Porto Alegre, 2011. Projeto de Graduação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. 92p.

Resumo de Evento

PEREIRA, Sabrina. **PROTELOUCAS – EXPLODE CORAÇÃO!** Cigana, Pelotas, set.2017. Disponível em: < https://www.facebook.com/events/140561799875142/>

OLIVEIRA, Cristina. **Bazar Amigos do Lixão**, Pelotas, dez. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/209836059455552/>

Documentos eletrônicos

Pró-Bicho Pelotas, 2012. Pelotas, Rio Grande do Sul. Acessado em 23 de set. 2017. Online. Disponível em: <https://www.facebook.com/ProBichoPelotas/>

Projeto Cão em Quadrinhos, 2006. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Acessado em 23 set. 2017. Online. Disponível em: <https://medium.com/c%C3%A3o-em-quadrinhos>

S.O.S. Animais Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul. Acessado em 25 set. 2017. Online. Disponível em: <https://www.facebook.com/sosanimaispelotas/>

UIPA. **União Internacional de Protetores de Animais,** 1895. São Paulo, São Paulo. Acessado em 25 set. 2017. Online. Disponível em: <http://www.uipa.org.br/>

AÇÕES EDUCATIVAS PARA O PATRIMÔNIO: O JOGO DE MEMÓRIA DO MUSEU DO DOCE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

GIZELE DOS SANTOS AMARO[1]; RAFAEL CHAVES[2];
LÚCIA MARIA TIMM MASKE[3]; CARLA RODRIGUES GASTAUD[4]

[1]Universidade Federal de Pelotas – gizeleamaroo@hotmail.com 1
[2]Universidade Federal de Pelotas – rafateixeirachaves@gmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas – luciamtm@yahoo.com.br
[4]Universidade Federal de Pelotas – crgastaud@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo registrar a construção e a aplicação do Jogo de Memória do Museu do Doce, ação educativa desenvolvida pelo LEP, Laboratório de Educação para o Patrimônio, que teve como inspiração o Museu do Doce da UFPel. O LEP, vinculado ao curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas, tem o propósito de refletir sobre os museus como agentes educativos e colaborar com as instituições museológicas no desenvolvimento de ações educativas realizadas com o patrimônio cultural material e imaterial.

Com o objetivo de propiciar a aproximação do sujeito com o patrimônio de forma lúdica e divertida, o LEP, desde a sua criação em 2013, desenvolveu uma série de jogos para crianças e adultos, com intuito de despertar o olhar do indivíduo para o patrimônio cultural.

Segundo o documento da Superintendência de Museu e Artes Visuais de Minas Gerais, “Entendidas como formas de mediação entre o sujeito e o bem cultural, as ações educativas facilitam sua apreensão pelo público, gerando respeito e valorização pelo patrimônio cultural” (BARBOSA et al, 2010, p. 8).

As práticas educativas realizadas pelas instituições museológicas são um ponto de partida para que o visitante possa conhecer refletir e se apropriar dos bens patrimoniais. Conhecendo os objetos ou bens culturais de diversas maneiras, inclusive através dos jogos educativos, o visitante tende a se tornar um agente ativo que reconhece e valoriza a cultura patrimonial preservando-a no presente e para o futuro.

Os jogos são desenvolvidos no LEP por bolsistas e voluntários do Curso de Museologia, Artes, História, Engenharia, entre outros, pois é extensivo a todos os interessados. Na formação do graduando de museologia, o trabalho no LEP contribui para que o aluno possa colocar em prática o que está sendo aprendido no curso e possibilita

aos estudantes realizar pesquisas nos materiais educativos de outras instituições e a pensar em práticas educativas que despertem o olhar do individuo para o Patrimônio.

2. DESENVOLVIMENTO

Ao pensar em uma atividade educativa para o Museu do Doce, foi realizada um levantamento no acervo do LEP, pois há uma diversidade de jogos na sua mediateca, e decidiu-se por produzir um Jogo de Memória por ser um jogo versátil, indicado para várias idades e que pode retratar aspectos diversos do bem patrimonial.

Na construção do Jogo de Memória do Museu do Doce, considerou-se essencial que o indivíduo pudesse reconhecer e valorizar a edificação que abriga o Museu como um bem patrimonial importante para a cidade de Pelotas. Diversas etapas foram necessárias para construção do jogo.

Figura 01– Fotografia do Azulejo da Cozinha e da Lareira do Escritório do Barão
Fonte: Acervo LEP Data: 2016.

Foram realizadas 130 fotografias de diversas partes da casa, como hall de entrada, cozinha, portas, janelas, área interna e externa, buscando os detalhes da edificação, destas foram selecionadas 20 imagens que, editadas, foram enviadas para impressão.

Nesse jogo, um memodíptico, o participante deve encontrar as duas cartas diferentes necessárias para formar a figura completa. Optou-se pela confecção do jogo em papel couché colorido com gramatura 170 no tamanho 12 X 7 cm e com acabamento plastificado.

Ao longo do desenvolvimento desse projeto foram realizados diversos aperfeiçoamentos, com relação ao tamanho das cartas para visualizar os detalhes do jogo, à espessura do papel a ser utilizado, bem como o revestimento que protegeria as cartas

para melhorar o seu manuseio. Também foi definido que no verso da carta apareceria o logotipo do LEP, como forma de identificá-lo.

O jogo foi desenvolvido ao longo do ano de 2016 e aplicado em ações educativas realizadas no Museu do Doce que ocorreram no Dia do Patrimônio do mesmo ano de 2016 e em várias oportunidades durante o primeiro semestre de 2017, inclusive na Semana Nacional dos Museus.

Para a avaliação da atividade, foi aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas e um espaço para que o jogador deixasse sua opinião e sugestão sobre o Jogo de Memória do Museu do Doce.

Figura 02 – Fotografia do Protótipo do Jogo de Memória do Museu do Doce
Fonte: Acervo LEP Data: 2016.

3. RESULTADOS

A coleta de dados foi realizada no período de maio a julho de 2017 no Museu do Doce com o público em geral, alunos do 4º ano do ensino fundamental, alunos da pré-escola e com um grupo da terceira idade contabilizando 29 questionários aplicados.

Figura 03 – Fotografia da Aplicação da Ação Educativa no Museu do Doce
Fonte: Acervo LEP. Data: 2016.

Após realizarem a visita mediada no Museu do Doce, os participantes foram convidados a conhecer o espaço educativo do Museu. Foi apresentado o Jogo de Memória do Museu do Doce e sua dinâmica. Depois de definir quem começava a partida o jogo era iniciado. Cada jogador escolhe duas cartas, se encontrar as figuras que se complementam continuava jogando, caso não encontre passava a vez para o próximo jogador. A partida terminava quando não há mais cartas sobre a mesa e o ganhador é quem ficava com a maior quantidade de cartas que se complementam.

Para completar a experiência do jogo, foi distribuída aos participantes a atividade denominada Caça aos Detalhes do Museu do Doce que é uma relação das imagens formadas pelo jogo de memória. A proposta é que através da planta em anexo ao Caça Detalhes o participante assinale a localização das figuras.

Percebeu-se que o jogo de memória facilita e desperta o olhar do participante para os detalhes do Patrimônio e que o Caça aos Detalhes do Museu do Doce aguça a curiosidade do jogador em localizar as imagens do jogo.

Em entrevista concedida pelo museólogo do museu, destaca-se que os visitantes que jogaram o Jogo de Memória do Museu do Doce antes da visita guiada há tinham uma maior participação durante a visita, pois os detalhes da edificação já não lhe são mais desconhecidos.

4. AVALIAÇÃO

Os museus enquanto agentes sociais devem promover ações educativas voltadas para o patrimônio. Essas ações colaboram para que as comunidades reconheçam e valorizem esses espaços culturais. As instituições museológicas por meio das avaliações podem conhecer o perfil do público e elaborar atividades educativas dirigidas atendendo aos seus anseios. O Jogo de Memória do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas é uma ferramenta lúdica que possibilita aumentar o potencial educacional do museu. O indivíduo que joga, tende a perceber os detalhes do museu que passam despercebidos por aqueles que não jogaram o jogo de memória, despertando assim a curiosidade em conhecer o patrimônio.

O uso do Jogo de Memória do Museu do Doce, como instrumento de ação educativa, facilita a aproximação do sujeito ao Patrimônio de forma lúdica e divertida. Fonte de pesquisa e ensino para os alunos do curso de museologia, o Museu do Doce em parceria com o LEP, prossegue com o projeto para desenvolver variados jogos educativos com esse Patrimônio.

5. REFERÊNCIAS

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de Educação Patrimonial. Brasília:** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

BARBOSA, N. M.; OLIVEIRA, A. L. B.; TICLE, M. L. S. **Ação Educativa em Museus:** Caderno 04. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010. 24p.

AMARO, G. S. **Ações educativas realizadas para o patrimônio: O Jogo de Memória do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas.** 2017. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Bacharelado em Museologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

GALERIA LUNARA. **Memodíptico.** Porto Alegre, 19 mai. 2012. Acessado em 23 jun. 2017. Online. Disponível em: http://galerialunara.blogspot.com.br/2012/06/exposicoes--em-2002.html

PATRIMÔNIO CULTURAL E DISPUTAS POR LEGITIMIDADE EM PELOTAS

GUILHERME GALDO RUCHAUD[1]; LOUISE PRADO ALFONSO[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – guiruchaud@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – louise_turismo@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta uma reflexão a respeito de dois projetos de extensão desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), vinculado ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e que, embora possuam campos e objetos distintos, apresentam diversas interfaces entre si. Tratam-se dos projetos "Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas" e "Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogas e antropólogos em formação". Ambos lidam com processos de patrimonialização de comunidades tradicionais da cidade de Pelotas/RS, por demanda de seus integrantes, além de também dialogarem em temáticas como Antropologia Urbana, segregação e periferias urbanas, entre outras. As comunidades referidas tratam-se, mais precisamente, de uma casa de religião de matriz africana - Comunidade Beneficente Terreiro Tradicional Ilê Axé Xangô Oxalá - CBTT - e de uma comunidade inserida em uma das áreas mais antigas da cidade - Passo dos Negros -, ambas com marcantes referências históricas ligadas à população afrobrasileira de Pelotas.

Para além do objetivo de propiciar o reconhecimento dessas comunidades como patrimônio cultural da cidade, compreendendo o registro de bem patrimonial como a procura de meios legais para a preservação de um bem cultural de modo a reconhecer a memória coletiva de um grupo (NOGUEIRA, 2008; FREIRE, 2005), os projetos referidos permitem e estimulam discussões a respeito do próprio caráter do patrimônio cultural e sua relação com processos de validação de determinados grupos e de suas culturas e modos de vida, por meio de dispositivos de construção de narrativas oficiais que os legitimam, muitas vezes em detrimento de outros grupos que também possuem participação na construção da cultura da cidade e da nação (TAMASO, 2005). Assim, a atuação da universidade no sentido do apoio ao reconhecimento dessas comunidades não se dá de forma acrítica, e sim com a constante reflexão a respeito dos dispositivos que estão sendo manuseados nesse processo e de suas implicações no que se refere

a potenciais conflitos com as narrativas históricas oficiais, conflitos esses que tem sido sempre parte constituinte das políticas patrimoniais (TAMASO, 2005; CHUVA, 2011).

Esses projetos não poderiam se dar senão de forma interdisciplinar, uma vez que o próprio Patrimônio Cultural é, por si só, um campo interdisciplinar (CHUVA, 2011). Ainda, a compreensão dos fenômenos estudados, bem como do lugar de fala dos interlocutores (membros das comunidades estudadas) demanda estudos a respeito de temas também interdisciplinares, como a formação das cidades do país e da região, os ciclos produtivos e processos econômicos envolvidos, a cosmologia e os ritos das religiões de matriz africana praticadas na região, entre outras temáticas que são demandadas continuamente de acordo com os trabalhos de campo desenvolvidos. Essa formação contínua, que se dá principalmente através da leitura e discussão de textos, possui impactos positivos na formação das/os estudantes envolvidas/os nos projetos.

A relação com as comunidades envolvidas acaba indo além dos processos requeridos de patrimonialização, configurando-se em formas diversas de visibilização de suas narrativas em eventos, acadêmicos ou não, em que a cidade pode ter contato com uma parte de sua própria cultura que habitualmente não é acessível a partir da leitura de suas narrativas oficiais.

2. DESENVOLVIMENTO

Os dois projetos possuem interfaces também nos métodos empregados para seu desenvolvimento. Em ambos os casos tem sido realizadas diversas incursões às comunidades estudadas, em que as falas das/os interlocutoras/es nos permitem compreender continuamente as narrativas dessas comunidades sobre si e sobre suas relações com a cidade. A cada visita e diálogo, é possível perceber novas nuances discursivas e novas questões são levantadas e discutidas pelos grupos. Essas novas questões, além de contribuirem para a formação acadêmica, integram as justificativas dos pedidos de patrimonialização, que ocorrem por meio de dois dossiês, um referente a cada projeto, enviados ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), responsável pelo reconhecimento oficial do patrimônio cultural brasileiro.

3. RESULTADOS

Os projetos ainda estão em andamento, e seus resultados, como era previsto, extrapolam os objetivos originais. Todo o processo que levou à conclusão dos dossiês com os pedidos de patrimonialização propiciou uma série de discussões e interlocuções com as comunidades. Entendemos que, ao lidar com o campo do patrimônio cultural, estamos adentrando em um meio de disputas políticas, de modo que, "se uma pesquisa de tipo etnográfico consegue trazer novos elementos para fundamentar medidas de proteção é preciso considerar que a estratégia não pode valer-se apenas de tecnicalidades, pois o contexto é sempre político, depende do poder de negociação dos envolvidos". (MAGNANI, 2013, p. 5)

Mas, mais do que isso, entendemos como resultados dos projetos também a busca pela revelação, através das vozes das/os próprios integrantes das comunidades, de grandes parcelas da história e da cultura pelotenses historicamente omitidas pelos discursos constituídos nas instituições responsáveis pela definição do que entendemos como patrimônio cultural. Até aqui temos como exemplos a participação dessas pessoas, a partir de nossa articulação, nas Conversas sobre Patrimônio, evento promovido pela Secretaria de Cultura (Secult) do município, e de uma exposição no Dia do Patrimônio, em que as narrativas do Passo dos Negros e da CBTT dividiram espaço, em um dos casarões históricos da Praça Coronel Pedro Osório, com outros referenciais da cultura da cidade. Nessa ocasião, um dos painéis exibidos havia sido elaborado por membros da própria comunidade do Passo dos Negros para uma exposição promovida meses antes, na sede do clube de futebol local. Ações emergenciais em resposta a demandas que emergiram durante os projetos incluem a participação em audiências públicas e a intervenção junto ao Ministério Público, no que se refere à salvaguarda de parcelas do Passo dos Negros ameaçadas de remoção.

Entendemos que, se o processo de patrimonialização, que constitui objetivo dos dois projetos, atua no sentido do reconhecimento dessas comunidades como parte relevante e ativa da cultura de Pelotas, esse não se trata do único meio para essa finalidade, e é complementado por outras ações que propiciam a visibilidade desses grupos, com sua cultura e modos de habitar que fazem parte da Pelotas de ontem e de hoje.

4. AVALIAÇÃO

É sintomático que essas comunidades tenham de buscar esse reconhecimento mesmo em uma cidade como Pelotas, com um grande número de referenciais históricos e culturais reconhecidos nas mais diversas instâncias (de acordo com a Secult são mais de 1700 imóveis inventariados no município). Que uma das cidades brasileiras com o maior número de casas de religiões de matriz africana, presentes em Pelotas desde o início de sua ocupação e praticadas mesmo no ambiente charqueador (AL-ALAM, 2008; ÁVILA, 2011), não inclua essas práticas religiosas como parte de seu patrimônio cultural; e que o Passo dos Negros, primeiro porto de uma cidade construída em torno da esfera produtiva sempre ligada à atividade portuária, particularmente do charque em seu primeiro momento (GUTIERREZ, 2011; ROSA, 2012; RIETH, et al, 2013; ROCHA, 2014), não seja reconhecido como patrimônio, tem sido objeto de estudo e discussão a respeito das políticas oficiais de reconhecimento de patrimônio cultural.

Os pedidos de patrimonialização por parte das próprias comunidades constituem um fenômeno revelador, que é a apropriação, por parte de grupos historicamente excluídos das narrativas oficiais, dos instrumentos usados para sua construção, como forma de legitimação de suas próprias narrativas. Nesse sentido, entendemos que os trabalhos desenvolvidos no âmbito dos projetos não buscam falar por essas pessoas, mas sim propiciar visibilidade a suas próprias falas. Trata-se de uma importante inversão na forma de lidar com o patrimônio histórico, em que as instituições não atuam no sentido da seleção do que possui valor para a cultura de uma comunidade, mas sim da compreensão e legitimação, por meio do reconhecimento oficial, daquilo a que a que a própria comunidade atribui valor, compreendendo-se que “os valores culturais (os valores, em geral) não são criados pelo poder público, mas pela sociedade”. (MENESES, 2012, p. 33)

Essa inversão se mostra particularmente relevante quando compreendemos a formação do Patrimônio Cultural brasileiro, historicamente ligado à construção de um projeto de nação, com a seleção de referenciais culturais desejados para essa finalidade, e a consequente exclusão de outros. Assim, a apropriação desses mesmos instrumentos por parte de grupos não contemplados com essa construção histórica constitui uma forma de participação política, de autoafirmação e de posicionamento frente a processos de deslegitimação e invisibilização, integrando diversas formas de resistência de grupos que se encontram à margem das sociedades a que pertencem. Essa ampliação da participação das comunidades nesses processos já tem sido objeto de estudos e

reflexões no meio do Patrimônio Cultural, e vão ao encontro de muito do que tem sido sugerido em discussões recentes (MENESES, 2012; MAGNANI, 2013).

Entendemos que a conclusão e submissão dos dossiês é apenas uma etapa, e que constitui uma interação entre pesquisa e extensão, na medida em que se trata de um trabalho acadêmico que tem como objetivo o atendimento de demandas das comunidades; bem como a patrimonialização, caso venha a ser confirmada pela instituição, é apenas um instrumento, parte de temáticas mais amplas, ligadas à própria visibilidade das diversas comunidades e formas de habitar na construção das narrativas sobre a cidade, seu direito de fazer parte da história, e, no fim das contas, o direito à cidade.

5. REFERÊNCIAS

AL-ALAM, Caiuá Cardoso. **A Negra Forca da Princesa:** polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857). Pelotas: Edição do autor; Sebo Icária, 2008.

ÁVILA, C. S. A Princesa Batuqueira: Etnografia sobre a interface entre o movimento negro e as religiões de matriz africana em Pelotas/RS. 2011. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas.

CARSALADE, Flávio de Lemos. A preservação do patrimônio como construção cultural. **Arquitextos**, São Paulo, ano 12, n. 139.03, Vitruvius, dez. 2011.

FREIRE, Beatriz. O Inventário e o registro do Patrimônio Imaterial: novos instrumentos de preservação. **Cadernos do Lepaarq: textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**. Pelotas: Editora da UFPel, vol II, n. 3, 2005. pp. 11-19.

GUTIERREZ, Ester Judite B. **Negros Charqueadas e Olarias:** um estudo sobre o espaço pelotense. 2ª ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001 / 3ª ed. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia, entre patrimônio e museus. **Ponto Urbe** [Online], São Paulo, v. 13, 2013.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas. In: IPHAN. **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural:** Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. Brasília: IPHAN, 2012. p. 25-39. (Anais; v.2, t.1).

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. **Diversidade e sentidos do patrimônio cultural:** uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional. Anos 90.v. 15, n. 27, 2008.

PELOTAS. Coordenadoria do Patrimônio Cultural. Secretaria Municipal de Cultura. **Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas**. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/politica_urbana_ambiental/patrimonio_cultural/patrimonio_cultural.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

RIETH, Flávia, et al. Inventário Nacional de Referências Culturais: Lidas Campeiras da Região de Bagé. **Relatório Final.** Pelotas: Complexo Criativo Flor de Tuna, vol. 1, maio/2013.

ROSA, E. J. Paisagens Negras: Arqueologia da escravidão nas charqueadas de Pelotas (RS, Brasil). 2012. **Dissertação** (Mestrado em Memória e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas.

TAMASO, Izabela Maria. A Expansão do Patrimônio: novos olhares sobre velhos objetos, outros desafios.... **Sociedade e Cultura**, UFG, v. 8, n. 2, p. 13-36, 2005.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. **Mana**. v. 12, n. 1, 2006, pp. 237-248.

[IN]CÔMODO - ARTE EM EXTENSÃO

HELCIO SILVA OLIVEIRA[1]; DANIEL ALBERNAZ ACOSTA[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – helcioliveira@yahoo.com.br*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – d.acosta@terra.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

O Atelier de Escultura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, um espaço vivo, é o lugar de surgimento do projeto de exposição que se desdobra em extensão [IN]cômodo Mostra de Arte Contemporânea. O projeto propõe fomentar a circulação da produção artística da Universidade e experimentar, também, a prática multidisciplinar, trazendo os próprios artistas para exercício das funções que compõem os processos da Mostra - elaboração do projeto expográfico, criação da identidade visual, comunicação e montagem. O Casarão 06 da Prefeitura Municipal de Pelotas - um prédio componente do centro histórico da cidade - foi o local da Mostra que privilegiou o debate sobre a arte contemporânea ao expor e confrontar com o público a produção de artistas emergentes. Desta forma buscou fomentar o circuito cultural no município, apoiando na inserção de novos artistas no mercado de Arte e apresentando à comunidade a diversidade que vigora das poéticas visuais. A Mostra de Arte [IN]cômodo teve abertura em novembro de 2016, propôs ações educativas e foi lugar de encontro e participação ativa da comunidade em geral.

2. DESENVOLVIMENTO

Como pode a arte, frente a instabilidade política do país, ativar espaços de diálogo na comunidade? O Brasil está atravessado por uma grave crise de ordens política e econômica. A corrupção instalada nos órgãos do governo compromete o funcionamento da máquina pública e, consequentemente, quem paga a conta dessa desordem é a população que sofre com o desequilíbrio social e com a contenção dos seus direitos mais básicos - e nesse esquema a educação e a cultura sempre ficam prejudicadas. O artista - incomodado - transitando em um lugar de expressão, em reação, vai com o trabalho confrontar tal realidade. Face a esse cenário, montar uma exposição de arte em um espaço público figura então como um ato de resistência.

[IN]cômodo quis trazer às vistas um panorama da produção dos artistas do Centro de Artes, numa mostra coletiva que tendia a ampliar o lugar de fala, a contestar as estruturas sociais, a se fazer refletir sobre a efemeridade do corpo e a afirmar a potência da criação. Questionando os limites do espaço expositivo, o projeto curatorial tencionou ampliar as possibilidades de contato e de diálogo entre obra e público e, com especial empenho, se fazer acolher, observar e discutir a produção de arte contemporânea. Para tanto, a Universidade que é pública, em um momento de crise das instituições públicas, numa ação de extensão, transbordou os cômodos do academicismo, ocupou e ativou um Casarão oitocentista situado em meio ao intenso fluxo do cotidiano pelotense.

Desde que adotou o sistema de ingresso pelo ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio, a Universidade Federal de Pelotas passou a receber uma quantidade expressiva de estudantes de outras regiões do país. Os novos moradores desafiam a cidade a se rever em vários aspectos - organização, estrutura - a fim de atender e abrigar as novas demandas do meio e vice-versa. Inegável, portanto, pensar a própria Universidade, enquanto pólo propositivo e local de encontro de boa parte de toda essa diversidade, como fonte de novas construções em vários níveis para a comunidade. E dentro dela, o Centro de Artes parece ocupar posição privilegiada enquanto observador e agente dessa nova condição local, pois é portador de um fazer que se alimenta com a experiência da interação. Nesse contexto o projeto de extensão acaba por funcionar, também, como uma ferramenta de inclusão e de questionamento quando ensaia inserir os artistas 'extrangeiros' num circuito local das Artes, tensionando, em ressonância, as estruturas acomodadas da cidade.

Contribuindo para a dinamização de relações e fazendo-se valer como uma ponte para o público - especializado e não-especializado em arte - o projeto da exposição trouxe em sua formação o diálogo arte-educação guiado pelo Grupo Patafísica: Mediadores do Imaginário[1] com o propósito de despertar e acompanhar a aproximação dos diversos olhares às atuais discussões do campo das Artes Visuais. Este departamento é importante para o desenvolvimento do projeto no sentido da formação crítica e dos diálogos que se constroem acerca da experiência da Arte, trazendo para o espaço expositivo a constituição dos encontros que se desdobram entre público, artistas e as obras.

[1] Patafísica: Mediadores do Imaginário é um Projeto de Extensão do Centro de Artes da UFPel, criado em 2011. O projeto de extensão se desdobra em pesquisa e ensino, com o título de Mediação Artísitica: experiências poeticocriativas. É formado por mediadores, alunos dos cursos do CA/UFPel. Os patafísicos exploram a criação e o fazer, propõem reflexões e instigam a interrogação.

3. RESULTADOS

A Mostra de Arte [IN]CÔMODO teve uma primeira edição muito bem sucedida desde a sua concepção, passando pela execução até a aceitação do público - contamos com uma média de 3.000 visitantes. O Projeto foi cadastrado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel como projeto de extensão sob o título de [IN]CÔMODO 2 mostra de arte contemporânea. A Mostra passou ainda a integrar, já em sua primeira edição, o circuito de dois importantes eventos culturais da cidade - a Feira do Livro de Pelotas e a Virada Cultural - promovidos pela Prefeitura Municipal. Estamos em Atelier trabalhando na elaboração de uma nova edição da Mostra [IN]CÔMODO que retorna ao Casarão 6 em novembro de 2017 - o que corrobora a intenção de um evento anual. A Mostra se apresenta como a espinha dorsal do projeto e a ela estão ligadas uma série de atividades cujo o foco é o diálogo direto com a comunidade. Durante o período da exposição estão previstos workshop e rodas de conversas com personalidades importantes no cenário nacional da Arte Contemporânea - inserindo os alunos-artistas e articulando a cidade em um circuito maior do contexto artístico.

4. AVALIAÇÃO

“Uma celebração do fazer artístico e uma afirmação de sua responsabilidade perante a vida [...] oferecer exemplos de como a arte tece, entranhada nela mesma, uma política” (FARIAS). Em tempos instáveis a Arte ganha importância renovada como ferramenta para gerar e expor tensões e como lugar de debate acerca da atualidade, portanto, estratégias são necessárias para apoiar as Artes Visuais e refletir criticamente todo esse processo. Tal reflexão crítica motiva e impulsiona o projeto [IN]CÔMODO que, apostando na potência que há no contato, colabora para o processo de expansão do conhecimento e da percepção do mundo tendo a Arte como linguagem, aproxima do público a diversidade que vigora na produção artística local e, finalmente, busca provocar a participação coletiva na construção do pensamento e do fazer artístico contemporâneo - diálogo que fortalece as relações políticas e vivências culturais na esfera universidade/cidade/sociedade.

5. REFERÊNCIAS

Livro

BULHÕES, M.A. (org.). **As Novas Regras do Jogo: o sistema sa arte no Brasil.** Porto Alegre: Zouk Editora, 2014.

Resumo de Evento

RIBEIRO, K.P. A experiência estética em pontos de cultura. In: ENCONTRO FUNARTE POLÍTICA PARA AS ARTES: DIÁLOGOS, TERRITÓRIOS E CONJUNTURAS, 4., Rio de Janeiro, 2011. **Anais**... IV Encontro Funarte Políticas Públicas para as Artes, 2014.

Documentos eletrônicos

FARIAS, A. Agnaldo Farias. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**, São Paulo, 2017. Acessado em 02 out. 2017. Online. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa11556/agnaldo-farias>

GRUPO FOCAL COM IDOSOS: RUMO ÀS COMUNIDADES AMIGAS DO ENVELHECIMENTO

ISABELA BUBOLZ PRESTES[1]; SIRLENE DE MELLO SOPEÑA[2]; TANARA GOMES DA COSTA[3]; MOANA PEREIRA BELLOTTI[4]; ANELIZE MILANO CARDOSO[5]; ADRIANA PORTELLA[6]

[1]Universidade Federal de Pelotas - isabela_prestes@yahoo.com.br
[2]Universidade Federal de Pelotas - sirmellos@hotmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas - tanaracosta@hotmail.com
[4]Universidade Federal de Pelotas - moanabellotti@hotmail.com
[5]Universidade Federal de Pelotas - anelize_milano@hotmail.com
[6]Universidade Federal de Pelotas - adrianaportella@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

"Projetando lugares com os idosos: Rumo às comunidades amigas do envelhecimento" é um projeto que aborda o tema da interação dos ambientes urbanos com pessoas de 60 anos ou mais, "como o ambiente físico suporta ou impede a capacidade de envelhecer no local" (Wahl e Weissman, 2003). A pesquisa está sendo desenvolvida nos bairros Centro, Fragata e Navegantes em Pelotas, no Brasil e em Edimburgo, no Reino Unido pela parceria entre a Universidade Federal de Pelotas e a Universidade Heriot-Watt. Os dois países possuem o envelhecimento de sua população como um aspecto em comum, levantando o desafio de promover aos adultos mais velhos uma alta qualidade de vida, através de uma cidade amigável à idade onde os idosos tenham um papel significativo nas suas comunidades, tornando-os mais participativos, socialmente conectados e independentes.

Em idades mais avançadas, com o decréscimo das capacidades físicas e cognitivas a "agenda do envelhecimento no local tornou-se importante na redefinição das políticas para os idosos" (Andrews e Phillips, 2005). Ela defende que o lugar onde os adultos mais velhos preferem envelhecer é na comunidade, no entanto, para permanecerem ativos, faz-se necessário que a comunidade seja baseada na "participação social, mobilidade e vida ativa" (Sixsmith et al,2014). Infelizmente, muitas cidades contemporâneas oferecem risco e barreiras ao idosos, "desativando-os" do envolvimento social em razão de ambientes urbanos inadequados, incômodos ou inseguros (PLACE AGE, 2016).

A pesquisa reconhece que não basta mudar a forma construída, pois ambientes viáveis vão muito além disso. As conexões sociais, psicológicas e emocionais que as pessoas têm com o lugar fazem toda a diferença. É através da busca do sentido de

lugar vivenciado pela população idosa que serão traduzidos os relatos e experiências em projetos para a comunidade para posteriormente formar da melhor forma possível as atribuições do idoso como membro ativo na cidade, por isso, torna-se indispensável a participação de estudantes de arquitetura para que este tema tome sua devida importância na hora de pensar e estruturar as cidades para torná-las mais amigáveis diante das necessidades da população idosa.

O projeto está vinculado à pró-reitoria de extensão e cultura da Universidade Federal de Pelotas e tem caráter interdisciplinar envolvendo a áreas de gerontologia (estudo dos fenômenos fisiológicos, psicológicos e sociais relacionados ao envelhecimento), arquitetura, urbanismo, psicologia ambiental, planejamento urbano e saúde. É uma pesquisa participativa baseada na comunidade que promove a transferência mútua de conhecimentos. Grande parte dessas informações são obtidas através da técnica dos grupos focais ou mapeamento participativo que consiste na elaboração de entrevistas em grupo, onde são coletados dados que proporcionem a compreensão das percepções, das crenças e das atitudes da população.

2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento da pesquisa é realizado baseando-se em 3 objetivos. A primeira atividade/ objetivo constitui-se em comparar como idosos em realidades diferentes de poder aquisitivo, de cultura e de contexto urbano constroem o seu sentido de lugar. Esse confronto de ideias tem como foco o reconhecimento de oportunidades, estímulos, facilitadores, obstáculos para a integração social através da captura das suas práticas habituais e utilização dos espaços.

O segundo objetivo, escopo deste trabalho, tem como intenção unir os dados coletados na atividade 1 e traduzir em mapas de lugares e desenhos para a comunidade fornecendo um entendimento visual de como os ambientes urbanos são reconhecidos, apreciados, relacionados e tem suas caraterísticas relevantes identificadas. Essa produção de informações será dada a partir do zero em oficinas de mapeamento com a contribuição da comunidade.

A última atividade tem a finalidade de criar diretrizes para projetar o sentido do lugar para os adultos mais velhos com base nos resultados atingidos nas atividades 1 e 2.

O mapeamento participativo, através da reunião de idosos em um grupo focal guiado pelos participantes envolvidos na pesquisa foi um dos métodos até o momento

aplicados (Figura 01). Como a pesquisa está em desenvolvimento, através de um estudo piloto foi possível identificar as deficiências e potencialidades da técnica em um processo de diálogo ativo e aprendizagem compartilhada. Além dos idosos, houve também um estudo piloto com estudantes do curso de arquitetura e urbanismo que colaboraram com os procedimentos e participarão dos próximos mapeamentos.

Para a realização desta atividade foram utilizados quadros e materiais de desenho para identificar os obstáculos e facilitadores de acesso, as oportunidades de vida ativa, os pontos de referência, a situação de mobilidade e caminhabilidade e o projeto do ambiente urbano.

Figura 01: Estudo piloto do grupo focal com os idosos. Fonte: PLACE AGE, 2017.

3. RESULTADOS

Os resultados da pesquisa ainda estão em desenvolvimento, já que o projeto foi iniciado em maio de 2016 e recentemente foi realizado o primeiro estudo piloto de mapeamento participativo. Nesse estudo, foram obtidas identificações de lugares, de serviços, de obstáculos e de facilitadores de vida ativa, independência e participação social.

Entre os principais aspectos positivos abordados pelos idosos destacam-se: a boa relação com a vizinhança, a prática de exercícios, as variadas opções de comércio (farmácias, mercearias, açougues, padarias) e o transporte público de boa qualidade. Entre os principais aspectos negativos foram citados: o vandalismo nos equipamentos urbanos da cidade, o mal atendimento nos postos de saúde, a insegurança, principalmente durante à noite, a precariedade na infraestrutura da cidade como a falta de pavimentação, os alagamentos, a falta de coleta seletiva e a iluminação insuficiente.

Ouvir o que os idosos têm a dizer é fundamental para planejar um lugar que reflita suas necessidades (PLACE AGE, 2016). Após o primeiro mapeamento participativo realizado, pôde-se concluir que eles têm muito a contribuir para originar uma cidade melhor para todos.

4. AVALIAÇÃO

O Brasil tem a sexta maior população de idosos do mundo. A proporção da população mais velha aumentou de 4,7% em 1960 para 10,8% em 2010 e deverá atingir 29% até 2050 (IBGE, 2010). É importante considerar essa projeção para refletir sobre nossas cidades, como elas podem estimular as pessoas a manterem-se independentes e ativas à medida que o tempo passa.

A intenção é que os resultados deste estudo contribuam para o progresso das discussões e ações que visem cidades amigas do envelhecimento. As metodologias abordadas nesta pesquisa possibilitarão uma compreensão mais profunda do sentido de lugar ideais à população residente. Portanto, é importante ressaltar a relevância deste estudo para proporcionar uma melhor relação dos idosos com o espaço e identificá-los como membros ativos e influentes na cidade.

5. REFERÊNCIAS

Wahl, H-W and Weisman, G "Environmental gerontology at the beginning of the new millennium: reflections on its historical, empirical, and theoretical development. **The Gerontologist**, 2003.

Andrews, G., & Phillips, D. **Ageing and Place:** Perspectives, policy and practice, 2005.

Sixsmith, A., & Sixsmith, J. Ageing in place in the United Kingdom. **Ageing International**, 2008.

PLACE AGE, **Place-Making with Older People:** Towards Age Friendly Communities, 2016.

DOCUMENTAÇÃO, RESTAURAÇÃO E EXPOSIÇÃO DA OBRA SENHORAS TOMANDO CHÁ, DA PINACOTECA MATTEO TONIETTI, RIO GRANDE – RS.

ISIS FÓFANO GAMA[1]; KERLLEN PERES CAVALHEIRO[2]; ANDRÉA LACERDA BACHETTINI[3]

[1]Universidade Federal de Pelotas – isis.fofano@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – kerllen12@hotmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas – andréabachettini@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente resumo apresenta as atividades desenvolvidas no projeto de extensão integrado da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) Documentação, Restauração e Exposição da Obra Senhoras Tomando Chá, da Pinacoteca Matteo Tonietti, Rio Grande – RS. A proposta para o desenvolvimento das ações interventivas surgiu através da parceria entre o Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPEL e da Secretaria de Cultura do Município de Rio Grande, cidade localizada a 50 km de Pelotas.

Após a obra sofrer um dano, enquanto estava exposta em uma sala da prefeitura, foi transferida para a reserva técnica da pinacoteca permanecendo ali até a sua transferência para o Laboratório de Conservação e Restauração de Pintura do Instituto de Ciências Humanas (ICH), onde está passando por uma intervenção. Portanto, o projeto tem por objetivo geral estudar e restaurar a obra Senhoras Tomando chá.

O projeto mostra-se importante na formação acadêmica dos alunos envolvidos, que articulam os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, na experiência prática da sua futura atuação profissional, e ainda devolve ao município de Rio Grande parte da memória social, uma obra restaurada que voltará a fazer parte do circuito expositivo da instituição a qual pertence.

2. DESENVOLVIMENTO

A metodologia adotada se baseia nos critérios sugeridos por teóricos da conservação e restauração, como Cesare Brandi e Umberto Baldini, “rigorosos métodos de análise e profundos estudos permitem ao conservador e restaurador encontrar quantidades de sujidades e oxidações a retirar, levando em conta o estado original da obra e a passagem

do tempo sobre ela que lhe imprimiu caráter" (MACALOSSI, 2013). Partindo desse princípio foi feita a sistematização da documentação já existente da obra, a realização da documentação fotográfica da pintura, diagnóstico do estado de conservação, realização de exames organolépticos[1] , com luz visível e utilizando a lâmpada de Wood [2], exames pontuais e laboratoriais, análise da técnica construtiva da obra, iconográfica, iconológica, realização da pesquisa histórica e execução do processo de restauração.

Ainda estão previstas ações extensionistas mostrando o processo de restauração com a realização de duas exposições: em Pelotas no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo do Centro de Artes da UFPEL e em Rio Grande no Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen da Secretaria Municipal de Cultura. E, também, a elaboração de um documentário com depoimentos sobre a obra e o seu processo de restauro, que será disponibilizado on-line e em ações educativas com a rede municipal de ensino das duas cidades.

3. RESULTADOS

Resultados parciais, como a parte documental e prática, já estão sendo obtidos. Foi reunida a documentação fotográfica de um primeiro momento da restauração da obra, assim como estão sendo produzido novo material audiovisual. As análises históricas, iconográficas e iconológicas se reúnem nos estudos da obra feitos na monografia de Ângela Marina Macalossi, e artigos já publicados, que servem de pilar para o seguimento desse trabalho.

Na parte prática, nesse segundo momento do projeto, foi feito o reentelamento, colocação de um novo chassi, assim como também a remoção do verniz oxidado e parte de restaurações anteriores alteradas, que causavam ruídos na leitura estética da pintura.

Durante a remoção o acompanhamento com a luz UV foi realizado, elucidando as áreas que necessitaram de mais atenção. Um verniz de interface foi aplicado a fim de separar o remanescente material das novas intervenções, nivelamento e reintegração cromática. Atualmente o projeto de restauração da obra Senhoras Tomando Chá se encontra na etapa da reintegração cromática, terminada essa etapa, será feita a aplicação de um verniz de proteção e a obra receberá novamente sua moldura original, que também foi restaurada por alunos do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPEL.

[1] Designa apreciação por meio dos sentidos humanos (GÓMEZ, Mª Luisa, p. 231).
[2] Utiliza-se como fonte de produção de radiação UV (GÓMEZ, Mª Luisa, p.169).

O processo de restauração em si é de caráter extensionista, já que se trabalha diretamente na manutenção de símbolos que representam a história e memoria social de determinado grupo de pessoas. Além de reestabelecer a obra em sua integridade, ainda serão realizadas duas exposições contemplando as cidades de Pelotas e Rio Grande. Será exposta a obra restaurada e conteúdo gerado pelo processo de restauração em banners e material audiovisual. No momento da segunda exposição, que será em Rio Grande, a pintura será devolvida à cidade. Posteriormente, haverá material disponível on-line e serão feitas ações educativas em escolas públicas das cidades mostrando também o processo de restauração da obra e seu significado enquanto bem patrimonial.

4. AVALIAÇÃO

As escolhas dos procedimentos foram feitas de maneira a julgar respeito e segurança à obra. Levando em consideração sua importância histórica, sua qualidade enquanto obra de arte, e também seu nível de símbolo de boas relações comerciais entre Rio Grande e Escandinávia.

O perfil extensionista da ação devolverá à comunidade de Rio Grande, por meio de exposições e medidas educacionais, uma obra restabelecida em seu aspecto estético, respeitando os princípios éticos da Conservação e Restauração.

O projeto é uma oportunidade investigativa para a comunidade acadêmica, além de ser um acesso às práticas profissionais para os alunos do Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPEL e gerar conhecimento na área.

5. REFERÊNCIAS

BACHETTINI, Andréa; MACALOSSI, Ângela; SCOLARI, Keli. **Estudo da Obra Senhoras Tomando Chá da Pinacoteca Matteo Tonitti**, Rio Grande, RS. 2014.

BACHETTINI, Andréa; MACALOSSI, Ângela; SCOLARI, Keli. “Senhora Tomando Chá” – Pinacoteca Matteo Tonietti -, Rio Grande – RS: o papel do conservador e restaurador na análise do estado de conservação e a discussão preliminar ao restauro. **Cadernos de Resumos:** Pôsteres – v.3, 2º Encontro Luso-brasileiro de Conservação e Restauração. São João de Rei, MG, 2013.

BACHETTINI, Andréa; MACALOSSI, Ângela; SCOLARI, Keli. Documentação, Restauração e Exposição da Obra Senhora Tomando Chá, da Pinacoteca Matteo Tonietti, Rio Grande, RS. **Expressa Extensão**, volume 19. Pelotas, RS 2014.

BECK, James; DALEY, Michael**. La Restauración de obras de arte: Negocio, cultura, controvérsia y escândalo.** 1ª ed. Ediciones del Serbal, 2001.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. 4ª ed. São Paulo. Ateliê Editorial, 2014.

CASAZZA, Ornella. **Il Restauro Pittorico: Nell'Unità de Metodologia.** 2ª ed. Firenze; Centro Internazionale del Libro, 1983.

GÓMEZ, Mª Luisa. **La Restauración: Examen científico aplicado a la conservación de obras de arte**. 5ª ed. Madri. Edciones Cátedra, 2008.

MACALOSSI, Ângela. "Senhoras Tomand Chá"- Pinacoteca Matteo Tonietti – Rio Grande – RS: o papel do conservador e restaurado na análise do estado de conservação de a discussão preliminar ao restauro. **Trabalho de Conclusão de Graduação**. Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais. UFPEL. Pelotas, 2013.

CAMINHOS DA DANÇA NA RUA: EXPERIENCIANDO UM PROGRAMA PERFORMATIVO

JANAINA BRUNA DOS SANTOS MOREIRA[1] DÉBORA SOUTO ALLEMAND[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – janaina.bruna.kizy@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – deborallemand@hotmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão Caminhos da Dança na Rua é coordenado pela atual Professora Débora Allemand, que teve inicio em 2015 no estágio III (espaço não formal) da mesma, que teve como alavanca suas inquietaçãos da relação das pessoas com os espaços públicos, que parte da ligação das suas formações que são Arquitetura e Urbanismo, e Dança-Licenciatura.

E o primeiro momento que se pode relatar a interdisciplinariedade nesse projeto, é em relação aos seus participantes, já que por se tratar de um projeto de extensão (aberto a Universidade e Comunidade), os integrantes que compõe o grupo além de serem membros da Dança, também oriundam da antropologia e do cinema. O que acaba por enriquecer ainda mais o projeto com suas contribuições.

Um dos principais objetivos do Caminhos é experenciar a rua, utilizando muitas vezes da metodologia da improvisação, como nesse caso do programa performativo. Mas também outro ponto importante de se destacar é que nesses anos de existência do projeto, ele vem se renovando, seja por troca de membros, ou por conta de fatos do cotidiano que nos atravessam, e que consideramos importante de trabalharmos e darmos visibilidade.

Sendo assim o grupo leva a dança para a rua através desse projeto, não divulgando somente o curso, como a universidade em sim, tendo contato direto com a comunidade sem tanta espetacularização. Fazendo nós alunos da dança vivenciarmos ela em espaços/contextos diferentes, e nos aproximando de experiências que só o urbano, e o imprevisto pode oferecer.

2. DESENVOLVIMENTO

Este texto é uma memória de uma experiência vivida no projeto, através da adaptação do Programa performativo[1] em deambulação, de Verônica Veloso (Figura 1). No programa o foco era voltado para a mulher, porém como no Caminhos o grupo é misto, optamos por não pensar por esse viés, e acabamos por escolher experienciar apenas alguns itens, que eram propostos: como o "aqueça-se e o comunique-se". Outro ponto era que na parte original do "comunique-se" pedia-se para realizar uma ligação para alguma pessoa e ela teria que te guiar pela cidade, mesmo sem saber onde você estava, ajustamos essa parte para cada integrante do grupo escrever um trajeto com comandos para o outro participante realizar.

3. RESULTADOS

Essa prática aconteceu na praça Coronel Pedro Osório de Pelotas, em uma tarde de sol durante o semestre 2017-1, com muitos transeuntes (figura 2). E após as ações, foram percebidos erros de interpretações, que na verdade por se tratar de ser arte, está ligada diretamente com a subjetividade, pode-se dizer que não foram erros e sim outras perspectivas daqueles mesmos comandos, que pode ser parecido ou não com a forma que a pessoa que escreveu imaginou.

Figura 1 e 2: Programa performativo na Praça Coronel Pedro Osório.
Foto: Débora Allemand, 2017.

[1] Programa é motor de experimentação porque a prática do programa cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação psicofísica e política. [...] programas são iniciativas. [...] um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio. (FABIÃO, 2013, p. 4)

Assim pode-se perceber que a interpretação de cada um está ligada a sua vivência de vida, e suas experiências do cotidiano, junto com a sua forma de enxergar o mundo. Exemplo: Quando há o comando de dar dez saltos até a árvore mais próxima, fica subjetivo a forma que deverá ser executado (de frente, de costas, girando, lento, acelerado, nível baixo ...).

Outro ponto importante de ser relatado é sobre os espectadores/transeuntes que estão ligados diretamente ao programa/performance[2] , que participaram da atividade seja através de uma pergunta que lhe foi feita por um dos performances ou por estar no percurso que tínhamos que realizar, assim tendo que desviar ou encontrar outra maneira de seguir, teve participação no sentindo de questionarem o que estava acontecendo através de olhares, sendo assim se torna cada vez mais nessa contemporaneidade um elemento ativo (LADEIRA, 2015).

4. AVALIAÇÃO

Pode-se visualizar no programa performativo um grande potencial de versatilidade e acessibilidade, que é um ponto positivo para o campo da extensão, já que através dessa ferramenta (metodologia) podemos alcançar qualquer faixa etária, a partir de movimentações/vivências do cotidiano comum a todos. Também deve-se destacar que é possivel planejar essa atividade em qualquer ambiente, assim tendo acesso a escolas, eventos, hospitais, ongs, entre outros.

Um dos desdobramentos possíveis que temos planejado, é uma ação na escola Lima Barreto (bairro Laranjal), onde utilizamos do programa para planejamento das atividades futuras com alunos do ensino fundamental, visando trabalhar com o cotidiano/experiências deles.

[2] "[...] podemos entender a linguagem da performance: como uma linguagem que não constitui apenas uma representação de determinada situação ou contexto, mas que, realizando e efetuando-se, modifica o presente, influi ativamente nele, propondo transformações nos modelos de poder vigente, remodelando as subjetividades e as relações previamente estabelecidas. É nessa transformação que podemos ver a potência principal da performance: a performance não representa, mas é, transforma, recria, remodela modelos vigentes, tornando visível e palpável o invisível e o despercebido, e propõe alternativas para a transformação." (ALICE, 2014, p. 34).

5. REFERÊNCIAS

ALICE, Tania. Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas: a performance como revolução dos afetos. **Catálogo Nacional do SESC**. 2014. Disponível em: <http://tania-alice.com/wp-content/uploads/2012/11/palco2014_Artigo_Tania.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2017

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: O corpo-em-experiência. **Revista do LUME**: Campinas, SP, n. 4, 2013. Disponível em: <http://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276/256> Acesso em 28 jul. 2017.

LADEIRA, J. C. P. FILEIRA G, **ACENTO 18 OU:** O lugar do espectador na criação dos espetáculos de dança de grupos independentes da cidade de Pelotas-RS. 2015.

O PROJETO ÓPERA NA ESCOLA PROPORCIONANDO EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS QUE TOCAM VIDAS

JAQUELINE KRUMREICH BARTZ[1]; RENATA GONÇALVES[2]; MAGALI LETICIA SPIAZZI RICHTER[3]

[1] *Universidade Federal de Pelotas – jaquebartz@gmail.com*
[2] *Universidade Federal de Pelotas – goncalvessre@gmail.com*
[3] *Universidade Federal de Pelotas – magalirichter@terra.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

O Projeto Ópera na Escola tem como proposta levar a experiência de um gênero musical que não faz parte do cotidiano dos alunos das escolas de educação infantil da periferia, tendo como objetivo ampliar o conhecimento sobre música. O gênero operístico, considerado elitista, é introduzido nas escolas pelo Projeto através de recitais lúdicos, com repertório pensado de forma que elas possam compreender a história que está sendo cantada.

Os espetáculos apresentam elementos musicais de um gênero ainda desconhecido por elas. Nesse momento a preocupação é fazer a adaptação para o universo infantil, por meio de projeção de slides contendo imagens que fazem parte do universo infantil. Preocupa-se também em compor um cenário em que os personagens usam figurinos adequados a história que esta sendo apresentada.

Os alunos do curso de Música, em especial acadêmicos do curso de Bacharelado em canto tem a oportunidade de colocar em prática o trabalho construído em sala de aula participando das apresentações artístico–musicais do Projeto.

2. DESENVOLVIMENTO

Tendo em vista que as crianças, objeto do Projeto Ópera na Escola, são oriundas de escolas de periferia, o contexto social a qual estão inseridos muitas vezes não contemplam experiências artísticas variadas. Desse modo, cabe a escola, juntamente com a colaboração da Universidade, inserir novos elementos que enriqueçam e incentivem o despertar de novas experiências artísticas.

Segundo Siqueira:

> a infância é, de fato, uma construção social que se dá num tempo da vida marcado por singularidades e universalidades no plano natural-social e lógico-histórico e a criança é, de fato, um sujeito cujas experiências de vida se dão na articulação entre suas especificidades naturais/biológicas de desenvolvimento e suas condições concretas de existência, social, cultural e historicamente determinada. (SIQUEIRA, 2011; SANTOS, 2015, p. 45).

Conforme a Pedagogia proposta por Freinet, o aprendizado e contato com as artes, sejam elas visuais, teatrais ou musicais são tão importantes na construção do indivíduo quanto todas as outras áreas do conhecimento que constam na grade curricular das escolas (SAMPAIO,1994). A exposição das crianças a experiências artísticas, compreendendo experiências como algo "que toca o sujeito, o leva à reflexão, que o deixa diferente de quando era antes, levando-o a vivenciar de fato a experiência" (SANTOS, 2015, p. 60), enriquece seu contexto social, com base nisso organizou-se um recital lúdico no qual os personagens foram adaptados para que pudessem ser melhor compreendidos pelas crianças, as histórias foram transmitidas por meio de um narrador e a tradução das letras foram projetadas através de slides, o recital ocorreu no dia 28 de Novembro de 2016, no 2 º Distrito de Canguçu, para aproximadamente 100 alunos da pré-escola ao 9º ano.

O programa executado foi:

- Haendel - Lascia Ch'io Pianga [1]
- Pergolesi – Lo Conosco (La Serva Padrona)1
- Schubert – Heindenroslein
- Puccini - O Mio Babino Caro
- Mozart - Wie stark ist nicht dein Zauberton (A Flauta Mágica)
- Rossini - Duetto buffo di due gatti
- Claudio Santoro – Acalanto da Rosa
- Bizet - Habanera (Carmen)
- Offenbach - Ária da Boneca (Contos de Hofman)
- Puccini - Quando m'en vo (La Bohème)
- Franz Lehar - Lippen Schweigen (Viúva Alegre)
- Verdi - Stride la vampa (Il Trovatore)

[1] As obras de Handel e Pergolesi foram acompanhadas pela Orquestra de cordas da UFPel

3. RESULTADOS

Passados 9 meses do dia da apresentação, retornou-se à escola e aplicou-se o seguinte questionário:

1. Você lembra da apresentação do Ópera na Escola?
2. Do que mais gostou?
3. Já tinha visto algo parecido? Se sim, onde?
4. Você gostaria de aprender a cantar ópera?
5. Gostaria de assistir outra apresentação?

Foram escolhidos aleatoriamente 3 alunos de cada turma, totalizando 27 crianças entrevistadas.

De modo geral os alunos entrevistados se lembraram da apresentação com facilidade, os personagens mais marcantes foram: a boneca da ária "Ária da boneca- Offenbach", a bruxa da ária "Stride la vampa- Verdi" e os gatos do dueto "Duetto buffo di due gatti- Rossini". O contato com a orquestra foi um fator marcante para todos. Dois alunos responderam que já tinham assistido algo parecido e ambos foram pela televisão. Apenas um aluno respondeu que não gostaria de aprender a cantar ópera e todos responderam positivamente quando foram questionados a cerca da possibilidade de assistir uma outra apresentação.

4. AVALIAÇÃO

Concluiu-se que o Projeto Ópera na Escola tem cumprido o seu objetivo de proporcionar novas experiências artísticas e apresentar um novo gênero musical que não é comum no meio social em que estas crianças estão inseridas. O Projeto também avança em seu propósito, uma vez que tem despertado a curiosidade e o estímulo das crianças e jovens para a música.

Por fim, tais experiências ampliam as possibilidades de uma futura escolha profissional, já que algumas crianças mencionaram interesse em aprender a cantar e/ou tocar algum instrumento e propicia a formação de um novo público para a música erudita, haja vista que todos os entrevistados gostariam de assistir novas apresentações do Projeto.

5. REFERÊNCIAS

SANTOS, L. As experiências estéticas da criança: um estudo a partir do habitus do professor e do trabalho com a arte na educação infantil. **Dissertação de mestrado**. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, 2015.

SAMPAIO, R. **Freinet**: Evolução Histórica e Atualidades. Editora Scipione, São Paulo, 1994.

O TEATRO MUSICAL COMO INTEGRALIZAÇÃO DOS CURSOS DE ARTES

JOÃO MATHEUS PASSOS GUELSI[1]; SONIA ANDRE CAVA DE OLIVEIRA[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – matheus.guelsi@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – sonia.cav@hotmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão intitulado "Iniciação ao Teatro Musical" é uma parceria entre os cursos de licenciatura em Teatro e licenciatura em Música da Universidade Federal de Pelotas que teve início no primeiro semestre de 2017 e visa, junto à alunos destes e de outros cursos da universidade, proporcionar um contato interdisciplinar, principalmente, entre as área do teatro, da música, do canto e da dança, proporcionando também uma interação maior entre os alunos que estudam estas ou outras linguagens relacionadas às artes cênicas. O teatro musical nada mais é, que segundo o inglês Julian Woolford para o livro How Musical Works:

> "Como teatro físico, teatro musical é um termo geral que é muitas vezes usado para descrever o trabalho que inclui música, instrumental e texto, e às vezes, dança, para criar uma experiência teatral não comercial, que muitas vezes não se encaixa em outra categoria. Às vezes, ele está perto da ópera moderna; as vezes ele está mais perto do estilo de música mais popular de um musical". (WOOLFORD, 2013, p.27)

Mesmo estando juntos dentro do Centro de Artes na UFPel, os cursos de Teatro, Música e Dança têm pouco contato entre eles. A produção de arte em potencial no contato entre estas três linguagens é pouco incentivada, seja pelos professores ou pela universidade. Este projeto surge com a intenção de tentar integrar, ainda que breve e insuficientemente, alunos e professores destas três áreas. A criação de um espetáculo e o oferecimento de oficinas em conjunto, através deste projeto, tanto para os alunos destes cursos, quanto para a comunidade em geral, ajuda nas formas de compreender outros gêneros artísticos pouco difundidos pela universidade.

O projeto trabalha com a produção de espetáculos musicais, realizados por uma equipe selecionada através de testes abertos para a participação de alunos vinculados à universidade, assim como para alunos vinculados à outras instituições ou pessoas da comunidade em geral que tenham interesse em participar do processo de criação

e apresentação. Junto a isso, são ministradas para a comunidade em geral oficinas de corpo e voz, passando por vários aspectos que estes itens possam incluir, como a preparação corporal, trabalhos vocais, respiração, pulsação, controle de voz, improvisação e interpretação sem a necessidade de um teste prévio para participação.

O projeto é coordenado pela professora Sônia Cava do curso de Música e as oficinas são ministradas por um aluno do curso de licenciatura em Teatro e dois alunos do curso de licenciatura em Música, que também são responsáveis pela direção do espetáculo final montado pelo grupo. O projeto é de grande impacto na formação dos alunos, tanto ministrantes, como participantes, pois proporciona experiências que, embora sejam de extrema importância, não são trabalhadas a fundo nas grades dos respectivos cursos.

2. DESENVOLVIMENTO

O projeto é dividido em duas fases, sendo cada fase em um semestre do ano. Na primeira fase são ministradas oficinas para o público em geral, com convites feitos à comunidade não acadêmica também. Não é necessário fazer testes ou ter alguma experiência prévia com as temáticas para participar. Na segunda fase é montado um espetáculo englobando todas as áreas envolvidas na concepção de uma montagem cênica musical. Como um processo de criação exige mais tempo, mais disponibilidade e funções mais específicas, na segunda fase são feitos testes e entrevistas para que sejam selecionadas pessoas que realmente tenham disponibilidade de entrar no processo de criação. Nesta primeira edição tivemos quase noventa inscritos em menos de uma semana de divulgação do projeto, sendo eles dos cursos de licenciatura em Teatro (15), licenciatura em Música (14), licenciatura em Dança (03), além de inscritos de mais cinco cursos de bacharelados em Música, alunos de outros quatorze cursos da UFPel (incluindo outros cursos do Centro de Artes, CLC, FAE, ICH, Ceng e CCQFA) e de inscritos da comunidade pelotense que não possuíam vínculos com a universidade. A grande procura pelo projeto em pouco tempo de inscrições só mostra o quanto a universidade estava necessitada de um projeto interdisciplinar neste sentido. Devido a algumas desistências, já previstas pelos organizadores, as oficinas terminaram com cerca de cinquenta participantes.

Foram feitas nove oficinas semanais, onde os participantes foram divididos em duas turmas (posteriormente três) com duas horas de duração por semana/turma. As oficinas aconteceram em sua maioria no prédio preto dos cursos de Teatro e Dança (Almirante

Tamandaré, 301), mas também no Auditório II do prédio novo de Centro de Artes (Álvaro Chaves, 65).

Nas quatro primeiras oficinas trabalhamos alguns jogos e exercícios em equipe para a iniciação ao trabalho de teatro musical. As atividades eram aplicadas por mim, Matheus Guelsi, aluno do sexto semestre do curso de Teatro e por Gustavo Sales e Jennifer Scheffer, alunos do quarto semestre de Música. Com estas atividades trabalhamos principalmente a percepção corporal, auditiva e espacial, pulsação, concentração, imaginação, expressão corporal, improvisação, construção do personagem e o trabalho em equipe. Para as três próximas oficinas, uma das turmas foi dividida em duas (estávamos com duas turmas, agora passamos a ter três) e foi escolhida uma música de um espetáculo musical já montado pelo mundo para cada turma. O musical escolhido foi "O Rei Leão", da Walt Disney Theatrical, em exibição na Broadway de Nova Iorque desde julho de 1997. Este foi o musical escolhido, pois é de fácil acesso, não exige uma linguagem tão específica quanto a de outros musicais, além de já ser de conhecimento da maior parte dos participantes. Nestas três oficinas, trabalhamos então, turma por turma, a concepção vocal, cênica e coreográfica de suas respectivas músicas. Na oitava oficina unimos todas as turmas para a gravação da parte vocal em estúdio do resultado de suas músicas. Na nona oficina reunimos as três turmas para a gravação visual do resultado de suas músicas, além de mais uma quarta música onde todas as turmas cantaram e apresentaram em conjunto ao vivo. A gravação visual demorou cerca de sete horas e contou com a ajuda de alunos do curso de Cinema e Audiovisual da UFPel.

Na segunda fase do projeto – em andamento agora – contamos com um grupo de cerca de vinte pessoas, incluindo alunos dos cursos da UFPel e comunidade. O espetáculo escolhido é uma obra original escrita por um dos membros do grupo com músicas populares já conhecidas. Trabalhamos em formato de processo colaborativo onde, embora cada membro seja responsável por uma área da construção (direção artística, direção musical, coreografia, figurino, cenário, produção, iluminação), todos podem ajudar em sua concepção. Os membros do elenco, por exemplo, ajudam na idealização dos cenários e repassam à pessoa responsável por este setor as suas contribuições e ideias. Toda semana acontece um ensaio geral de coreografia/voz/cena e mais um ensaio individual ou em duplas para trabalhar questões mais pontuais e específicas. A montagem deverá ficar pronta até o fim do semestre para ser apresentada ao público em geral em Pelotas, para as turmas de ensino médio nos colégios e na região.

3. RESULTADOS

A gravação de algumas músicas e alguns trechos cênicos do musical "O Rei Leão", apresentado pelos participantes no final do primeiro semestre está sendo editada por alguns alunos do curso de Cinema e Audiovisual e ainda não está pronta. Porém, no campo teatral, o resultado não se dá apenas em um produto final, mas sim em todo o processo de construção e concepção das oficinas, das aulas, dos ensaios ou da montagem de um espetáculo. Durante as oficinas – e em momentos depois – podemos perceber que os participantes estavam muito mais imersos no conteúdo artístico no geral e não apenas na área de formação específica do seu curso. Alunos do curso de Música ajudando pessoas da comunidade e de outros cursos em coisas relacionadas à voz; alunos do curso de Teatro mostrando os seus trabalhos; pessoas da comunidade em geral cantando, atuando, dançando e fazendo os mesmos exercícios que os alunos de cursos voltados para estas áreas sem distinção de aptidões; Participantes, até mesmo os do curso de Música, tendo um primeiro contato e entendendo como funciona a gravação de voz em um estúdio; a experiência de poder perceber as diferenças, as exigências e os objetivos existentes entre a área do teatro (nos exercícios e apresentações para os colegas) e a do Cinema (na gravação final).

No processo de montagem, acredito que isto se intensifica. Por ser um grupo pequeno, é impossível que um aluno da Música esteja ali só para cantar ou um aluno do Teatro esteja ali só para atuar. Todos partilham das mesmas experiências, juntamente com pessoas de outras áreas.

Alguns participantes na gravação final do processo. Por mais que a obra musical escolhida tenha personagens animais, cada participante teve um personagem de um espetáculo musical distinto para ser trabalhado as questões de construção de personagem.

4. AVALIAÇÃO

Mesmo com o envolvimento de poucos professores (apenas a coordenadora e a professora Laura Backes do curso de Teatro) o projeto foi um sucesso de procura e terminamos com um saldo muito positivo de novos contatos, de experiências e de construção pessoal, profissional e artística. Eu entrei no curso de Teatro em 2015 através do teatro musical, mas não encontrei aqui nenhuma disciplina, grupo ou projeto que tivesse algo relacionado a isso, ou ao menos uma integralização básica entre os campos artísticos/cênicos. O projeto foi a solução encontrada para suprir esta minha necessidade e a necessidade da universidade também enquanto provedora da integralização curricular no campo das artes. No projeto eu consigo ter contato com a área tanto como aluno, quanto como professor através das oficinas ministradas, potencializando a minha formação como futuro professor de teatro. Questões vocais, importantes não apenas para o ator de teatro musical, mas para todo ator, são mais pontuadas através das oficinas. O projeto foi proveitoso para os alunos de todos os cursos que participaram, independentemente de serem ou não da área das artes. Com o processo colaborativo do espetáculo podemos ter contato com a construção de cenários, concepção de figurinos, sonoplastia, coreografia, iluminação, direção e produção de espetáculos e até mesmo tocando nas esferas técnicas e teóricas da construção de cena dentro do teatro musical. Áreas estas que não existem na grade curricular obrigatória – salvo apenas a de iluminação como optativa esporadicamente - do curso de Teatro e que com o projeto eu tenho a oportunidade de partilhar destas experiências com alunos e profissionais de áreas distintas, mas com o mesmo interesse: o de propagar a arte.

5. REFERÊNCIAS

Livros

PAVIS, Patrice**. Dicionário de Teatro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008. PIERCE, Leslie. Teatro Musical - Guia Prático de Stage Management. São Paulo: Editora Giostri, 2013.

WOLFOORD, Julian. **How Musicals Works and How to Write Your Own.** Londres. Nick Hern Book. 2013.

Artigo

NICOLETE, Adélia. Criação coletiva e processo colaborativo: algumas semelhanças e diferenças no trabalho dramatúrgico. **Revistas USP – Sala Preta**, São Paulo. Volume 2. 2002. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57109/60097

Documentos eletrônicos

BROADWAY.COM. **The Lion King.** Acessado em 03 de outubro de 2017. Online. Disponível em: http://www.broadway.com/shows/the-lion-king/story/

ALÉM DAS REDES: AÇÕES EXTERNAS DO MUSEU DAS COISAS BANAIS

JOANA SCHNEIDER[1]; DANILO AMPARO RANGEL[2]
NARA REGINA FARIAS AVILA[3]; CAROLINE SILVA DA COSTA[4];
GREICE AVILA MARQUES[5]; JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES[6].

[1]Universidade Federal de Pelotas – joana.sch@hotmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – drangeldanilo@gmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas – naraamarques@gmail.com
[4]Universidade Federal de Pelotas – carolinesilvadacosta1998@gmail.com
[5]Universidade Católica de Pelotas – greiceamarques@gmail.com
[6]Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O Museu das Coisas Banais é um projeto de extensão, pertencente ao departamento de Museologia e Conservação e Restauro, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Visa, através da criação e desenvolvimento de um Museu Virtual (CARVALHO, 2008), evidenciar os vínculos subjetivos que as pessoas estabelecem com os objetos cotidianos e como o ato de guardar os mesmos e contar as suas histórias se constitui num importante mecanismo de manutenção da memória (SALLES, 2006).

Os objetos e seu papel nas relações interpessoais, evocando lembranças e firmando laços entre os sujeitos, são o fator motivador do projeto. O Museu das Coisas Banais busca musealizar os objetos cotidianos, que, ao evocarem as memórias do indivíduo, se tornam instrumentos contra o esquecimento. O acervo do museu é exclusivamente virtual e se constitui, até então, nas fotos dos objetos associadas aos relatos escritos pelos seus donos – que são os doadores de acervo. Assim sendo, o valor do acervo está nas histórias vinculadas aos objetos, na lembrança e no relato que o objeto evoca, e não apenas no objeto em si.

Ao preservar os objetos da vida diária, não no sentido material, mas no sentido de registrar e discutir seus significados, o projeto objetiva interagir diretamente com a comunidade, tornando o ambiente do museu mais democrático. Os objetos cotidianos, denominados como banais (ROCHE, 2004), são objetos biográficos (BOSI, 1994) que só costumam entrar no museu quando pertenceram a alguma personalidade, fato que gera o entendimento dos museus como lugares elitizados, que só conservam bens relacionados a determinados grupos sociais. Assim sendo, o benefício social almejado pelo projeto é estender o espaço do museu e ampliar o conceito de patrimônio, entendo

todo objeto com valor subjetivo agregado como objeto museável, preservando, assim, a memória e a identidade individual de pessoas inseridas em qualquer grupo social – porque todos têm patrimônio e todos têm memória.

Paralelo às atividades do Museu Virtual e do desenvolvimento de pesquisa acerca do tema da memória, dos museus e dos objetos cotidianos, são desenvolvidas atividades externas, diretamente relacionadas à comunidade, como exposições, atividades educativas com escolas, ações de coleta de acervo e educação para o patrimônio. As atividades do projeto se dão em várias frentes e por isso há a interdisciplinaridade. As questões museológicas são acompanhadas pelas necessidades técnicas de desenvolvimento de sistemas e também de material visual, onde entra o design e as artes visuais. Ou seja, tanto na manutenção do site e das redes sociais vinculadas ao mesmo, como nas atividades externas do museu há a constante necessidade de relação com várias áreas do conhecimento, permitindo a troca de experiências e ampliando a formação dos estudantes envolvidos.

Sendo um Museu Virtual e tendo atividades externas, o projeto proporciona amplo acesso e tem como público alvo toda a comunidade, com especial enfoque naqueles indivíduos que tenham interesse em contar suas experiências de vida e preservar suas memórias através dos objetos. O projeto tem como principal objetivo permitir que a comunidade sinta-se pertencente ao espaço do museu, não só como visitante, mas também como figura ativa de “criador de acervo”. A biografia do indivíduo comum se insere no museu a partir dos seus objetos cotidianos, se tornando, assim, patrimônio passível de cuidados e proteção para que não se perca no tempo. E, a partir das relações estabelecidas entre os acadêmicos que fazem parte da equipe do Museu das Coisas Banais e a comunidade, se efetiva o caráter extensionista do projeto e há o benefício mútuo para a comunidade acadêmica e para os públicos externos à universidade.

Neste trabalho, serão expostas algumas das atividades externas – fora do campo virtual - que foram realizadas pelo Museu das Coisas Banais ao longo do ano de 2017 ou que estão em fase de experimentação, evidenciando como os objetos cotidianos e seu valor subjetivo se fazem presentes nos mais diversos campos e podem, inclusive, servir de inspiração para as áreas criativas como a literatura, o cinema e as artes visuais.

2. DESENVOLVIMENTO

A exposição "Possíveis Realidades: Entre Objetos & Histórias no Mercado das Pulgas" foi realizada nos dias 18 a 20 de agosto de 2017, em conjunto com a Secult – Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas e o Mercado das Pulgas de Pelotas, integrando as atividades comemorativas do Dia do Patrimônio. Esta exposição foi um desdobramento da pesquisa sobre o Mercado das Pulgas que está em andamento e faz parte das atividades do Museu das Coisas Banais. Os feirantes foram convidados a escolher, dentre tantos objetos que possuem, algum que detivesse valor especial, não monetário, mas sim afetivo ou simbólico.

Para evidenciar o valor subjetivo dos objetos, a exposição se deu a partir dos objetos selecionados pelos feirantes e, com caráter lúdico, além da apresentação dos objetos com suas histórias relatadas pelos seus donos, havia uma ligação com a literatura e a fantasia ao colocar os objetos "falando", dando a sua versão dos fatos. Assim, o público era convidado a entrar no mundo da criação de histórias, sendo instigado a escrever alguma experiência, alguma memória sua com relação aos objetos.

Foi neste momento que o Museu das Coisas Banais passou a criar um material físico: um painel com base de tecido onde vários objetos cotidianos foram costurados e colados. Esse painel foi construído com o intuito de estimular a memória do público e suscitar possíveis narrativas, possíveis realidades. Os objetos foram além da sua materialidade, tornando-se estímulos visuais e gatilhos da memória, mecanismos de lembrar, relembrar e ressentir, pois "podemos sentir sem memória, mas não podemos re-sentir sem ela" (YVES E TADIÉ, 1999, apud SALLES, 2006).

O painel, inicialmente criado para atender somente as necessidades da exposição supracitada, acabou por se configurar numa obra artística, integrando-se ao espaço do Museu e tornando-se um material de uso permanente. O painel artístico foi um dos recursos utilizados na "Ação de educação para o patrimônio e coleta de acervo", no "Mix Bazar Universitário", atividade realizada pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, no Museu do Doce, no dia 30 de setembro, integrando as ações da Primavera dos Museus 2017. Nesta ação, foram testadas novas possibilidades de abordagem ao público, assim como o uso de novas linguagens e recursos de mídia.

A partir da análise das atividades do site e das ações externas, percebeu-se a dificuldade de acesso à determinada parcela do público através da leitura e escrita, assim sendo, a ação foi uma atividade "piloto", em caráter experimental, a fim de verificar o comportamento das pessoas com relação à gravação de vídeo na coleta de depoimentos.

Para atingir tal objetivo, foram utilizadas estratégias para atrair a atenção dos visitantes do bazar para que os mesmos conhecessem o projeto e, então, se sentissem confortáveis para gravar seus depoimentos.

O painel artístico estava acompanhado de um tecido estampado com o logo do projeto, além de móveis personalizados e cores que conferiam uma identidade visual ao espaço ocupado pelo Museu das Coisas Banais. Ou seja, criou-se um ambiente para cativar o olhar do público e abrir espaço para o diálogo com a equipe. A partir de provocações como "O que você guarda? Seus objetos têm história? Suas memórias têm objetos?", o público era convidado a compartilhar suas memórias, contar as histórias de seus objetos particulares e refletir sobre a relação que as pessoas estabelecem com os objetos de sua vida diária.

Pensando nas narrativas que os objetos suscitam, também surgiu a ideia de realizar um Ciclo de Cinema do Museu das Coisas Banais. Esta atividade é uma parceria com o Cine UFPel e sua primeira edição se realizará a partir do dia 31 de outubro. No ciclo serão exibidas quatro obras cinematográficas que têm suas narrativas construídas com base nas relações que as pessoas estabelecem com objetos do cotidiano. O Ciclo de Cinema visa mostrar como os objetos são referências para a criação de personagens e narrativas e, desta maneira, convidar o público a refletir e conversar sobre este tema tão recorrente no cinema e na literatura.

3. RESULTADOS

A exposição "Possíveis Realidades: Entre Objetos & Histórias no Mercado das Pulgas" teve grande visitação durante as ações do Dia do Patrimônio, gerou material físico para outras ações do Museu das Coisas Banais, além de evidenciar a necessidade de novas abordagens para cativar a participação do público. Apesar do interesse demonstrado pelos objetos expostos e pelo próprio painel artístico, ficou evidente que a escrita e a leitura não são os meios mais eficazes na interação com o público majoritário. Essa observação levou a equipe do projeto a pensar no uso de novas mídias, procurando uma forma mais dinâmica e acessível de coletar e de expor o acervo.

A atividade no Mix Bazar, além de ter conseguido ampla participação do público e gerar muito material em vídeo para alimentar o site e fomentar estudos quando ao tema da memória e cultura material, evidenciou que é de suma importância a criação de uma identidade visual na formação e "cimentação" de um grupo. Neste sentido, ficou

claro como as artes visuais representam um instrumento ímpar de acesso às pessoas, as obras artísticas abrem portas e possibilitam o diálogo e a troca de experiências, sensações e informações.

O Ciclo de Cinema ainda está em fase de desenvolvimento, os títulos já foram selecionados, já foi efetuado o contato com a sala de cinema Cine UFPel e as datas foram confirmadas. A sala de cinema é uma conquista recente do curso de Cinema e Áudio Visual e vem gerando vários bons resultados, assim sendo, esta parceria visa ocupar os espaços disponibilizados pela Universidade e dialogar com outros projetos que estão em execução. Além disso, a exibição de filmes pode gerar reflexões e discussões acerca do tema abordado, ou seja, pode se configurar em mais uma via de acesso ao público e de divulgação das atividades do Museu das Coisas Banais.

4. AVALIAÇÃO

Tanto nas atividades do Museu Virtual como nas ações externas, fica clara a relação subjetiva das pessoas com alguns objetos cotidianos, evidenciando que os mesmos podem ser importantes mecanismos de manutenção de memória e que a sua musealização é socialmente relevante. Nas atividades externas desenvolvidas recentemente, foi atingido o objetivo de acessar o público e trazer o mesmo para dentro do Museu, não apenas como observador passivo, mas também como protagonista, como criador de acervo. Neste sentido, observou-se que as pessoas possuem sim objetos biográficos e que é possível a democratização do espaço dos museus a partir da inserção dos mesmos no campo da museologia, tantas vezes tido como elitizado.

Também foram diagnosticadas algumas carências do projeto. Ficou evidente a necessidade da intensificação das ações externas, assim como a urgência na implantação de ações de coletas de acervo mais dinâmicas e com o uso de novas mídias. Estas medidas servem tanto para divulgação do próprio projeto, para que este tenha eficácia e fiquei conhecido para além dos muros da universidade, como para a alimentação do acervo do site, que precisa de mais extroversão, visto que as visitas e colaborações por esta via não estão atingindo os resultados esperados.

Por fim, a contribuição das artes visuais no projeto, criando um material físico e firmando uma identidade visual, evidenciou a potência que a interdisciplinaridade confere ao Museu das Coisas Banais e, o mais importante, como a arte é abrangente e pode contribuir para as diversas áreas do conhecimento.

5. BIBLIOGRAFIA

BAUDRILLARD, J. **O Sistema dos Objetos.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Edusp, 1994.

CARVALHO, R. M. R. **Comunicação e informação de museus na Internet e o visitante virtual**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1,p. 83 - 93, 2008.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

MERLO, M. **Memórias e museus.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

ROCHE, D. **História das Coisas Banais. Nascimento do consumo séc.** XVII - XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SALLES, C.A. **Redes da criação, construção da obra de arte.** São Paulo: Horizonte, 2006.

STALLYBRASS, P. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

OFICINA DE PANORÂMICAS NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI: CHUÍ-CHUY; JAGUARÃO-RIO BRANCO

JUNCRIS NAMAYA JUNIOR [1]; ANA PAULA VIEIRA [2];
LARISSA MÖRSCHBÄCHER[3]; LUCAS BOEIRA BITTENCOURT[4]
ANA LUCIA COSTA DE OLIVEIRA[5]

[1]Faculdade de Arquitetura e urbanismo -UFPEL – Archijuncris@yahoo.fr
[2]Faculdade de Arquitetura e urbanismo -UFPEL – anape.vieira@gmail.com
[3]Faculdade de Arquitetura e urbanismo -UFPEL – larissa.morschbacher@hotmail.com
[4]Faculdade de Arquitetura e urbanismo -UFPEL -lucas.faurb@gmail.com
[5]Faculdade de Arquitetura e urbanismo -UFPEL –lucostoli@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O Programa de Extensão “Preservação do patrimônio cultural edificado na fronteira Brasil-Uruguai” foi dividido em dois projetos principais: Identificação de lugares suportes para a estrutura urbana, através da medida de acessibilidade espacial, e Identificação, descrição, análise tipológica e valoração de aspectos da paisagem para a preservação patrimonial de edifícios e lugares de maior interesse. Tais projetos foram realizados nas cidades de fronteira, Rio Branco, Jaguarão, Chuí e Chuy.

A primeira parte do projeto se focalizou no contexto de identificações nas cidades supramencionadas e as relevantes tipologias das casas construídas que estariam dentro do conceito da morfologia arquitetônica e morfologia urbana das cidades. E a partir dessa identificação ou reconhecimento das cidades, foram escolhidas as quadras das ruas ou os locais públicos para a intervenção. Essa escolha não foi feito de forma aleatória, é o resultado de trabalho desenvolvido pelo laboratório do Urbanismo (LabUrb) através de um software Urban Metrics que determina os locais na cidade onde existe uma centralidade, acessibilidade e conectividade na cidade (VIEIRA, 2016).

A segunda parte foi a aplicação das oficinas com a comunidade das cidades de Chui e Chuy, Jaguarão e Rio Branco. Essas oficinas colaboraram com o objetivo geral do projeto que era de propor as intervenções na preservação do patrimônio histórico da cidade, sendo que um dos objetivos específicos era o de requalificar as áreas que exercem uma atração forte sobre os visitantes sob o ponto de vista urbanístico e paisagístico, e poderia se tornar viável, o desenvolvimento de ações voltadas para o turismo na cidade. Além de preservar o patrimônio existente, há uma tentativa de recuperar os espaços públicos que se encontram numa situação de degradação.

De acordo com esse contexto, para alcançar os resultados, foram necessárias idas à comunidade para a realização dessas oficinas. No entanto, a comunidade se mostrou participativa e interessada em intervir nos seus locais públicos, mudar aqueles que não estão dentro da lei, e sobretudo proteger, preservar e valorizar o patrimônio cultural das cidades.

2. DESENVOLVIMENTO

O processo de desenvolvimento desta pesquisa aconteceu em várias etapas. Uma delas foi a elaboração das oficinas, nas cidades já mencionadas, que ocorreu em dois momentos: Em um primeiro momento, os participantes conheceram o projeto e foram convidados a registrar suas impressões sobre a paisagem urbana das duas cidades. A área percorrida pelos participantes foi determinada a partir da avaliação de um percurso, determinado por uma medida de "centralidade", acessibilidade e conectividade fornecida pelo *software Urban Metrics* (VIEIRA, 2016).

O segundo momento foi a aplicação das oficinas com a comunidade das duas cidades que eram formadas em grupos de cinco a seis alunos, estudantes dos terceiros anos de ensino médio no Chuí–Brasil, os estudantes da edificação do Ifsul Jaguarão, os professores e os membros da prefeitura das cidades. Na realização da oficina buscou-se instigar os participantes a reconhecer a paisagem selecionada e refletir sobre possíveis intervenções arquitetônicas, que poderiam, eventualmente, realizarem-se nos locais selecionados.

Cada grupo recebeu quatro montagens panorâmicas acompanhadas por um envelope contendo imagens de tipologias arquitetônicas de diferentes lugares, usos, alturas e estilos arquitetônicos que foram elaborados pela equipe no laboratório.

Figura 01 e 02: Imagem da oficina no chuí e Jaguarão. Material oferecido pela equipe
Fonte: Fotografia feita pela equipe, no momento da oficina.

As montagens das faces de quadras apresentavam três ambiências distintas: locais do cotidiano da população, locais de interface entre as duas cidades (internacionalização) e vazios urbanos. Assim, os jovens participantes das oficinas foram convidados a sobrepor as fotografias dos envelopes nas panorâmicas, ao mesmo tempo em que refletiam sobre suas escolhas sobre uma paisagem urbana "desejável", que contemplasse valores do patrimônio cultural edificado, registrado nas panorâmicas e respeitando o estudo de sombreamento que um prédio poderia causar em outro.

Durante as oficinas, mesmo sendo oferecido um determinado material, os participantes poderiam desenhar outros estilos arquitetônicos que eles achassem mais de acordo com suas vivências. As mesmas poderiam se encaixar melhor nas faces das quadras panorâmicas oferecidas, acrescentando a vegetação como ilustra a imagem abaixo.

Figura 03 e 04: Imagem da oficina no chuí e Jaguarão. Material oferecido pela equipe
Fonte: Fotografia feita pela equipe, no momento da oficina.

3. RESULTADOS

Os resultados do projeto demonstraram o interesse do grupo dos participantes em propor alternativas para configurar a paisagem urbana com o objetivo da comunidade se apropriar e usufruir dos seus espaços. As propostas podem ser classificadas em dois

tipos: soluções que mantiveram o gabarito original das edificações (fig5) e propostas que optaram por rupturas desta silhueta (Fig 06).

Figura 05 e 06: Imagem da oficina no Chuí e Jaguarão. Material disponibilizado pela equipe.
Fonte: Fotografia feita pela equipe, no momento da oficina.

Segundo VARGAS (2009), intervir nos centros urbanos pressupõe não somente avaliar sua herança histórica e patrimonial, seu caráter funcional e sua posição relativa na estrutura urbana, mas, principalmente, saber o porquê da necessidade de fazer tal intervenção. Essa citação refere-se ao prédio do hotel sinuelo da cidade de Jaguarão que foi inserido no meio da cidade tombada pelo Iphan. A maioria dos participantes da oficina interviu para esconder ou substituir o prédio por outro que seria de mesma característica dos prédios vizinhos.

4. AVALIAÇÃO

O projeto de Preservação do patrimônio cultural edificado na fronteira Brasil -Uruguai na sua etapa de oficina produziu os resultados tanto em um caráter informativo, no sentido de apresentar possibilidades de direcionamento e controle da paisagem urbana, como reflexivo, através de uma leitura das cidades e dos resultados apresentados. Em relação às questões de caráter informativo levantadas pela comunidade foi a importância de um plano diretor para a cidade, que é um instrumento legal em que se estabelecem diretrizes para orientações do poder público que foi mais salientado pela comunidade.

Os planos diretores são importantes instrumentos que auxiliam e ampliam os processos da democratização da vida urbana.

O trabalho das oficinas colaborou para o processo da preservação do patrimônio cultural das cidades, a fim de buscar a maior ampliação de valorizar do patrimônio existente, já que a mesma vai ampliando sua área física com as diretrizes propostas e discutidas com a comunidade. A preservação da paisagem urbana, buscando uma unidade de tipologias que evidenciam a identidade e a memória do lugar, qualifica a cidade e a torna única. Como consequência, ocorre uma valorização da população do local sobre seu patrimônio, que pode inclusive fomentar o turismo cultural na região.

A diversidade de soluções apresentadas possibilitou discutir uma série de questões relativas aos encaminhamentos possíveis para as transformações da paisagem urbana. A participação de jovens, criativos e sem um repertório preestabelecido, resultou em propostas e reflexões que demonstram suas expectativas em relação ao futuro. Ações extensionistas com esse caráter demonstram as possibilidades de transformação das comunidades locais, reforçando a importância da inserção da universidade nas cidades, em especial, em regiões de fronteira, distantes dos centros urbanos maiores, que caracterizam pólos de produção de conhecimento.

5. REFERÊNCIAS

JANTZEN,S.D. ; OLIVEIRA, A.L.C. RENOVAÇÃO URBANA E RECICLAGEM : orientação para a prática de atelier. Livraria Mundial. 1996

VARGAS H.C. Intervenções em centros urbanos, objetivos, estratégias e resultados, 2° edição, 2009. Cap.1, p.18-51; cap 3, p.108-139

VIEIRA, A.P.C. et alli . Morfologia, modelagem e planejamento urbano em Jaguarão-RS. In: Congresso de Extensão e Cultura, III, 2016, Pelotas. **Anais**... Pelotas, set. 2016. Disponível em: http://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/anais/2016-2/
Acesso em: 07/07/2017.

OLIVEIRA,A.L.C. ; SEIBT, M.B. Programa de revitalização integrada de Jaguarão. Editora Universitária UFPel.2005.

FOTOGRAFIA COM CÂMARA OBSCURA

KATHLEEN OLIVEIRA DE AVILA[1]; JOÃO PEDRO SCHEBEK[2];
GIULIANA BAZARELE MACHADO BRUNO[3]; JULIANA CORRÊA HERMES ANGELI[4]

[1] Acadêmica do curso de Licenciatura em Artes Visuais UFPel – kathleenoavila@gmail.com
[2] Acadêmico do curso de Design Digital UFPel – j.p.schebek@hotmail.com
[3] Alcadêmica do curso de Licenciatura em Artes Visuais UFPel – giulianabmb@gmail.com
[4] Professora de Fotografia e de Produção Cultural do Centro de Artes/UFPel e Coordenadora do Projeto de Extensão. – julianaangeli@gmail.com
Cláudio Tarouco de Azevedo e Nádia da Cruz Senna

1. APRESENTAÇÃO

Fotografia com Câmara Obscura é um projeto de extensão do Centro de Artes da UFPel, que visa desenvolver através do princípio da fotografia a compreensão do fenômeno ótico tanto para crianças, adolescentes ou até adultos de escolas públicas dos municípios de Pelotas e região. Partindo da compreensão sobre a formação da imagem, realiza-se a obtenção de registros fotográficos através da câmara obscura aplicando a técnica de pinhole. A fotografia com câmara obscura é um método simples de obtenção de imagens fotográficas, no qual não se utilizam dispositivos óticos. Qualquer objeto oco, encontrado ou construído, pode ser transformado em câmara e obter imagens (ANGELI, 1999). Esta técnica que nos remete ao princípio da fotografia tem como embasamento teórico aspectos históricos sobre o fenômeno ótico, sobre a descoberta da fotografia e também seu impacto na história da arte. Trabalha-se com a manufatura e construção de câmaras obscuras artesanais, sendo possível obter uma imagem sobre material fotossensível e assim fazer a revelação de registros fotográficos obtidos pelos próprios alunos. O objetivo do curso é trabalhar com esta técnica fotográfica estabelecendo uma conexão entre o passado e o presente, e propiciando a reflexão a partir do estudo e análise das imagens obtidas no decorrer do curso, assim buscando fazer um contraponto com as câmeras digitais atuais.

2. DESENVOLVIMENTO

Primeiramente as escolas da rede pública de ensino são contatadas com o objetivo de ofertar a possibilidade da prática do curso como proposta conjunta/complementar

a disciplina de Artes Visuais. A atividade pode também ser trabalhada de forma interdisciplinar com outras áreas de ensino dentro do ambiente escolar.

O projeto de extensão tem como meta desenvolver no mínimo dez turmas por ano, com duração de pelo menos 12 horas/aula cada curso. O curso é oferecido nas escolas da rede pública, podendo ser ofertado em horário inverso ao das aulas. Na maioria das vezes, ele ocorre como atividade complementar também sendo oferecido em dias de atividade extracurricular das escolas. Realizamos também, durante o período de recesso entre semestres, o curso dentro da Universidade voltado para comunidade em geral, assim abrangendo maior público.

Durante as aulas, são apresentados slides referentes à História da Fotografia, trazendo a descoberta do fenômeno ótico, sua utilização na pintura e no desenho, chegando até o advento da fotografia no século XIX. Também são apresentadas imagens obtidas por artistas contemporâneos através da utilização da câmara obscura como Abelardo Morell (Figura 1). Neste percurso didático, no qual os discentes compreendem o funcionamento da técnica, vamos desenvolvendo a parte prática com a confecção das câmaras obscuras artesanais com objetos trazidos pelos próprios alunos ou fornecidos pelo projeto.

Figura 1: camera obscura: view of the brooklyn bridge in bedroom, 2009. Fonte: https://www.abelardomorell.net Acesso em: 10 de ago. 2017.

Em um terceiro momento os alunos são orientados em uma saída de campo para a captação de imagens. As câmeras recebem em seu interior papel fotográfico (que é o material fotossensível utilizado no curso) e depois, em laboratório fotográfico improvisado nas dependências da própria escola é realizada a revelação por meio de químicos, na qual obtemos os negativos. A reação dos alunos quando estão dentro do laboratório

na maioria das vezes é de surpresa e admiração. Por vezes ouvimos alguns comentarem que o processo parece “mágico”. Após a parte prática, realizamos a inversão das imagens com auxílio dos celulares e aplicativos fotográficos dos próprios alunos e realizamos uma conversa, onde analisamos os resultados obtidos por todos (Figura 2).

Negativo

Positivo

Figura 2: Registro obtido por aluno Escola Técnica Estadual de Canguçu (ETEC) – outubro de 2017.

3. RESULTADOS

Foram realizadas seis ações, entre oficinas e cursos. Sendo destes, duas oficinas na escola da rede do município em Pelotas, Escola Municipal Dr. Francisco Campos Barreto – Laranjal; Uma oficina na cidade de Canguçu, Escola Técnica Estadual de Canguçu, durante o evento 8ª Feira de Sementes Crioulas de Canguçu; uma oficina com saída de campo com o Grupo de Pesquisa Arte e Natureza (CA-UFPel); uma oficina para o III Seminário Internacional Ensino da Arte e Cultura Visual – o Avesso das práticas; e um curso para Escola Municipal de Ensino Fundamental Jeremias Froes, de Pelotas. Assim atendendo uma média de 81 alunos, onde participaram alunos entre 10 e 50 anos.

É interessante notar como o conhecimento sobre os processos de formação e obtenção de imagens abre as possibilidades de conhecimento entre diversas idades. Independente do grau de instrução, a variante é o tempo em que o curso é realizado. Em

algumas escolas o curso foi realizado com horas extras, além das previstas. Assim como houve casos que em bem menos tempo pode-se atingir os objetivos com sucesso. A partir do momento em que os alunos compreendem como funciona a câmara obscura, é possível estabelecer outras conexões entre o conteúdo teórico/prático e a realidade dos envolvidos. Levando diferentes objetos, mostrando as diversas possibilidades, como, por exemplo uma câmara confeccionada com uma lata de pastilhas que gerou ótimas imagens. Através dos resultados obtidos e das discussões que são realizadas em seguida, criamos meios para que estes alunos se tornem mais críticos e expressem suas opiniões livremente sobre o entendimento do processo.

4. AVALIAÇÃO

Os objetivos propostos pelo Curso vêm sendo atingidos. Durante os anos de 2012 e 2013, tivemos certa dificuldade de encontrar escolas que aderissem à proposta. Acreditamos que tenha tido relação com calendário acadêmico, que após a greve de 2012 e de 2016, ficou desconexo em relação ao calendário das escolas públicas. Em 2014 e 2015, vinculado ao Programa de Extensão Arte, Inclusão e Cidadania, coordenado pela Professora Nádia Senna, o projeto teve um ótimo rendimento, atendendo escolas tanto de Pelotas como da região, levando a Extensão e a Universidade as mais diversas instituições tais como ETEC, Escola Municipal Afonso Vizeu, IFFarroupilha e o Colégio Estadual Dom João Braga, em um total de quatro escolas. Em 2016 foram realizados 2 cursos na Escola Técnica Estadual de Canguçu, 2 turmas na Escola Estadual de 1º e 2º Grau Silva Gama. E na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dirceu Moreira, totalizando em 2016, cerca de 140 alunos. Já este ano, estamos tendo novamente um pouco de dificuldade de encontrar escolas para aderirem à proposta. Acreditamos por ser devido a atual situação política do país, em que a maioria das escolas do estado encontra-se em greve. Contudo, ampliamos as propostas do curso e remodelamos para formato de oficinas, para acolher outros públicos, como as turmas de formação de professores continuada e os grupos de pesquisa da UFPel.

Este contato com o processo primordial da fotografia oferece aos alunos uma mudança na percepção, com a possibilidade de obter resultados poéticos alternativos de acordo com a criatividade e interesse de cada aluno, criando espaço para discussão sobre os resultados e curiosidades que surgem durante o processo em uma análise destes registros (BRUNO, 2014). Sendo assim o curso teórico/prático, através da experiência

com a Extensão Universitária, possibilita a conexão entre o que a Universidade nos ensina, diretamente com a prática nas escolas e na comunidade.

5. REFERÊNCIAS

A Camera Obscura de Abelardo Morell. Arte Ref, São Paulo, 25 abr. 2013. Acessado em 10 ago. 2017. Online. Disponível em: http://arteref.com/artista-da-semana/camera--obscura-abelardo-morell/

ANGELI, Juliana Corrêa Hermes. **Passagens: o registro de fluxos de tempo.** Porto Alegre, 1999. 52p. Projeto de Graduação, Instituto de Artes - Departamento de Artes Visuais/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul,1999.

BRUNO, Giuliana Bazarele Machado. CURSO DE FOTOGRAFIA COM CÂMARA OBSCURA. In: **II CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL**, Pelotas, 2014, Anais Congresso de Extensão e Cultura da UFPel, 2014. V3. p. 31.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre fotografia**. 2º ed. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1984.

GERNSHEIM, Helmut &GERNSHEIM, Alison. **História Gráfica de la Fotografia. Barcelona: Ediciones Omega S.A**., 1966.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

UM RELATO SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO UNIFICADO DO NÚCLEO DE MÚSICA POPULAR

LÍGIA POLIANA DE OLIVEIRA[1]; RAFAEL HENRIQUE SOARES VELLOSO[2]

[1] *Lígia Poliana de Oliveira – ligia.poliana@gmail.com*
[2] *Rafael Henrique Soares Velloso – rafavelloso@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho trata-se de um relato sobre a implementação do projeto unificado do Núcleo de Música Popular da UFPEL. O projeto que foi implementado este ano tem como objetivo a promoção e difusão de atividades desenvolvidas por professores e alunos do curso de Bacharelado em Música Popular da UFPEL, por meio da expansão, qualificação e divulgação de suas práticas musicais junto a comunidade pelotense, contribuindo para a organização e difusão do conhecimento artístico musical resultante destas interações.

Através da inserção dos discentes do curso em atividades extras de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pelo projeto, o núcleo pretende contribuir para a formação acadêmico-profissional destes alunos por meio de experiências orientadas que promovam a melhoria na qualidade do processo de ensino-aprendizagem, auxilie no combate à reprovação, à retenção, à evasão, e proporcione a comunidade local uma experiencia cultural significativa.

As atividades organizadas pelo Núcleo de Música Popular tem como objetivo a produção e difusão do conhecimento artístico musical em diferentes formatos tais como; encontros, cursos de curta duração, eventos, apresentações artísticas, palestras, oficinas, grupos de estudo todas cadastradas como ações de um mesmo projeto.

2. DESENVOLVIMENTO

A metodología utilizada nestas ações vem sendo da pesquisa ação buscando intensificar a experiência musical através do trabalho colaborativo, tal como nos projetos de Braga et al (2008) e Tygel e Nogueira (2006) e Grossi (2009). Assim como nestas, as ações do núcleo visam integrar as atividades artístico musicais do curso de música popular e proporcionar ao público em geral o contato com práticas musicais que primam pela valorização, promoção e comprometimento com a identidade cultural regional.

As ações propostas pelo Núcleo de Música Popular são, em sua maioria, voltadas a comunidade externa promovendo a interação e diálogo com a comunidade acadêmica através de espetáculos e atividades abertas que ampliam o acesso aos materiais produzidos pelos académicos. Os alunos participantes das ações do núcleo usufruem desta troca e complementam sua formação desenvolvendo habilidades que o curso em si não proporcionaria.

A seguir uma breve descrição de algumas das 10 ações que estão sendo implementadas neste semestre pelo núcleo.

Os Encontros do Clube do Choro, estão direcionados a comunidade externa a UFPel, visto que o Clube do Choro já está em atividade desde 2014 e a universidade passou a acompanhá-los posteriormente. Com o intuito de valorizar os músicos pelotenses tal como a produção de conhecimento sobre o choro, os encontros proporcionam uma interação singular entre os acadêmicos dos cursos e os músicos locais, gerando uma troca de vivencias e experiências que beneficia ambos os lados.

A Jam Session do Centro de Artes é uma ação criada pelo projeto de ensino Laboratório de improvisação e arranjo, e que passou a integrar as atividades do núcleo visando ampliar o conhecimento e a experiencia sobre a improvisação, estimulada pela interação mais frequente entre os alunos, professores e músicos locais.

A Mostra de Música Popular é uma ação de extensão coordenada pelos professores do núcleo, que estimula os alunos do bacharelado em música popular a apresentarem os resultados das disciplinas práticas do curso, proporcionando um espetáculo aberto a comunidade acadêmica e ao público externo. Tal ação promove o engajamento e a performance dos alunos, estimula a capacidades necessárias para a atuação profissional e o desenvolvimento artístico, técnico e científico, além de gerar mais uma opção de apreciação musical para a comunidade de Pelotas e região.

A noite popular é uma ação extensionista, idealizada por uma ex-aluna e ex-professora do curso que proporciona aos discentes do bacharelado em música a oportunidade de apresentar um repertorio de livre escolha e entrarem em contato com um público distinto ao que normalmente frequentaria a universidade.

O primeiro caderno do Clube do Choro de Pelotas será o primeiro lançamento de um material editorial produzido pelo núcleo, fruto do projeto Encontros de música popular realizado em 2016 que é uma parceria entre o Núcleo de Música Popular e o Laboratório de Etnomusicologia da UFPel. O objetivo deste caderno é de registrar na pauta musical as composições dos chorões pelotenses e compartilhar com um público amplo as histórias, narrativas musicais e extramusicais dos músicos de Choro de Pelotas. Além

das transcrições, o caderno conta com um rico material gráfico, formado por fotos, registros sonoros e manuscritos recuperados dos acervos particulares que foram doados pelos familiares e amigos do clube. A história oral dos músicos participantes também foi registrada em áudio e vídeo e será apresentada em forma de mini documentário e narrada pelos próprios compositores, que descreverão sobre as suas práticas musicais assim como serão mostradas algumas apresentações musicais promovidas pelo Clube.

A OSUFPel é uma ação de extensionista idealizada de forma independente pelos discentes do cursos de Música da UFPel, que conta com a colaboração dos professores dos bacharelados. A partir do segundo semestre a orquestra passou a receber também músicos profissionais e amadores da cidade. A base do projeto é o estudo e execução de peças do repertorio popular e busca criar um espaço onde os instrumentistas de sopro possam exercitar competências musicais.

O Escambo musical é um projeto de ensino independente, que passou a integrar as ações do núcleo. Idealizado por uma discente do curso de Música Popular da UFPel, a ação proporciona uma rede de monitoria solidária entre os alunos dos cursos de música. Esta rede oferece apoio pedagógico ao estudante que sinta a necessidade, visando proporcionar uma trajetória acadêmica mais satisfatória e evitar reprovações. Os alunos dos cursos de Música da UFPel se voluntariam para orientar o conteúdo de algumas disciplinas que já cursaram, estas informações são arquivadas num banco de dados e partilhados, para que os discentes que solicitem monitoria em uma determinada disciplina sejam encaminhados aos monitores correspondentes.

3. RESULTADOS

O ensino da música popular na universidade, trouxe inúmeros desafios ao processo ensino-aprendizagem, já apontados em trabalhos acadêmicos por Swamick (2003) e Green (2012), assim como a difícil relação entre o universo acadêmico e o profissional em música tal como aponta Moulin (2006). Por isso acreditamos que a inserção dos discentes do curso nas ações que estão sendo implementadas pelo núcleo de Música Popular da UFPEL junto a comunidade pelotense, passou a contribuir de forma significativa para a formação acadêmico-profissional destes alunos por meio de experiências orientadas que promovem a melhoria na qualidade do processo de ensino-aprendizagem, auxilie no combate à reprovação, à retenção e à evasão do curso de bacharelado em música da UFPEL.

4. AVALIAÇÃO

Todas as atividades contempladas ou promovidas pelo Núcleo de música popular estão em andamento e atingiriam os objetivos esperados. Em algumas das ações o público contemplado supera a média estipulada, como por exemplo no projeto Noite Popular com espetáculos que excedem a capacidade do salão de eventos. Como colaboradores diretos de todas as ações participam e/ou participaram 65 pessoas entre discentes, docentes e técnicos administrativos, alcançando em média 300 pessoas no total.

Desta forma inferimos que as atividades artístico musicais implementadas pelas ações do núcleo, proporcionaram aos discentes, docentes e ao público em geral o contato com projetos de qualidade que primam pela valorização dos saberes locais, promoção e comprometimento com a valorização da identidade cultural regional. O crescimento destas ações, contudo, estão vinculadas a ampliação das demandas do curso e da comunidade pelotense, que passaram a partir da sua implementação a contribuir ativamente sobre o conteúdo e formato das atividades propostas.

5. REFERÊNCIAS

BOLLOS, Liliana. Considerações sobre a música popular no ensino superior. IN: XVII Encontro Nacional da ABEM, São Paulo, 2008, **Anais do XVII Encontro Nacional da ABEM**. São Paulo: Faculdade de Música Carlos Gomes, 2008.

BRAGA, Reginaldo G. BARTH, Cássio, KUSCHIK, Mateus et al. 'Do prazer de tocar juntos' à articulação entre pesquisa e ensino através da extensão universitária Oficina de Choro. In: IV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia. Maceió, 2008, **Anais do IV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia Maceió**: UFAL, 2008, p. 553-561.

GREEN, Lucy. Ensino da música popular em si, para si mesma e para "outra" música: uma pesquisa atual em sala de aula. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 20, n. 28, p. 61-80, 2012.

GROSSI, Cristina. **Aprendizagem informal da música popular na sala de aula: relato de um projeto piloto realizado com jovens de uma escola pública de ensino médio.** In: Encontro Nacional da ANPPOM. Curitiba, 2009, Anais do XIX Encontro Nacional da ANPPOM. Curitiba: UFPR, 2009, V. 19 p. 22-25.

MOULIN, Vinícius. O mercado musical brasileiro e o curso de bacharelado em MPB da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. **Monografia** (Licenciatura em música), UNIRIO: Rio de Janeiro, 2006.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente.** São Paulo: Moderna, 2003.

TYGEL, Júlia Z., NOGUEIRA, Lenita W. M. Metodologias em etnomusicologia aplicada: reflexões sobre as práticas de dois projetos. In: III Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET) – Universos da música: cultura, sociabilidade e política de práticas culturais, 2006, São Paulo. **Anais do III Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia**. São Paulo, 2006. p.485-491..

AUDIODESCRIÇÃO: ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL NO MUSEU DA BARONESA

LEANDRO PEREIRA[1]; MARISA HELENA DEGASPERI[2]

[1]*Leandro Pereira – lheandro@msn.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – mhdufpel2012@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O Programa GRAU (Grupo Acessibilidade Universal) é vinculado ao NUTRA (Núcleo de tradução do CLC), que estabelece parcerias, acolhe e distribui trabalhos de tradução, (inclusive tradução audiovisual acessível - TAVA), entre alunos e professores que integram o programa. Estes últimos realizam as demandas de traduções dos parceiros, como o de uma importante atividade turística de Pelotas, em que elaboraram a construção de um roteiro de audiodescrição para ser utilizado no Museu da Baronesa, principalmente quando houver visitantes com deficiência visual.

O objetivo geral do GRAU é a promoção da acessibilidade através de eventos, cursos de formação e ações inclusivas acadêmicas, contemplando os três pilares: o ensino (nas traduções e audiodescrições), a extensão acadêmica à comunidade, através dos projetos dos quais participa como parceiro ou oferece, e à pesquisa, através dos resultados dos trabalhos de interação com as pessoas com deficiência visual, principalmente, por estar vinculado a um projeto com a temática que envolve cegueira e audiodescrição.

O trabalho aqui descrito se insere, mais diretamente, na área Direitos Humanos e Justiça; mas, também se relaciona com a cultura, visto que a acessibilidade e inclusão que propõe são culturais; e com a Educação, porque propicia aos alunos a prática da tradução audiovisual acessível (TAVA)- audiodescrição. É interdisciplinar, pois há integração entre alunos de diferentes cursos da UFPel, na elaboração do trabalho: Museologia, Turismo e Tradução.

A audiodescrição é um recurso que, segundo Motta (2010):

> É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos. (MOTTA, 2010, p. 7)

A acessibilidade está relacionada com a prática da inclusão, que se refere à possibilidade de participação na sociedade em condição de igualdade e sem discriminação.

> Levando em consideração que pessoas cegas e com baixa visão também podem ser consumidoras de cultura, desde que sejam respeitadas em seus direitos à acessibilidade comunicacional, abordaremos especificamente a audiodescrição para museus e como foi realizado o roteiro e a locução neste caso. (Idem.)

Sendo assim e, sendo um dos objetivos das ações afirmativas do GRAU a acessibilidade e a inclusão cultural de pessoas que se encontram à margem dos círculos culturais por causa de barreiras atitudinais e de acessibilidade, justifica-se a apresentação deste como um trabalho que se solidarize com o público alvo, que é, prioritariamente, de pessoas com deficiência visual, e promova de todas as formas possíveis, o acesso ao material visual disponível para toda a comunidade.

2. DESENVOLVIMENTO

Para oferecer o recurso de audiodescrição em visitas ao museu foi necessário fazer um roteiro, no qual foram avaliados e discutidos os elementos e características julgados mais relevantes, para serem traduzidos do visual para o verbal. Este trabalho foi realizado por uma equipe composta por uma professora e uma aluna do curso de bacharelado em letras tradução, do clc, que elaboraram o roteiro da audiodescrição, um aluno do curso de museologia, que fez a consultoria e uma aluna do curso de museologia, que efetivou a audiodescrição, com a locução audiodescritiva.

Para roteirizar a visita, acompanhamos a mediação feita por um funcionário da instituição, pois, é fundamental conhecer antecipadamente o trajeto a ser percorrido para observar os elementos essenciais, naquele contexto, para a construção imagética dos deficientes visuais.

Depois de concluído, o roteiro deve ser revisado pelo audiodescritor consultor, que precisa ser uma pessoa com deficiência visual total, pois é ele que avalia se a acessibilidade comunicacional será eficaz, de modo a favorecer a produção da construção imagética dos elementos audiodescritos.

Seguindo, então, todas as normas específicas para a elaboração do roteiro, da consultoria e da locução em audiodescrição, a equipe efetivou o trabalho planejado e

obteve um resultado muito importante, dentro das expectativas, e alcançou o objetivo proposto pelo trabalho.

3. RESULTADOS

As visitas aos museus são momentos de ação, reflexão e transformação. Através deles, se busca integrar educação e patrimônio, além da acessibilidade e da inclusão cultural, que sempre foram e são necessidades prementes para as pessoas com deficiência e que, atualmente, se faz possível através do recurso da audiodescrição, como enuncia Lívia Motta:

> Em museus, telas, esculturas e outras obras de arte, núcleos multimídia, instalações, mesmo que não possam ser tocados, poderão ser apreciados se a audiodescrição for utilizada, o que será essencial para o conhecimento do ambiente com suas características arquitetônicas, bem como do histórico e especificidades técnicas das obras expostas [...] (MOTTA, 2016 p.20)

O roteiro de audiodescrição elaborado pela equipe foi utilizado no I Citytour Acessível, organizado pela Secretaria de Desenvolvimento e Turismo da Prefeitura Municipal de Pelotas, em comemoração à Semana do Turismo. A audiodescrição incluiu os passeios pelos principais pontos turísticos de Pelotas, que incluiu o Centro Histórico, o Parque Municipal Museu da Baronesa e a Praia do Laranjal.

Os visitantes demonstraram satisfação em participar dos passeios. A repercussão do evento da Prefeitura sobre o resultado dos passeios foi divulgado em redes sociais da Prefeitura de Pelotas e compartilhado muitas vezes pelo público interessado.

O Citytour com audiodescrição passou por diversos pontos da cidade! Um grupo de deficientes visuais pôde ver, por meio das palavras, o que antes nunca tinham visto. Para comemorar a Semana do Turismo, a prefeitura, em conjunto com alunos de museologia, turismo e letras, preparou uma visita guiada especial, e o resultado foi muito massa! O ônibus partiu do Mercado Público, passou pelo Museu da Baronesa, Laranjal e encerrou a visita no Centro Histórico. (Fontes: Facebook e Instagram da PMP)

A realização deste trabalho com uma equipe interdisciplinar, composta pela área da Museologia e das Letras trouxe entusiasmo aos integrantes, ao perceberem outras

possibilidades de aplicação de seus conhecimentos (MARISA e a possibilidade de efetivar a prática dos conhecimentos acadêmicos, além de perceber que a convivência entre pessoas com e sem deficiência revela benefícios mútuos, com a produção de serviços voluntários, em projetos de ações afirmativas).

4. AVALIAÇÃO

Através da audiodescrição é possível compor um novo público consumidor de cultura, que tenha acesso à arte e a outras informações visuais, mediadas por palavras, e assim, esse público, formado principalmente por pessoas com deficiência visual, sinta-se incluído, respeitado e capaz de discutir em igualdade de condições com outras pessoas, sobre temas culturais.

O roteiro de audiodescrição utilizado para o passeio turístico promovido pela Prefeitura Municipal de Pelotas foi apenas uma das ações afirmativas produzidas por essa equipe, que pretende estender a proposta de acessibilidade e inclusão de pessoas cegas ou com baixa visão para outros eventos.

O resultado positivo, expresso pelo público alvo em forma de entrevista, no vídeo publicado pelas redes sociais da Prefeitura Municipal de Pelotas, traz ânimo e a certeza da necessidade premente de intervenção de projetos como esses na comunidade pelotense e, potencialmente, a divulgação da audiodescrição como recurso de acessibilidade e a adesão de outras instituições, com criação de novos projetos.

5. REFERÊNCIAS

MOTTA VILELLA DE MELLO, Lívia Maria; FILHO; Paulo Romeu. Org. **Audiodescrição: transformando imagens em palavras.** São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

MOTTA VILELLA DE MELLO, Lívia Maria. **Audiodescrição na escola: Abrindo caminhos para leitura de mundo.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

ALVES, Soraya Ferreira; TELES, Veryanne Couto. **Audiodescrição simultânea: propostas metodológicas e práticas**. Trab. linguist. apl., Campinas , v. 56, n. 2, p. 417-441, ago. 2017.Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pi-

d=S0103-18132017000200417&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 out. 2017. http://dx.doi.org/10.1590/01031813864748622448 1.

Documentos eletrônicos

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Sábado foi dia de acessibilidade em Pelotas! Vídeo publicado no Facebook.** Disponível em: https://www.facebook.com/prefeituradepelotas/?hc_ref=ARQC7zWSzE2V2MzHhUt9S2hBNcsz4YWINK-AShAk_I11cqgX4CiiOAMWnr2_-cMwQqg&pnref=story e instagram Prefeitura de Pelotas (@prefeituradepelotas)

O NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA E SEUS ACERVOS

LEONARDO SILVA AMARAL[1]; MILENA VAZ DA SILVA [2];
LORENA ALMEIDA GILL[3]

[1]*Leonardo Silva Amaral – amaralleonardo10@gmail.com*
[2]*Milena Vaz da Silva – mihh_vaz@hotmail.com*
[3]*Lorena Almeida Gill – lorenaalmeidagill@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas (NDH). Trata-se de projeto de extensão permanente, que está em atividade há mais de duas décadas, com o objetivo de preservar a história da Universidade, dos movimentos sociais e sindicais, além de partidos políticos da região sul do Estado do Rio Grande do Sul (LONER e GILL, 2013). Foi construído pela professora Beatriz Ana Loner, no ano de 1990, com o propósito de salvaguardar o acervo da própria universidade, porém posteriormente mudou sua linha de atuação e direcionou-se para história do mundo do trabalho, sendo um dos poucos centros de documentação atuantes na cidade de Pelotas. Conforme Barroso (2002, p. 202), a função básica de um arquivo é recolher, conservar e servir. O Núcleo tem coletado e organizado documentos, jornais e outros materiais que tratam da história dos movimentos sociais, de organizações políticas e estudantis locais, além de documentos relacionados ao mundo do trabalho (SCHEER, GILL, SILVA, ROCHA e LONER, 2011).

O NDH não atua somente na preservação das documentações presentes nos acervos, mas abre espaço para alunos do curso de História Bacharelado para efetuar a cadeira obrigatória de Organização de Arquivos Históricos a realizarem estágios de até 30hs, a fim de concluir as atividades estipuladas, isto é, organizando, higienizando, digitalizando e digitando o conteúdo documental presente no NDH. De outra forma se encontra disponível para diversificadas pesquisas, não só na área da História, mas também para outros cursos como: Direito, Ciências Sociais, Economia, entre outros. Importante frisar o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos que envolvem o acervo documental omo a dissertação de mestrado de Lóren Nunes da Rocha (2016): “Indisciplinados os que adoecem e nômades os que reclamam férias: A saúde do trabalhador nos processos da Justiça do Trabalho de Pelotas (1936-1945)” e a dissertação de Jordana Alves Pieper (2016): “Da classificação à fiação: as experiências de operários têxteis da fábrica Laneira Brasileira em Pelotas, RS (1980-1988)”, ambas desenvolvi-

das junto ao NDH.Houve também trabalhos de conclusão de curso (TCC), como o de Tamires Soares (2011), que analisou os processos de indisciplina e de insubordinação junto à empresa The Riograndense Light and Power. Já Eduarda da Silva (2014), em seu TCC da Licenciatura em História, buscou observar as táticas de gênero apropriadas ou desenvolvidas pelas operárias da Fiação e Tecidos Pelotense entre 1944 e 1954. Emmanuel de Bem (2008), em seu TCC, fez um estudo sobre os trabalhadores na Justiça do Trabalho de 1938-1943.

O NDH não está aberto somente para os acadêmicos, mas também à comunidade em geral que, muitas vezes, demanda a consulta ao Arquivo da Justiça do Trabalho, buscando documentos que validem um possível pedido de aposentadoria.

Desse modo, é de suma importância evidenciar o papel desenvolvido pelo NDH no acondicionamento e disponibilização de um importante acervo documental, que mantém viva parte da história do mundo do trabalho, em âmbito regional.

2. DESENVOLVIMENTO

O NDH é composto por variados acervos, todavia, os quatro principais são: o Arquivo Histórico da Justiça do Trabalho de Pelotas; acervo da Delegacia Regional do Trabalho; o Laboratório de História Oral e o acervo da Fábrica Laneira.

O arquivo da Justiça do trabalho conta com mais de 100 mil processos, de diferentes procedências, no período de 1936 até 1995. Atualmente a consulta ao acervo está mais fácil, pois foi construído um Banco de Dados, que está on line e é constituído por dez anos de processos digitados, trabalho esse, realizado por bolsistas e estagiários.

Formado por fichas de qualificação profissional, o acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (DRT) está sob o cuidado do NDH desde 2001 e constitui um total de 627.000 fichas de 1933 e 1968. Trata-se de documentação, a qual o indivíduo necessitava preencher para obter sua carteira profissional. Tal qual a Justiça do Trabalho, o acervo da DRT também é composto por um banco de dados próprio, com o objetivo de facilitar o modo pesquisa, bem como o cruzamento de informações, a partir de dados contidos nas fichas que, posteriormente, são passadas para o banco de dados.

O Laboratório de História Oral (LAHO) foi fundado no ano de 2010, pela professora Lorena Almeida Gill e tem por intuito organizar e armazenar as entrevistas de História Oral que foram realizadas a partir de projetos constituídos no NDH, como, por exemplo: Colonos da Palma: a individualização do coletivo; Clubes Carnavalescos de Pelotas;

Os judeus em Pelotas, RS: da perseguição ao estabelecimento; À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer; Histórias de uma doença e de seus enfermos: tuberculose e tuberculosos em Pelotas (RS) 1930 – 1960, entre outros. Portanto o propósito principal é de preservar a memória desses indivíduos através da construção e guarda de suas entrevistas. O acervo da Laneira, assim como o Laboratório já citado anteriormente, está salvaguardado pelo NDH desde 2010. Trata-se de um pequeno acervo, porém com grande diversidade de documentação referente à fábrica e seus trabalhadores. Possui informações de natureza administrativa, jurídica e de recursos humanos de 1948, data de sua fundação até o momento em que o lanifício declarou falência e, por fim, fechou no ano de 2003.

3. RESULTADOS

O Núcleo de Documentação Histórica abriga diversos projetos em permanente atividade. A partir dos acervos abre-se a possibilidade de uma participação universitária expressiva, resultando em um grande número de projetos de pesquisa, extensão e ensino, dos quais os alunos são fundamentais. Os resultados obtidos até o momento contribuem para a manutenção do NDH preservar a memória de trabalhadores, profissões em extinção, entre outros cenários do mundo do trabalho.

Até o momento diversos trabalhos foram desenvolvidos sobre a documentação existente contribuindo para a preservação dos acervos e aproximando o NDH da comunidade. Desta forma, os resultados são constantes e evidenciam os diversos projetos já realizados nestes 27 anos de existência, os quais qualificam este centro de documentação como um dos mais importantes do estado do RS.

4. AVALIAÇÃO

O NDH tem como objetivo principal salvaguardar a história do mundo do trabalho. Os acervos disponíveis, conforme já dito, propiciam espaços de participação de estudantes que iniciam suas atividades, muitas vezes, no início da graduação e só saem dos projetos, após a realização de seu mestrado. De outra forma, o NDH atende a comunidade em geral, seja através de sua documentação, como no caso da Justiça do Trabalho, seja a partir da realização de cursos de formação, que envolvem pessoas relacionadas a outros vínculos acadêmicos, bem como demais interessados.

5. REFERÊNCIAS

BARROSO, Vera Lucia Maciel. **Arquivos e documentos textuais:** antigos e novos desafios. Ciências e Letras, Porto Alegre, n. 31, p. 197- 206, 2002.

SCHEER, M. ; GILL, L. A. ; SILVA, E. B. ; ROCHA, L. ; LONER, B. . **Núcleo de Documentação Histórica (NDH) da Universidade Federal de Pelotas: interlocução entre ensino, pesquisa e extensão**. In: XI Congreso Iberoamericano de Extensión Universitaria: 'Integración extensión, docencia e investigación para la inclusión y cohesión social', 2011, Santa Fe. Libro de resúmenes, 2011. p. 513. Acessado em 11 out. 2017. Online. Disponível em: http://www.unl.edu.ar/iberoextension/dvd/archivos/ponencias/mesa3/nucleo-de-documentacao-histo.pdf

DRT. **Núcleo de Documentação Histórica.** Acessado em 11 de out. 2017. Online. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ndh/drt/

JUSTIÇA DO TRABALHO. **Núcleo de Documentação Histórica.** Acessado em 11 de out. Online. Disponível em: http://wp.ufpel.edu.br/ndh/justica-do-trabalho/

LONER, Beatriz e GILL, Beatriz. O trabalho de um Centro de Documentação: O Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. **Patrimônio e Memória.** São Paulo, Unesp, v. 9, n. 2, p. 241-256, julho-dezembro, 2013. Acessado em 11 out. 2017. Online. Disponível em: http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/viewFile/369/691

SILVA, E. B. ; GILL, L. A. O Laboratório de História Oral (LAHO) da UFPel. **Expressa Extensão** (UFPel), v.1, p.19-33, 2012. Acessado em 11 out. 2017. Online. Disponível em: http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1338494972_ARQUIVO_OLABORATORIODEHISTORIAORALDAUFPEL!.pdf:

DRT. **Núcleo de Documentação Histórica.** Acessado em 11 de out. 2017. Online. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ndh/drt/

PROJETO DE RESTAURAÇÃO DA ESCULTURA DO ÍNDIO PERI DO TEATRO GUARANI (PELOTAS-RS): CONSOLIDAÇÃO DA ESTRUTURA EM FERRO E DAS PERNAS EM ARGAMASSA DE CIMENTO

LETÍCIA ALVES PEREIRA[1]; ANA FLÁVIA ALVES DA SILVA[2]; LINDSAY ROCHA TAVEIRA[3]; DANIELE BALTZ DA FONSECA[4]

[1]Universidade Federal de Pelotas – pereiraleticia@msn.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – afalves_@hotmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas – lindsay.rochat@gmail.com
[4]Universidade Federal de Pelotas – daniele_bf@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O Teatro Guarani é um exemplar notável do patrimônio cultural da cidade de Pelotas. Com projeto do arquiteto Stanislau Szarfarki e construído pela firma Rodrigues & Cia a edificação foi finalizada em 1921 (CALDAS, 1994).

A arquitetura eclética do prédio está ornamentada com treze esculturas em sua fachada, destacam-se mascarões com inspirações pré-colombianas e liras que remetem às apresentações musicais do teatro (SANTOS, 2014). A figura principal que está ao centro da fachada, trata-se de um índio associado ao personagem Peri, do romance de 1857 de José de Alencar intitulado como "O Guarani"[1].

As esculturas presentes na fachada do prédio estão sujeitas a intempéries e, algumas, apresentam degradações. O Índio Peri, bastante fragilizado, necessitou de um processo de restauração efetivo. A escultura apresentava risco de cair e, por isso, foi retirada de sua fachada, o que também contribuiu para o melhor acesso à obra por parte das restauradoras.

A escultura confeccionada em argamassa de cimento, possui dimensões de 0,62x1,91x0,37m (L.A.P.) e é associada ao romantismo brasileiro, pois apresenta formas composicionais esguias, não possuindo as reais características de um nativo indígena. Ainda assim, a obra possui atributos característicos da cultura indígena como o arco, a flecha, a lança, o cocar e a saia de penas.

Em maio de 2017, sob orientação da professora Daniele Baltz da Fonseca, iniciou-se o estágio curricular obrigatório do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas (UFPel-RS) com as acadêmicas

[1] DOMÍNIO PÚBLICO. O Guarani. Acessado em 02 out. 2017. Online. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1843

Ana Flávia Alves da Silva, Letícia Alves Pereira e Lindsay Rocha Taveira, as quais vêm desenvolvendo as atividades de restauração da escultura do índio desde então.

A ligação do teatro com a sociedade pelotense é intensa, são várias atividades culturais desenvolvidas no interior do prédio e, além disso, seu exterior completa a paisagem urbana do centro histórico da cidade, portanto essa construção fortalece a memória da população.

A área de conservação e restauração tem como um dos princípios a interdisciplinaridade[2], pois os bens patrimoniais podem apresentar naturezas diversas e híbridas, portanto, eles são constituídos por saberes oriundos das mais diferentes áreas do conhecimento e, neste caso, restaurar uma escultura em argamassa de cimento com estrutura em ferro, requer conhecimentos específicos do profissional conservador-restaurador, mas também necessita das contribuições de áreas como a engenharia civil, a arquitetura, a química, a história, entre outras.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é a análise do processo de restauração do índio Peri do Teatro Guarani, averiguando em especial, a estabilização dos ferros estruturais e a consolidação das pernas em argamassa de cimento da escultura estudada.

O curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPel-RS, prevê as habilitações em pintura, papel e madeira, com este trabalho, acredita-se em uma contribuição para essa área. Visto que o material a ser restaurado não é contemplado na área de formação do curso, mas é de grande importância para a formação dos profissionais, a presente pesquisa justifica-se, pois poderá causar impactos positivos na formação dos acadêmicos dessa área, fornecendo conhecimentos relevantes sobre escultura em argamassa de cimento. Além disso, a comunidade pelotense também será contemplada com a posterior volta da escultura à fachada do teatro, recompondo o cenário que faz parte memória da cidade de Pelotas-RS.

2. DESENVOLVIMENTO

Entende-se por conservação-restauração as atividades que objetivam prolongar a vida dos objetos às gerações futuras, compreendendo aspectos preventivos e reparadores busca-se respeitar os aspectos físicos, estéticos e históricos dos objetos.

Para os procedimentos iniciais na escultura, primeiramente o índio foi retirado da fachada do prédio e colocado, por funcionários do teatro, na posição horizontal sobre

[2] CARTA DE CRACÓVIA. Acessado em 02 out. 2017. Online. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf

um carrinho de metal. Posteriormente a escultura foi posicionada verticalmente, sendo sustentada por duas cordas que passam por baixo dos braços e se prendem às vigas de madeira do teto, assim, possibilitou-se uma maior estabilidade para a escultura e segurança para a realização dos procedimentos, facilitando o acesso a todos os lados da obra.

Após a higienização da escultura, foram retiradas partes da argamassa original da perna esquerda que estavam soltas e não apresentavam função estrutural à escultura, salienta-se que esta área da perna já apresentava uma perda significativa de material. A escultura também apresenta perdas de massa de cimento principalmente no braço direito e no cocar de penas. Em todas essas áreas de perda de material os ferros estruturais ficaram aparentes e, a maioria, apresentava oxidações.

Para retirada da oxidação, foram feitas três tentativas. A primeira foi uma ação mecânica com água e lixas. A segunda foi a aplicação de amônia com o auxílio do swob[3]. Ambos procedimentos não obtiveram resultados satisfatórios. A terceira tentativa foi com a utilização da micro retífica da marca Dremel® com os acessórios de lixar e esmerilhar, esta ação obteve resultado satisfatório, retirando boa parte da oxidação dos ferros expostos através da maior abrasão.

Observou-se que esta oxidação contamina o material circundante, no caso argamassa de cimento e gera a sua fragilização, com o objetivo de se evitar isso, buscou-se, após a retirada das oxidações dos ferros, estabilizá-los com Paraloid® B72. Depois da secagem desse produto por 24h as rachaduras estão prontas para serem fechadas com argamassa de cimento.

A escultura do índio fica exposta às flutuações de temperatura, já que está localizada em área externa e não no interior de um museu em um ambiente controlado. O efeito físico direto em relação à flutuação de temperatura é o dano provocado pela expansão e encolhimento dos materiais de acordo com a elevação e queda de temperatura. Materiais rígidos são mais sensíveis a flutuações altas podendo ocorrer, por exemplo, a delaminação da camada de metal de um objeto (MICHALSKI, 2016).

Nesse sentido, a dilatação dos ferros pode causar rachaduras e/ou a quebra da escultura. Para evitar este dano, os ferros que não estavam cumprindo mais a função estrutural foram retirados para posteriormente serem substituídos por materiais mais novos e resistentes. Realizou-se a tentativa de se retirar os ferros oxidados da escultura com o auxílio de serra de mão, mas o procedimento não foi bem-sucedido. Entretanto,

[3] Instrumento utilizado na área da conservação e restauração, confeccionado com palito de madeira longo e algodão enrolado na extremidade deste palito.

com a micro retífica da marca Dremel® utilizando o acessório de cortar, a retirada dos ferros foi realizada com sucesso. As áreas que tiveram os ferros extraídos foram no cocar, no braço direito, na parte de trás da saia de penas e na perna esquerda.

Em relação as pernas da escultura, a perna da direita apresentava-se em boas condições de conservação, necessitando apenas de intervenções mínimas durante a higienização.

Já a perna esquerda apresentava graves perdas e deteriorações. A parte frontal desta perna, que corresponderia à tíbia, apresentava um sulco profundo e foram necessárias espátulas mais pontiagudas para melhor preenchimento da área.

Na parte de trás da mesma perna, os danos eram maiores. Além dos ferros estruturais da perna oxidados, as perdas de material eram mais significativas. Após o tratamento dos ferros no interior da perna e da estabilização dos mesmos, iniciou-se o preenchimento da perna.

O preenchimento para consolidação desta perna foi realizado primeiramente com argamassa de cimento e areia comum (traço 1:4), acrescida de água até obter a textura de uma massa lisa, homogênea e firme. Em um segundo momento fez-se uma cobertura de acabamento com argamassa de cimento, areia comum e areia escaiola (traço 1:1:3), acrescida de água até obter uma textura lisa, homogênea e mais pastosa (maleável), esta camada de acabamento forneceu uma tonalidade mais próxima da escultura.

Para finalização dessa etapa de restauração, realizou-se um teste com a técnica do esponjado aplicando-se sobre uma pequena área da escultura a argamassa de cimento e areia escaiola (traço 1:4) acrescida de água até formar uma textura mais líquida, após esse processo retira-se o excesso da argamassa com esponja umedecida, espalhando essa mistura ao longo da superfície. O objetivo é, além de preencher as fissuras, uniformizar a tonalidade da escultura inteira com essa argamassa diluída, buscando integrar a aparência do cimento antigo (original da obra), de acréscimos de restauros anteriores e do cimento da restauração atual realizadas pelas acadêmicas do curso de Conservação e Restauração de Bens Móveis da UFPel.

3. RESULTADOS

Resultados parciais satisfatórios, observados na figura 1, já foram alcançados após as intervenções. Em relação aos ferros aparentes que perderam a função estrutural, optou-se pela retirada deles. Outros ferros do braço e da perna que estavam firmes à obra fornecendo função estrutural, foram lixados com a Dremel® e estabilizados com Paraloid® B72.

A perna esquerda preenchida com argamassa de cimento e areia comum, recebeu outra camada de cimento, porém à base de areia escaiola, a fim de aproximar-se do tom do restante do cimento presente na obra, harmonizando esteticamente a restauração com a escultura, observável na Figura 2.

Figura 1: Peri após intervenções iniciais
Fonte: Letícia Alves Pereira, 2017.

Figura 2: Consolidação da perna.
Fonte: Lindsay Rocha Taveira, 2017.

Esta etapa de preenchimento ainda está em desenvolvimento e espera-se a sua conclusão no segundo semestre de 2017, com a continuidade do estágio curricular que se ampliou para um projeto de extensão.

4. AVALIAÇÃO

Devolver o índio à sua fachada visando somente a recuperação estética não é o trabalho do restaurador, mas buscar as condições mais ideais em termos de aparência, legibilidade, cor, estrutura e resistência é o que se almeja na conclusão deste projeto de restauração.

A fachada do Teatro Guarani com seu índio Peri de saia e cocar de penas, portando arco e flecha, ao centro do prédio, é uma imagem bastante presente no imaginário dos pelotenses. Dessa forma, a possibilidade de diálogo entre o curso de Conservação e Restauração da UFPel e a administração do Teatro Guarani forneceu ferramentas importantes para o desenvolvimento de um trabalho que atende não somente aos interesses do próprio teatro, mas também da população, pois os indivíduos compartilham memórias

e histórias acerca desta edificação que possui valor patrimonial para a cidade. Sendo assim, o trabalho atua na contribuição para o fortalecimento dessa memória social.

5. REFERÊNCIAS

CALDAS, Pedro Henrique; SANTOS, **Yolanda Lhullier dos. Guarany – o grande teatro de Pelotas**. Pelotas: Semeador, 1994.

CARTA DE CRACÓVIA. **Acessado em 02 out. 2017**. Online. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf

DOMÍNIO PÚBLICO. **O Guarani.** Acessado em 02 out. 2017. Online. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&-co_obra=1843

MICHALSKI, Stefan. **Agent of Deterioration: Incorrect Temperature.** Government of Canada. Acessado em 23 set. 2016. Online. Disponível em: http://canada.pch.gc.ca/eng/1444925166531.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila (org.). **Ecletismo em Pelotas: 1870-1931.** Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2014.

O DESENHO INFANTIL A PARTIR DO ARTISTA NUNO RAMOS NO MUSEU DO MALG

LETÍCIA BECK FONSECA[1]; CAROLINE LEAL BONILHA[2]

[1]UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – lb48318@gmail.com1
[2]UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – bonilhacaroline@gmail.com2

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma experiência de mediação ligada ao projeto de extensão, no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo: Museu, Comunidade, Escola. Na exposição que foi trabalhada as obras do artista Nuno Ramos, realizamos a intenção de interagir com as crianças para que se crie um incentivo ao processo criativo. O projeto vem sendo desenvolvido com a participação de discentes e docentes do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas desde 2014 e tem como principal finalidade promover a integração entre a comunidade escolar de Pelotas e o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. O recorte apresentado trará como elemento central de reflexão um estudo sobre as possibilidades expressivas de estímulo ao desenho infantil, a partir de "oportunidades de aprendizagem e entretenimento aos visitantes dentro do esforço do Museu". (ROCHA, 2010).

2. DESENVOLVIMENTO

No Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo a mediação se faz com a participação de acadêmicos dos cursos de Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado do Centro de Artes, no projeto de extensão. Quando as escolas agendam visitas, o mediador estuda a exposição de acordo com a idade das crianças, visitantes e planeja as atividades a partir desse e de outros dados como número de alunos e relação com o conteúdo desenvolvido nas escolas.

Para que estas visitas se realizem com êxito sócio-educativo os medidores devem apresentar capacidade de comunicação e experiência prática para atender as necessidades e expectativas dos visitantes.

No dia 8 de abril de 2016, no Museu de Artes Leopoldo Gotuzzo em Pelotas, ocorreu uma mediação, atividade ligada ao núcleo pedagógico, com alunos da escola

E.M.E.F Afonso Vizeu, com 34 crianças, 7 monitores e 1 coordenadora pedagógica. Depois da visitação orientada onde as obras expostas foram interpretadas e não só contempladas, perguntando as crianças não só como vivenciaram nas obras e o que representam seus significados. Após este estágio da visita das crianças na exposição, elas sentaram no chão da 1ª e da 2ª galeria de mostras: Galerias Marina Pires e Luciana Renk Reis, expontâneamente com o auxílio do material distribuído pelo Museu, às crianças realizaram os desenhos interpretativos das duas exposições, com o auxílio dos mediadores. O desenho foi escolhido para avaliar a atividade das crianças para que se expressassem através do olhar e da compreensão das ilustrações, seus impulsos criativos.

Figura 1: Mediação da exposição Nuno Ramos, no Malg.
Fonte: MALG, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

Figura 2: Mediação da exposição Nuno Ramos, no Malg.
Fonte: MALG, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

Figura 3: Mediação da exposição Nuno Ramos, no Malg.
Fonte: MALG, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

Figura 4: Mediação da exposição Nuno Ramos, no Malg.
Fonte: MALG, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo

Aos professores cabe orientar nas mediações no Museu, assim com as ações com as crianças por intermédio da observação da aprendizagem em desenho com enunciados que promovam ações para aprender a “desenhar com marca pessoal, de forma cultivada, ou seja, alimentada pela cultura”. (IAVELBERG, 2006).

Nos eixos das ações pedagógicas que são: “fazer arte, ler arte, situar a produção sociocultural e histórica da arte”, como afirma IAVELBERG, (2006), são praticadas nas mediações, porque não se trata de aprender a desenhar, mas, de assimilar os modelos das imagens da arte aos seus próprios esquemas desenhistas no contato com os códigos da linguagem. Conhecimento deve ser crítico, não só para as obras de arte, mas a toda produção visual, (objetos, imagens mediáticas objetos do cotidiano).

3. RESULTADOS

Na interpretação da ação pedagógica, comprendemos que na mediação oportunizamos a experiência de construção pictórica nas crianças de idade 7 a 10 anos.

A criança hoje em seu caminho do “pré-simbolismo à construção pictórica própria”, tem nuanças pessoais. (IAVELBERG, 2006). A gênese dos desenhos deve ser reconhecida em cada contexto de geração de desenhos, na singularidade de seus produtores. Ensinar o aluno a diversidade cumpre os própositos tanto da escola inclusiva e democrática como o da didática contemporânea da arte.

Wojnar diz que a evolução da discussão sobre o “ensino do desenho mostra de forma clara a transformação da concepção da escola tradicional para a escola renovada”. (IAVELBERG, 2006)

Além do “conhecimento de si mesma que a criança tem ao desenhar, ela desenha porque existe desenho no mundo”. (IAVELBERG, 2006).

A importância do desenho é inegável pela integração que propicia entre cognição, ação, imaginação, percepção e a sensibilidade. Gradativamente damos forma e sentido de admirar, gostar e julgar as diferentes “manifestações culturais” e também as obras de arte. Sem perceber educamo-nos estéticamente. (FERRAZ, 1999)

Por intermédio do desenho a criança pode expressar seus conhecimentos e suas experiências colocando-se em uma poética de modo singular. As competências e habilidades aprendidas em desenho servirão para outras áreas de conhecimento.

A oportunidade para desenhar sistemáticamente promove o progresso da criança na linguagem e no desenho, construindo novas formas de expressão e imaginação. Uma orientação adequada ajuda o aluno a avançar e o contrário, o abandono ou orientação equivocada nas situações educativas de desenho, pode estagnar o processo criativo.

Esta mediação foi muito proveitosa e não podíamos deixar passar esta opurtunidade de teorizar esta experiência.

4. AVALIAÇÃO

Nesta mediação avaliamos o desenho das crianças a partir do artista Nuno Ramos no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, onde todas as crianças obtiveram êxito participando das explicações, relatos e dizeres na visitação da exposição, com suas perguntas e desenhos.

As crianças ouviram e escutaram o conhecimento dos mediadores fazendo disto um aprendizado e trazendo para a prática sua produção artística como experiência da visitação ao Museu.

As crianças, o Museu, os mediadores formam com uma orientação adequada, situações educativas onde a gênese de arte contemporânea do autor da exposição se agiganta e se torna com a imaginação destes alunos outros processos criativos.

A Universidade Federal de Pelotas e seu Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, proporciona junto à comunidade um acervo e exposições que só se tornam acessíveis graças ao projeto mediação que oportuniza aos visitantes escolares uma ação educativa no desenho.

5. REFERÊNCIAS

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Metodologia do ensino de arte**. 2. ed. Juiz de Fora: Cortez, 1999. 135p.

IAVELBERG, Rosa. **O Desenho Cultivado na Criança: prática e formação de educadores.** Ed. Zouk, 2006. 80p.

MALG, **Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.** Pelotas, Abril 2016. Acessado em: 10 de Abril de 2016. Online. Disponível em: https://www.facebook.com/museuleopoldogotuzzo/?ref=br_rs#

ROCHA, Maria Consuelo Sinotti. **Museu de arte Leopoldo Gotuzzo: contribuição e integração com o ensino de arte através do seu setor educacional.** Pelotas, 2010. 107f. TCCP (Especialização em artes visuais patrimônio cultural). Instituto de Artes e Design. Universidade Federal de Pelotas, 2010.

EXPERIÊNCIA NO MUSEU: VIVÊNCIA NA MONTAGEM DE UMA EXPOSIÇÃO

LIÉGE BUDZIAREK ESLABÃO[1]; LAUER ALVES NUNES DOS SANTOS[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas - liegebudziarek@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas - lauer.ufpel@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho busca elucidar as descobertas da vivência dentro do processo de montagem de uma exposição, entendido como procedimento essencial para a formação curricular do discente do curso de Bacharelado em Artes Visuais. A primeira experiência na área da expografia (compreendendo as etapas de concepção e montagem da exposição) tornou-se possível a partir da atuação no projeto de extensão "Exposições no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo", em andamento, e cujos objetivos compreendem a realização de exposições e mostras no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e a elaboração do projeto expográfico para cada exposição realizada.

O local que acolhe as atividades e propicia o desenvolvimento da experiência é o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), um órgão suplementar do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, localizado na rua General Osório, 725, no centro da cidade. Já a motriz do trabalho diz respeito às obras da Artista Arlinda Nunes, natural de Pelotas, numa exposição retrospectiva da artista com curadoria dos professores José Luiz de Pellegrin e Carmen Regina Diniz, ainda às obras de Leopoldo Gotuzzo numa exposição que ocorre concomitantemente com curadoria de Helena de Araujo Neves, Juliana Angeli e Lauer Alves Nunes. Uma vez que a primeira exposição citada envolve um volume de obras superior a última faz-se necessário maior acompanhamento perante ela e no discorrer do trabalho enfatiza-se o seu conteúdo apreendido.

Este estudo consiste numa reflexão que tem como objetivo expor a confluência entre a prática e a observação do processo de montagem. Para tal finalidade, aborda-se as relevâncias do processo, as etapas vivenciadas durante a montagem, fala-se da inter-disciplinaridade, das aprendizagens e influências durante a vivência no museu a qual agrega a experiência pessoal.

2. DESENVOLVIMENTO

No que antecede a produção da exposição em estudo, realizam-se reuniões com todos os profissionais e bolsistas do museu, por onde define-se as metas a cumprir e os planos de ação. Parte-se do princípio da especificidade destinado a bolsa de montagem, a qual reconhece a função de acompanhar todas as etapas dentro do museu e prestar auxílio aos profissionais engajados durante a montagem, manutenção e desmontagem da exposição. Logo, amplia-se a rede de conexões com os diferentes profissionais nas diversas situações de trabalho.

Os primeiros passos dentro museu são orientados por profissionais da área da Museologia, Conservação e Restauro. As normas referentes a área da reserva técnica e os procedimentos no setor de conservação e restauro, são procedimentos relevantes que devem ser observados.

Dentre as etapas vivenciadas é possível incluir o manuseio com obras da exposição Gotuzzo Revisitado, outro importante movimento na experiência expográfica por dar suporte ao aprendizado com manejo e cuidado de obras. Logo após, para fim de adequação e adaptação dos espaços, renovam-se a pintura das paredes das galerias e dos cubos que servem de suporte para objetos tridimensionais. Em seguida, realiza-se o recolhimento das obras conforme o conteúdo das exposições. Faz-se o registro fotográfico junto a uma análise visual transcrita para um laudo técnico que visa o controle das condições físicas e estéticas das obras desde sua entrada no museu a posterior saída. A veracidade da fotografia corrobora ao caráter de documentação de obras, pois comprova a existência e a condição material das mesmas ao longo do tempo.

Posteriormente, percebe-se a ação do(s) curador(es), que designam a forma da exposição através da tomada de decisões referentes a seleção e articulação dos objetos. Entende-se o processo curatorial como aquele que constrói a ordem do discurso e o sentido para a leitura do espectador.

Sequencialmente, atende-se a dinâmica do processo do Design, parte-se do entendimento sobre linguagem visual que junto ao cálculo matemático posiciona a obra sobre o suporte. Esta ação influencia e sugere modos de dar a ver para o espectador o conteúdo da mostra. Por fim, dá-se o acabamento, cola-se legendas e textos complementares obedecendo a diagramação executada nesta expografia.

Acontece semanalmente a manutenção interna do museu com o intento de conservar obras expostas. A conservação dos bens é “o conjunto de esforços para prolongar ao máximo a existência dos objetos, a partir de intervenções conscientes e controladas do

ambiente externo ao objeto, como também intervenções diretas no objeto" (FRONER, 1994, p.03).

3. RESULTADOS

A mostra foi inaugurada no dia primeiro de Julho e o encerramento previsto para o dia 8 de outubro de 2017. Registra-se um total de 123 obras expostas. Até o momento, certificou-se através do livro de assinaturas o número de 1228 visitantes para ambas exposições realizadas.

A exposição referente a trajetória da Artista Arlinda Nunes obteve grande êxito apesar da complexidade de sua montagem. O conteúdo da mostra abrange todos os períodos de sua longa e diversa produção artística. Na primeira galeria, concentram-se pinturas realizadas durante sua formação pela Escola de Belas Artes de Pelotas, por exemplo, o Autorretrato que faz parte do acervo do Museu. Além de outras obras que se diferem pelas diferentes técnicas de produção. No conjunto percebe-se uma concordância quanto nuances das obras escolhidas. Na segunda galeria, concentram-se as obras que procuram ampliar a percepção do espaço e outras variantes de sua produção como fotografias, cerâmicas e livros da artista. Como resultado, o espaço construído apresenta um equilíbrio visual, onde os elementos encontram-se dispostos em arranjos bem definidos e perceptíveis, harmoniosamente conjugados, dando ordem e fluxo à leitura. Conquista-se, desta maneira, uma visualidade com significância para as exposições.

4. AVALIAÇÃO

Segundo Cury (2005, p.42) a exposição é a parte que visualmente se manifesta para o público e ainda sugere que a exposição é composta por dois lados: conteúdo e forma.

A concepção e montagem de uma exposição é feita sob extrema responsabilidade pois considera-se Exposição a ferramenta base do museu "uma poderosíssima instância relacional, um vigoroso instrumento midiático que não apenas conjuga pessoas e objetos, mas também – e principalmente – conjuga pessoas e pessoas: as que fizeram os objetos, as que fizeram a exposição, as que trabalham com o público, as que visitam o museu, as que não estão no museu, mas falam e escrevem sobre a exposição" (SCHEINER).

Para Ennes "o museu é um espaço construído não apenas fisicamente, mas também simbolicamente, e pode ser entendido como espaço do imaginário, uma vez que intermedia as imagens dos espaços do imaginário aos espaços reais" (ENNES, 2008, p.12). Como se trata de um Museu de Arte universitário, a ênfase nos arranjos visuais em obediência aos critérios de equilíbrio das linguagens visuais é um aspecto levado em consideração de maneira constante, assim como a colaboração de saberes específicos das áreas de museologia, conservação e restauro, design gráfico, comunicação e educação - cada um através dos profissionais responsáveis e encarregados de atividades e setores específicos da estrutura do Museu.

Conclui-se que a vivência na montagem de uma exposição é capaz de auxiliar no entendimento das várias etapas e os diversos profissionais envolvidos, dentro de suas respectivas áreas de competência e atuação. A prática de extensão fornece subsídios para a reflexão e desenvolvimento do aluno, deste modo colabora para a sua prospecção acadêmica. Por último, a extensão estimulou o interesse em realizar uma pesquisa mais aprofundada na área de curadoria e/ou expografia).

5. REFERÊNCIAS

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação.** São Paulo: Annablume, 2005.

SCHEINER, Tereza.: **Comunicação, Educação, Exposição: novos saberes, novos sentidos.** Semiosfera, ano 3, n° 45, p. 02.

FRONER, Yacy Ara. **Estudo referente ao tratamento de materiais arqueológicos e objetos de museus.** São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo, 1994.

ENNES, Elisa Guimarães. **Espaço construído: o museu e suas exposições.** Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimônio.

RESTAURAÇÃO DE ESCULTURA EM ARGAMASSA DE CIMENTO DO ÍNDIO PERI DO FRONTÃO DO TEATRO GUARANI, EM PELOTAS – RS: HIGIENIZAÇÃO, LIMPEZA MECÂNICA E APLICAÇÃO DE EMPLASTO

LINDSAY ROCHA TAVEIRA[1]; ANA FLÁVIA ALVES DA SILVA[2], LETÍCIA ALVES PEREIRA[3]; DANIELE BALTZ DA FONSECA[4]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – lindsay.rochat@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – afalves_@hotmail.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – pereiraleticia@msn.com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas – daniele_bf@hotmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O Teatro Guarani, foi um projeto do arquiteto Stanislau Szarfarki, e construído pela firma Rodrigues & Cia, com término em 1921. De arquitetura Art-Nouveau, ostenta na platibanda de sua fachada treze esculturas de massa de cimento, que variam entre mascarões e alegorias indígenas e pré-colombianas (CALDAS, 1994).

Dentre essas esculturas, presentes na fachada do Teatro Guarany, aquela que ocupa lugar de destaque no centro do frontão principal é o índio Peri. Ele foi colocado em seu local no dia na inauguração do teatro, quando no ato de instalação, segundo informações, o rosto se perdeu e permaneceu assim até os dias de hoje. Ele é confeccionado em massa de cimento, possui as dimensões 0,62m x 1,91m x 0,37m, é associado ao romantismo brasileiro, por não possuir as reais características de um nativo, e traz os atributos característicos do índio como arco, flecha, lança, cocar e saia de penas.

Devido ao seu estado de conservação, que demanda cuidados de caráter emergencial, o mesmo foi embalado com gelatina e bandagens, a fim de protegê-lo durante o processo de retirada da escultura de seu local, para restauro. A retirada do índio foi realizada com auxílio de andaime e sistema de roldanas, com a finalidade de içá-lo e descê-lo com segurança, devido ao seu peso. Durante a retirada, as penas do cocar foram quebradas, sobrando somente uma pena intacta, que foi utilizada como modelo para a confecção das réplicas.

O presente trabalho abordará a limpeza mecânica realizada na escultura para retirar a crosta negra, as vegetações, os insetos, as fezes de animais, e outras sujidades. Também mostra a aplicação do emplasto químico para amenizar as manchas incrustadas na escultura com os anos, e que não saíram com a limpeza mecânica.

O restauro foi realizado pelas graduandas Ana Flávia Alves da Silva, Letícia Alves Pereira e Lindsay Rocha Taveira do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sob a supervisão do técnico em Conservação e Restauro do Teatro Guarany Ednilson Arion de Souza Franconi, e orientado pela Profª. Drª. Daniele Baltz da Fonseca, nos períodos de 29/05/2017 a 23/08/2017, durante o estágio curricular obrigatório.

2. DESENVOLVIMENTO

Inicialmente o índio encontrava-se na posição horizontal sobre um carrinho de metal, em uma das salas do teatro. Em seguida foi posicionado verticalmente, e sustentado com duas cordas que passam por baixo dos braços e se prendem às vigas de madeira do teto, assim, possibilitando uma maior estabilidade para a escultura e segurança para realização dos procedimentos, facilitando o acesso a todos os lados do mesmo.

Após o seu posicionamento para trabalho, foram retiradas as bandagens que protegiam a escultura, com auxilio de água morna, trinchas e borrifadores. Durante a retirada das bandagens na parte de trás da saia, constatou-se que algumas penas se quebraram devido à pressão da escultura enquanto deitada.

A higienização foi realizada em todo o índio e nos seus atributos com trinchas e pincéis macios e secos, para retirar as sujidades superficiais. Em seguida realizou-se a limpeza mecânica com água morna e escovas de cerdas rígidas. Após esse procedimento, finalizou-se a limpeza com a raspagem das vegetações e musgos presentes nas fissuras usando-se de sondas odontológicas.

Segundo Woolfitt, Abrey (2003) “um emplastro verdadeiro é utilizado para a remoção de contaminantes e de manchas profundamente penetrados a partir da superfície da alvenaria e da escultura”.

Produziu-se a receita do emplastro com 7,5g bicarbonato de sódio + 12,5g EDTA bissódico + 12,5g carboximetilcelulose (CMC) + 250ml água, que ficou em repouso por 24h para dissolução dos materiais (OLIVEIRA, 2002, 77). Em seguida, utilizou-se o emplastro na mão esquerda, no peito esquerdo e na parte de trás do cabelo. O produto agiu por 30 minutos e foi retirado com água e escova. Percebeu-se que o produto clareou o aspecto das manchas, mas não as removeu por completo.

Retirou-se sujidades das fissuras do cabelo e dos ombros com auxílio de sonda odontológica.

3. RESULTADOS

A restauração na escultura do índio Peri não foi finalizada durante o estágio curricular obrigatório, devido ao estado de conservação do mesmo, onde apresenta várias degradações como perda do suporte, oxidações dos ferros de estruturação da escultura e dos acessórios, rachaduras, sujidades, rejeição de acréscimos de restaurações anteriores, perda de algumas penas da saia e de nove penas do cocar e instabilidade das penas da saia.

As intervenções foram realizadas nas degradações acima citadas, mas a escultura ainda necessita de finalização da consolidação da perna esquerda, moldagem das penas da saia, fechamento do braço direito que apresenta ferros expostos e sustenta o arco e flecha, recobrimento do ferro exposto do rosto sem reconstruí-lo, construção das réplicas das penas do cocar e fixação delas no índio, remoção da oxidação dos acessórios, preenchimento das fissuras e cobertura de argamassa para uniformizar a cor e servir de camada de proteção à estátua do Peri.

4. AVALIAÇÃO

Ao considerar a importância da escultura para o Teatro e para a população que o visita, esta se torna uma referência cultural em termos históricos e uma portadora de memórias desde a sua construção.

A elaboração de um projeto de restauro de escultura em argamassa implica em uma série de etapas que levam em conta os materiais e as técnicas de execução do bem, sua história e perpetuação de seus valores, levando a uma busca por conceitos e critérios sólidos de restauro, para a intervenção de bens integrados ao patrimônio edificado.

Além de visar na contribuição de estudos que enfocam a questão da preservação de esculturas em argamassa em prédios históricos, a restauração busca um entrelaçamento entre os fundamentos técnico-científicos e a perpetuação das memórias, histórias e valores que o bem possui, preocupando-se com as questões relativas às identidades locais, à integridade e legibilidade do bem, estabilizando as ações naturais do tempo.

Figura: Escultura do índio Peri antes e depois das intervenções de higienização e limpeza.
Fonte: Lindsay Rocha Taveira, 2017.

5. REFERÊNCIAS

CALDAS, Pedro Henrique; SANTOS, Yolanda Lhullier dos. **Guarany – o grande teatro de Pelotas.** Pelotas: Semeador, 1994.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. **Tecnologia da Conservação e da Restauração: materiais e estruturas.** Salvador: EDUFBA, ABRACOR, 2002, p. 77.

WOOLFITT, Catherine; ABREY, Graham. **Emplastros: o verdadeiro emplastro, ou emplastro simples, e a limpeza e a dessalinização da alvenaria histórica e da escultura.** Traduzido por António de Borja Araújo, Engenheiro Civil, I.S.T. Building Conservation, 2003. Disponível em: <https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/emplastros.pdf>. Acesso em 16/08/2017

A REDE DE MUSEUS DA UFPEL E AS AÇÕES DO DIA DO PATRIMÔNIO

LISIANE GASTAL PEREIRA[1]; ALINE REGIANE DE JESUS MOTA[2]; LUCAS LOBO POUEY[3]; MARLENE DOS SANTOS DE OLIVEIRA[4]; NORIS MARA PACHECO LEAL[5]

[1]Universidade Federal de Pelotas – lisi.gastal@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – aline.rjmota@gmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas – lucaspouey@gmail.com
[4]Universidade Federal de Pelotas – marlensoliver@gmail.com
[5]Universidade Federal de Pelotas – norismara@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente texto aborda as atividades realizadas pela Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) junto à comunidade durante a Semana do Patrimônio[1]. A Rede de Museus é um órgão suplementar vinculado a Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFPel, criado no ano de 2017[2] com a missão de unir as instituições, processos e projetos museológicos existentes na universidade, para a construção de uma política para a área, de forma a desenvolver ações de gestão, valorização do patrimônio museológico e de aproximação com a comunidade. Constituindo-se na terceira rede de museus universitários do país, fazem parte da Rede os cursos de Museologia e de Conservação e Restauração, 14 espaços de memória, e, ainda, projetos de extensão desenvolvidos pela universidade em museus da comunidade.

Com as ações desenvolvidas junto aos locais de memória mencionados, a Rede de Museus da UFPel tem por objetivo difundir a história da Universidade e o conhecimento produzido em seu âmbito, tanto para a comunidade acadêmica como para a comunidade em geral. Busca também parcerias com as unidades acadêmicas que integram a universidade, onde é feito um mapeamento da coleção formada ao longo dos anos de existência da unidade. Essas ações visam a extroversão dessas coleções existentes nas distintas unidades valorizando, desta maneira, o patrimônio cultural e científico produzido pela universidade, já que "no âmbito dos museus, a revitalização do patrimônio passa não só pela forma como o preserva e estuda, mas também pela forma como o disponibiliza e transmite, como o comunica ao seu público" (ROQUE, 2010, p. 51).

[1] O Dia Nacional do Patrimônio Histórico é comemorado no dia 17 de agosto. Este ano, o município de Pelotas comemorou a data nos dias 18, 19 e 20 de agosto e teve como tema "Territórios daqui: identidades e pertencimento". A Universidade Federal de Pelotas realizou uma semana de atividades em alusão à data, de 14 à 20 de agosto.
[2] O regimento da Rede de Museus da UFPel foi votado e aprovado na reunião do CONSUN que ocorreu no dia 28 de setembro de 2017.

Até o momento, as atividades desenvolvidas pela Rede de Museus se deram através de mapeamento e estudo de acervos de unidades acadêmicas, oferta de oficinas, cursos e visitas mediadas inclusivas, promovendo a interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento, que muitas vezes se encontram descentralizadas devido à disposição geográfica dos campus da UFPel, espalhados pela cidade de Pelotas, que conta ainda com um campus no município do Capão do Leão.

As atividades promovidas não beneficiam somente a comunidade acadêmica como um todo, e a comunidade extramuros, mas também os próprios alunos envolvidos no projeto, que têm nestas ações um excepcional laboratório onde figura a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e onde colocam em prática o apreendido em sala de aula.

2. DESENVOLVIMENTO

Na semana em que se comemorou o Dia do Patrimônio, a Rede de Museus da UFPel elaborou uma programação direcionada à comunidade. Para melhor atender ao público durante as atividades, preliminarmente foi ofertado aos alunos da UFPel um Curso de Formação de Mediadores. Os alunos formados pelo curso ficaram responsáveis pela apresentação dos prédios da UFPel localizados no Centro Histórico da cidade de Pelotas à comunidade no final de semana do Dia do Patrimônio. O curso foi desenvolvido em dois módulos e foram abordadas questões históricas, arquitetônicas, de acessibilidade, entre outros temas.

No primeiro e segundo dia da semana do Dia do Patrimônio, foi ofertada uma Oficina de Representação do Patrimônio Cultural da UFPel ministrada pelo professor do curso de Conservação e Restauro Roberto Heiden[3], voltada para alunos, funcionários e servidores da instituição.

De forma a promover a inclusão de diferentes públicos, foram ofertadas atividades para comunidade surda em parceria com a área de Libras[4] do Centro de Letras e Comunicação (CLC) e os Tradutores e Interpretes em Libras da UFPel onde, pela primeira vez na cidade, foi realizada uma visita guiada ao Museu do Doce e aos prédios da UFPel localizados no Centro Histórico da cidade com tradução em Libras. Na sequência foi

[3] Professor adjunto do Instituto de Ciências Humanas (ICH) na UFPel.
[4] Língua Brasileira de Sinais.

realizada uma mesa redonda com a temática Cultura Surda e o Patrimônio Imaterial realizada por professores surdos[5].

Além disso, alguns museus que compõe a Rede também ofereceram à comunidade atividades diferenciadas em comemoração ao Dia do Patrimônio, como o Museu do Doce da UFPel, que ofereceu, através do Laboratório de Educação para o Patrimônio (LEP), jogos e atividades para as crianças como forma de conhecer e desfrutar os bens patrimoniais e, também, o Programa de Preservação do Patrimônio Cultural da Região do Anglo que realizou a exposição "A Comunidade do Anglo: Olhares Diversos de um Cotidiano", a qual apresentou o trabalho de sete fotógrafos a respeito de diferentes aspectos dos bairros da Balsa e do Navegantes.

3. RESULTADOS

As atividades desenvolvidas em alusão ao Dia do Patrimônio geraram diversos frutos. Destaca-se a questão da aproximação da comunidade com as ações museológicas, pois além das instituições museais tratarem-se de locais de gestão da informação, também devem estes agir de forma à "incentivar um diálogo franco e de igual perspectiva com a sua comunidade, conhecendo a sua opinião e interagindo, visando um processo de construção comum de cultura" (BEITES 2011, 19)

Através do Curso de Formação de Mediadores, foi possível Capacitar alunos para atuarem junto a comunidade através das mediações relizadas nos dias do evento, o que gerou aproximação dos sujeitos que integram a sociedade com a comunidade acadêmica e com a história da universidade, além de ter sido uma experiência profícua para os acadêmicos que dela participaram. Já a Oficina de Representação do Patrimônio Cultural da UFPel auxiliou na aproximação dos diversos agentes que compõe a comunidade acadêmica com os bens patrimoniais que fazem parte da universidade.

As ações desenvolvidas junto à comunidade surda, bem como as atividades ofertadas pelos espaços de memória da Rede de Museus atuaram na direção de públicos mais específicos. O trabalho realizado com a comunidade surda contribuiu no sentido de gerar aproximação desses sujeitos, que muitas vezes são excluídos dos processos culturais, com o patrimônio histórico da cidade de Pelotas, fomentando assim, a inclusão e a cidadania. Já as atividades realizadas pelo LEP com as crianças, possibilitou que, de uma maneira lúdica, houvesse interação e aproximação com o patrimônio cultural. O

[5] O evento contou com a comunicação dos professores de libras do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense Diogo de Souza madeira e Jean Michel Carret Farias e o professor assistente de Libras do CLC Fabiano Souto Rosa.

Programa de Preservação do Patrimônio Cultural da Região do Anglo descentralizou as ações do Dia do patrimônio para uma região periférica, trazendo para o evento a participação de sujeitos muitas vezes alijados das questões culturais.

4. AVALIAÇÃO

A Rede de Museus da UFPel é um programa que por considerar em seus objetivos unir as instituições, processos e projetos museológicos existentes na universidade, construir política para a área e desenvolver ações relacionadas à gestão, valorização do patrimônio museológico e aproximação com a comunidade, engloba questões que tangem tanto ao ensino, como à pesquisa e à extensão universitária, elementos estes fundamentais e balizadores de um bom funcionamento da instituição, como do próprio programa em si, pois quando um projeto se propõe a integrar as três áreas, assume um compromisso com toda a sociedade, se colocando como importante agente social. Trata-se de uma característica peculiar aos museus universitários a integração destas três funções universitárias, como destaca Bruno:

> Reconhecemos, também, que diversas facetas das ciências e das artes, quando ensinadas a partir dos museus, assumem outra perspectiva para a formação de 3º grau. Da mesma forma, entendemos que as coleções e acervos, enquanto suportes de informação são fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas nas diferentes áreas de conhecimento. Mas, em especial, a extensão museológica pode representar um privilégio para as universidades, no que diz respeito às potencialidades de difusão e incentivo à participação, provenientes das exposições e ação educativo-cultural. (BRUNO, 1997, p. 49)

Além disso, ao considerar e propor que as ações desenvolvidas devem englobar a todos os segmentos da sociedade, com o objetivo de servir a mesma, não só desenvolvendo ações direcionadas à comunidades marginalizadas, como o caso da atividade mediada ao Centro Histórico com a escola pública Alfredo Dub, mas também inserindo o tema da acessibilidade universal em outros momentos, como o caso do curso de mediadores para atuarem no Dia do Patrimônio junto à comunidade, que contribuam para o fomento de discussões e geração de conhecimento para todos, de forma inclusiva, tanto

para membros da comunidade acadêmica como para membros da sociedade em geral. É importante ressaltar que "uma leitura de Acessibilidade Cultural em sua 'totalidade', seriam considerados tanto os aspectos físicos do espaço quanto os aspectos subjetivos do sujeito no experienciar o ambiente" (SILVA, 2015, p. 10).

O patrimônio cultural da universidade, bem como seus museus e memoriais, constituem-se em meios aptos e propícios à divulgação do conhecimento que é produzido no âmbito acadêmico de forma a democratizar os resultados da produção científica nas diferentes áreas do conhecimento. "A comunicação é o elemento estruturante que define e assegura a eficácia das restantes ações museológicas: se falhar, torna estéreis as ações de recolha, conservação e estudo" (ROQUE, 2010, p. 51) O trabalho efetuado através de Rede de Museus da UFPel busca a interação e aproximação da sociedade como um todo com o patrimônio da universidade o qual se trata de um patrimônio histórico dos pelotenses.

5. REFERÊNCIAS

BEITES, A. M. R. **O Museu Aberto e Comunicativo: fundamentação e proposta para estudos de públicos à luz de um enfoque info-comunicacional.** 2011. 166 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) Universidade do Porto.

BRUNO, M.C.O. A Indissolubilidade da Pesquisa, Ensino e Extensão nos Museus Universitários. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v.10, n.10, p.47-51, 1997.

ROQUE, M.I.R. Comunicação no Museu. In: BENCHETRIT, S.F.; BEZERRA, R.Z.; MAGALHÃES, A.M. **Museus e Comunicação: exposições como objeto de estudo**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. Cap.5, p.47-68.

SILVA, F.C.J. **Acessibilidade Cultural: Uma Leitura Sobre Experiência e Plenitude.** 2015. Monografia (Especialização em Projetos Culturais e Eventos) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

ARTE MUNDANA: EXPERIÊNCIAS CULTURAIS NO IFSP

LUANA CAROLINE DE MELO CORDEIRO SOARES[1];
CAIO ÍTALO MARCIERI PIMPINATO[2]; GABRIELLE BELCHIOR FERNANDES[3];
LAÍS RAMOS MARTINS[4]; VIVIANE DA SILVA PINTO[5];
CARLOS VINICIUS VENEZIANI DOS SANTOS[6]

[1]IFSP Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - luanacordeiro1706@gmail.com
[2]IFSP Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - caio_pimpinato@terra.com.br
[3]IFSP Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - g.belchiorfernandes@hotmail.com
[4]IFSP Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - laisramosmartins@gmail.com
[5]IFSP Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - viviatena@gmail.com
[6]IFSP Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - vinivs@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão Linguagens e semiótica na experiência cultural elaborado, organizado, planejado e desenvolvido no campus São Paulo do IFSP desde 2015, tem por objetivo a implementação de agenda cultural para instituição, promovendo eventos artisticamente relevantes e debates embasados nas análises de material artístico pelo viés da semiótica francesa. No ano de 2017, os eventos iniciais dessa agenda foram dois saraus temáticos e o Festival de Música (FEMUFE). O primeiro sarau assumiu as características de debate sobre obra cinematográfica, envolvendo o filme O vento será tua herança. O segundo sarau relacionou-se ao feminismo e suas formas e manifestações, com palestra de especialista. O FEMUFE funcionou como evento propriamente estético, não temático, mas com amplo potencial de democratização da expressão artística dentro da comunidade escolar. A articulação e integração dos eventos como sequência de ações permitiu a fusão das preocupações estéticas e artísticas com as inquietações trazidas pelas questões sociais e culturais apontadas como temas, propiciando a percepção, para os participantes, de espaço de livre expressão estética e intelectual. A multiplicidade de signos e linguagens dentro da cultura midiática a partir da segunda metade do século XX propiciou o surgimento de novas formas de relação da sociedade e dos indivíduos com a informação e a cultura. Para Renata Barcellos, se pensarmos na prática pedagógica dos professores, verificamos que, ao longo do tempo, a escola ficou restrita ao uso da linguagem verbal. Contudo, atualmente, pela evolução da tecnologia, há a necessidade de trabalharmos cada vez mais a linguagem não verbal (BARCELLOS, 2007, p. 1). O projeto discute práticas de linguagens verbais, não verbais, sincréticas e outras com base em métodos de análise que possam desvelar os complexos ideológicos pertinentes

a textos culturais relevantes e polêmicos. O paradigma de análise do material cultural desenvolvido no projeto é a semiótica de linha francesa, associada principalmente a questões de condições de apreensão e produção do sentido nos textos de comunicação (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 455). Entendendo o texto de qualquer linguagem como objeto de significação e comunicação, a semiótica concebe seu plano de conteúdo na forma de um percurso gerativo (BARROS, 2011, p. 8), possibilitando depreender camadas do texto passíveis de descrição. Com esse instrumental teórico, o projeto propõe a mobilização de diversas áreas do conhecimento e da cultura e, em consequência, de diversos e distintos recursos de linguagem na construção de eventos que propiciam percepção estética mais apurada e qualificada do material cultural desenvolvido e debatido nas ações.

2. DESENVOLVIMENTO

Em virtude de trabalhar com múltiplas linguagens e formas de expressão, o projeto de extensão Linguagens e semiótica na experiência cultural realiza o processo de organização de seus eventos a partir da pesquisa sobre o material cultural relacionado à temática abordada. Assim, a leitura de textos e a discussão de questões em torno do feminismo e da liberdade religiosa foram requisitos para a elaboração das estratégias utilizadas nos dois saraus temáticos realizados. Os eventos envolveram exposições críticas de especialistas e participação ativa do público presente, seja nos debates, seja nas apresentações artísticas, organizadas em torno da sessão de microfone aberto. O FEMUFE, por sua vez, não apresentou momentos de exposição de especialistas, sendo totalmente voltado para as apresentações musicais da comunidade escolar (ver Figura 1). Com isso, a produção do conteúdo e da narrativa temática, no âmbito do projeto, tornou-se democrática e coletiva, embora toda a estrutura de organização (salas, aparelhagem de som, iluminação) e toda a sequência das ações dentro de cada evento fossem administradas pelo grupo de bolsistas, conforme o foco temático geral.

Figura 1 – Cartaz do FEMUFE

3. RESULTADOS

O primeiro sarau temático realizado pelo grupo de extensão, em 24 de março de 2017, promoveu um debate em torno da apreciação crítica e estética da obra cinematográfica *O vento será tua herança*. A película, que critica o fanatismo religioso e a intolerância, aborda a reação conservadora de uma cidade sulista americana diante da atuação de um professor que ensina teorias científicas evolucionistas. A exposição do filme para alunos e docentes do IFSP foi complementada por uma mesa redonda subsequente, envolvendo professores de filosofia, sociologia, geografia e semiótica. O debate se estendeu, inviabilizando o sarau temático previsto como etapa de fechamento da ação. A ação teve dificuldades de divulgação, e acabou não contando com público externo. O segundo sarau temático foi realizado no dia 27 de abril de 2017, contando com a participação dos coletivos feministas do IFSP na consultoria para organização. O evento contou com a participação da antropóloga Jacqueline Moraes Teixeira, que apresentou palestra sobre o feminismo negro, sucedida de debate sobre o tema. Em seguida, houve apresentação dos coletivismos feminista. Por fim, realizou-se sarau temático com todos os participantes presentes. O evento teve sucesso em trazer público externo ao campus, com a participação na plateia e nas ações de perfórmance de alunos da UNIP. O Festival de Música da Federal, foi o terceiro evento do primeiro semestre de 2017, tendo sido realizado em 1 de junho. Com ampla participação de comunidade interna e externa, refletida em mais de 43 apresentações musicais durante o dia, o evento, realizado no teatro Jayme Compri, atingiu enorme sucesso, mantendo o teatro lotado durante mais

de 8h. O público rotativo estimado do evento superou 500 pessoas, e boa parte das apresentações musicais foram realizadas por artistas sem ligação com a comunidade do IFSP, inscritos no evento por meio do formulário online divulgado pela organização. Embora não tenha sido pensado como evento temático, e sim como proposta de articulação e diálogo das diferentes perspectivas de produção e musical dentro do *campus*, o FEMUFE se beneficiou da estrutura dos saraus temáticos anteriores, principalmente em relação aos espaços de microfone aberto, em que os participantes presentes puderam se inscrever no decorrer do evento (ver Figura 2). A sequência de três eventos cumpriu seu papel de agenda cultural, valorizando os aspectos formativos por meio da integração com a comunicação e a tecnologia (cinema, música, apresentações), uma vez que "é no mundo midiático, recheado de linguagens, (...) que o aluno encontra ressonância" (SOARES, 2006, p. 2).

Figura 2 – Apresentações musicais no FEMUFE

4. AVALIAÇÃO

Cada um dos três eventos produzidos pelo grupo de extensionistas durante o primeiro semestre gerou resultados distintos em relação ao envolvimento da comunidade externa. Por problemas de divulgação e por características próprias do evento, houve participação nula externa no primeiro sarau. O segundo sarau, com divulgação externa mais ampla e tema mais polêmico (questões feministas), conseguiu agregar um público externo pequeno, mas participativo. O FEMUFE, por sua vez, contou com a participação de mais de 30 artistas e 50 espectadores externos à comunidade escolar, consolidando-

-se como mais profícuo espaço de articulação entre a comunidade externa e a interna dentre todos os que foram implementados pelo grupo extensionista. Considerando a somatória dos resultados dos três eventos, podemos afirmar que os objetivos iniciais em relação ao envolvimento da comunidade externa foram contemplados. O objetivo principal do projeto Linguagem e semiótica na experiência cultural é o estabelecimento de agenda cultural de eventos e ações de extensão que movimentem, no âmbito cultural, a comunidade do IFSP, e colaborem na reproposição de questões contemporâneas polêmicas de cunho filosófico, científico e estético. As ações já implementadas lograram construir e fixar essa agenda, em conformidade com as possibilidades oferecidas pelo campus sede e com as disponibilidades do público interno. O trabalho do grupo extensionista conseguiu, por meio desses eventos, dialogar com perspectivas culturais e acadêmicas diferenciadas, consubstanciadas na palestra da antropóloga Jacqueline, nas participações espontâneas dos convidados nos saraus temáticos e na forte presença de músicos da comunidade externa no FEMUFE. Em relação ao número estimado de participantes, os resultados do projeto foram satisfatórios, embora os eventos não tenham contribuído de forma equânime para esse sucesso. Em relação à fomentação de questões contemporâneas por meio do debate qualificado, os resultados também foram satisfatórios, refletidos no interesse dos participantes e nas avaliações posteriormente recebidas. Para a continuidade do projeto em 2017, o grupo extensionista procurará maior integração entre as intervenções de participação da comunidade e os direcionamentos temáticos, atendendo às diferentes expectativas de participação presentes nos saraus e no FEMUFE.

5. REFERÊNCIAS

BARCELLOS, R. S. As múltiplas linguagens e a construção do conhecimento nas aulas de LM e LE. **ATAS DO IX FELIN: IX FÓRUM DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E I COLÓQUIO DE SEMIÓTICA**. Acessado em 12 dez. 2015. Disponível em: www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/doc/16.doc

BARROS, D, L. P. **Teoria semiótica do texto.** 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica.** São Paulo: Contexto. 2008.

SOARES, M. S. P. Comunicação, Linguagem e Tecnologias no Cotidiano Escolar. **Percursos.** Florianópolis, UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), v. 7., nº 1, 11 p., 2006. Acessado em 12 out. 2017. Disponível em: http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1500

COM-TATOS DE MEDIAÇÃO ATRAVÉS DO TELEFONE-SEM-FIO

LUANA REIS SILVINO[1]; CAROLINA CLASEN[2]; CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT[3]

[1]UFPel – luarsilvino@gmail.com
[2]UFPel – carolina.mescla@gmail.com
[3]UFPel – carol80cr@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

Na galeria A Sala do Centro de Artes da UFPel, um dos espaços de estar dos mediadores que compõe o projeto de extensão Patafísica: mediadores do imaginário, o grupo toca o chão com mais corpo que a sola do pé. Ali sentam-se em roda, deitam-se, os cotovelos contatam o piso, a barriga, a lombar. As mãos gesticulam falando tão rápido quanto as palavras que a boca pronuncia a respeito do que se quer compartilhar: do que foi lido, escrito, experienciado em alguma escola ou em uma mediação de alguma exposição que na galeria se aloja e do que ela suscita propor.

Os mediadores patafísicos, alunos dos cursos do Centro de Artes, tem como objetivo realizar mediações com a comunidade na galeria a Sala (UFPel/CA) produzindo "com-tato" através de uma mediação-artistica-propositiva. Pensada como um ato de criação, mesmo que nenhum produto - material, palpável - resulte dela, a mediação-artistica-propositiva é tátil no sentido da experiência e criativa enquanto possibilitadora de desdobramentos do objeto e/ou situação mediada. Através de ações cria extensões da discussão da obra, aproximando-a do espectador. Este, no acontecimento da mediação, deixa de ser apenas espectador e adentra o plano da troca.

O jogo, usado como recurso pra falar de vida, de morte, de arte, faz-se meio para a mediação da exposição Fábulas Contínuas. Sob o véu apaziguador da brincadeira de criança, as fábulas que surgem do cruzamento de memórias, nem sempre próprias e por vezes esquecidas, na proposição servem de gancho para memórias particulares, desgastadas pelo tempo e pelas palavras outras que contam a história. Cao Guimarães, nas correspondências de Marilá (DARDOT, 2008), fala da presença do jogo no cerne das relações sociais usado como possibilidade de perceber a realidade de outra forma, sem expectativa de vitórias e derrotas, resta a experiência. Essa "experiencia" é alinhada àquela articulada por Jorge Larrosa Bondia (2002).

2. DESENVOLVIMENTO

Nos dias 5, 6 e 7 de julho de 2017, aconteceu na galeria A Sala a oficina "O arquivo como processo criativo", proposta pelos artistas Leo Caobelli e Fernando Schmitt. A oficina foi um recurso de imersão que no decorrer de três dias materializou-se em uma exposição: Fábulas Contínuas. No meio dessas fábulas reúnem-se os patafísicos, e da conversa, do encontro, das impressões, surge a proposição, brincadeira de criança: telefone-sem-fio. Através desse dispositivo, nas mediações, novas histórias são contadas, recontadas, alteradas, recriadas.

A exposição é inteiramente constituída de memórias, de fotos, de registros, - que nos pertencem mas não são nossos - de algo que nos habituamos a chamar "evidência de memória", como uma marca ou um índice de um acontecimento. Contudo, a evidência é insuficiente em relação a memória, não a comporta, mas potencializa seu verbo, a ação. Assim, sob posse de pessoas desavisadas, que detém a evidência mas não a memória, tornam-se outra história, juntam-se a outras evidências para inventar verdades mutáveis, traçar relações. Fábulas contínuas.

A mediação acontece ali, em um dia, uma hora, duas, meia hora. Mas quando acontece ela se estende para além do tempo e dos limites da galeria ou do Centro de Artes/ UFPel, se estende até a altura do toque que cada um sentiu, na medida em que ocorre a experiência. Larrosa Bondia fala da experiência como algo que nos acontece, nos toca, e que no entanto, tem se tornado cada vez mais rara:

> A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDIA, 2002, p.24)

Naquela quarta-feira eram Kai, Débora e Lucas, todos com 17 anos, traçando e tramando histórias com os patafísicos. Já estávamos em círculo sentados há algum

tempo, trocando impressões e outras evidências de memórias quando ouvi o momento do chamado da proposição, quase como o toque de um telefone. Precisava atende-lo. Contava-se um relato de uma memória inventada, modificada, que de tão recontada mesmo mentira era quase verdade. Cada-um-que-conta-aumenta-um-ponto. Ou-diminui.

Atendi propondo.

Brincadeira já conhecida dos tempos de infância: a proposta de mediação era compartilharmos uma memória sussurrando-a ao ouvido da pessoa ao lado. Logo após a escuta, ela reconta a memória à próxima pessoa e assim por diante, até dar a volta completa na roda, sendo contada em voz alta por quem estivesse ao outro lado do "dono da memória". E então a memória se perdia - ou ganhava - na partilha.

3. RESULTADOS

No jogo, quando a história é sussurrada aos ouvidos, tendemos a criar em nossa cabeça uma espécie de filme daquela memória que está sendo contada. A fala acende o imaginário buscando formas de lembrar a situação a ser recontada, e quando a concordância do relato se perde, a formação da imagem é impedida e, devido ao estranhamento, parte do relato se altera.

Figura 1. Registro da mediação da exposição Fábulas Contínuas. 2017.

Figura 2. Registro da mediação da exposição Fábulas Contínuas. 2017.

Então surge a brecha pra discussão da memória, que pode ser sempre outra: invenção pura, verdade inventada, mentira recontada até que vire verdade, potente enquanto cicatriz, memória coletiva, registrada e ainda assim alterada no momento em que encontra o outro. Como para Bergson (2006), o passado é *virtual*, pois enquanto figura de memória o "passado não se constitui depois de ter sido presente, ele *coexiste consigo como presente*" (DELEUZE, 2008, p.42 – grifos do autor). A mediação atuou na potência do jogo, da brincadeira resgatada da infância para falar da vida e das relações sociais; para falar de arte dentro e fora de uma galeria cheia de adultos, tornando-a mais tangível, descomplicando a arte contemporânea.

4. AVALIAÇÃO

Ao fim da mediação perguntamos a Kai, Débora e Lucas se já haviam estado naquela Galeria ou em outros espaços expositivos anteriormente. A resposta foi negativa, em suas memórias uma impressão formal e por vezes hostil das visitas aos casarões do centro da cidade de Pelotas com a escola e apenas Kai contou ter ido ao MALG (Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo) quando era criança. Débora inclusive admitiu não gostar muito de arte, afirmação que me atingiu com uma pontada de satisfação, pois era sinal

de que sentia-se confortável naquela situação, dentro de um espaço que costuma ser tão impessoal como a galeria de arte.

Ao perguntar-lhes, já fora da galeria, se eu poderia escrever sobre a mediação que tivemos, deram-me o aval afirmando ter adorado a experiência.

Até essa mediação, só havíamos realizado a proposição com turmas do próprio Centro de Artes, e apesar de saber que uma mediação nunca é igual a outra - como experiência, a mediação não pode ser prevista, está aberta ao desconhecido - o que mais me chamou atenção nessa quarta-feira foi a escolha por partilhar acontecimentos e memórias recentes. Nas mediações anteriores, as histórias compartilhavam o mesmo início: "uma vez quando eu era criança…". Repetição que assegurou uma sempre-presente e inseparável relação entre memória e infância; lugar longínquo onde guardamos nossas primeiras verdades, deixando por vezes que habitem apenas as evidências, e ao retornar - se retornam - a fala, ou mesmo a lembrança, mostram-se outras.

5. REFERÊNCIAS

BERGSON. H. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BONDÍA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, s/v, n.19, p.20-28, 2002.

DARDOT, M. Correspondências. In: FERREIRA, G.; PESSOA, F. **Seminários Internacionais Museu Vale**. Criação e Crítica. Vila Velha, Espírito Santo: Museu Vale, 2009. p.144-161

DELEUZE, G. Bergson. In: DELEUZE, G. **Ilha Deserta: e outros textos.** São Paulo: Iluminuras, 2008. Cap.4, p. 33-46.

SEMANA DO FOLCLORE DA UFPEL: INTERAÇÕES ENTRE O AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E A COMUNIDADE

LUDMILA DE LIMA COUTINHO[1]; CARMEN ANITA HOFFMANN[2]; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS[3]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – ludlimacoutinho@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – carminhalese@yahoo.com.br*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – thiagofolclore@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O Dia 22 de agosto, comemorado internacionalmente como o Dia mundial do Folclore, remonta à data em que William John Thoms[1], em 1846, apresentou pela primeira vez o vocábulo ao publicar um artigo em uma revista britânica. A data festiva é uma iniciativa que acontece em todos os continentes, já há diversas décadas, como forma de festejar o folclore e as culturas populares no mundo.

Na Universidade Federal de Pelotas, tal data é comemorada desde 2010, quando surgiu o Núcleo de Folclore - NUFOLK, projeto de extensão vinculado ao Centro de Artes. Tendo em vista a ampliação das atividades que aconteciam somente em um dia, a programação passou a estender-se por uma semana inteira de atividades, surgindo então o evento Semana do Folclore, como ação vinculada ao projeto mencionado.

O projeto NUFOLK que tem por características a educação, vivência, investigação e propulsão do folclore e das artes populares, possibilitando a inserção junto à comunidade, vislumbrou a realização dessa ação, pelo envolvimento de diferentes segmentos entorno dos temas da cultura popular e folclórica, aliado a necessidade de descentralização de ações promovidas pela Universidade e pelos segmentos parceiros, buscando atender o maior número possível de pessoas e espaços. Sua produção efetua parcerias com projetos e também a interdisciplinaridade entre os cursos como, de Pedagogia (presencial e a distância), Música, Dança-Licenciatura, Antropologia e Arqueologia, Artes Visuais, Cinema, Educação do Campo, entre outros.

Considerando tais aspectos, o objetivo deste trabalho será apresentar o histórico do evento dando ênfase em sua última edição, realizada em agosto de 2017. Além da sua

[1] William John Thoms foi um pesquisador e arqueólogo britânico, interessado em pesquisar "antiguidades populares" de seu país. Estas antiguidades seriam lendas, histórias, ditos, mitos, canções populares que permaneciam vivas através da memória, fazendo assim, parte da cultura popular do povo local. Então, em 22 de agosto de 1846, Thoms usou pela primeira vez a palavra " Folklore", ao enviar uma carta para revista Atheneum de Londres.Visando explicar os estudos de manifestações, que provinham da sabedoria popular, em que Folk seria povo e Lore, conhecimento; saber, resultando assim em saberes do povo de um determinado lugar.

importância e do folclore para universidade, para futuros arte-educadores e comunidade participante, que desenvolve iniciativas de intercâmbio com a comunidade, que são fortalecidas ano após ano.

2. DESENVOLVIMENTO

A ação Semana do Folclore UFPel visa possibilitar a interação da Universidade com a Comunidade e isto inclui presença de oficinas de dança, música, artesanato, brincadeiras, etc. Além disso, o evento conta com a participação de projetos e colaboradores como PEPEU, PET-GAPE Pedagogia, PIBID Artes Visuais, Kako Xavier e a Tamborada, Abambaé Cia de Danças Brasileiras entre outros.

As atividades da Semana do Folclore são totalmente gratuitas e acontecem dentro do espaço universitário (Centro de Artes, Auditório do Bloco II, Antigo Prédio da AABB, Tablado, Cine UFPEL), mas, principalmente, fora do espaço físico da instituição, especialmente em escolas públicas. Com o passar das edições, diversas escolas começaram a fazer parte da programação, tornando-se escolas parceiras da Semana do Folclore, tais como o Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, a Escola Municipal Ensino Fundamental Dr. Balbino Mascarenhas, Colégio Estadual Félix da Cunha, Colégio Municipal Pelotense, entre outros.

A Semana do Folclore, movimenta a cidade mediante uma série de atividades variadas que abrangem rodas de conversa, oficinas de danças folclóricas e percussão, confecção de instrumentos e estandartes, workshops de desenhos a partir de contos e lendas, brincadeiras folclóricas, confecção de artesanatos (como o fuxico) e reprodução de filmes de animação para crianças, ou documentários sobre dança e música/instrumentos, temáticos do folclore e das artes populares.

Figura 1: Oficina de Ritmos Folclóricos na Semana do Folclore UFPEL de 2015

A relação entre a Semana do Folclore e as escolas se dá através de mediação, vivências, com alunos de vários períodos e idades e os graduandos de alguns cursos partícipes do evento. Tais possibilidades de trocas de experiências, além de serem uma forma de observar como as escolas estão disponíveis para a arte popular, são também espaço de atuação para os futuros professores, que, além das experiências de estágio supervisionado, contam com iniciativas como estas para exercer a docência junto à comunidade.

3. RESULTADOS

Na última edição, ocorrida em agosto de 2017, os resultados foram ainda mais positivos. As possibilidades de interação entre a universidade e comunidade, se deram de forma bastante proveitosa para os participantes. Os projetos, as parcerias envolvidas, propiciaram experiências com todos os tipos de públicos, já que ocorreram atividades diversas, tendo em vista descentralização de ações voltadas somente ao eixo acadêmico.

Figuras 2 – Apresentação das Composições Finais da disciplina “Laboratório de Danças Folclóricas”, do Curso de Dança, no Auditório do Colégio Municipal Pelotense para a comunidade local

A aceitação e receptividade da escola para acolher as apresentações das composições finais da disciplina de Laboratório de Danças Folclóricas foi imediata e positiva. O Colégio Municipal Pelotense ofereceu sua infraestrutura para a apresentação das coreografias, o que representou uma experiência artística importante para os alunos do Curso de Dança, futuros professores, e também para os alunos que configuraram o público da atividade.

A proposta levada pela disciplina foi resultado de uma pesquisa realizada durante todo o semestre pelos alunos da graduação, a qual envolveu a pesquisa sobre manifestações populares e folclóricas do país que fossem de menor difusão e visibilidade midiática em nosso país. Jongo, Caboclinhos, Dança dos Mascarados de Poconé, Congada, Torém, Marujada de Bragança Paraense, Batuque de Umbigada e Maneiro-Pau foram algumas das expressões folclóricas apresentadas na oportunidade. Também foi explicado o evento Semana do Folclore e o significado das comemorações do Dia Mundial do Folclore para alunos e professores presentes, difundindo a importância do folclore como forma de expressão genuína dos diferentes povos.

Esta é apenas uma das iniciativas realizadas e que integraram a programação da última edição da Semana do Folclore da UFPel. Pelas experiências que o evento tem proporcionado, confiamos plenamente que a cultura popular é um elemento basilar importante e articulador que permite inúmeras possibilidades interativas significativas e qualificadas de interação entre o ambiente acadêmico e a comunidade.

4. AVALIAÇÃO

Tomando como base minha condição de bolsista e também aluna do Curso de Dança-Licenciatura, entendo que as oportunidades de vivenciar as ações empreendidas pelo Núcleo de Folclore da UFPel, em especial a Semana do Folclore, constituem uma possibilidade ímpar no meu percurso formativo, tendo em vista a riqueza de vivências que são agregadas na minha trajetória.

O Núcleo de Folclore da UFPEL - NUFOLK tem cumprido um papel fundamental na valorização, pesquisa, difusão e fortalecimento da cultura popular e folclórica na cidade de Pelotas (e para além dela). Desde sua criação, o NUFOLK tem se comprometido em chegar a diferentes espaços da comunidade, em especial às escolas públicas, o que reforça seu caráter comunitário e extensionista. A descentralização das ações universitárias é uma estratégia importante para o desenvolvimento regional e para a formação de profissionais mais integrados com a comunidade, o que permitirá uma atuação afinada com os anseios e demandas sociais, assim que concluir o percurso formativo na universidade.

Considero que a participação nas atividades da Semana do Folclore, e nas ações do Núcleo de Folclore de modo geral, serão decisivas para as minhas escolhas profissionais enquanto futura egressa do Curso de Dança-Licenciatura da UFPel.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A.M. **Folclore Nacional II.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** São Paulo: Global, 2012.

CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO. Comissão Nacional de Folclore. VIII Congresso Brasileiro de Folclore. 12 a 16 de dezembro de 1995. Salvador, Bahia: [s.e.], 1995.

Facebook Semana do Folclore. Publicado em: 25 de agosto de 2015. Disponível em < https://www.facebook.com/semanadofolclore/>. Acessado em: 10 de outubro de 2017.

GUIMARÃES, J. Gerardo. **Folclore na escola**. Barueri: Editora Manole, 2002.

PINTO, I.C. **Folclore**: Aspectos gerais. Curitiba: Editora IBPEX. 2005.

RELATÓRIO SEMANA DO FOLCLORE 2017. Núcleo de Folclore da UFPel - NUFOLK. Pelotas, UFPel, 2017.

SECCHI, Neusa Mali Bonna. **Folclore na escola** – Aplicação pedagógica, brinquedos e brincadeiras. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha, 2014.

ENTRE SALTOS, PERUCAS, ACESSÓRIOS E MAQUIAGENS: O UNIVERSO TRAVESTI EM DIÁLOGO NO DIA DO PATRIMÔNIO DE PELOTAS

LUIZ AUGUSTO FONSECA DUARTE JUNIOR[1]; JULIANO GOMIDES DOMENEGUETI[2]; GUILHERME RODRIGUES DE RODRIGUES[3]; AIRTON RODRIGUES CARDOSO[4]; LOUISE PRADO ALFONSO[5]

[1]Universidade Federal de Pelotas – luizjuniorbio@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas -julianogominegueti@hotmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas - guilhermerdr.rodrigues@gmail.com
[4]Universidade Federal de Pelotas - airtonrodriguescardoso@gmail.com
[5]Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão "Mapeando a noite: o universo travesti" iniciou suas atividades em 2016, objetivando compreender Pelotas a partir dos olhares e narrativas das travestis, em especial as que atuam na prostituição nas noites e ruas da cidade e dar visibilidade às suas lutas, narrativas e formas de habitar. Considera-se que a cidade não é uma obra acabada, sendo constantemente construída por grupos diversos que a habitam (AGIER 2015; MAGNANI 2002). No decorrer do projeto, a rede de interlocutoras (es) foi ampliada para outras (os) trabalhadoras (es) noturnos, como taxistas, comerciantes, profissionais da saúde, garis, frentistas, etc, de forma a favorecer um maior entendimento das dinâmicas das noites de Pelotas e o contexto de trabalho das travestis (Rodrigues & Alfonso 2016).

O Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR),do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas, desenvolve vários projetos de extensão vinculados ao projeto de pesquisa "Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas", sendo o Mapeando a noite um destes projetos. Tais projetos de extensão envolvem alunas (os) do bacharelado e pós-graduação (mestrado e doutorado) em Antropologia. Bem como, pessoas de outros cursos, como: Arquitetura, Turismo, História, Ciências Sociais, entre outros.

O presente resumo trata da exposição denominada Margens: diferentes formas de habitar Pelotas desenvolvida durante o evento de comemoração do Dia do Patrimônio, realizado pela Prefeitura Municipal de Pelotas, em agosto de 2017. A exposição aconteceu no Casarão 2 (atual Secretaria de Cultura de Pelotas - SECULT) e abrangeu diferentes projetos de extensão, com o intuito de pôr em discussão os temas desses projetos junto

à comunidade pelotense. Os projetos de extensão participantes da exposição foram: o Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para Antropólogas (os) em formação, Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas, Trabalho Doméstico, entre o passado e presente: Direitos e Cuidados da Atualidade, História e cultura Afro indígena na escola e Mapeando a noite: o universo travesti.

2. DESENVOLVIMENTO

A exposição "Margens" foi organizada de forma a instigar a comunidade pelotense a refletir sobre as diferentes narrativas sobre Pelotas e sobre os elementos considerados patrimônios da cidade. Um dos objetivos era evidenciar quais grupos estão diretamente incluídos nos discursos oficiais sobre a cidade e quais foram excluídos destas narrativas. A equipe organizadora buscou elaborar uma exposição participativa que possibilitasse a interação das pessoas com as temáticas e as (os) mediadoras (es) dos projetos. Assim, criou módulos temáticos, que apresentavam objetos relacionados aos temas dos projetos e banners pensados a partir da pedagogia da pergunta (FREIRE &; FAUNDEZ 1985).

O módulo do Projeto "Mapeando a Noite" foi integrado por uma mesa com espelho, repleta de maquiagens e acessórios. Cabides e uma arara ampararam perucas e outras peças de vestuário relacionado à vida noturna. Uma manequim, trajada de roupas usadas na noite, simbolizava a presença de uma travesti. Essa manequim cumpriu papel fundamental no módulo, pois foi proposto às (aos) visitantes um "batismo", motivando as pessoas a darem um nome para aquela modelo. Também foi incorporado, por sugestão de um servidor da SECULT, um banner da Brenda Lee, militante LGBT assassinada em Pelotas. Bem como, uma fotografia da Juliana Martinelle, mais conhecida como Juju, militante dessa comunidade e interlocutora do projeto, que faleceu na semana do evento. Embora o projeto discuta sobre outras e outros trabalhadores e trabalhadoras noturnas, o grupo compreendeu que questões de gênero e a luta contra a homofobia deveriam ser priorizadas durante o evento.

3. RESULTADOS

A exposição recebeu, em seu primeiro dia de visitação, escolas do município e arredores. Professoras (es), alunas (os), diretoras (es) prestigiaram, em número expressivo, o módulo apresentado. As crianças foram as que mais despertaram curiosidade e atenção

para o tema, interagindo constantemente com os responsáveis do grupo pela mediação. No decorrer das falas, debatíamos sobre o mundo das(os) trabalhadoras(es) noturnas(os), enfatizando a questão da prostituição. Ao fim da conversa, convidamos as(os) estudantes que tivessem vontade de utilizar os acessórios e objetos expostos para pegá-los. Para nossa surpresa, as crianças aceitaram a brincadeira, principalmente as meninas.

Tivemos um menino que pediu para usar a maquiagem. Contudo, a professora desmotivou o menino a fazer isso, por se tratar de uma ação que não cabia a ele como menino. Rapidamente, os mediadores responsáveis pelo módulo interferiram, declarando que ali todas (os) podiam fazer o que quisessem, se maquiar, usar salto, etc. Nada satisfeita, a professora alegou que a mãe do garoto não iria aprovar a ação, por maquiagem ser considerado "coisa" de menina e não de menino.

No decorrer do dia, muitas escolas passaram pelo módulo temático. Porém, uma escola do interior de Arroio Grande se destacou, pois mostrou muito envolvimento de discentes e professores. O tema não era desconhecido, pelo contrário, demonstraram domínio do assunto, o que facilitou o diálogo com as (os) visitantes.

Convidamos as (os) alunas (os) para interagir com os materiais expostos. Entre risos e empurra empurra, uma menina chamada Luiza, de aproximadamente 11 anos, mostrou-se muito interessada pela peruca. Imediatamente, a retiramos da manequim e permitimos o seu uso. A alegria e satisfação dela contagiou os mediadores do módulo, suas (seus) colegas e professoras (es). Dessa atitude, surgiu a ideia de nomear a manequim que ali estava presente, objetivando aproximar e homenagear todas as profissionais que trabalham na noite. A garota foi a primeira a nomear a manequim, a qual deu seu próprio nome. A partir daí, todas (os) que ali passavam foram convidadas (os) para que nomeasse a nossa travesti simbolizada na manequim.

Ao término de toda a interação, um professor responsável pela escola nos relatou que, como docente, tinha o compromisso de levar à instituição de ensino todos os assuntos, principalmente sobre sexualidade e gênero. Falou que há um índice elevado de evasão escolar na cidade de alunas (os) que sofrem com a falta de aceitação da família e sociedade, as (os) quais acabam por buscar nas ruas um modo de sobrevivência. Contou-nos que dois ex-alunos da escola estavam em Pelotas trabalhando nas ruas com prostituição.

No transcorrer da tarde, tivemos a visita de alguns veículos de comunicação da cidade, os quais gravaram depoimentos com a opinião das pessoas sobre os módulos temáticos. Contudo, o recorte dado à exposição "Margens" ficou reduzido ao módulo da temática afro e indígena nas escolas. Os outros módulos temáticos foram apenas fotografados. A explicação ficou a cargo da mediadora responsável pelo projeto, a qual narrava o

objetivo daquela exposição.O destaque ao módulo que apresentava trabalhos escolares nos aponta para a invisibilização das temáticas mais carregadas de preconceitos, como travestis e casas de religião de matriz africana.

Um grupo religioso de homens cristãos se fez presente, deixando evidente o desconforto com a maioria dos módulos expostos, evitando-os ao máximo. Os projetos Mapeando a Noite e o Terra de Santo foram os que, nitidamente, mais inquietaram esse grupo. Enquanto eles estavam no espaço de exposição, um dos mediadores da exposição foi beber água, um membro do grupo cristão solicitou um copo, o que rapidamente causou uma reação de outro membro do grupo que disse: “Dessa água aí não”. Essas palavras demonstram a carga de preconceito dessa comunidade religiosa. Além de um olhar preconceituoso, viam com exotismo a exposição dos temas. No final da visitação, três homens do mencionado grupo se dirigiram a um dos mediadores do módulo que calçava salto alto, solicitando que o mesmo posasse para uma foto. Pôde-se perceber o sarcasmo proveniente destes visitantes, um dos mediadores afirmou ter se sentido constrangido “ fui alvo de deboche, me senti agredido”.

4. AVALIAÇÃO

O principal foco da exposição “Margens: diferentes formas de habitar Pelotas” era pôr em pauta assuntos que não são contemplados nas narrativas oficiais sobre Pelotas. O lugar onde foi realizada a exposição, o Casarão 2, foi escolhido propositalmente para sediar a exposição, por ser local de destaque em uma das esquinas da Praça Coronel Pedro Osório, principalmente durante o evento comemorativo do Dia do Patrimônio. Buscamos quebrar as expectativas de quem imaginava ver ali qualquer menção às famílias da elite antigas proprietárias ou sobre a imponente arquitetura do casarão.

Os resultados aqui mostrados são alguns recortes das inúmeras particularidades dessa exposição. Através destes, pudemos evidenciar o interesse por parte das crianças com assuntos relacionados a gênero, bem como sua fácil aceitação. A exotização do tema e o tabu em falar destas questões em espaços públicos e para grupos específicos. A manutenção destas narrativas enquanto tabu faz com que seja mais difícil criar novas gerações menos preconceituosas. Acreditamos que a visibilização da prostituição e de questões LGBT para um público mais amplo contribui para maior aceitação da sociedade, para a valorização pluralidade de gêneros, diminuindo as exclusões destas comunidades, como no caso mencionado dos ex-alunos de Arroio Grande que hoje

trabalham com prostituição em Pelotas. Além de incentivar políticas públicas voltadas para melhorias na qualidade de vida destes grupos.

A ideia do batismo da "manequim travesti" possibilitou uma ampla interação das (os) visitantes junto ao módulo. Destacamos uma mãe que nomeou a manequim com o nome de sua filha, que é travesti. Ou ainda, o caso de outra pessoa que escreveu "saudades" e fixou o bilhete na roupa da modelo. Esse último exemplo evidencia o quão excludente é nossa sociedade. Embora não se saiba os motivos do sentimento de saudades, a sensação de ausência ou luto é evidente. Destacamos que muitas vezes esse luto é consequente de atos violentos contra essas pessoas. O ano de 2017 já é o ano com maior número de crimes de homofobia registrados em todo o Brasil.

Por fim, todas as manifestações vindas da comunidade em geral mostram o quanto a exposição foi efetiva em seu objetivo principal de dialogar e debater as diferentes formas de habitar Pelotas. Isso aconteceu dentro do Casarão 2, um dos símbolos arquitetônicos de riqueza da sociedade elitista pelotense, desconstruindo as noções de patrimônio dos discursos oficiais da cidade.

5. REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro.** Mana vol.21 no.3 Rio de Janeiro Dez. 2015

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.s

MAGANI, José. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista brasileira de Ciência Sociais. 2002, vol.17, n.49, pp.11-29. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002. Acessado em: 11/10/2017.

RODRIGUES, Marta B., ALFONSO, Louise P. Projeto "Mapeando a noite - o universo travesti". In: **III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA**. PELOTAS, 2016. Anais do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPel. Pelotas: Editora UFPel, 2016. 255-258.

ROSANA PEREIRA E A REALIZAÇÃO DO TRABALHO COM NÃO ATORES MIRINS

MATEUS BRUM DE ARMAS[1]; MARÍLIA SHEILA DOS SANTOS[2]; JOSIAS PEREIRA[3]

[1]UFPEL – Mateus.armas@gmail.com
[2]UFPEL – mariliamortican@gmail.com
[3]UFPEL – josiasufpel@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Sets de filmagem são, um dos melhores modos para pôr em prática quaisquer teorias e ver quais métodos se encaixam melhor no tipo de equipe e quais não.

Neste artigo, vamos explorar as experiências e resultados em relação à direção de atores e suas técnicas utilizadas no filme "Rosana Pereira", o qual contou com não atores mirins, um verdadeiro desafio para a equipe. O filme foi produzido pelos alunos do 4º semestre de cinema e audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) para as disciplinas de preparação de atores e direção de arte.

O enredo do filme é baseado na esquete de teatro "Loira do Banheiro", criada e interpretada por Lucas Peraça, que protagonizou o papel na adaptação para o cinema. Tanto a peça de teatro como o filme, seguem a trajetória de Rosana Pereira: um fantasma que precisa voltar a assustar. Na adaptação para o cinema foi introduzido um novo personagem, chamado Laila: uma menina de aproximadamente oito anos que, após conhecer Rosana, a ajudará a voltar assustar pessoas, começando por mudar completamente a aparência da personagem em questão. Dessa forma, levando-a para a escola onde estuda e, deste modo, Rosana poderia "entender" os medos das crianças através de uma espécie de "pesquisa de campo".

2. DESENVOLVIMENTO

A escolha do ator para interpretar Rosana foi de Lucas Peraça, pelo fato de o mesmo ser o criador e intérprete do personagem nos palcos, promovendo, assim, credibilidade para aplicar esta prévia construção nas cenas. Enquanto a não atriz, Maria Vitória foi escolhida para a personagem Laila, por seu tom irônico no modo de falar, que se assemelhava com a personalidade da personagem. A equipe teve de ter um cuidado

bastante peculiar com a criança, que mesmo após várias leituras de roteiro com o diretor, ainda parecia não ter clareza sobre o enredo do filme. Além de Maria, foram escaladas outras cinco crianças coadjuvantes, também não atores, na realização do filme.

A partir do momento em que foi decidido introduzir crianças na adaptação para o cinema, começou-se a pensar não apenas em relação à espontaneidade nas cenas, mas também em referência ao tratamento e cuidados adequados. A fim de serem seguidos para evitar o desgaste das crianças ao longo das gravações, as quais se estenderam por mais de um mês, com cerca de quinze diárias.

Os atores foram instruídos a compreenderem o porquê do personagem; a situação; enredo; o meio; o que estava acontecendo naquele momento com o emocional dos personagens e o porquê de estarem agindo de tal forma, deixando de lado qualquer análises de entendimento ou preocupação com o próprio desempenho. Essa compreensão é mais difícil tratando-se de crianças, por não terem geralmente a maturidade suficiente para compreender estados emocionais distintos.

No filme “Rosana Pereira” a equipe se deparou com três situações distintas: a primeira em relação ao personagem principal, Rosana, que já havia sido previamente criada para o esquete de teatro, o formato “teatral”, exagerado e cômico da personagem foi mantido assim como o ator que a interpretava, Lucas Peraça. A partir desse viés, Lucas teve maior liberdade nas cenas. Após ter um breve contato com o roteiro, o ator aplicava as ações e reações do personagem já criado, interpretado e amadurecido por ele mesmo nas cenas, sendo raramente comandado pelo diretor.

Numa segunda situação, temos as crianças da escola onde Rosana irá se inserir, sendo empregadas três meninas e dois meninos, todos não atores com idades entre 7 e 8 anos, no caso destas crianças, foi necessário apenas a orientação de “não olhar nunca para a câmera”. Tentamos, assim, deixá-las o mais confortável possível em cena, permitimos fazer brincadeiras com Lucas, e as demais orientações para ir conduzindo a cena, sem mencionar quaisquer falas pontuais para as crianças. Eram criadas, eventualmente, brincadeiras entre os takes e a câmera permanecia ligada, para assim conseguir ações e reações mais naturais vindas dos não atores mirins.

O terceiro caso referia-se à personagem secundária: Laila, que guia Rosana em sua trajetória pelo filme. No caso desta personagem, foi interpretada por Maria Vitória, uma menina de oito anos não atriz. Diferentemente das outras crianças, coadjuvantes do filme, a personagem de Maria tinha algumas falas pontuais, essenciais para o andamento do roteiro, o que tornou mais difícil a preparação de seu personagem. Enaltecendo, deste modo, a diferença das outras crianças, Maria não poderia apenas “brincar” enquanto a

câmera estivesse ligada, ela precisava memorizar falas e gestos, o que foi bastante difícil nas primeiras gravações.

3. RESULTADOS

Ao fim das gravações, na pós-produção do filme Rosana Pereira o resultado foi bastante satisfatório. O processo foi iniciado sendo guiado pelo embasamento teórico de Eugenio Kusnet e Fátima Toledo, que ofereceram a equipe um suporte para encarar o desconhecido, a medida em que percebíamos a energia das crianças em set e em como ela oscilava de extrema a escassa, é sempre um enorme desafio enquanto alunos de cinema compreender a complexidade de um ator, se esse ator for não apenas uma criança, mas um grupo de crianças sem nenhuma experiência anterior com atuação em cinema o desafio é muito maior, saber "negociar" a atenção das crianças e trazer naturalidade para a tela dentro do curto período de tempo disponível para gravar o filme não foi nada fácil, mas ao mesmo tempo, um grande exercício.

4. AVALIAÇÃO

Com o fim das gravações ficou bastante claro para a equipe que o roteiro é apenas um "esqueleto base" para a montagem de um filme, não devendo deixar os atores condicionados a ele, pois isso irá interferir diretamente em seu desempenho na tela. A prioridade deve ser sempre o bem estar do ator, deixa-lo confortável e ciente do que ocorrerá na cena, tentando poupá-lo de quaisquer inseguranças em relação ao seu desempenho, especialmente com atores mirins ou não atores. Os quais, naturalmente já se sentem um pouco inseguros por não serem atores profissionais. O ambiente agradável em uma equipe é outro fator crucial que se vincula diretamente ao desempenho dos atores mirins. Com as gravações de "Rosana Pereira" foi possível observar que o espírito de amizade gerado entre as crianças em set foi de grande influência positiva para que atuassem com maior veracidade.

5. REFERÊNCIAS

CARDOSO, Mauricio. **Fátima Toledo: Interpretar A Vida, Viver O Cinema.** – 2014.

KUSNET, Eugenio. **Ator e Método**. RIO DE JANEIRO – 1975.

O MÉTODO FT. Disponível em: <http://www.studiofatimatoledo.com.br/o-metodo>, Acesso em: 12 de abril de 2017.

Rosana Pereira – **A Loira do Banheiro.** Direção: Mateus Armas. Produção: Robson Zago. Pelotas – RS, 2017. 18 min. Son, Color, Formato: 1920x1080p. Disponível em: https://youtu.be/JbuURw6J8_Q.

OS MUSEUS COMO LUGARES LÚDICOS, DE LAZER E APRENDIZAGEM: O CASO DO MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO

MARCOS ROBERTO SILVA DE SOUZA[1]; MIRIÃ DA MOTA MANOEL[2]; JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM[3]; MARIANA BOUJADI MARIANO DA SILVA[4]; DIEGO LEMOS RIBEIRO[5]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – marcosroberto02012@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – miria.mota.2012@gmail.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – josepbrahm@hotmail.com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas – mariana.boujadi@gmail.com*
[5]*Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

Localizado no município de Morro Redondo, na Serra dos Tapes, o Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR) é reconhecido por sua ligação direta e indireta com a comunidade local. Alicerçados na ideia de que os museus devem ter um papel ativo na sociedade, funcionando como instrumentos de desenvolvimento local (VARINE, 2008), as ações extencionistas doravante analisadas foram desdobradas em parceria com a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), através do projeto de extensão denominado "Museu Morrorredondense: espaço de memórias e identidades", relacionado a área da cultura.

O trabalho que vem sendo realizado no contexto do Museu possibilita aos estudantes de diferentes áreas trocarem experiências e conhecimentos, além de propiciar uma intensa relação entre o espaço museológico e a comunidade, que proporcionam uma vivência singular, implicando diretamente, de forma positiva, na formação dos mesmos.

Através do projeto, ao longo dos anos, buscou-se cada vez mais criar novas atividades, sendo estas as ferramentas pelas quais se tenta fortalecer laços intergeracionais entre membros da comunidade. Neste breve resumo, busca-se tratar de um projeto denominado "Morro em Cena", na qual se trabalha diretamente com alunos do quinto ano do ensino fundamental do Colégio Bonfim, em comunhão com os idosos pertencentes à associação de idosos da cidade. Grifa-se também que estes são participantes do evento denominado "Café com Memórias[1]", que serviu como inspiração para a proposição da atividade.

[1] Durante um evento mensal, o Museu propicia a integração dos idosos com os participantes do Projeto de Extensão: "Museu Morrorredondense: Espaços de Memórias e Identidades", vinculadas ao Bacharelado de Museologia da UFPel, onde se trabalham memórias usando o acervo como estimulador.

O projeto "Morro em Cena" surge durante uma das exposições temporárias[2], e serviu como elemento dinamizador da exposição. Como a proposta era possibilitar o afloramento de memórias traumáticas, referentes ao período de nacionalização de Getúlio Vargas, a utilização do teatro se justapôs à expografia e fez com que a exposição alcançasse o público que, direta ou indiretamente vivenciou esses fatos: os moradores locais. Embora as memórias fossem dolorosas, a abordagem teatral ofereceu um tom sutil para o trabalho de memória. Notou-se que, se a atividade teatral pudesse ser desenvolvida em parceria com o mencionado colégio, a ação educativa poderia ampliar seu impacto social (o que na prática foi realmente comprovado).

Para Jackson e Kidd (2007, p. 3), o teatro de museu não é sobre a replicação do passado, sobre apenas ilustrar o que os textos expositivos trazem. Trata-se, sim, de negociar memórias, colocando em questão no presente nossas reminiscências do passado. Segundo Thomson, "reminiscências são passados importantes que compomos para dar sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes" (THOMSON, 1997, p. 57). Em sentido complementar, redunda em se comunicar com pessoas despertando sua imaginação e as envolvendo de maneira que se conecte com suas próprias vidas e preocupações no aqui, e agora. Ao colocar o público no centro da experiência, como participantes ativos do processo, a ação em questão sintoniza-se com as perspectivas da Museologia Social, que redunda em incentivar o protagonismo das comunidades nos processos museais (VARINE, 2006; 2008). Mais do que se ater aos processos técnico-científicos, o museu ativo ocupa-se com o patrimônio sensível. "É preciso seguir na via da imaginação: sem imaginação não há patrimônio" (TORNATORE, 2009, p. 13)

Assim, a performance teatral no Museu é uma maneira de despertar nas crianças um maior interesse no espaço museológico, seja de maneira lúdica, ou como forma de proporcionar a relação intersubjetiva entre objetos (acervo do Museu) e os sujeitos, de forma a promover o encontro com suas próprias memórias e imaginações. No âmbito da comunicação em museus, concorda-se com Cury (2007) quando afirma que os museus devem ser espaços de interação, em que a emoção tem destaque central nas ações comunicativas. No cenário ora contextualizado, o "Morro em Cena", além das questões identitárias já arrazoadas, considera-se também como resultado o fortalecimento de laços emotivos entre idosos e jovens.

[2] Exposições em virtude da 15º Semana de Museus do IBRAM, cujo tema em 2017 foi "Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus". Nestas exposições que foram realizadas em conjunto com o Museu Gruppelli, localizado na zona rural de Pelotas, optou-se por explorar as narrativas referentes ao "apagamento" memorial e identitário no período que compreende o Estado Novo (1937-1945).

2. DESENVOLVIMENTO

Este espaço museológico realiza diversas ações em parceria com os moradores locais, através de uma metodologia interdisciplinar, que abarca diversas áreas como: Museologia, Pedagogia e Psicologia. Os procedimentos metodológicos que embasam este trabalho envolvem, inicialmente, outro projeto do Museu, denominado "Café com Memórias", em que objetos da instituição são trazidos para a discussão como evocadores de memória.

A partir dos relatos obtidos junto aos idosos são realizadas pesquisas bibliográficas e documentais que darão um aprofundamento histórico ao roteiro. Posteriormente, para efetivar as encenações são feitos ensaios, usando técnicas de expressão corporal. Concordando com Rinaldi et al (2009, p. 225), que compreende a expressão corporal como uma ferramenta para explorar a gestualidade comunicativa dos sujeitos, possibilitando a expressão de sentimentos, desejos, pensamentos, posturas e gestos. Para a composição do elenco são convidados membros da equipe do projeto de extensão e membros da comunidade, de diferentes idades e profissões.

3. RESULTADOS

A primeira peça teatral, "Memórias Caladas", surgiu durante a 15º Semana de Museus do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) e teve como fio condutor as exposições temporárias realizadas no Museu Gruppelli e no Museu Histórico de Morro Redondo, cujas temáticas exploram o "apagamento" memorial e identitário no período que compreende o Estado Novo (1937-1945)[3], através da integralização forçada. Esta peça discutiu como a campanha nacionalista do Estado Novo afetou os moradores descendentes de imigrantes alemães, italianos e pomeranos, da região de Pelotas e Morro Redondo.

Na segunda peça teatral intitulada "Doces Memórias", buscou-se retratar a colônia e a produção dos doces coloniais. O evento foi concebido de forma a dialogar com a Feira de Doces e Produtos Coloniais, uma realização do Roteiro Turístico Morro de Amores[4]. De maneira análoga ao acontecido com a primeira encenação, notou-se a importância do teatro para os idosos, como fonte de inspiração e o senso de pertencimento

[3] Estado Novo é o nome que se deu ao período em que Getúlio Vargas governou o Brasil de 1937 a 1945. Esse período foi marcado por forte repressão, principalmente aos imigrantes e seus descendentes originários dos países do eixo (Alemanha, Itália e Japão).

[4] Roteiro Turístico, que adotou este nome em virtude do carinho que a população e os empreendedores têm pela cidade. Tem por finalidade alavancar o turismo rural da região e conta com mais de vinte empreendimentos.

neles invocado, ao se verem representados nos diálogos, nos fazeres e nos personagens do ato.

4. AVALIAÇÃO

Diante do que foi exposto observou-se que a performance teatral dentro da instituição museológica proporciona a dinamização da comunicação museu-sociedade, tendo como fio condutor a emoção, o sensível e a imaginação. Nessa performance, as comunidades desempenham papel de atores, no sentido mais amplo do termo social e performático. Observa-se que a prática teatral desempenhou, e vem desempenhando, um papel importante para a comunidade local, tendo em vista que possibilita essa troca de experiências e vivências. Experiências essas, que fazem tanto os jovens quanto os idosos se sentirem pertencentes ao mesmo local, possibilitando a criação de vínculos e promovendo uma ligação intergeracional. Proporciona-se, assim, que os idosos expressem e ativem suas memórias. Estas narrativas, por sua vez, são compartilhadas de forma interativa e participativa para as gerações mais jovens, que consequentemente tornam-se, também, ativadores de memória para outros membros desta comunidade, alinhando-se com a noção de (re)significação cultural e da participação do público apontada por Cury (2007).

5. REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. As crianças e os museus. **In: A Viena de Freud e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

CURY, M. X. Exposição: uma linguagem densa, uma linguagem engenhosa. In: VALENTE, Maria Esther (Org.). **Museus de Ciência e Tecnologia.** Rio de Janeiro: MAST, 2007. p. 69-76.

GRISPUM, D. **Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola Responsabilidade compartilhada na formação de públicos.** 2000. (Doutorado em Educação) Programa de Pós Graduação em educação, Universidade de São Paulo.

JACKSON, A; KIDD, J. "**Museum theatre": Cultivating Audience Engagement - a case study".** Conference paper presented at IDEA 6th World Congress, Hong Kong, jul. 2007

OLIVEIRA, R. X. **Museu Antares de Ciência e Tecnologia:** uma avaliação do público visitante no período de 2009 a 2012. 2013. (Graduação em Museologia), Bacharelado em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

RINALDI, I. et al. **Contribuições ao processo de (re)significação da educação física escolar: dimensões das brincadeiras populares, da dança, da expressão corporal e da ginástica**. Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 217-242, out./dez. 2009.

TORNATORE, J-L. Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas da relação com o passado. **Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1, p. 7-21, jan/jul 2009.

THOMSON, Al. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. São Paulo, Projeto História, **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, PUCSP, v.15, p.52-84, jul/dez.1997.

VARINE-BOHAN, H. **Museus e Desenvolvimento Local: um balanço crítico.** In: Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento: São Cristóvão, Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

_____. **O Museu Comunitário é Herético?** Trad. O.M.P. Quarteirão, Rio de Janeiro, Abr, p.12, 2006.

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS: REFLEXÕES SOBRE O PROJETO E MODOS DE ATUAÇÃO

MARINA TIMM MEDEIROS[1]; DÉBORA SOUTO ALLEMAND[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – marinatimm@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – deborallemand@hotmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O presente estudo tem como tema a apresentação e o relato do desenvolvimento do projeto de extensão Residências Artísticas da Universidade Federal de Pelotas, bem como futuras atividades a serem desenvolvidas dentro deste projeto.

A investigação foi iniciada a partir de reflexões suscitadas nas reuniões e encontros para definir as ações do projeto, com a orientadora, bolsistas e voluntários. Sendo assim, este trabalho objetiva a apresentação e divulgação do projeto Residências Artísticas, buscando a interação artística do Curso de Dança Licenciatura com a comunidade de Pelotas.

A motivação do Residências Artísticas é a de promover a acessibilidade à dança para a população em geral, tendo em vista que a comunidade pelotense ainda apresenta uma visão fechada sobre a dança. Sendo assim, o projeto vem para compartilhar informações a respeito de diversos tipos de dança, além de promover a educação a partir do corpo, repercutindo nas pessoas e no local, como coloca HORA (2006, p. 55), ao dizer que "o intercâmbio efêmero acaba também por resultar em estruturas de associação e parcerias que unem artistas de distintas procedências [...] com reverberações de longo prazo [...].

Paralelamente ao planejamento das ações práticas do projeto, foram estudados alguns autores que tratam sobre a reflexão das residências artísticas, tais como MORAIS (2014) e LIMA (2016), contudo, ressalta-se aqui a escassez de títulos específicos, como reitera MORAIS (2014, p. 16) neste mesmo sentido, que "há ainda, poucos títulos que abordem a discussão específica das residências artísticas de uma perspectiva contemporânea e, além da existência bastante exígua de bibliografia específica em bibliotecas e acervos". Nesse sentido, busca-se ainda refletir sobre como as residências artísticas se fazem presente, a fim de promover a apreciação e experimentação em dança para a comunidade em geral.

2. DESENVOLVIMENTO

A ideia do projeto surgiu a partir da necessidade de promover o conhecimento e a troca de saberes entre o curso de Dança Licenciatura e a comunidade, bem como outros cursos da universidade.

> A necessidade de buscar formas de experimentar – e vivenciar – o mundo pode explicar esse interesse e necessidade de artistas contemporâneos pela procura das residências em um mundo também marcado pela mobilidade e pela globalização. (MORAES, 2014, p.18).

A partir deste interesse, pensou-se em realizar workshops e oficinas, com convidados reconhecidos das diversas áreas da dança e outras artes, possibilitando discussões e quebra de preconceitos sobre a área. O curso de Dança Licenciatura já costuma trazer artistas convidados para realizarem oficinas, como foi o caso de professores como Vanilton Lakka, da Universidade Federal de Uberlândia (danças urbanas), Mônica Dantas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (dança moderna), Márcia Strazzacappa, da Universidade Estadual de Campinas (possibilidades de criação) e Elisiane Wiggers, professora da cidade Joinville.

O primeiro passo então, foi o convite aos professores, juntamente com a divulgação do evento pelas redes sociais e também pelo rádio. Na sequencia, se seguiu as inscrições para a residência, a realização do evento e por último a emissão de certificados.

Com a proximidade do Festival Dança Pelotas, professores do curso de dança entraram em contato com um dos jurados do festival, o professor de danças urbanas Arthur dos Santos, com o intuito de fazer uma parceria e levá-lo para ministrar uma oficina.

Diante disso, a primeira oficina realizada pelo projeto, foi nos dias 14, 17 e 18 de julho de 2017, com um professor convidado da cidade de Erechim, Rio Grande do Sul. O estilo ministrado pelo professor foi o de danças urbanas, gênero bastante aceito entre os acadêmicos do curso de dança e também para a comunidade pelotense em geral. Mas, apesar das oficinas serem abertas ao público, e mesmo com a divulgação e convite às pessoas que participaram do festival Dança Pelotas, ainda assim, existe a dificuldade de a comunidade vir até a universidade. Dentre os gêneros, o de danças urbanas ainda é um dos mais populares entre a comunidade, estando em conhecimento da população o grupo de Piratas de Rua, pioneiro na cidade.

No primeiro dia, se realizou uma roda de conversa, onde o professor se apresentou e falou sobre seu trabalho, gerando discussões e debates relacionados ao gênero de dança, bem como o ensino e também da parte artística. Os dois próximos dias de oficina foram práticos, contando com várias dinâmicas e sequências preparadas pelo professor. Ao final dos três dias, se encerrou a residência com uma conversa do que foi visto e aprendido durante a realização do evento, contando com mais de trinta alunos e participantes.Assim como se deu esta ação do projeto, espera-se que a continuação siga de mesma forma. O curso já entrou em contato com a professora Mônica Dantas novamente, para a realização de uma segunda oficina de dança moderna.

Outra atividade dentro do projeto é a de fazer uma reunião com os próprios alunos do curso, para que, aqueles que tiverem interesse, possam ministrar residências. É uma forma de troca também, pois uma das dificuldades que encontramos é a falta de verba para trazer professores de dança de fora da universidade. Por isso, se pensa em aproveitar o conhecimento que os próprios alunos já levam de bagagem para o curso, sendo mais uma alternativa para produzir conhecimento em dança. A ideia é seguir contatando professores da região, dispostos a ministrarem as oficinas e workshops, de forma que ocorra sempre a troca de experiências e conhecimentos.

Figura 1: Alunos, professores do curso de dança e comunidade pelotense fazendo a residência com o professor Arthur Santos.

Figura 2: Roda de conversa após a oficina.

3. RESULTADOS

A residência artística é um meio, uma ferramenta de produzir conhecimento artístico em geral, porém, segundo Morais 2014, ela se difere de outros meios para a produção artística:

> A diversidade e multiplicidade de programas e projetos de residência suscitam reflexões sobre sua atuação, assim como sobre o papel que desempenham, atualmente, e a distinção de sua ação quando comparada a de outras formas semelhantes de aparatos para apoio à produção artística, como os das academias e seus prêmios de viagem. (MORAES, 2014, p.17).

Sendo assim, reflete-se que as residências surtem um efeito desejado, pois além de promover o saber artístico, também provocam reflexões de modo mais aprofundado, geralmente por terem mais dias de realização.

Como parte deste processo, iniciou-se uma enquete na rede social *Facebook*, com intuito de compreender quais os gêneros de dança os alunos e também professores do curso de Dança demonstram mais interesse para serem trabalhados no curso, através da realização de oficinas. A partir desta ideia, pretende-se estender esta enquete para a comunidade de dança em geral, como uma forma de aproximar a população. Porém

com isso, implica a falta de verba da universidade para trazer professores que não fazem parte do meio acadêmico. Este é um problema que afeta diretamente a funcionalidade e qualidade do projeto, pois mesmo com a importância de se ter a residência, a riqueza de conhecimento vindo de outros meios faz a diferença na bagagem de um artista.

As buscas de novas experimentações permeiam as residências, como corrobora Vasconcelos 2014:

> [...] as residências artísticas devem ser pensadas também como ambientes de formação, criação e difusão. Marcos Moraes nos revela a importância singular da residência nos processos de trocas e de interação como fundamentais na prática do artista contemporâneo. E assim, a residência surge como ambiente fundamental no campo da formação artística e dos processos de transformação. Num cenário marcado pelo tecnológico, as residências também usufruem dessa ferramenta para se fortalecer enquanto rede. Ao mesmo tempo, a busca pela experimentação e pela criação no espaço permeia toda e qualquer residência. (VASCONCELOS, 2014, p. 11).

Neste sentido, após as oficinas realizadas pelo curso de Dança e a primeira residência feita pelo projeto, reflete-se sobre a importância e benefício das residências, pretendendo a continuação e resolução de problemas para melhor atender, tanto comunidade quanto universidade.

4. AVALIAÇÃO

Dentre as oficinas que estão sendo pensadas, e a oficina que já foi realizada, constata-se a importante contribuição da residência como geradora de conhecimento artístico para o curso de Dança e comunidade no geral. O intercâmbio de saberes se dá de forma saudável para todos, tanto alunos como professores, além de que quanto mais a realização e divulgação do projeto, mais fortalecida estará a ponte entre universidade e comunidade.

Esperamos assim, continuar a realização de oficinas através do projeto Residências Artísticas, sensibilizando graduandos e professores quanto à busca de maneiras alternativas para trazer diferentes personalidades e diferentes gêneros para dentro do curso e para a população pelotense.

5. REFERÊNCIAS

HORA, Daniel. Residências Artísticas: as múltiplas direções dos trânsitos contemporâneos. In: **Caderno Vídeobrasil 02: Arte Mobilidade Sustentabilidade.** São Paulo: Sesc, 2006, p. 55 – 77.

LIMA, Anna Carolina Ferreira. **Residências Artísticas: a política como experiência performativa.** Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2016.

MORAES, Marcos. Residência artística: uma reflexão sobre os ambientes de formação, difusão e criação das práticas artísticas contemporâneas. In: **Políticas para as artes: prática e reflexão** – volume 2. Rio de Janeiro: Funarte, 2014, p. 14 - 42.

VASCONCELOS, Ana. **Políticas para as artes: prática e reflexão.** Volume 2. Rio de Janeiro: Funarte, 2014, p. 11.

"QUE NÃO SE ESMAGUEM COM PALAVRAS AS ENTRELINHAS" - UMA ABORDAGEM DO PASSO DOS NEGROS, EM PELOTAS: MOVIMENTOS, CIDADE E PATRIMÔNIO

MATEUS FERNANDES DA SILVA[1]; GUSTAVO FIORINI MARQUES[2]; AMANDA CHRISTIANINE BATISTA[3]; LOUISE PRADO ALFONSO[4]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – mateusfernandesdasilva@live.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – gustavo.fiorini_@outlook.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – amandach9b@gmail.com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas - louiseturismo@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

O presente texto procura apresentar ações realizadas pelo projeto de extensão *Narrativa do Passo dos Negros: Um Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogas e Antropólogos em Formação*, vinculado ao Projeto de pesquisa *Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*, ambos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPEL.

O projeto de extensão teve início em 2014 e, ao longo do tempo, em ações com a comunidade levantou a demanda de diversos grupos quanto à preservação do complexo do Engenho Pedro Osório - composto pelo prédio do engenho, por parte da vila operária e pela Escola Visconde de Mauá; da Ponte dos Dois Arcos, construída por mão de obra escrava; das figueiras centenárias, do campo do Osório Futebol Clube e do Corredor das Tropas. Todos estes elementos foram elencados por diferentes grupos do Passo como materialidades que fazem parte da identidade desta comunidade repleta de memórias.

Cabe aqui ressaltar que a região do Passo dos Negros tem importância para a formação da cidade de Pelotas, pois a cidade se constituiu a partir dessa região estratégica de cursos d'água, elementos importantes para o cotidiano da indústria charqueadora e para o escoamento da produção do charque.

O Projeto vem sendo desenvolvido de forma multidisciplinar, dialogando intensamente com outras áreas do saber, em especial com projetos de extensão e pesquisa também desenvolvidos na UFPEL, como exemplos o projeto do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais – LEUR da Geografia sobre o bairro São Gonçalo, o Laboratório de Urbanismo (LabUrb), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, além de parcerias com a Pró Reitoria de Extensão e Cultura, em projetos relacionados ao Fórum social e patrimônio.

Este trabalho tem como objetivo apresentar ações desenvolvidas pelo projeto voltadas para discutir com a comunidade de Pelotas a noção de direito à cidade, relacionando segregação, contexto histórico, especulação imobiliária e expansão demográfica dos condomínios que estão sendo construídos no Passo, com as principais características socioeconômicas dos diferentes grupos que habitam a região do Passo dos Negros. Objetivamos apresentar a Audiência pública realizada pelo Projeto em conjunto com a PREC, a comunidade do Passo dos Negros e o vereador Marcos Ferreira, bem como as ações de visibilização das histórias e memórias da comunidade por meio de exposição e mesa de discussões nas ações do Dia do Patrimônio. Consideramos que enquanto cientistas sociais e cidadãos, num Estado de direito, nosso papel é buscar alternativas junto à comunidade de mostrar outras formas de habitar a cidade e dar visibilidade às lutas e demandas de comunidades em processos de exclusão.

Para entendermos este complexo chamado de "direito à cidade", cabe aqui citarmos AGIER (2015), que diz que "*a cidade é feita essencialmente de movimento*." Como exemplo dessa dinâmica urbana, o Passo tem se revelado no início de um processo transitório entre a marginalidade e a centralidade, entre o rural e o urbano, pensando sempre esses elementos em continuidade. Onde nos é evidente a negação do direito à cidade àqueles que compõem a comunidade, que estabelecem um vínculo de pertencimento com o espaço e seus elementos, mas que não se encaixam nos projetos, já desenhados, de modernização.

2. DESENVOLVIMENTO

Sob os processos que estruturam o espaço do Passo dos Negros, temos considerado a existência de diferentes grupos sociais, que divergem não apenas nos aspectos econômicos, como nas participações políticas e culturais. Para compreender a região, destacamos as discussões sobre a "modernização" da cidade que "esteve significativamente ligada aos processos de higienização, exclusão, afastamento, enclausuramento e marginalização da pobreza" (Corrêa, 1989). E as transformações das dinâmicas de segregação, crescente nas últimas décadas nas cidades, com a constituição de condomínios residenciais fechados e shoppings, espaços mais vigiados e seguros (Caldeira, 2000).

Acompanhamos algumas dessas dinâmicas de segregação no Passo, propulsionadas pelo avanço da indústria imobiliária, na forma de condomínios de alto

padrão socioeconômico. Posicionado ao lado e, em parte, em cima do que denominamos Passo dos Negros, o condomínio Lagos de São Gonçalo vem se concretizando, em vias de expansão. Se, num primeiro enquadramento, era notável a função segregacionista de um muro verde, que separa universos de extremos opostos, em um segundo momento, ele se esconde nas sombras das mansões que o ultrapassam em tamanho e empoderamento.

Recentemente, outro empreendimento imobiliário tem ganhado destaque, não só no Passo, mas na cidade de Pelotas: o Parque Una. O projeto se consolida sob um discurso de modernização e "democratização" do espaço. "Um lugar que vai trazer para Pelotas os conceitos, inspirações e vivências do urbanismo global. O palco de uma vida mais moderna, segura, prática, leve e prazerosa." (Parque Una 2017). Sob a idealização de um novo estilo de vida, em espaços falsamente abertos, o Una vem investindo massivamente em marketing, em eventos de importância, como sua participação na Fenadoce e ainda sob a forma de entretenimento com food trucks e música. Concomitante à consolidação e divulgação desse projeto, o grupo de pescadores da comunidade tiveram suas moradias problematizadas pelo Estado, sob justificativa ambiental. Com data marcada para remoção, tenciona-se um conflito entre essas famílias, juntamente aos demais moradores e os empreendimentos que ameaçam diretamente as particularidades de seus modos de vida.

A constituição dessa comunidade esteve diretamente ligada à exploração e aos fenômenos das más condições de habitação. Paralelamente, e consequentemente, a esse histórico, se alimenta um sentimento coletivo de pertencimento ao lugar, ameaçado pelos projetos atuais que pretendem removê-los dali, por interesses capitais. Segundo fala realizada pelo prof. Sidney do LEUR, durante o Dia do Patrimônio, o objetivo do empreendimento é de aproximar o centro, o Shopping e os órgãos administrativos da cidade da "nova comunidade", além de incentivar o turismo e facilitar o acesso ao Laranjal, pois pretendem duplicar a Estrada do Passo dos Negros. Também existem informações que no engenho será realizado um empreendimento do setor hoteleiro com uma marina.

Durante a nossa exposição no Casarão 2, recebemos a visita da prefeita e questionamos sobre as soluções tomadas pela administração pública. Ela nos disse que quem fosse "pescador de verdade" ganharia um terreno próximo ao canal. Ao restante, é ofertado um terreno "nu" no bairro Getúlio Vargas, sem o mínimo de infraestrutura, ato este contrário ao Art. 6 do Plano Diretor que fala a respeito da política de ordenamento e desenvolvimento territorial do município e, mais especificamente, o princípio VII que "garante o direito à cidade, entendido como direito à terra urbanizada, à moradia, ao

saneamento ambiental, à infraestrutura, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer." Não há sociedade homogênea, portanto acreditamos que uma sociedade democrática se faz com os diálogos entre os diferentes grupos socioeconômicos, culturais, de diferentes etnias, onde o poder aquisitivo, ao menos, não interfira em seus direitos básicos, inclusos suas identidades e pertencimentos.

A comunidade tem cumprido com seu papel, se dispôs a dialogar e sujeitaram-se às análises como previsto no artigo 146 do Plano Diretor, porém a própria administração municipal vem agindo ilegalmente, não cumprindo com suas funções social e cultural. Questionamos também a ordem do MP em desocupar esta área, tendo em vista as outras dezenas de áreas ribeirinhas que estão ocupadas e as mais de 200 áreas urbanas com ocupações irregulares, em que residem mais de noventa mil pessoas, quase um terço da população total da cidade. Outro motivo importante é que as mansões que também estão situadas na Estrada do Engenho não constam no processo de autoria do MP.

3. RESULTADOS

As ações em conjunto com a comunidade resultaram, em 2017, em demandas diversas para a visibilização das lutas e memórias do Passo. Primeiramente, a audiência pública, que aconteceu em 04 de maio na plenária da câmara de vereadores, que contou com a presença de moradores que vivem ali, cujas histórias de vida estão enraizadas já por tanto tempo que não desejam mudar de residência; a participação de militantes de movimentos negros, professores e alunos do curso de antropologia, entre outros membros de diferentes frentes de luta e/ou pesquisa que reconhecem a importância social, política, histórica e cultural deste espaço. Também se fizeram presentes na audiência, sacerdotes das religiões de matriz africana que consideram o local sagrado para o seu culto, devido à importância histórica e religiosa desempenhada pelo Passo dos Negros e pelas figueiras centenárias, que ali constituem um elemento paisagístico sagrado, representando as árvores Baobás da África. Durante o evento, foi definido patrimônio, ressaltando que a materialidade não faz sentido sem a valorização das comunidades que possuem vínculos identitários com as referências culturais. A audiência pública resultou em reportagem de capa no Diário Popular, saiu em diversos sites e foi muito comentada nas redes sociais.

Também foram relevantes as ações voltadas a trazer as discussões e demandas do Passo para as comemorações do Dia do Patrimônio. As ações foram iniciadas com uma mesa de discussão denominada "Do Lado de Cá da Ponte: Nossas Histórias sobre

o Passo dos Negros". Participaram da mesa a coordenadora do projeto e as/os seguintes moradores: sr. Dirceu Moraes, sr. Alci Moraes, sr. José Camilo, sra. Marina Santos e o sr. Pedro. As falas foram voltadas para suas vivências, suas memórias, seus ascendentes e descendentes, sobre os mitos como o do negrinho do Engenho. Houveram também moradores falando sobre sua preocupação com o conflito que está acontecendo ali: "*Lembro da minha infância, de ir pra frente do Osório tomar Coca-Cola e andar de cavalo com meu pai. Lembro das tropas que passavam na frente da minha casa, era um movimento grande. É triste ver o que está acontecendo com o Engenho*". Toda a mesa redonda foi documentada em vídeo e divulgada nas mídias sociais com objetivo de ampliar o público e levar as discussões para outros grupos.

Entre 18 e 20 de agosto aconteceu a exposição Margens: diferentes formas de habitar Pelotas que apresentou cinco projetos de extensão sobre grupos diversos em processos de exclusão em Pelotas. O módulo do Passo dos Negros contou com um banner falando da história da localidade e demandas na atualidade, um grande mapa com imagens, fotos e recados em papéis deixados pelos visitantes, além do troféu e banner escolhidos pela comunidade. Também para o mesmo evento, a Secult organizou uma publicação para a qual escrevemos um artigo sobre o Passo dos Negros e a Ponte dos Dois Arcos foi retratada em um cartão postal. Ainda foi finalizado o dossiê de patrimonialização que será encaminhado ao IPHAN. Como a patrimonialização trata-se de um processo demorado, foi elaborado um documento para Ministério Público solicitando medida cautelar para a preservação das referências culturais citadas.

Também devemos ressaltar a participação em eventos acadêmicos como o "Velhos Acervos, Novos Atores" da museologia, apresentação de banner durante o Congresso nacional da SAB e o I Ciclo de oficinas de arqueologia da FURG. Além de uma dezena de apresentações inscritas no SIIEPE, já que em uma aproximação entre extensão e ensino, na disciplina Antropologia em Contexto de Conflitos, o Passo e suas demandas foram discutidos por diversos discentes.

4. AVALIAÇÃO

Tais ações têm sido fundamentais para a realização e participação em futuras atividades. O GEEUR está organizando um evento de mesas redondas previsto para novembro, onde estará presente o Passo dos Negros. Participaremos também da RAM / Argentina. Vamos acompanhar o processo de remoções, agendado para março. Como

resultados apontamos o estreitamento nos laços com outros grupos de estudos que atuam na região, com a comunidade do Passo dos Negros e, até mesmo, com outros grupos e comunidades que estão em processo de exclusão. Os resultados obtidos, assim como novos dados e novas narrativas, têm contribuído para o projeto, para a reformulação de estratégias e novos rumos.

5. REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana** [online]. 2015, vol.21, n.3, pp.483-498.

PARQUE UNA. Disponível em: <http://www.parqueunapelotas.com.br /site/parque-una/>. Acesso em: 12/10/2017.

III Plano Diretor de Pelotas. Prefeitura Municipal de Pelotas. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/III_plano_diretor/lei_iii_plano_diretor/arquivos/lei_5502.pdf>. Acesso em: 10/10/2017.

MENGUE, Angélica. Casarões do Centro Histórico apresentam os bairros de Pelotas. Acesso em: 10/10/2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Ática, 1995

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. Ed 34. Edusp, São Paulo, 2000.

ZERO QUATRO CINECLUBE

MATHEUS STRELOW SARAIVA[1]; GUSTAVO FERREIRA DE MENEZES[2]; RODRIGO ALVES ACEDO[3]; IVONETE PINTO[4] (orientadora)

[1]*Universidade Federal de Pelotas - strelowmatt@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – gufmenezes@gmail.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas - rodrigoaacedo@gmail.com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas – ivonetepinto02@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O trabalho a ser apresentado objetiva analisar o impacto da atividade do Cineclube, ministrado por discentes do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas, na comunidade pelotense.

Primeiramente, para melhor entender o fenômeno do cineclubismo, buscase contextualizar seu surgimento, que data do início do século 20, na Europa, sendo um dos primeiros e mais expressivos o CASA - Club des amis du septieme art, fundado pelo teórico Ricciotto Canudo, na França. A formação de novos cineastas é o que marca o desenvolvimento de cineclubes ao longo das décadas, porém mais importante é a reflexão promovida junto aos espectadores nestas exibições, em oposição ao mero entretenimento incentivado nos circuitos de distribuição principais. Basicamente, um resgate da cultura da pluralidade do cinema, do valor devido ao world cinema, uma expansão de horizontes.

No Brasil, o cineclubismo surgiu no final dos anos 20, no Rio de Janeiro, com o ChaplinClub, que além de exibir filmes internacionais de grande projeção artística, publicava a revista de análise cinematográfica O Fã. O movimento dos cineclubes alcançou tamanha expressão que em alguns anos, como relatado em “Quando Éramos Jovens” (a história do CCPOA - Clube de Cinema de Porto Alegre), quando havia mais candidatos a críticos do que espaço nos jornais. Partindo então especificamente para a história do CCPOA, é interessante notar como sua fundação, em 1948, dá-se em um momento de avanço cultural da cidade de Porto Alegre em relação aos grandes centros metropolitanos do País, visto que a crítica de cinema já era levada a sério no jornalismo gaúcho.

Com o intuito de regularizar e integrar os tantos clubes surgidos pelo Brasil, o Conselho Nacional de Cineclubes se estabeleceu na década de 60 e, após alguns anos

de desarticulação devido a diversos fatores políticos relacionados à produção audiovisual, ressurgiu em 2003.

A cidade de Pelotas, por muito tempo, viu-se diante de uma imposição de programações cinematográficas que priorizavam filmes exclusivamente comerciais, sendo em sua grande maioria produções estadunidenses elaboradas para o grande público, apenas visando o entretenimento massivo. Pelotas é uma cidade que reconhecidamente procura por conteúdo artístico e cultural, e então o Cineclube Zero Quatro procura estabelecer uma sintonia com este desejo e, ao mesmo tempo, com o interesse por filmes de maior visibilidade na mídia. Sob a administração de membros do corpo discente dos cursos de Cinema, o projeto teve início em 2010, ainda sob o título de Cineclube Zero Três, tendo suas atividades realizadas no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, localizado no centro da cidade de Pelotas. No ano seguinte o projeto migrou para o auditório do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, no bairro Porto, onde se manteve até 2014, quando o projeto foi entregue a um novo grupo de membros e passou a residir na sala de cinema digital da UFPel (o CineUFPel).

2. DESENVOLVIMENTO

Através da exibição filmes cujo circuito de exibição não alcançou a cidade ou são de difícil acesso ao espectador, o projeto promove debates pontuais sobre o conteúdo de cada obra, sejam aspectos técnicos ou políticos. Por se inserir no contexto da atualidade, com a alta do home video, a democratização do acesso às obras e a crescente disponibilidade de equipamentos de exibição audiovisual caseiros, espera-se do cineclube do século XXI uma diferenciação na experiência de assistir a um filme. Preza-se então por detalhes específicos do ritual de comparecer ao cinema, desde a proposição de um ambiente confortável a uma projeção de qualidade e sem interrupções. Porém o preceito principal do cineclubismo mantém-se inigualável: o convite à reflexão através dos debates. É importante ressaltar que o Zero Quatro se propõe a alcançar o público da cidade de Pelotas de maneira abrangente, sem elitismos, público este que deve ser atraído pelo interesse cultural e ao mesmo tempo instigando seu olhar a um novo ângulo.

No ano de 2017, o Cineclube realizou três mostras temáticas: 50 Anos; Novo Cinema Romeno; e Diretoras Francesas. O processo de curadoria se deu, primeiramente, pela identificação de temáticas relevantes ao cenário atual, tanto políticas quanto estéticas. A partir de então, se constróem associações entre títulos selecionados para exibição, de modo a elaborar uma linha de pensamento que permeie as sessões de cada ciclo.

A mostra 50 Anos, mais curta do que o normal, foi criada para preencher o curto período letivo remanescente no mês de março de 2017. Sucedendo a mostra Margens do Cinema Novo, na qual nos apropriamos de títulos brasileiros dos anos 60 para colocar a contemporaneidade nacional em perspectiva, a 50 Anos consistiu de três títulos do cinema mundial lançados no ano de 1966, com cinquenta anos recém-completos. Tratam-se de obras que frontalizam questões raciais e feministas, ainda urgentes meio século depois. O objetivo foi examinar como estes filmes ressoam sob a ótica atual, dada a contemporaneidade das temáticas abordadas, sempre em comparação à recepção inicial, evidenciando a história do cinema como constante processo de ressignificação e associação.

A mostra Novo Cinema Romeno procurou contextualizar uma escola cinematográfica em ebulição no cenário mundial. Filmes minimalistas, às vezes verborrágicos, e sempre preocupados com os processos sob quais o cidadão é submetido na sociedade moderna. Permeando obras de cinco dos grandes expoentes do cinema romeno contemporâneo, a mostra refletiu sobre a construção de uma identidade de nação através da arte e da adversidade, além de ilustrar as possibilidades que se abrem quando um conjunto de realizadores entra em consenso em relação a seus objetivos. Através das palestras introdutórias às sessões, estabelecemos um diálogo entre os filmes e a história sociopolítica recente do país, potencializando a compreensão das obras.

E, finalmente, no ciclo Diretoras Francesas, exploramos as perspectivas de realizadoras provindas da França, o berço do cinema, através de grandes obras de algumas das maiores expoentes do cinema moderno, mulheres capazes não só de se inserir na cena cinematográfica como também de desafiar e revolucionar a linguagem. A criação da mostra é uma espécie de continuação do trabalho realizado no ciclo Diretoras Latino-americanas, em 2016, que partiu de um dado levantado por um estudo publicado pelo Sundance Institute aponta que entre 2002 e 2012, dentre os filmes inscritos no festival de Sundance, 16,9% dos filmes classificados como “narrativos” foram dirigidos por mulheres (SMITH, PIEPER & CHOUEITI, 2014, p. 50). A programação então se pautou na seleção de grandes obras ficcionais realizadas por estas mulheres, evidenciando a maneira como suas perspectivas transparecem na construção cinematográfica, apontando para os horizontes ainda a ser desbravados pelo cinema moderno.

3. RESULTADOS

2017 foi o terceiro ano de atividade do Zero Quatro sob a direção atual e com sede na sala do Cine UFPel. Nos anos anteriores, após o levantamento de espectadores e a observação dos debates posteriores, constatou-se maior procura por filmes de grande expressão na mídia, de realização recente e/ou de origem estadunidense. Conscientemente não selecionamos nenhuma produção dos EUA, porém, como nota-se na tabela de espectadores, as produções recentes (e, de repercussão em festivais internacionais) não configuraram aumento de procura. Pelo contrário, neste ano, o Zero Quatro se estabeleceu em um número constante de espectadores recorrentes, fidelizados pela progressão sugerida pelas mostras. A relação de sessões segue abaixo:

A Negra de... (Ousmane Sembène, 1966) - 11/03, 8 espectadores
As Pequenas Margaridas (Vera Chytilová, 1966) - 18/03, 19 espectadores
A Religiosa (Jacques Rivette, 1966) - 25/03, 10 espectadores
Como Festejei o Fim do Mundo (Cătălin Mitulescu, 2006 - 03/06, 28 espectadores
*O Papel Será Azul (*Radu Muntean, 2006) - 17/06, 11 espectadores
Polícia, Adjetivo (Corneliu Porumboiu, 2009) - 24/06, 18 espectadores
Além das Montanhas (Cristian Mungiu, 2012) - 01/07, 22 espectadores
Sieranevada (Cristi Puiu, 2016) - 08/07, 16 espectadores
Cléo das 5 às 7 (Agnès Varda, 1962) - 22/07, 11 espectadores
Bom Trabalho (Claire Denis, 1999) - 29/07, 15 espectadores
*Para Minha Irmã (*Catherine Breillat, 2001) - 05/08, 14 espectadores
O Que Está Por Vir (Mia Hansen-Love, 2016) - 12/08, 15 espectadores

Com as novas tecnologias de streaming online, o acesso imediato a um grande número de produtos audiovisuais gera um conforto no público, que muitas vezes prefere não sair de casa uma vez que tem acesso a todo um inventário online. Com os preços das salas de cinema de circuito comercial duplicando entre os últimos dez anos no Brasil, a ida ao cinema (geralmente em família ou grupos de amigos) passa a representar um investimento para os brasileiros, que assim tornam-se mais seletos quanto ao filme que valha a pena justificar a ida, assim como a facilidade de acesso aos serviços online com enxutos acervos tornaram um “investimento” o ato de sair de casa e ir para os cineclubes, ainda que sejam ofertados gratuitamente.

O público do Zero Quatro em 2017, porém, consistiu de estudantes universitários, na faixa de 18-25 anos, e adultos, estima-se, maiores de 40 anos. Nosso principal canal de divulgação, a página no Facebook, tem dado lugar a uma presença maior na mídia impressa, o que pode justificar a alta em espectadores desta faixa etária. As discussões tornaram-se mais ricas pela fidelização desse público, ciente do conteúdo das demais sessões, não apenas levado ao Cine UFPel por um só filme. A baixa de público em relação a 2016 (nossa sessão de maior público segue sendo Carol, com 74 espectadores) representa uma ressignificação do papel do Zero Quatro em Pelotas, ou seja, a manutenção de um público fiel potencializa o teor educacional do Cineclube.

Além disso, com o trabalho recente da administração do Cine UFPel na exibição de filmes brasileiros recentes, o Zero Quatro passa a compartilhar a missão de disseminar este tipo de obra e, concomitantemente, adquire maior liberdade de explorar e contextualizar a história do cinema em diversas e inusitadas vertentes.

4. AVALIAÇÃO

Com base nas constatações obtidas neste ano, o Cineclube Zero Quatro renova seu compromisso com a valorização do cinema como arte, com a construção de espectadores atentos e reflexivos, e com o ofício político da expansão dos horizontes antes limitados pelas perspectivas unidimensionais perpetuadas ao longo da história, juntamente com o corpo discente dos cursos de Cinema da UFPel que organiza a programação do Cine UFPel e do Cineclube Cassiopeia.

Nosso próximo ciclo, a mostra Brasil 17, contará com longas de Mário Peixoto, Lima Barreto, Roberto Pires, José Mojica Marins, Gustavo Dahl, Rogério Sganzerla, Andrea Tonacci, Antunes Filho, Ana Carolina e Suzana Amaral. Ao longo de 10 semanas exibiremos uma série de obras que compõem a rica história do cinema brasileiro, estabelecendo um panorama das inúmeras possibilidades que nossa produção já explorou e como podem ressoar no cenário contemporâneo. O mais importante é notar que, apesar de extensa, a mostra compreende apenas a superfície do que a história do cinema brasileiro ainda pode oferecer, e convidaremos os espectadores a participar ativamente no resgate e reflexão dessas obras.

5. REFERÊNCIAS

AITKEN, Ian. **European Film Theory and Cinema: A Critical Introduction**. Edinburgo: Edinburgh University Press, 2001.

FOSTER, Gustavo. **Em 10 anos, preço do ingresso de cinema mais que dobrou em Porto Alegre.** Porto Alegre: Zero Hora Digital, 31 julho 2014. Acesso em 29 set 2017. Online. Disponível em: http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/07/em-10-anos-preco-do-ingressode-cinema-mais-que-dobrou-em-porto-alegre-4564318.html

LUNARDELLI, Fatimarlei. **Quando Éramos Jovens.** Porto Alegre: Ed. da Universidade e Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2000.

SMITH, Stacy L.; PIEPER, Katherine; CHOUEITI, Marc. **Exploring the barriers and opportunities for independent women filmmakers – Phase I and II.** Los Angeles: Sundance Institute, 2014. Acesso em 2 out 2017. Online. Disponível em: https://www.sundance.org/pdf/press-releases/Exploring-The-Barriers.pdf

XAVIER, Ismail. **Alegorias do subdesenvolvimento**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

XAVIER, Ismail. **Cinema Brasileiro Moderno.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001

CINE UFPEL E A TENTATIVA DE UM CINEMA DEMOCRÁTICO

MAURÍCIO VASSALI[1]; CINTIA LANGIE[2]; YADNI CABRAL[3]; ISABELA ROSSETTO[4]; LIÂNGELA C. XAVIER[5]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – mauriciovassali@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – cintialangie@gmail.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – yadni.svp@hotmail,com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas – isabelafr@gmail.com*
[5]*Universidade Federal de Pelotas – lanzacx@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

Concebido como um projeto de extensão na colaboração entre os cursos de Cinema da UFPel e da Coordenação de Arte e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), o Cine UFPel é hoje um órgão da Universidade. Trata-se de uma sala de cinema digital que programa sessões gratuitas com curadoria voltada especialmente para o cinema brasileiro e latino-americano, com acesso livre não só para a comunidade universitária, como também para todo o município de Pelotas e região.

A programação do Cine UFPel é pautada em três bases principais (ARAUJO, 2015). Uma delas, foco deste texto, é a promoção de sessões de estreias e reprises que visam dar espaço para filmes brasileiros em fase de lançamento, com as mais variadas temáticas. Tais filmes são, geralmente, de caráter independente e/ou com menor distribuição no circuito de cinemas comerciais. Além de incentivar a apreciação de um cinema cuja linguagem se diferencia daquela apresentada pelos grandes lançamentos, a intenção é também de promover o acesso do público a filmes que difícilmente chegam aos cinemas do interior. Mesmo em grandes centros, tais filmes permanecem por poucas semanas em cartaz, incapazes de competir com os títulos de grande publicidade. Assim sendo, o proceso de democratização que se propõe o Cine UFPel neste eixo segue por duas vias na tentativa de democratizar o cinema: se por um lado viabiliza o acesso para que o público possa apreciar o cinema brasileiro, por ter um caráter gratuito, por outro torna possível que tais filmes atinjam um público inacessado devido à distribuição comercial concentrada.

Outra base é o projeto Cine nas escolas, que leva estudantes da rede pública para assistirem e debaterem filmes brasileiros. O objetivo principal do projeto é o de formar público para o nosso cinema. No projeto, profesores e alunos elegem filmes a serem exibidos e criam pautas de discussão com os alunos, levando em consideração principalmente a faixa etária e as temáticas apropriadas para cada grupo de espectadores.

Por fim, há a atividade dos cineclubes, que têm programação e funcionamento independente, mas utilizam o espaço do Cine UFPel. Alguns destes, inclusive, são mais antigos que o própria sala e é necessário que se frise o seu pioneirismo em oferecer cinema gratuito em Pelotas (ARAUJO, 2015).

E ainda que haja uma ligeira evolução no cenário – entre 2014 e 2016 a participação de público do cinema brasileiro subiu de 12,2 para 16,5% segundo a ANCINE (2016) – iniciativas como a do Cine UFPel se mostram cada vez mais necessárias na busca pela democratização e difusão do cinema brasileiro.

2. DESENVOLVIMENTO

A programação de estreias e suas respectivas reprises no Cine UFPel é feita de maneira coletiva. Professores, bolsistas, voluntários, alunos e o público em geral sugerem títulos a serem exibidos. Uma pesquisa de lançamentos é feita mensalmente para levantamento de obras audiovisuais que possam integrar a programação do Cine UFPel.

Todas as estreias da sala são feitas sob autorização de realizadores e/ou distribuidores. O contato, feito principalmente pelos bolsistas, se dá através de e-mail, telefone e redes sociais para com os detentores dos direitos de exibição de cada um dos filmes. A partir do momento que são liberados, eles passam a ser disponibilizados por meio físico (DVD ou BluRay) ou em formatos digitais, enviados via e-mail ou por plataformas de *streaming*, como o Vimeo, para *download*.

A divulgação é feita via e-mail, com envio da programação semanal para o mailing de espectadores do Cine. Além disso, veículos da imprensa local são notificados através de releases. No Facebook, a programação mensal é divulgada no início de cada mês. Também são criados eventos e são feitos posts diários relacionados à programação.

Pouco antes do início de cada sessão é feita uma pequena apresentação das obras a serem exibidas e a divulgação das próximas sessões. Frequentemente, a sessão segue com a presença de debatedores convidados que comentam e refletem sobre as obras mostradas.

3. RESULTADOS

Até o momento da confecção deste trabalho, o número de novos filmes exibidos em 2017 no Cine UFPel através das estreias, do projeto Cinemas em Rede e outras sessões especiais foi de mais 40 títulos. Entre eles, destaques de público como "Espaço Além: Marina Abramovic e o Brasil", do diretor Marco Del Fiol, "Era o hotel Cambridge", de Eliane Caffé, e "A cidade onde envelheço", de Marília Rocha. Outros filmes de destaque no cinema brasileiro também tiveram sessões especiais, caso de "Nise – O coração da loucura", de Roberto Berliner, e "Martírio", do diretor Vincent Carelli.

Além das estreias de sextas-feiras, o Cine UFPel também foi espaço para eventos como a segunda edição da Mosta Resgate, uma mostra da Arqueologia e a tradicional exibição dos curtas produzidos pelos cursos de cinema da UFPel, que teve lotação máxima. Outros projetos integraram a programação, como a Calourada, o ciclo Fotografia com Pipoca e os cineclubes Zero Quatro e Cassiopéia. Sessões do Black Cine, Abraccine e Calvero também movimentaram o espaço. Ainda foi realizada uma mostra para formação de professores, a Mostra Cinema Brasileiro para Educadores, com exibição de filmes seguidos de debate sobre cinema, educação e as temáticas específicas de cada filme exibido.

Uma das mais importantes distribuidoras do cinema brasileiro no país, a Vitrine Filmes renovou seu compromisso com o Cine UFPel em disponibilizar trabalhos ainda em fase de exibição no circuito comercial para sessões gratuitas promovidas na sala. Também segue a parceria com a Taturana, plataforma de mobilização que disponibiliza produtos audiovisuais com temáticas socias, políticas e ambientais.

O Cine UFPel segue sob orientação das professoras Cintia Langie e Liângela Xavier, e seu funcionamento depende exclusivamente de bolsistas e voluntários dos cursos de cinema da universidade.

4. AVALIAÇÃO

É relativamente pequena a participaçao dos filmes nacionais dentro do mercado audiovisual e isso se deve, segundo Silva (2011), a uma série de fatores que envolvem desde temáticas e escolhas estéticas até o próprio formato de distribuição dos mesmos. Dentro do eixo da distribuição, é necessário perceber a hegemonia do cinema hollywoodiano que condiciona o público médio a um sistema mercadológico que impulsiona obras de narrativas tradicionais e grande publicidade, os *blockbusters*. E ainda que se produza

cada vez mais filmes no país, estes desempenhando papel relevante na economia, ainda é preciso que se vença a barreira da visibilidade. O cinema nacional é pouco visto pelos brasileiros.

Por isso, o Cine UFPel desempenha papel fundamental ao ir na contracorrente deste cinema. Ele possibilita o acesso do espectador a obras que não se querem apenas como produto comercial. São outros pensamentos, olhares e formatos que fazem parte de uma construção e de um entendimento da linguagem audiovisual. Se enquadra, assim, no que Deleuze (1997 apud LANGIE, 2015) chama de "circuito paralelo", espaço que coexiste ao sistema dominante e capitalista, mas que se propõe à apresentação de uma arte que se expresse por outros moldes e perspectivas. Ainda que eventualmente o Cine UFPel abra espaço para obras de maior divulgação ou de narrativas menos inventivas, é justamente sobre um cinema paralelo e de pouca visibilidade que a curadoria se debruça e abre espaço para sua exibição. Permite que as obras cheguem ao público e vice-versa, em uma tentativa de democratização do cinema brasileiro em via dupla.

Por fim, além deste papel, o Cine possibilita aos bolsistas e voluntários um contato prático com o sistema de distribuição e exibição de cinema. Seja ele em ordem técnica, pela operação da cabine e seus dispositivos (projetor, tela, mesa de som, microfones, etc), seja em ordem de logística. Esta última se dá tanto pela recepção de espectadores e tato na divulgação e recebimento do público na sala, quanto pelo contato com realizadores e distribuidores na busca pela autorização para exibições legais e de qualidade das obras audiovisuais. A sala, portanto, funciona também como um espaço que viabiliza a educação para o cinema em diferentes esferas do campo.

5. REFERÊNCIAS

ANCINE. **Anuário estatístico do cinema brasileiro 2016.** 2016. Acessado em 28 set. 2017. Online. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/publicacoes/pdf/anuario_2016.pdf

LANGIE, Cintia. As potencialidades estéticas e políticas do Cine UFPel. **Expressa Extensão**, Pelotas, v.20, n.2, p.117-129, 2015.

SILVA, João Guilherme B. Reis e. Assimetrias, dilemas e axiomas do cinema brasileiro nos anos 2000. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 916-932, 2011.

O ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL: CONSERVAÇÃO, HIGIENIZAÇÃO E DIGITAÇÃO

MIRIAM HELEM SOARES FERNANDES[1];
ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – helemfernandes@hotmail.com*
[2]*Aristeu Elisandro Machado Lopes – aristeuufpel@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

Tendo a documentação como base de referência da memória para perpetua-la por parte de pesquisadores e público em geral, este trabalho tem por objetivo apresentar o acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (DRT – RS), elencando o processo de higienização, conservação e preservação do mesmo. O acervo mencionado acima, encontra – se salvaguardado pelo Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas (NDH – UFPel). Integram este acervo as fichas espelho ou fichas de qualificação profissional da DRT – RS, que foram fundamentais para a criação da Carteira Professional e posteriormente colaborando na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), estabelecida e constituída pelo Governo de Getúlio Vargas no ano de 1932. “‘ “O trabalho em si está vinculado ao projeto de pesquisa “Traçando o Perfil do Trabalhador Gaúcho” e ao projeto de extensão” Acervo da Delegacia Regional do Rio Grande do Sul, Limpeza e Reorganização”.

As fichas são parte de uma estrutura de de identificação dos trabalhadores e padronização dos solicitantes no mercado de trabalho. Estas fichas eram preenchidas e identificadas com os dados do solicitante necessários para o processo de registro. Os dados que constam nas fichas tem referência com a identificação pessoal como: foto, nome pessoal e dos pais, data e cidade de nascimento e a impressão digital. Os dados antropométricos são; altura, cor dos olhos e cabelos, estados civis e escolaridade, nome da empresa e a função exercida, dados relacionados a beneficiários e informações especiais para os estrangeiros (Lopes, 2015).

2. DESENVOLVIMENTO

O acervo da DRT – RS foi recebido da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no ano de 2001, e até o momento encontra – se salvaguardado pelo Núcleo de

Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas (NDH – UFPEL). O acervo possui um número aproximado de 630.00 (seiscentos e trinta mil) fichas de qualificação profissional que correspondem ao s anos de 1933 a 1968. Considerando que estas fichas são de papel existe a necessidade de um manuseio metódico e acurado devido a sua fragilidade, pois o tempo, a luminosidade, a umidade e outros fatores podem alterar a cor do papel clareando – o, escurecendo-o e tornando - o também quebradiço.

A conservação e a restauração de acervos documentais, é uma área de conhecimento que dialoga com a Ciência da Informática pois através da mesma os bancos de dados são considerados bens detentores de informações histórico culturais importantes para as sociedades humanas. Esses bens são importantes fontes de pesquisa, pois é através da observação de suas características que se tem acesso ao conhecimento "in natura", ou seja sem ter sido processado. Foram digitalizadas aproximadamente 46.000 (quarenta e seis mil) fichas de qualificação profissional (Schimdt, 2013). Por meio do cruzamento de dados do banco digital, existe a possibilidade de levantamentos traçando o perfil dos trabalhadores registrados no mercado de trabalho formal no Rio Grande do Sul.

A salvaguarda de documentos é importante pois permite a recuperação da informação para que sejam transmitidas e acessadas por professores pesquisadores, alunos bolsistas e público em geral.

3. RESULTADOS

A higienização trata da eliminação mecânica de todas as sujidades que se encontram nos documentos e dos agentes considerados agressores, tais como: clipes oxidados, excrementos de insetos, os grampos metálicos, as poeiras e todos os elementos espúrios á estrutura física dos documentos. Para que o mesmo seja digitalizado no banco de dados para futuras pesquisas acadêmicas. O acervo está armazenado em caixas de polietileno, cada uma contendo aproximadamente doze livros e cada livro tem cinquenta fichas. No procedimento de higienização utiliza – se luvas de silicone e máscara descartável.

O processo de higienização é lento com movimentos na vertical de baixo para cima, na frente e no verso das fichas. Depois de limpa ficha por ficha elas são recolocadas sobre a capa da mesma em ordem decrescente do maior ao menor, exe.: 1840, 1839, 1838 sucessivamente. Após o livro ser higienizado, ele é colocado em um envelope de papel pardo, e armazenado em uma caixa devidamente higienizada. Os livros são catalogados por uma ficha escritos a mão e a lápis, contendo os dados respectivos

ao número da caixa, a série do livro, a declaração de cada ficha, a cidade e a data da Carteira Profissional.

A parte externa de cada caixa é catalogada com um número em sequência de armazenagem, para uma identificação facilitada. O processo de digitação das fichas de qualificação no banco de dados digital é feita por um digitador previamente treinado pelo supervisor, para ter uma adaptação aos métodos de análise de caligrafia e digitação destes dados de maneira efetiva e sem erros. Este processo de digitação é lento e minucioso por necessitar revisões imediatas dos dados ordenadamente nas fichas e no banco de dados. Depois de digitalizadas, fazer buscas por fichas com características específicas ou dados em comum no banco de dados digital será possível.

A digitação das fichas é inventariada digitalmente também para o controle e acompanhamento dos dados. Abaixo está anexada uma imagem do Banco de Dados Digital com o preenchimento dos dados constantes nas fichas. Todo esse processo de conservação e higienização realizado com as fichas da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul, serve ao atendimento ao público em geral. Dessa forma, as informações dos trabalhadores registrados no banco de dados auxiliam não apenas os pesquisadores da própria UFPEL como também outras instituições e pessoas interessadas em obter informações de parentes que podem ter tido os seus dados conservados nas fichas.

4. AVALIAÇÃO

Apresentar os processos de preservação, higienização e conservação do acervo da DRT – RS foram os objetivos deste trabalho. A preservação do acervo é de extrema importância para a manutenção e conservação do mesmo. Salvaguardar o acervo da DRT – RS é uma maneira de manter o Núcleo de Documentação Histórica da Universidade (NDH – UFPEL) em um constante processo de preservação e construção do conhecimento historiográfico (Bellotto, 2004).

5. REFERÊNCIAS

Banco de Dados do Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul.

Bellotto, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes:** tratamento documental. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV,, 2004.

Schmidt, M. O perfil profissional dos trabalhadores imigrantes de origem alemã que solicitaram a sua carteira Professional a partir do acervo da DRT – RS, 1933-1943. In: **Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional.** Passo Fundo, 2013. P.01 -04.

Lopes, Aristeu Elisandro Machado. História e memória dos trabalhadores no Rio Grande do Sul: O acervo da Delegacia Regional do Trabalho, 1933 – 1945. **Revista Memória em Rede.** Pelotas: PPGMP/UFPEL, v. 7, 2015, p.01.15.

EXPOSIÇÕES FAURB

MORGANA DIAS MESQUITA[1]; LAURA LOPES CEZAR[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – morgmesq@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas– arqcezar.14@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

Em um universo de diversas possibilidades dentro da arquitetura procura-se desenvolver um projeto, com enfoque na área de Artes Visuais, onde se possa organizar e difundir mostras de trabalhos dos alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

Dentro do tema escolhido busca-se a interação da comunidade acadêmica da Faculdade de Arquitetura interna e externamente, levando os conhecimentos adquiridos no curso para o ambiente externo a fim de comunicar, difundir e potencializar a visão do curso, dando ênfase à sua parte artística, que muitas vezes é sobreposta pela técnica. Objetiva-se, portanto, neste trabalho explicar o desenvolvimento do projeto de extensão vinculado, a forma a qual é feita tal difusão, bem como os meios utilizados, resultados obtidos e objetivos futuros.

Tendo em vista, a realização costumeira de mostras de trabalho pelo prédio sede do curso, realizada tanto por docentes quanto por discentes, notou-se a necessidade de uma organização e institucionalização dessas exposições, de modo que elas obedeçam padrões lógicos e artísticos de desenvolvimento e sejam periódicas e constantes.

Dentro dessas atividades percebeu-se a possibilidade de difusão do curso e dos trabalhos realizados, tanto dentro da Universidade, passando por vários cursos, quanto junto à comunidade, por meio de visitas a escolas públicas e levando exposições itinerantes a esses locais. Observou-se a necessidade da presença de temáticas que norteiem tais exposições, de modo que possam sempre acrescentar mais aos estudantes de arquitetura, bem como dos outros cursos superiores e colégio públicos da rede estadual e municipal.

A realização dessas exposições dar-se-á pela seleção de trabalhos realizados pelas disciplinas de Representação Gráfica, por meio da sua organização via banners e,outros meios gráficos e de design que visam o enfoque aos temas especificados para cada mostra realizada. Dessa forma, levando conhecimentos diferentes aos diversos meios

abrangidos pelo projeto e novas técnicas de design digital e gráfico a todos aqueles que participarem ou visitarem as exposições.

Durante o desenvolvimento do projeto os meios digitais utilizados e métodos de realização e planejamento dessas exposições fornecem aos alunos participantes, poderosas ferramentas gráficas de comunicação, favorecendo o desenvolvimento mais aprofundado do senso estético e instigando a criatividade.

Ao realizar tais mostras de trabalhos busca-se ainda uma valorização do curso junto à comunidade, através do conhecimento dos trabalhos realizados dentro do meio acadêmico e interação com o ambiente social. Acredita-se ainda, poder atingir comunidades carentes levando novos conhecimentos, curiosidades e instigando mais alunos da rede municipal e estadual à optarem pela carreira de Arquitetura e Urbanismo.

2. DESENVOLVIMENTO

O projeto prevê inicialmente a seleção de material gráfico das disciplinas de Expressão e Representação Gráfica por meio do acervo de trabalhos de alunos. Este acervo vem sendo formado desde 2010 e se configura como excelente material didático e de apoio às disciplinas e por sua organização tem facilitado a realização de exposições temáticas. Porém nem todo o material do acervo encontra-se digitalizado. Paralelamente a confecção dos banners para as exposições itinerantes serão realizadas exposições no interior da Faurb, das disciplinas de Expressão e Representação Gráfica bem como das disciplinas de Projeto Arquitetônico do primeiro ao terceiro semestre. Os banners têm como objetivo mostrar a evolução do conhecimento das técnicas gráficas bem como do conhecimento adquirido ao longo de três semestres, valorizando o estilo gráfico e liberdade criativa dos alunos. Os banners serão diagramados de modo que possam ser expostos em dupla, com o objetivo de facilitar o entendimento por meio dos visitantes ao aproximar diferentes temáticas de forma visual. O primeiro banner apresenta de forma visual a metodologia da primeira disciplina, que segue a metodologia consagrada da artista plástica norte americana Betty Edwards- "*Desenhando com o lado direito do cérebro*", quando os alunos entram em contato pela primeira vez com o desenho de observação na faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Iniciam desenhando objetos reais por meio de linhas, dominando a forma por meio do contorno dos objetos, posteriormente passam a representar as relações de figura e fundo para finalmente entrarem na representação do claro-escuro. O segundo banner apresenta trabalhos finais da primeira disciplina, am-

bientes internos, como o Mercado público e a Catedral de Pelotas e paisagem urbana, como a Praça Coronel Pedro Osório e detalhes arquitetônicos. O primeiro e o segundo banner além de compartirem o mesmo tipo de diagramação possuem como elo a técnica gráfica do claro-escuro por meio do lápis grafite 6B.

O terceiro banner apresenta trabalhos de alunos da disciplina de Expressão e Representação Gráfica do segundo semestre, que desenvolve a técnica mista com canetas hidrocor, lápis de cor e nanquim. A temática escolhida, para apresentar a diversidade da técnica desde croquis mais soltos a representações mais elaboradas, foi a obra do arquiteto norte americano Frank Lloyd Wright. O terceiro e o quarto banner têm como objetivo a representação de obras referenciais. O quarto banner apresenta diferentes estilos arquitetônicos, desde arquitetos modernistas a contemporâneos bem como diferentes modos de representação e técnicas. O quinto banner apresenta a técnica mista de desenho e *collage*. A palavra *collage*, de origem francesa, deriva do verbo *coller*; significa, literalmente colar. Mas a *collage* vai muito além da possibilidade de colar, justapor ou sobrepor imagens; segundo Fuão (2011), dá-se um encontro amoroso entre figuras recortadas, como se elas quisessem estar juntas, com o objetivo de criar novas mensagens. São, em realidade, expressões poéticas.

A *collage* consiste numa técnica artística que pode utilizar imagens fotográficas, fragmentos de textos e de papel para realizar uma composição na qual os fragmentos são descontextualizados e reorganizados de forma criativa, onde novos significados serão transmitidos e interpretados. Os trabalhos apresentados nesta temática vão desde a reinterpretação de obras paradigmáticas da arquitetura, colagens realizadas para a capa da pasta da disciplina, e a interpretação de textos sobre a idéia de favela. O último e, sexto banner apresenta como temática- representações híbridas, na qual são desenvolvidos trabalhos nos meios gráficos e infográficos, realizados a mão livre e manipulados no computador, criando uma representação contemporânea e que ao mesmo tempo busca se afastar da idéia de hiper realismo.

Serão selecionados os espaços de maior fluxo de estudantes da UFPEL para a realização das exposições itinerantes.

As escolas serão selecionadas por pertencerem ao município ou estado e, a partir da possibilidade de se realizar um contato direto com algumas turmas de alunos do ensino médio. O objetivo será o de estabelecer um encontro no qual serão apresentados os trabalhos expostos, respondendo a dúvidas e obtendo retorno dos estudantes sobre suas principais impressões a respeito da exposição e se a mesma gerou algum interesse em seguir a carreira de Arquitetura.

Cada exposição itinerante deverá ter duração de uma semana. Deverá ser criado um calendário das "Exposições Faurb" tanto para a operacionalidade do projeto de extensão como divulgação para a comunidade, por meio da radio da Universidade e página da UFPEL, entre outros meios de comunicação.

3. RESULTADOS

Até o presente momento foram realizadas as seguintes exposições na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: Aquarela cor e água, Frank Lloyd Wright- 150º aniversário, Exposição- Projeto de Arquitetura 3- Pavilhão Baronesa 2017/1.

A exposição Aquarela Cor e Água, foi divulgada pelo site da UFPEL e pela rádio da Universidade, contou com trabalhos de alunos realizados entre 2009 até 2013, período no qual a disciplina de Expressão e Representação Gráfica 3 era exclusivamente destinada a técnica da Aquarela. A exposição obteve uma ótima repercussão entre os alunos da Faculdade considerando que foi solicitado aos docentes da nova disciplina, o retorno do ensino da técnica de aquarela, sendo incluídos alguns exercícios sem prejudicar o cronograma de atividades previamente aprovadas no plano da disciplina. A exposição Frank Lloyd Wright, pela qualidade dos trabalhos apresentados, foi selecionada para participar da Exposição itinerante na forma de Banner.

A Exposição- Projeto de Arquitetura 3, está sendo realizada na FAURB e apresenta tanto maquetes de estudo como projetos selecionados de um Pavilhão de Exposições no Parque da Baronesa. O projeto das Exposições Faurb, faz com que as disciplinas iniciais de Projeto se sintam motivadas a desenvolver a diagramação e comunicação visual de forma criativa e expressiva e ao mesmo tempo buscam estabelecer certas diretrizes com o objetivo de criar unidade dos diversos painéis ao serem expostos.

Os banners 1 e 2, para as exposições itinerantes já foram realizados e os demais encontram-se em fase de criação. Porém quase todas as imagens que serão utilizadas encontram-se digitalizadas.

4. AVALIAÇÃO

A realização das exposições tem propiciado aos ambientes em que são apresentadas uma experiência diferenciada, onde se pode perceber a arquitetura como expressão

artística através da compreensão dos trabalhos realizados pelos alunos. Além de criar ambientes mais confortáveis e visualmente agradáveis, embelezando os locais em que se encontram e ao mesmo tempo ajudam a criar um senso crítico no expectador. Os alunos participantes, com trabalhos expostos ou apreciando as exposições, sentem-se valorizados e valorizam ainda mais a profissão de arquiteto, além da possibilidade de compreensão artística das técnicas desenvolvidas dentro da própria universidade. Tal compreensão permite uma abordagem arquitetônica diferente aos acadêmicos de arquitetura, que passam a enxergar a expressão artística presente em seus trabalhos de projetos, fazendo com que os desenvolvam com mais afinco.

Expor os trabalhos permite o desenvolvimento da auto-estima profissional dos alunos, de maneira que se sintam orgulhosos da profissão a qual estudam e dos projetos que realizam dentro da academia, sentindo-se reconhecidos e vistos pelo ambiente acadêmico e pela sociedade como um todo. A existência desse sentimento faz com que se potencialize a arte presente em praticamente todos os âmbitos da arquitetura e as disciplinas relativas a essa área, de forma que os alunos possam se dedicar mais e sintam-se incentivados a participar de exposições acadêmicas.

As exposições realizadas nas diferentes áreas da Universidade e da sociedade trazem benefícios à cultura e à valorização da profissão de arquiteto. Espera-se que com as exposições itinerantes em escolas públicas ocorra uma difusão expressiva sobre o papel da Representação Gráfica no ensino de Arquitetura, e que incentive novos aspirantes a carreira de Arquitetura e Urbanismo. Conhecer e conviver com a arte são fatores cruciais para o desenvolvimento da cultura de um povo e acredita-se que o projeto de extensão

"Exposições – FAURB" possa contribuir nesse sentido.

5. REFERÊNCIAS

CHING, F. D. K.; JUROSZEK, S. P. **Representação gráfica para desenho e projeto.** Barcelona: Gustavo Gili,1999.

CLAZIE, I. **Cómo crear un portfolio digital.** Barcelona: Gustavo Gili., 2011.

DOYLE, M. E. **Desenho a cores: técnicas de desenho de projeto para arquitetos, paisagistas e designers de interiores.** Porto Alegre: Bookman, 2002.

EDWARDS, B. **Desenhando com o lado direito do cérebro.** 4º Edição. São Paulo: Ediouro, 2007.

FUÃO, F. A **Collage como trajetória amorosa.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011.

LEGGITT, J. **Desenho de arquitetura: técnicas e atalhos que usam tecnologia.** Porto Alegre: Bookman; 2004.

LINTON, H. **Diseño de Portfolios**. Barcelona:Gustavo Gili, 2000.

LUPTON, E.; PHILLIPS, J. **Novos Fundamentos do Design.** Segunda Edição, Revista e Ampliada. São Paulo: Cosac Naify,2015

SISTEMA DE PRODUÇÃO DA SÉRIE ANIMADA SALADA MISTA

MURILO DA COSTA JARDIM[1]; ORIENTADOR: ANDRÉ MACEDO[2]

[1]*Centro de Artes – UFPel – murilojardim83@gmail.com*
[2]*Centro de Artes – UFPel – andremace@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido durante o segundo semestre do ano 2016 no projeto de extensão 'Núcleo de Desenho e Quadrinhos' coordenado pelo professor André Macedo. Esta proposta específica englobou o cinema de animação, linguagem essa que mantém estreita relação com o desenho e os quadrinhos. Deste modo, foi produzido um capítulo de aproximadamente um minuto para a série animada Salada Mista desenvolvida pela empresa júnior TV LINC, visando estabelecer um sistema de produção em escala que será usado como padrão para a realização dos outros episódios. Esta série é desenvolvida por alunos da UFPel e comunidade externa, coordenados pelo professor André Macedo.

Os objetivos do projeto são a inclusão e democratização da produção de filmes em animação, independentemente de mão de obra especializada e com apelo de demandas coletivas. Assim, este sistema de produção será organizado de modo a possibilitar a participação da comunidade escolar do ensino médio através das oficinas abertas (cursos).

A proposta deste texto é apresentar este sistema de produção desenvolvido, expondo as etapas desde a pré-produção do vídeo até sua finalização e demonstrando a demanda de mão de obra necessária para a produção deste tipo de material, culminando na criação das oficinas específicas.

2. DESENVOLVIMENTO

A série animada Salada Mista é uma criação original do professor André Macedo e tem como abordagem principal as diferenças entre os indíviduos, metaforicamente caracterizada com o fato de cada personagem ser representado por um alimento vegetal distinto representados de modo antropomórfico. A série será produzida na técnica 2D cut-out (também conhecida como animação vetorial) e cada episódio é previsto para

aproximadamente um minuto de duração. Os roteiros são criados usando um tom jocoso, de modo que traz leveza ao tema enquanto transmite suas mensagens.

A próxima etapa após a finalização do roteiro é a gravação da locução, feita no estúdio da própria Universidade onde acontece outro projeto criado pelo professor André Macedo, o 'Cinema Vocal'. Nesta fase são selecionados os Atores Vocais que farão as vozes dos personagens dirigidos pelo Diretor de Atores. É importante que as locuções sejam gravadas antes dos desenhos serem feitos pois é nesta fase que se definem as entonações, sendo os atores dirigidos de modo a enfatizar suas falas adequadamente. Isso dará a diretriz para uma futura etapa onde os desenhistas criarão as expressões gestuais dos personagens de acordo com as atuações vocais.

Enquanto as locuções são gravadas, o Artista de Stoyboard está trabalhando nesta outra etapa em paralelo (criação de storyboard), pois essa não depende das locuções uma vez que aqui são definidos os enquadramentos, cortes de planos e movimentos de câmera, ainda sem primar pela performance gestual dos personagens. A importância desta fase é que ela irá guiar todo o resto do trabalho visual, desde as quantidades de desenhos que serão necessários até os ângulos em que os personagens e cenários devem ser desenhados, criando assim a possibilidade de avaliar os reaproveitamentos que poderão ser feitos de um plano para o outro, sendo então possível fazer um planejamento de modo a economizar trabalho e agilizar no processo de produção.

Ainda em paralelo com as etapas de gravação da locução e desenho de storyboard, os Designers de Personagem estarão produzindo os model sheets dos personagens. Nesta etapa os personagens são definidos em suas proporções sendo finalizados em pelo menos quatro posições básicas: frente, perfil, semi-perfil e costas. Suas cores também são definidas nesta etapa.

A partir das locuções gravadas, do storyborad e dos model sheets os Designers de Animação irão fazer os planos de animação, nos quais são definidas detalhadamente as expressões gestuais e faciais de cada personagem de acordo com suas falas e reações previstas no roteiro. Estes desenhos já são feitos respeitando os ângulos definidos no storyboard e aqui o Designer usará como base alguns princípios da animação como encenação, exagero, silhuetas e desenhos volumétricos, todos detalhadamente apresentados no livro The Illusion of Life, de Frank Thomas e Ollie Johnston.

Uma vez definido o plano de animação os Desenhistas de Animação irão desenhar os personagens (a mão livre) prevendo os encaixes de suas peças e suas variações como mãos abertas e fechadas (entre outras) e suas bocas (incluindo o lip sinc, que são os movimentos da boca acompanhando as sílabas). Nesta etapa também são desenhados

os cenários. Em cima dos desenhos a mão livre os Modeladores Vetoriais irão refazê-los em software de vetorização, produzindo então as peças finais para a animação, tanto dos personagens como dos cenários.

Com os desenhos vetorizados os Animadores irão finalmente colocar os movimentos nos personagens (trabalhando em software) de acordo com o storyboard e o plano de animação, assim como fazer a sincronia das bocas com suas devidas locuções. Os Animadores podem se guiar pelos conceitos indicados no livro Manual de Animação, de Richard Williams, assim como os princípios já citados do livro The Illusion of Life. Também nesta fase o próprio Animador ou um Editor Final já farão as composições dos personagens com os cenários em seus respectivos planos, estruturando as cenas e ajustando os cortes nos tempos adequados.

3. RESULTADOS

A realização deste capítulo da série animada Salada Mista possibilitou, a partir da experimantação, que fossem definidas as etapas de produção para que seja criado um sistema ágil e que facilite a determinação de um cronograma de produção plausível. Além de definir as etapas do sistema de produção, foram observados também os papéis a serem desempenhados pela equipe, gerando assim as oficinas específicas para a capacitação de mão de obra.

Com isso podemos listar as etapas do sistema de produção desenvolvido, assim como seus respectivos responsáveis:

1. Roteiro - Roteirista
2. Locução - Diretor de Atores e Atores Vocais
3. Model Sheet - Designer de Personagem
4. Storyboard - Desenhista de Storyboard
5. Plano de Animação - Designers de Animação
6. Desenho para Animação - Desenhistas
7. Vetorização - Modeladores Vetoriais
8. Animação - Animador
9. Edição Final - Editor

A partir destas etapas definidas, foram criadas as seguintes oficinas capacitadoras:

Curso de Desenhista para Animação

Curso de Modelador Vetorial

Curso de Ator Vocal

Curso de Animador em After Effects (software específico)

Curso de Animador em Toon Boom (software específico)

Curso de Animador em Moho (software específico)

Curso de Designer de Animação

Curso de Artista de Storyboard

Curso de Editor de Vídeo

4. AVALIAÇÃO

O projeto ainda está nas suas etapas iniciais, o que carateriza sua abrangência, perante a comunidade local, como progressiva, devendo estender-se ao longo de dois anos com uma capacidade de influência em toda a rede escolar do município de Pelotas. Até o momento, algumas das oficinas foram realizadas em âmbito interno com os estudantes da UFPel a nível de teste, sendo então selecionados alguns dos participantes das oficinas para que participem da produção de um novo episódio, que está em andamento. Alguns detalhes do sistema de produçao estão sendo ajustados nesta fase de teste, e o próximo passo após o término deste episódio é a implementação das oficinas que serão ofertadas na rede escolar municipal. Assim, consideram-se positivos os resultados até aqui obtidos.

5. REFERÊNCIAS

JOHNSTON, Ollie; THOMAS, Frank. **The Illusion of Life:** Disney animation. New York: Abbeville Press, 1981.

WILLIAMS, Richard. **Manual de Animação.** São Paulo: SENAC SP, 2016.

REDE PHI COMO FERRAMENTA DE APOIO ACADÊMICO: APLICAÇÃO NO ENSINO DE PATRIMÔNIO CULTURAL NOS CURSOS DE ARQUITETURA E URBANISMO

NATÁLIA FAVERO[1]; ALINE MONTAGNA DA SILVEIRA[2]; ANA LÚCIA COSTA DE OLIVEIRA[3]

[1]Bolsista PROBEC. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UFPEL – nataliaffavero@gmail.com
[2]Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira (NEAB). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo FAUrb-UFPEL – alinemontagna@yahoo.com.br
[3]Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira (NEAB). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo FAUrb-UFPEL – lucostoli@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

A Rede PHI (Rede Patrimônio Histórico + Cultural Ibero-americano) se constitui como um sistema online inovador pela criação de uma plataforma permanentemente atualizada que permite um maior conhecimento estratégico do patrimônio através da inserção de trabalhos acadêmicos desenvolvidos nos âmbitos da preservação histórica e revitalização. Concebida no ano de 2010, na Espanha, e sediada pela Universidade Politécnica de Madrid, a rede abrange atualmente mais de 50 universidades, englobando três continentes: América, África e Europa (Figura 1). Assim, temos como membros os países: México, Guatemala, Belize, Perú, Venezuela, Colômbia, Chile, Argentina, Uruguai, Brasil, Cabo Verde, Portugal e Espanha, conforme (ACTA RED PHI, 2015, p.4). No Brasil, as universidades que integram esse sistema são: Universidade Federal de Minas Gerais (coordenadora nacional do programa), Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Universidade Federal de Pelotas, esta última, desde 2013.

Figura 1- Localizador dos trabalhos inseridos na Rede PHI (Visualizador Cartográfico).

Fonte: Manual do usuário da Rede PHI. Disponível em: http://phi.aq.upm.es/geovisor/geovisor.php?lang=PT. Acessado em 30 de set de 2017.

O principal objetivo da rede é fomentar o conhecimento para a conservação do patrimônio arquitetônico e paisagístico dos países-membros através da difusão internacional das melhores propostas de intervenção elaboradas nas instituições acadêmicas, que representam as discussões surgidas nesse campo acerca do tema das intervenções patrimoniais. Deste modo, afirma-se a importância de tal ferramenta no contexto de cidades de caráter histórico, cuja demanda por projetos dessa natureza é elevada e as discussões acadêmicas relativas ao tema devem ser aprofundadas. No livro "O Patrimônio em processo, a importância coletiva dos bens culturais é ressaltado:

A idéia de posse coletiva como parte do exercício da cidadania inspirou a utilização do termo patrimônio para designar o conjunto de bens de valor cultural que passaram a ser propriedade da nação, ou seja, do conjunto de todos os cidadãos (FONSECA, 2005, p.58).

Além da importância no que concerne a melhoria das práticas projetuais na área da preservação para arquitetos e estudantes, a rede busca a elaboração de um tesauro para unificar definições de termos ligados ao patrimônio nesses países cujas línguas predominantes são o português e o espanhol.

Tendo em vista o potencial do caráter acessível da rede, o trabalho elaborado busca estimular a produção acadêmica na temática da Preservação do Patrimônio através da inserção de projetos elaborados na academia, além de dar maior visibilidade à Universidade Federal de Pelotas e à relevância das ações aqui desenvolvidas.

2. DESENVOLVIMENTO

O trabalho foi pensado em três etapas (divulgação, seleção de trabalhos e catalogação dos trabalhos selecionados na rede).

A divulgação da rede para os alunos matriculados no Trabalho Final de Graduação e dos programas de Pós-Graduação em arquitetura e urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel que elaboram pesquisas e projetos de extensão na área de revitalização do patrimônio foi pensada para que se desenvolva através de uma conversa introdutória com o objetivo de explanar a respeito das características da rede, bem como sua organização e apresentação da interface (Figura 2).

Figura 2 – Interface Rede PHI

Fonte: Rede PHI. Disponível em: https://phi.aq.upm.es/static/index.html. Acessado em 28 de set de 2017.

A posterior seleção dos trabalhos é feita através de análise dos mesmos por discentes com vasta experiência no tema, sendo que os projetos com maior relevância na área são escolhidos para serem postados na rede. A partir de então, é estabelecido contato entre bolsista e autor do projeto, para que o último forneça o material necessário. Para tanto, é enviada ao autor uma ficha com as informações necessárias ao procedimento de envio do trabalho para a plataforma PHI (Figura 3).

Figura 3 – Ficha

Fonte: Acervo pessoal

Após esse procedimento, os dados básicos, de diagnóstico e proposta são inseridos na rede, bem como as peças gráficas geradas no âmbito projetual. Com isso, o projeto de maneira integral fica disponível para ser acessado de qualquer lugar do mundo dentro da catalogação da Rede PHI.

3. RESULTADOS

Desde o ano de 2013, em que a Universidade Federal de Pelotas integra a Rede PHI, sete trabalhos foram inseridos na plataforma, três deles contemplam o município Santa Teresa (Valorização da Paisagem Urbana de Santa Teresa, Rio Grande do Sul;

Valorização da Paisagem Urbana de Santa Teresa, Rio Grande do Sul: intervenção paisagística na orla do rio Taquari e na praça Maximiliano Cremonese; Valorização da Paisagem Urbana de Santa Teresa: intervenção colorística da cidade). Um que abrange o município de Pelotas (Friches industriais pelotenses, conhecer para preservar – o caso da Laneira Brasileira S.A.). E dois que compreendem a cidade de São Lourenço do Sul (Centro Cultural e Gastronômico Jacob Rheingantz, São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil e Patrimônio Cultural Arquitetônico da área urbana de São Lourenço do Sul). Alguns dos trabalhos inseridos na plataforma são exemplificados na figura 4.

Figura 4 - Trabalhos da Universidade Federal de Pelotas no catálogo da Rede PHI.

Fonte: Rede PHI. Disponível em: https://phi.aq.upm.es/static/visor.html?id=546. Acessado em 28 set 2017.

Nesse contexto, pode-se destacar o crescente interesse discente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas em desenvolver trabalhos com as temáticas ligadas à requalificação de áreas de importância patrimonial. Atualmente, três novos trabalhos estão em processo de catalogação.

Além disso, o trabalho “Centro Cultural e Gastronômico Jacob Rheingantz, São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil”, da autora Geovanna Schneid concorre à seleção em âmbito nacional para ser indicado ao prêmio de melhor trabalho de graduação no âmbito da intervenção patrimonial catalogado até então na rede internacional.

4. AVALIAÇÃO

Tendo em vista a pertinência da preservação e intervenção do patrimônio histórico e cultural, não apenas no âmbito da arquitetura e do urbanismo, como em um âmbito global e coletivo, a atuação no plano da Rede Patrimônio Histórico + Cultural Ibero-americano, com o incentivo ao desenvolvimento de projetos nesta temática é de representativa magnitude, decorrência que pôde ser observada através do aumento do interesse dos alunos em participar do projeto. Além disso, a Rede PHI é um instrumento de auxílio aos

docentes da FAURB e do PROGRAU no ensino de técnicas projetuais de intervenção através da análise e reflexão de outros projetos. Estuda-se também a possibilidade da criação de um grupo de estudos na FAUrb, que possa contribuir ainda mais para a formação dos estudantes, através da análise dos projetos inseridos na Rede PHI.

5. REFERÊNCIAS

Rede PHI. **Manual do usuário**. Acessado em 28 set. 2017. Online. Disponível em: <https://phi.aq.upm.es/site_media/media/files/Plataforma_PHI-Guia_de_uso-es.pdf/> Acesso em: 30 set. 2017.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo**. Rio de Janeiro; UFRJ Editora; 2005.

Acta de XI Reunión de la RED PHI, Centro Cultural de la PUCP, Perú, octubre de 2015.

EXPOSIÇÃO MARGENS: DIFERENTES FORMAS DE HABITAR PELOTAS - ALGUMAS REFLEXÕES

PATRÍCIA SANTOS DA ROSA[1]; LOUISE PRADO ALFONSO[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – psantosdarosa@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas - louise_alfonso@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

O Seguinte trabalho foi desenvolvido durante uma exposição realizada pela equipe do Projeto de Pesquisa intitulado Margens – Grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotascom o objetivo de apresentar os resultados de avaliação da exposição.Esta aconteceu no âmbito da quinta edição do Dia do Patrimônio na cidade de Pelotas, que teve como temática Territórios Daqui: Identidades e Pertencimento. O eventoocorreu no período de 18, 19 e 20 de agostode 2017. O Dia do Patrimônio apresenta diferentes atividades como exposições, manifestações artísticas, entre outras atividades que acontecem em diversos locais da cidade, em especial nos casarões tombados como Patrimôniono centro da cidade de Pelotas. A exposição em apreçoaconteceu na Casa 2 – Centro Cultural Adail Bento Costa, na sala Iná D'Ávila, localizado na Praça Coronel Pedro Osório, no Centro Histórico.

O Projeto de Pesquisa Margens abrange diversos projetos de extensão desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos – GEEUR, do Curso de Antropologia da UFPel, sendo estes: Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas, Mapeando a Noite: o universo travesti, Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para antropólogas/os em formação, História e cultura Afro indígena na escola e O trabalho doméstico entre o passado e o presente.Todos os projetos de extensão trabalham temas como:exclusão, territorialidade, formas de habitar a cidade, identidade e pertencimento.

A exposição contou com um módulo de cada projeto. O primeiro reconstituiu uma terreira com roupas e objetos representativos de casas de religião de matriz africana. O segundo trouxe trabalhos realizados por alunos da Escola Municipal Deogar Soares no âmbito do curso de formação sobre história e cultura Afro indígena.O terceiro módulo apresentou demandas das trabalhadoras domésticas por meio dematerias e objetos de limpeza e a reprodução de uma carteira de trabalho representando a luta trabalhista da categoria.O módulo seguinte trouxe roupas, maquiagens, perucas, sapatos, espelhos e

banners representando travestis que faleceram nos últimos anos na cidade, destacando a luta de lideranças contra a homofobia. O módulo do Passo dos Negros foi composto por um troféu do Osório Futebol Clube selecionado pela própria comunidade, um mapa da região do Passo dos Negros, fotos da localidade e narrativas de moradoras/es. A exposição contava ainda com um painel interativo para que as pessoas participassem da concepção da exposição ao responder perguntas sobre o habitar a cidade.Todos os módulos apresentavam banners com questionamentos que procuravam propiciar reflexões das/os visitantes sobre as temáticas trabalhadas. Mais de vinte mediadores de diferentes cursos da UPEL buscaram conversar e debater as temáticas com as/os visitantes.

Considerando a importância da avaliação de exposições, efetuamos o acompanhamento das visitações com a preocupação de saber quais seriam as impressões das pessoas sobre a exposição, como estas se apropriaram dos debates propostos e se a forma como os módulos foram organizados atenderam as expectativas do público. Cury (2009: 275) ao abordara pesquisa em museus, nos fala sobre a importância das avaliações das expografias,pois “aavaliação alimenta, ajusta, adequa, corrige, faz o sistema andar em direção aos objetivos traçados e aos propósitos [...]” desejados. Os resultados são importantes para, em posse destas informações, avaliarmos em conjunto as atividades e organizarmos o planejamento de ações de continuidade do projeto junto à comunidade. A autora aindaressalta,que “Planejamento é pensar e agir, sendo que a avaliação move o processonos limites definidos pela equipe de profissionais e cria uma consciência sobreo processo e a tomada de decisão”(2009: 275).

2. DESENVOLVIMENTO

Enquanto ocorria dentro do Casarão a Exposição, me posicionei nas tardes dos dias 19 e 20 de outubro, estrategicamente, próximo à saída dos fundos do prédio que dava para um jardim, onde as pessoas passariam para poder visita-lo. O jardim tratava-se de um lugar propício para sentar, tirar fotos, as crianças brincarem e, também, tratava-se de lugar de passagem para os próximos dois salões, onde haviam outras exposições.

De posse de uma caneta e a famosa caderneta da/o antropóloga/o para anotações, abordava as pessoas e perguntava o que elas haviam achado da exposição e o que havia chamado mais sua atenção. Expliquei a elas que participava do grupo e que querí-

amos saber a opinião das pessoas sobre a ação.Algumas de imediato verbalizaram que a avaliação seria algo muito bom, já que possibilitariaum feedback do nosso trabalho.

3. RESULTADOS

Em geral, pude notar que as expressões mais usadas pelas/os visitantes foram: Legal, interessante, gostei. O que de imediato já demonstra que a exposição acessou as/os visitantes. O público alvo contou com turistas, docentes e discentes de escolas de Pelotas e região, grupos religiosos e comunidade em geral. A presença de atuais e ex alunos de universidades também foi frequente. Uma ex aluna do curso de museologia da UFPEL fez uma comparação entre o evento no ano de 2016 e o evento de 2017, ressaltando que está "ótimo, mais legal esse ano." Tal afirmação pode demonstrar que houve um maior reconhecimento da visitante quanto às temáticas trabalhadas em 2017 pelo evento.

Uma professora do município, que também trabalha com turismo em Pelotas, mencionou que o que motivou sua ida à exposição foi ver como esta poderia trazer dados e ideias para o seu trabalho em sala de aula. Cabe aqui ressaltar o papel educativo das exposições e as possibilidades destas serem ferramentas pedagógicas para o trabalho em sala de aula.

Embora todos os projetos tenham sido mencionados durante a pesquisa, o Projeto sobre o Passo dos Negros foi o mais destacado pelas/os visitantes. Acredito que um dos motivos para tal destaque seja a identificação das pessoas com o local. Como exemplo citouma senhora quemencionou ter se criado na Chácara da Brigada.Outras duas pessoas mencionaram morar próximo ao Passo. Outro senhor contou que a avó tinha terras ao lado do Engenho e que seu tio comprava e vendia peixes ali na peixaria, pois tinha banca no mercado público.Outro elementoressaltado por uma senhora, foi quanto ao Passo dos Negros ter uma paisagem de uma região rurale estar na cidade: "o urbano e o rural dentro da cidade, interessante".

As/os Visitantes também mencionaram as reportagens que saíram no Diário Popularsobre a preservação do local e a questão dos empreendimentos que estão ali se instalando.Duas senhoras mencionaram a escritora Zênia De Leon e o seu texto sobre o Passo dos Negros e a conservação da ponte construída pelos escravos, uma me perguntou o que eu achava: "Tem empreendimento mesmo?" Respondi que sim e completou: "Temos que lutar".O Passo dos Negros representa um local de valorização e resis-

tência da cultura negra na cidade. Consideramos que estas falas apresentam resultados de outras ações do Projeto de extensão que geraram uma das reportagens no jornal, a avaliação da exposição assim, possibilitou evidenciar que as ações do projeto estão acessando a comunidade mais ampla, não acadêmica. Destacamos assim que o projeto está cumprindo seu papel enquanto extensão universitária.

Sobre o módulo relacionado às casas de religiões de Matriz Africana,foi destacado o trabalho social voltado para crianças que é desenvolvido por algumas casas, como a ajuda psicológica e aulas de reforço escolar.As vestimentas apresentadas na exposição chamaram atenção. Um casal negro mencionou que gostou de ver esse módulo logo na entrada, pois “Nota-se né?”

O módulo referente ao trabalho doméstico propiciou identificação com a profissão. Várias foram as falas de crianças sobre conhecerem trabalhadoras e uma entrevistada disse que foi trabalhadora doméstica por dez anos. O projeto Mapeando a Noite gerou reflexões sobre preconceito e luta contra a homofobia.Destacaram a homenagem às travestis que faleceram nos últimos anos e a importância das denúncias. Pode-se notar que ambos os projetos foram os menos mencionados e comentados diretamente.Acredito que isto represente a maior resistência aos assuntos, não concordância ou dificuldade das pessoas em abordá-los.A fala “Travesti assunto que pouca gente aborda”, demonstra a importância das temáticas serem abordadas nestes eventos.

A exposição dos trabalhos realizados pelas escolas sobre cultura afro indígena chamou muita atenção das crianças, as máscaras, as bonequinhasabayomis e uma reconstituição de uma pelota foram mencionadas pelas crianças. Os adultos mencionaram sobre a beleza das máscaras, uma visitante, inclusive,destacou que o material é feito de sementes, que em casa ela "bota fora".Duas senhoras comentaram estarem surpresas com a presença dos trabalhos escolares. Uma professora do município relatou que para ela, o que chamou atenção é que em um outro casarão estava presente a Escola Mário Quintana. “Aqui é nosso”. Diferentes escolas estão preocupadas em trabalhar.” Cabe ainda destacar que a exposição teve ampla divulgação na mídia e que este módulo foi aquele escolhido pelas diferentes jornalistas como fundo para as entrevistas. Provavelmente, por ser temática menos polêmica.

Ressaltaram ainda a importância de se falar sobre os povos africanos, sua história e suas influências. Destacaram que a cultura negra é pouco visibilizada, pois sempre a história enfocou o europeu ou trouxe os negros como escravos. Falaram das transformações destas narrativas serem de fundamental importância, pois a comunidade negra está"às margens da sociedade, me chocou. Quando fico sabendo, fico chocada”. Uma

senhora relatou que seu filho adolescente disse que não iria ao casarão, dizendo “Não vou ver, foi construído pelo sangue negro”. Um grupo debateu sobre a escravidão que "continua, não é escravidão, mas é desrespeito ao trabalho”.

É interessante ressaltar que a expressão “positivação” foi mencionada em mais de uma vez, referente aos negros e outra num sentido geral. No sentido de empoderamento e valorização, “positivando pessoas para serem reconhecidas para não sofrerem tanto preconceito”; “os assuntos bem variados e explorados, valorizam pessoas, seu contexto e sua cultura” ou “valorização dos invisibilizados, dos grupos subalternos”.

Teve também quem não gostou da exposição, dos trabalhos apresentados. “Queria mais pessoas dando informações da casa, me contando a história de Pelotas, o que as pessoas viveram aqui e não aquilo ali, não tem nexo”. Outra senhora disse que “geralmente são mais os prédios, casarões, construções” e que só tinha interesse nos prédios e teve quem não se interessou e justificou por se arquiteto e sua visão estava voltada apenas para aconservação e restauro, os prédios e a arquitetura. Criticaram não haver objetos de épocanos porões. Outros mencionavam a má conservação dos prédios que poderiam ser ocupados por alguma secretaria e assim seriam melhor conservados ou estarem abertos à população durante todo o ano, ressaltando a importância de despertar na criança o interesse pelo patrimônio. “Os adolescentes não sabem a cultura, a história que tem dentro”. Estas afirmações estão diretamente relacionadas à forma como o evento vem sendo realizado desde 2013, destacando o patrimônio imóvel. Demonstra como as políticas públicas de patrimônio do município têm ressaltado o patrimônio material. Ainda os casarões são considerados mais importantes que as pessoas e suas narrativas sobre a cidade.

Outro casal achou "tudo muito artificial, foi exposto tudo certinho, arrumado, limpo". Um senhor afirmou ser tudo "muito confuso", por não ser da área não entende bem. Algumas pessoas alegaram não ter parado pra olhar;que estava muito cheio; ou olhou apenas um ou dois módulos.Ou haviam entrado direto e depois voltariam para olhar.Ou estavam com pressa. Isto ocorreu mais no último dia do evento, quando a movimentação era intensa e haviam diversas outras atrações concomitantes. Muitas pessoas tentaram ver rapidamenteo maior número de atrações possível, antes da finalização do evento. Mas ficou a questão: ou será que não tiveram interesse? Ou não gostaram do que viram? Acredito, ter sido o caso de alguns, devido às temáticas abordadas serem pela sociedade silenciadas, ignoradas ou envolvidas de preconceitos.

4. AVALIAÇÃO

Considero que atingimos o objetivo de avaliação sobre a exposição.Aprendi o quanto é importante divulgar para a comunidade nossas ações e o quanto esse diálogo é necessário para verificarmos comosão compreendidos os assuntos e a maneira como foram expostos. Todas as considerações serão levadas em conta em nossas futuras ações.Concluo que quem se dispôs a falar o que achou foi tocado pelo que viu e ouviu e, até mesmo, quem por algum motivo não quis se expressar e/ou evitou alguns módulos também o foram tocados, pois sua reação também nos diz muito.Muitos demonstraram-ter a ideia de que patrimônio são prédios e bens materiaisou histórias das vidas de pessoas da elite, não considerando que a história é feita de passados diversos, mas também de presente.Queas minorias e seus modos de vida no passado e no presente também fazem parte da história da nossa cidade com sua cultura, seus modos de habitar e viver nessa cidade que, de tantas maneiras tenta negar sua presença,os invisibilizando no presente.Transcrevo aqui a última fala que anotei antes de encerrar a exposição:"Muito importante falar de temas marginalizados negros, indígenas, travestis e domésticas. Pessoas que estão muito presentes no dia a dia, de diferentes formas,e estão invisíveis pela sociedade". Considero assim que a exposição cumpriu seu papel enquanto extensão universitária.

5. REFERÊNCIAS

CURY, Marília Xavier.2009. Novas Perspectivas para a Comunicação Museológica e os Desafios da Pesquisa de Recepção em Museus. Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, V.1, pp. 269-279. Acessado em: 04 set. 2017.Online. Disponível em:http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8132.pdf.

PELOTAS OCULTA: A PRODUÇÃO DE UM EVENTO CULTURAL NA CIDADE DE PELOTAS

LUIZA KOVALSCKI SILVA[1]; MICAEL HEBER DE OLIVEIRA MARQUES[2], PEDRO ELIAS PARENTE DA SILVEIRA[3], JULIANA HERMES CORRÊA ANGELI[4]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – luiza.kovalscki@hotmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – micael_heber@hotmail.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – pepsilveirarts@gmail.com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas – julianaangeli@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

Este resumo visa apresentar o projeto *Pelotas Oculta: Fragmentos de memórias arquitetônicas*, desenvolvido na disciplina de Produção Cultural ligada ao projeto de extensão Novos Produtores Culturais. Essa é ministrada pela professora Juliana Hermes Corrêa Angeli e foi ofertada no primeiro semestre do ano de 2017 junto ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. O projeto foi concebido pelos discentes: Luiza Kovalscki Silva, Micael Heber e Pedro Parente, que atuaram também como designer, fotógrafo e curador respectivamente.

A disciplina busca apresentar meios para articular projetos culturais, visando a sua implementação a partir de oportunidades tais como: editais e leis de incentivo à cultura. Nela debate-se desde a formatação de projetos até a realização das fases de pré-produção, produção e pós-produção, propostas que são desenvolvidas, em caráter prático durante o semestre, pelos alunos e suas próprias temáticas.

Considerando a cultura pelotense, seu cenário artístico e arquitetônico, o grupo visou realizar uma exposição e um catálogo sobre as edificações da cidade de Pelotas, em específico os prédios em estado de abandono e/ou depredação. O projeto teve por intenção aproximar habitantes e cidade através da arte, fomentar a produção artística local e dar visibilidade para as empresas que o acolheram, através da veiculação de suas marcas. O evento foi divulgado em mídias impressa – banners e cartazes – e digital – evento no facebook, redes sociais, blogs e convites por e-mail. Estreitar relações com as empresas que trabalham na área proporcionou aos estudantes a oportunidade de vivenciar diretamente o funcionamento do mercado artístico e cultural de Pelotas.

2. DESENVOLVIMENTO

A concepção do projeto ocorreu em sala de aula e seu desenvolvimento é oriundo de um desdobramento em quatro partes: pré-produção, produção, execução e finalização.

O primeiro mês contemplou a fase de pré-produção. Nessa etapa escolheu-se os locais com os quais trabalhar e foi realizado o levantamento de dados referentes aos mesmos, junto à secretaria de urbanismo e aos livros: *Ecletismo em Pelotas.1870 - 1931. de Carlos Alberto Avila Santos, publicado em 2014 e Manual do usuário de imóveis inventariados,* publicado pela *Prefeitura Municipal de Pelotas* no ano de 2008. Esse material contribuiu para identificar características da arquitetura de Pelotas, e o período a que estas pertencem, gerando assim alguns parâmetros para a escolha dos locais. Assim sendo, para a seleção dos locais, foi dada preferência para áreas nas quais as edificações possuem relação com o passado de Pelotas, e para isso focamos em zonas como: O centro, o porto e o bairro Simões Lopes, regiões onde se encontram algumas das construções mais antigas da cidade e que remetem a formação e industrialização da mesma. Atentamos o olhar para construções que passam despercebidas, encontradas em estado de decadência, fechadas, abandonadas e que apresentam características arquitetônicas que evidenciam as memórias do passado de Pelotas.

> Por meio dos prédios conseguimos imaginar o alvoroço da cidade medieval e visualizar a procissão solene que se aproxima da catedral. O tempo da arquitetura é um tempo sob custódia; nas melhores edificações o tempo se mantém perfeitamente imóvel. No salão de hipostilo do Templo de Carnac,o tempo foi petrificado em um presente imóvel e eterno. (PALLASMAA, 2011, p. 49).

Posterior a esta fase, o projeto foi apresentado para 5 artistas individuais e 2 grupos. Através de e-mail, foram enviados: texto de apresentação do projeto e um questionário, no qual estava incluso as imagens dos locais propostos para a realização dos trabalhos. Esses foram convidados, pois suas pesquisas dialogavam com a temática do projeto, proporcionando o desenvolvimento mais rápido do mesmo. Após o aceite ocorreu uma reunião com os artistas, a fim de reunir mais informações sobre os mesmos, discutir as possibilidades de locais para a exposição, bem como a sua dinâmica, necessidades e o prazo para entrega das obras.

Durante o primeiro mês também foi desenvolvida a identidade visual do projeto e alguns materiais gráficos, tais como: plano de mídia, pedido de patrocínio, ofício de apresentação e cartazes de comunicação. Esses materiais possibilitaram as etapas de captação de recurso e a divulgação, que se estenderam até meados do terceiro mês do projeto.

Para a criação da identidade visual foram definidos os conceitos: cidade, localizações e edificações e, a partir do mapa da cidade e locais a serem trabalhados pelos artistas, elaborou-se uma rota, ligando as edificações que ficam ao ponto mais extremo do mapa. Utilizando o programa *Adobe illustrator* a figura formada pela rota foi simplificada visando uma síntese do trajeto entre os locais, gerando assim, um trapézio que, quando duplicado e espelhado forma um hexágono. Enquanto isso, o triângulo é uma forma comumente utilizada para demarcar um local, tal como setas ou *pins*. Com base nesses conceitos, foi construída a marca gráfica do projeto Pelotas Oculta e as suas variações (ver fig. 1).

Figura 1: Variações do logotipo Pelotas Oculta
Fonte: elaborado pelos autores

Utilizando o material gráfico desenvolvido, deu se início a fase de produção, executada no segundo mês do projeto, etapa na qual foi fechado o acordo com o local para sediar a exposição. Quem a acolheu foi o Espaço de Arte Daniel Bellora, um espaço para *coworking* e que conta com uma galeria para exposições de arte. Após o acerto, deu-se início ao processo de captação de recursos, através de ligações, e-mail e reuniões para apresentação do projeto, os principais estabelecimentos visitados foram gráficas, livrarias, distribuidoras de produtos alimentícios e imobiliárias.

Durante esta fase, foi possível prever também o layout do catálogo a ser realizado. Preparou-se um conjunto de imagens para a confecção do mesmo, com fotografias antigas da cidade, adquiridas junto ao Laboratório de Acervo Digital (LAD) da UCPel, espaço que abriga o Centro de Pesquisa e Documentação Nelson Nobre Magalhães (CPDOc). Produziu-se fotografias dos locais trabalhados em seu estado atual, com intuito de fazer

uma comparação entre o passado e o presente da cidade. Para a confecção do mesmo, foram organizados também os históricos das casas e textos de apresentação e das obras dos artistas.

Na fase de execução realizou-se a montagem da exposição e a abertura. O recebimento dos trabalhos dos artistas aconteceu no *Espaço de Arte* na semana do dia 16 ao dia 21 de julho, no qual ocorreu a montagem. Os trabalhos eram em maioria objetos de parede, facilitando a distribuição no espaço expositivo. A expografia foi pensada através de alguns elementos, tais como: cor, tamanho e peso visual. A abertura ocorreu as 15:00 do dia 22 de julho e a exposição teve duração até o dia 04 de agosto, dia que aconteceu a desmontagem da mesma, assim como o começo da devolução dos trabalhos aos artistas.

Por fim, a etapa de finalização consistiu na prestação de contas e um encontro com os participantes do grupo e patrocinadores para agradecermos, discutirmos o trabalho finalizado.

3. RESULTADOS

A exposição *Pelotas Oculta* foi realizada no Espaço de Arte Daniel Bellora e a sua abertura ocorreu no dia 22 de julho, com período de visitação de 23 de julho até 28 do mesmo mês. Porém, a convite do Espaço, houve o prolongamento em uma semana, durando então até 04 de agosto. A casa recebeu em torno de 80 pessoas na sua abertura e aproximadamente 140 pessoas durante o seu período de exposição. Sua divulgação ocorreu em meios como: TV Câmara, blog Quindim Cultural, eventos em redes sociais, lambe-lambes, cartazes e anúncios em rádio; trazendo visibilidade para os artistas e para o local que acolheu a exposição (ver fig. 2).

Figura 2: abertura da exposição
Fonte: elaborado pelos autores

A exposição mostrou a produção de artistas locais, que para dar conta da temática trabalharam com diversas linguagens: pintura, fotografia, desenho, objeto e vídeo, muitas vezes entrecruzadas em um único trabalho. Essa diversidade de abordagens evidencia o que Icleia Cattani apresenta como mestiçagem na produção artística contemporânea,

> Em oposição à pureza, a produção artística contemporânea aceita as contaminações provocadas pelas coexistências de elementos diferentes e opostos entre si, a coexistência de imagens e palavras, cujo sentido permanece no entremeio dos dois universos resinificando-se, recontaminando-se mutuamente. A unicidade dá lugar às migrações de materiais, técnicas suportes imagens de uma obra a outra, gerando poéticas marcadas pela transitoriedade e pela diferença: O único dá lugar assim, à coexistência de múltiplos sentidos. (CATTANI, 2007, p.22)

apresentando assim, múltiplos olhares que resignificam e reapresentam a arquitetura, por vezes, oculta da cidade de Pelotas.

O desdobramento previsto através de um catálogo impresso, que visa documentar a pesquisa e distribuí-la, não foi possível devido à falta de recursos. Porém, esse ainda está em construção e tem data prevista de lançamento até o final do mês de novembro deste ano, onde será disponibilizado virtualmente visando facilitar o acesso a um número maior de pessoas.

4. AVALIAÇÃO

Entrar em contato com metodologias para organização de eventos e projetos culturais permitiu a capacitação dos alunos para lidarem com todos os processos que envolvem a organização de uma exposição artística. Trabalhar em um modo interdisciplinar para compreender todas as necessidades que o projeto demanda, permitiu uma ampliação de campos do saber dos componentes do grupo, que apesar de serem de áreas próximas, ainda possuem suas particularidades.

Foi percebido durante o processo de organização e realização da exposição, que apesar de grande procura por parte da população no que diz respeito à cultura, essa ainda é desvalorizada em vários âmbitos, como a política, reverberando em outros setores da sociedade. Isso gerou dificuldades no quesito de captação de recurso, impedindo o

lançamento impresso do catálogo. Com isso ficou evidente para nós o quão importante é a realização de projetos relacionados à cultura que visem abranger a sociedade e aproximar ela da arte e da cidade que habitamos.

5. REFERÊNCIAS

CATTANI, Icleia Maria Borsa. **Mestiçagens na arte contemporânea**. / Iclea Maria Borsa Cattani (Organizador) Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007, p. 336.

PALLSMAA, Juhani. O**s olhos da pele: a arquitetura e os sentidos** / Juhani Pallasmaa; Tradução Técnica: Alexandre Salvaterra. – Porto Alegre: Bookman, 2011, p. 76

SANTOS, Carlos Alberto Avila; **Ecletismo em Pelotas .1870 - 1931.** / Carlos Alberto Avila Santos (organizador). - Pelotas: Editora Universitária/ Universidade Federal de Pelotas, 2014, p. 247

Manual do usuário de imóveis inventariados / Prefeitura Municipal de Pelotas, Secretaria Municipal de Cultura. Pelotas: Nova Prova, 2008, p. 104.

HISTÓRIA EM REVISTA: PROCESSO DE EDITORAÇÃO E ADEQUAÇÃO PARA O PADRÃO DE EXCELENCIA CAPES.

PEDRO MARCO RIBEIRO PIRES[1]; LORENA ALMEIDA GILL[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – pedroxr@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e divulgar a produção científica do periódico acadêmico História em Revista, do Núcleo de Documentação Histórica, da Universidade Federal de Pelotas.

Criado em março de 1990, o NDH teve, como proposta inicial, salvaguardar documentos referentes à própria universidade e organizar acervos que observassem os movimentos sociais e operários da cidade de Pelotas. Após alguns anos de sua criação o núcleo se consolidou como projeto, aumentando seu acervo e fomentando diversas pesquisas. Aos poucos, foram ampliadas linhas de pesquisa relacionadas ao mundo do trabalho. Como consequência desse esforço, surgiu a História em Revista, um projeto que visa publicar os resultados dessas pesquisas organizadas pelo NDH, criando espaço, nesse projeto editorial, para os temas históricos.

Editada pela primeira vez em setembro de 1994, a revista é destinada principalmente ao meio acadêmico-científico em geral. O periódico publica artigos originais e inéditos, resenhas, ensaios bibliográficos e outros que se relacionem com a pesquisa histórica ou das ciências humanas. A História em Revista abrange conteúdos sobre discussões e atualizações dos temas históricos, assim como o diálogo com outras áreas do conhecimento, buscando se aprofundar na interdisciplinaridade dos assuntos científicos. A publicação do periódico traz a produção científica para o âmbito da graduação, proporcionando ao estudante se familiarizar com o campo da pesquisa acadêmica e a publicação dos artigos científicos. Já foram publicados 19 volumes até o momento e a maioria das edições está disponibilizada no site do Núcleo de Documentação Histórica, faltando apenas a digitalização e indexação das 3 primeiras publicações.

Atualmente o projeto segue coordenado pela professora Lorena Almeida Gill e pelo professor Aristeu Elisando Machado Lopes, buscando anexar as edições publicadas no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia(IBICT) e organizar o periódico para fortificar sua periodi-

cidade, atendendo aos critérios de avaliação do Qualis Periódicos da Capes. Também, tem se pensado em realizar uma reformulação gráfica da revista, inovando sua logo e capa para as edições futuras.

2. DESENVOLVIMENTO

O primeiro passo para o desenvolvimento do projeto foi a digitalização dos periódicos físicos. A edição de número 1 publicada em setembro de 1994 foi composta por artigos de professores ligados ao NDH com conteúdos relacionados à memoria da Universidade Federal de Pelotas ou da própria cidade de Pelotas e de seus movimentos sociais. A elaboração da edição se constituiu em uma apresentação escrita pela professora Beatriz Ana Loner, a qual discorre sobre a história do Núcleo de Documentação Histórica e o plano para a História em Revista, e mais 7 artigos com temas e debates históricos livres. Em 1996 foi publicada a segunda edição. Embora o projeto inicial visasse publicações semestrais, a continuação da revista conclui-se apenas dois anos após a primeira edição. O sumário divide-se em uma apresentação escrita pelas professoras Lorena Almeida Gill e Maria Leticia Mazzucchi Ferreira, e três tópicos abordando diferentes temas referentes às áreas da ciências humanas. Sua terceira edição, publicada em 1997, seguiu o mesmo modelo da segunda, com uma apresentação escrita pelo professor Fábio Cerqueira Vergara, um tópico com 5 dossiês sobre tema escravidão no extremo sul do Brasil, outro com um instrumento de trabalho e mais dois artigos.

Essa primeira etapa de digitalização ocorreu dentro dos laboratórios de pesquisa do Núcleo de Documentação Histórica. A atividade consistia em um escaneamento das páginas transformando-a em jgpeg para editar possíveis rasuras, separação da capa, contra capa e ficha catalográfica, organização das folhas em ordem numérica, individualização e compactação dos artigos em pdf com no máximo 2 mega de tamanho. Todos os documentos foram padronizados para a publicação, seguindo os critérios exigidos pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Num segundo momento, após a digitalização das revistas mais antigas, partimos para a importação das edições já digitalizadas e disponíveis no site do NDH. Nesta etapa trabalhamos com o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), incorporada no Brasil pelo IBICT e utilizada na UFPel por seu departamento de bibliotecas. Originalmente, o SEER, trata-se de um software desenvolvido pela Universidade British Columbia que abriga os mais diversos periódicos mundiais. Sua importância resulta

da facilidade de publicação, sendo exigida pelo critério do Qualis Periódicos, elaborada pela Capes, para a avaliação dos boletins e sua classificação. Atualmente a História em Revista está classificada com a nota C, atribuída às revistas que não aderem a todos os critérios obrigatórios, basicamente por ter ficado desativada por anos. O príncipal objetivo do projeto visa subir essa qualificação para o estrato B5, ou seja, regulamentar a publicação, dentro do padrão de excelência Capes.

Dentro do SEER, os cargos administrativos são divididos em: Editor Gerente; Editor; Editor de Seção; Avaliador; Editor de Texto; Editor de Layout; Leitor de Prova; Autor; Leitor. O primeiro cargo tem o papel de maior autoridade dentro do sistema, podendo aderir a qualquer função na plataforma. O editor gerente e editor tem como trabalho selecionar os avaliadores assim como intermediar os artigos, dossiês, resumos e outros dos autores para a avaliação, além disso eles podem também ser ao mesmo tempo todos os outros papéis administrativos, com exceção de autores gerentes de outras revistas do SEER. Para ser submetido e publicado, o artigo precisa passar pela avaliação dos parecistas, selecionados pela equipe administrativa da revista, o qual certificarão se o conteúdo aborda todos as normas de submissão do periódico. Essa parte de avaliação dos pares consiste no que Suzana Mueller chama de domínios formais, ou seja se há um enquadramento dentro do fluxo da comunicação científica. Assim explica a autora:

> No domínio formal, estão os vários meios de comunicação escritos, tais como artigos de periódicos, livros e capítulos de livros, relatórios técnicos e boletins, índices e periódicos de resumos e preprints. Alguns desses meios são fontes primárias, outros secundárias. Uma das características que distinguem os canais formais dos informais é a avaliação: a informação deve ser avaliada por outros cientistas antes da sua divulgação (MUELLER, 1994, p.312).

Então, passa-se para o editor de texto, layout e leitor de prova, que irá observar qualquer erro gramático ou de digitação, assim como checar se o arquivo esta formato correto. O autor deverá ter um cadastro no sistema e submeter sua pesquisa conforme as normas editoriais da revista.

O trabalho foi executado em consonância com a administração geral da plataforma da UFPel. Por se tratar de algumas pesquisas antigas, necessitamos de acesso especial para importar artigos de autores que não tinham cadastro ou que vieram a falecer. O primeiro passo foi cadastrar todos os autores de artigos, dossiês, instrumentos de trabalho

e resenhas dentro da revista. Depois aderir o papel de autor e submeter os trabalhos já publicados no site do NDH. A partir dai, como editor gerente, apenas importamos e aceitamos os artigos, já que não precisaram de avaliação dos pares.

O terceiro e ultimo passo foi a publicação online da revista, dando abertura ao acesso público das edições anteriores. Importar e normalizar artigos exige um certo tempo, o que, consequentemente, o torna um trabalho extenso. No entanto, a indexação da revista online vem como opção para os periódicos impressos que, além de um período muito longo para sua produção, acaba por não organizar de forma clara seus elementos construtivos (BOMFÁ, 2003).

3. RESULTADOS

O desdobramento do projeto tem como resultado a organização do periódico online conforme as exigências do Qualis da Capes. Em um primeiro momento buscamos regulamentar o ISSN digital, código numérico de identificação para títulos e publicações seriadas, pois inicialmente tínhamos apenas para o impresso e precisaríamos de outro para indexar no SEER. O segundo passo foi o preenchimento dos dados da História em Revista dentro da plataforma, tais como política de submissão, normas editoriais, foco e escopo, processo de avaliação dos pares, ou seja, seus elementos construtivos e, posteriormente a publicação completa do periódico dentro do sistema administrado pelo departamento de bibliotecas da UFPel. A etapa foi concluída para disponibilizar o acesso ao público em geral para todos os volumes já produzidos pela História em Revista.

Dentro dos critérios exigidos pelo Qualis ainda nos faltam adequar alguns elementos de publicação, como, por exemplo: publicação semestral e periodicidade regular. Ambas as medidas estão sendo desenvolvidas para as próximas edições, planejando-se melhorar a classificação da revista no ano de 2018. Juntamente a estes itens, a reformulação gráfica da logo e capa estão sendo pensadas.

4. AVALIAÇÃO

A História em Revista foi inicialmente projetada para publicar semestralmente artigos que abordassem discussões da atualidade histórica, buscando sempre renovar o

discurso e ampliar a divulgação do conhecimento acadêmico, no entanto, a ideia não foi concluída devido a dificuldade de produção.

O incremento da plataforma SEER para os periódicos científicos, principalmente o das universidades, é um marco na divulgação da revista. Segundo STUMPF (1996), antes da criação do conceito EPC-Centros de Processamento Editorial - iniciado na década de 1970, a tramitação de artigos para a avaliação dos pares era de muita dificuldade e de alto custo. A EPC buscou dar suporte automatizado a esse processo, intermediando a relação entre autor e editor, porém encontrou dificuldades de compatibilização entre os documentos que, muitas vezes, não eram padronizados. O projeto Birmingham and Loughborough Eletronic Network Development (Blend) na década de 1980, financiado pela British Library, trouxe a inovação da indexação online, permitindo maior padronização de formatos e mobilidade dos artigos, facilitando a divulgação dos periódicos.(STUMPF, 1996). O SEER, portanto, é um sistema que busca melhorar a preservação e a publicações dessas revistas eletrônicas.

A organização da História em Revista nessa plataforma impacta no desenvolvimento no projeto que já completa mais de 20 anos e que agora, juntamente com a comissão administrativa, poderá propor no ano de 2018 um volume com dois números, não mais postergando sua edição.

5. REFERÊNCIAS

MUELLER, Suzana. O impacto das tecnologias de informação na geração do artigo científico: tópicos para estudo in: **Ci. Inf., Brasília**, v. 23, n. 3, p. 309-317, 1994.

BOMFÁ Z., Claudia Regina. Desenvolvimento de revistas científicas em mídia digital – o caso da Revista Produção Online in: **Ci. Inf., Brasília**, v. 33, n. 2, p. 39-48, 2004.

STUMPF C., Ida Regina. Passado e futuro das revistas científicas in: **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996.

UFPEL. **História do NDH**. Núcleo de Documentação Histórica, Pelotas. Online. Disponível em: http://wp.ufpel.edu.br/ndh/historia-do-ndh-ufpel/ Acessado em 2 de outubro de 2017.

IBICT. **Curso OJS para Editores Gerentes 2017/2**. EaD Ibict, Brasília. Online. Disponível em: http://ead.ibict.br/ Acessado em 3 de outubro de 2017.

IBICT. **Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER)**. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Brasília. Online. Disponível em: http://www.ibict.br/pesquisa-desenvolvimento-tecnologico-e-inovacao/sistema-eletronico-de-editoracao--de-revistas-seer Acessado em 02 out. 2017.

UFPEL. **Sobre o portal**. Portal de periódicos da UFPel, Pelotas. Online. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/index/about Acessado em 02 out. 2017.

CAPES. **Classificação da produção intelectual**. Fundação Capes, Brasília. Online. Disponível em: http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao--da-producao-intelectua Acessado em 03 out. 2017.

IDÉIA, PROJETO E PROGRAMA: A GALERIA BRAHMA E OS ESPAÇOS EXPOSITIVOS UNIVERSITÁRIOS COMO ESPAÇOS DE FORMAÇÃO E DIFUSÃO DE CONHECIMENTO.

RAFAEL EVANGELISTA DE SOUSA[1]; JOÃO FERNANDO IGANSI[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – rafaelbarbasousa@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – fernandoigansi@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

No âmbito do estágio realizado junto à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da Universidade Federal de Pelotas, o presente artigo pretende apresentar a experiência vivida no contexto citado e os problemas, dificuldades e aprendizados decorrentes do processo de trabalho para a implementação do programa denominado *Espaços Expositivos Universitários*. A este conjunto de espaços pertencem a Galeria Brahma, Galeria Anglo e Galeria Laneira. Destinados a divulgação da produção de artistas e pesquisadores em formação pela Universidade Federal de Pelotas, estes locais são centros de fomento e incentivo, onde estudantes de diversas áreas podem apresentar os resultados práticos de seu trabalho. A *Galeria Anglo* atende estudantes das áreas artística e científica, promovendo um intercâmbio entre diferentes produções. A *Galeria Laneira* e *Galeria Brahma* são espaços voltados, inteiramente, à produção artística dos universitários.

Como estagiário, minha participação nesse programa foi dividida em diferentes etapas. Começa pelas funções executadas, enquanto estagiário-bolsista, estabelecidas no plano de trabalho e relatórios mensais. Depois da parte administrativa, desenvolve-se a relação e o apoio em ações artístico-culturais, vigentes pelos projetos da área de Extensão e Cultura da Universidade. Por fim, a partir da minha ligação com a área de artes visuais, foi possível participar da idealização do projeto das galerias, que culminou no programa em questão. Contudo, meu trabalho foi mais voltado para as questões da *Galeria Brahma,* por se tratar de uma galeria de artes. As propostas foram discutidas em reuniões durante alguns meses, onde foram colocadas questões sobre reforma do espaço, readequação às exigências técnicas de segurança, acessibilidade, etc.

Localizada no prédio da antiga cervejaria Haertel, fundada em 1889 na rua Benjamin Constant, 1071 e, posteriormente adquirido pela Companhia/Cervejaria Brahma (em 1944), a galeria situa-se em um dos complexos da antiga construção. No ano de 2010, em um acordo entre Prefeitura de Pelotas e Universidade Federal de Pelotas, o patrimô-

nio passa a ser de administração desta última, que dá início às reformas de restauração e requalificação de suas ruínas arquitetônicas. A divulgação do programa *Espaços Expositivos Universitários* aconteceu durante a calourada *Todxs Ufpel Respeitadxs* neste mesmo ano. Uniu docentes, servidores, discentes e comunidade externa. Com tamanha colaboração, foi possível oferecer uma série de atividades culturais, científicas e de ensino aos ingressantes. Atividades estas, que foram pensadas enquanto espaços de formação, para aqueles que já estão vinculados à Universidade, e de integração para os calouros egressos e comunidade em geral.

O objetivo desse programa é apresentar a toda comunidade universitária uma alternativa para suprir a demanda de produções artísticas e científicas, realizadas na instituição, por espaços para serem exibidas ao público em geral. Incentivar o intercâmbio de idéias e saberes entre artistas em formação pela universidade e promover o acesso aos espaços da mesma, estendendo a toda comunidade é o objetivo buscado pelo projeto. É a meta a ser alcançada, entendendo que a extensão universitária é fundamental para estimular a formação dos estudantes. Intrinsecamente ligada à cultura, a extensão deve se comprometer com o exercício da cidadania, possibilitando o acesso da comunidade exterior aos conhecimentos e inovações promovidas pela Universidade.

2. DESENVOLVIMENTO

Durante o estágio, foi possível o desenvolvimento de minhas capacidades artísticas em diferentes processos de trabalho. Atuando como designer, ilustrador e idealizador de atividades culturais em que pude experimentar situações importantes para minha formação. Enquanto artista, sempre percebi uma carência de espaços para apresentar minha arte. E com bastante frequência ouvia reclamações de colegas artistas que sentiam a mesma dificuldade. O complexo onde está situada a Galeria Brahma já tinha sido inaugurado, como espaço cultural e livraria, em 2015, durante a Bienal de Arte e Cultura. Assim, esse espaço era o mais adequado para pensarmos o projeto para uma galeria de arte. A ideia foi discutida em reuniões com membros da Pró-Reitoria de Extensão, em que pude expor minhas propostas para o projeto.

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura adotou uma política de “fazer o melhor com o que temos”, dado as dificuldades orçamentárias enfrentadas pelas universidades brasileiras. Esta política de gestão tem como método *a valorização da ruína*, a re-qualificação

de espaços ociosos da Universidade para oferecer espaços de formação aos estudantes e cidadãos.

A Galeria Brahma funciona como um dos prédios do complexo da antiga cervejaria, ao lado da Livraria da Ufpel. Ela recebeu visita de técnicos em engenharia da construção para inspeção do local. Foi feita visita do setor de segurança da Universidade, além da visita de um docente ligado à área da arquitetura. Após esta etapa de qualificação, começou a limpeza e pintura das paredes do local, para que pudéssemos dar início à montagem da primeira exposição na nova galeria de arte. Nesse processo, realizei a curadoria da mostra, contando com a participação e o envolvimento dos artistas em cada etapa.

3. RESULTADOS

A abertura da Galeria Brahma, com exposição *Todxs Singulares, Todxs Plurais*, ocorreu no dia 2 de maio de 2017, com apresentação musical de Julie Schiavon e coquetel oferecido pelo projeto Chefs na Rua, vinculado ao curso de gastronomia da universidade. Confirmando o compromisso do programa, a exposição contou com a participação de 6 artistas em formação pela Universidade

Federal de Pelotas. Com uma vasta produção própria, os artistas se dedicaram à conclusão de obras para expoisção e todos apresentaram obras inéditas. Com uma variedade de linguagens visuais, a mostra apresentou trabalhos dos artistas Caroline Albrecht (pintura), Bruna Silva (instalação/objeto), Felipe Pilotto (escultura), Patrícia Khalil (instalação), Pedro Parente (pintura) e Pedro Paiva (gravura/objeto), acadêmicos do Centro de Artes.

Na ocasião tivemos uma boa visitação (fig. 1) e aceitação do público, que contava com acadêmicos, calouros e comunidade externa, em uma noite regada com música, boa comida (fig. 2) e arte de qualidade para as pessoas.

Fig. 1. Vista parcial da exposição Todxs Singulares, Todxs Plurais.

Fig. 2. Chefs na Rua durante a exposição.

4. AVALIAÇÃO

A grande produção artística dos estudantes do Cearte da Universidade Federal de Pelotas tem agora um espaço voltado para sua exibição pública. Vários motivos dão importância a tal conquista. A ausência de espaços expositivos que divulguem esta produção e a atual situação da arte na cidade de Pelotas são alguns pontos que tiveram nossa atenção. A intenção do programa é incentivar os jovens artistas a experimentarem um ambiente profissional, onde possam sentir-se como um artista mais maduro, divulgando e exibindo a sua produção. Ao mesmo tempo, firmar o compromisso da extensão universitária, em levar arte, cultura e conhecimento para comunidade exterior que vive em seu entorno. A expectativa agora é a de manter a Galeria Brahma como este espaço diferenciado, onde exista a convivência entre acadêmicos e cidadãos da comunidade, um *entre-lugar*, que segundo BHABHA (1998, pág. 125) é "um outro lugar onde os grupos urbanos da sociedade e a cultura se engendram fora dos grandes centros difusores de discursos de poder." O objetivo agora é continuar a fomentar a construção de conhecimento pela educação e cultura e proporcionar um espaço de formação de excelência para os alunos e sociedade.

5. REFERÊNCIAS

BHABBA, Homi K. **O local da cultura.** Trad.: Myriam Ávila, Elaine Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

A CULTURA NA SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA PROPOSTA EXTENSIONISTA

RAPHAELA PALOMBO[1]; ALINE COELHO DA SILVA[2]

[1]*Universidade Federal de Pelota -raphaelabicadefreitas@hotmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas-silva.aline.coelho@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho é parte do projeto Curso de Língua Espanhola, que é ofertado à comunidade local como parte de uma iniciativa de mais de vinte anos do Centro de Letras e Comunicação. Minha atuação no projeto integra questões culturais, literárias e da própria linguística aplicada que são abordadas nas diversas disciplinas de meu curso de graduação. Mais que se voltar ao ensino, minha atuação compreende unir estas diversas áreas, observá-las e aplicá-las de acordo com os anseios da nossa comunidade local, assim integrando a Universidade à comunidade. Neste semestre, me proponho a observar o tratamento da cultura como componente do ensino de LE (Língua Estrangeira). O ensino de LE requer uma concepção de língua vinculada à cultura. Em nosso curso trabalhamos com o material didático *Gente hoy*, livro espanhol voltado a falantes de todo o mundo. Ainda que seu método seja comunicativo por tarefas e se coadune à nossa concepção de ensino de LE, percebemos nele a necessidade de uma concepção cultural mais diversa e ampla, excedendo os limites da Espanha e percebendo as diversas culturas latino-americanas. Assim, este trabalho objetiva problematizar o tratamento dado pelo livro/método à cultura e propor práticas pedagógicas que possam suprir esta lacuna, oferecendo aos alunos do curso uma visão mais íntegra sobre a cultura dos países falantes do espanhol.

O ensino/aquisição de língua adicional deve levar em conta o contexto do aluno e é nesse sentido que nossas ações se voltam a aproximar o método a nossa realidade linguística, geográfica e cultural, ou seja, se as aulas de espanhol são direcionadas para alunos de Pelotas, no Rio Grande do Sul, não se pode ignorar a proximidade dessa cidade com Uruguai e Argentina. Muitas vezes os alunos percebem semelhanças entre sua cultura ea dos países vizinhos, mas a diferença deve ser levada em conta, afinal, países diferentes, apesar de sua proximidade, possuem culturas diferentes que devem ser exploradas em sua totalidade. Andrade e Seide enfatizam:

> O ensino de língua estrangeira cumpre um papel importante na construção identitária do indivíduo e da comunidade de que faz parte, na compreensão do outro e sua alteridade, tornando-se igualmente dinâmico e complexo tendo em vista a pluralidade linguística e cultural que caracteriza muitas sociedades hoje em dia. É preciso considerar que o estudante, ao aprender uma língua estrangeira, terá acesso a uma nova realidade sociocultural, regida por normas e convenções que podem ser muito diferentes das que existem no grupo social no qual se insere (2016, p. 51).

Ser ministrante do curso de língua espanhola me fez repensar o ensino de língua estrangeira. Nos primeiros semestres do curso de Letras meus professores de língua espanhola utilizaram o livro *Gente*, mas eu jamais notei como o livro apresentava a cultura da língua espanhola. Foi só como ministrante que pude perceber a predominância de informações sobre a cultura espanhola em contraposição com as culturas dos países da América Latina e a necessidade de abordá-las.

2. DESENVOLVIMENTO

Nosso curso é ofertado aos sábados pela manhã (entre 8h e 12h), perfazendo um total de 60 horas e este é o segundo semestre no qual participo como ministrante. Agora, como bolsista, minha visão se ampliou, assim como minhas responsabilidades e minha visão como extensionista na área de Letras. A Universidade deve pensar seus projetos de acordo com as necessidades e características de sua comunidade. Isso expandiu meu conceito sobre o ensino de LE que deve englobar sua cultura, já que a língua é um constructo cultural que expressa um povo. Durante o trabalho com o livro *Gente hoy* observei seu conteúdo em atividades, imagens e textos e o modo como estes eram utilizados para fornecer informações sobre a Espanha e os países da América Latina.

Passei a desenvolver diversas atividades que dessem conta da diversidade cultural calada pelo material, até que me perguntei sobre como o alunado via tais questões. Seriam elas perceptiveis a todos? Assim, elaborei um questionário que foi respondido por 18 alunos sobre como o livro aborda a cultura hispanófona. As questões foram: “Achas que o livro traz bastantes informações culturais sobre a América Latina?”, “Acreditas que o livro *Gente hoy* abrange a riqueza cultura da Espanha?” e, por último, “Consideras ter

aprendido bastante sobre a cultura dos países hispanófonos por meio do livro?”.Antes de haver realizado o questionário para os alunos, eu já me preocupava em trazer a eles informações sobre os países da América Latina, após os resultados do questionário, essa preocupação se intensificou de modo que agora estarei mais atenta no momento de elaborar as atividades do curso.

3. RESULTADOS

Primeiramente, comentarei sobre os resultados do questionário que realizei. Na primeira pergunta realizada, 72% dos alunos reconhecem que o livro não apresenta muitas informações sobre a cultura da América Latina, já na segunda pergunta, 100% dos alunos concordam que o livro abrange a riqueza da cultura espanhola, na última questão, 87% dos alunos afirmam ter aprendido bastante sobre os países hispanófonos pelo livro, mas, acredito que houve uma confusão com o termo “hispanófono” pensando que os alunos tenham considerado o termo como apenas da Espanha, por isso, as respostas da última questão contradizem as duas primeiras.

Partindo para a observação de alguns exercícios do livro didático *Gente hoy* 1 pode ser notado não só essa invisibilidade da cultura dos países latino-americanos em contraste com a representatividade da Espanha, como também a presença de estereótipos. A primeira unidade do livro chamada "*gente que estudia español*" pretende inicialmente, apresentar, além dos conteúdos gramaticais, um pouco da cultura dessa língua. O primeiro exercício trata sobre um áudio no qual se pronuncia 14 diferentes nomes espanhóis, é interessante que os alunos conheçam a pronúncia espanhola, mas falta fazer um contraste com as outras existentes. Afinal, não existe o espanhol, mas sim os espanhóis, pois a língua varia de acordo com o país e o aluno deve saber que apesar de ele estar aprendendo o espanhol (castelhano) da Espanha esse não é o padrão, nem o mais correto, tampouco superior às demais variedades da língua.

Na mesma unidade, há a presença de dois exercícios que apresentam os nomes de países latino-americanos hispanófanos, mas nenhum deles traz de nenhuma maneira qualquer elemento cultural sobre esses países. No primeiro exercício chamado "*El español en el mundo*" há uma tabela com as bandeiras e os nomes de todos os países que falam espanhol acompanhada pela imagem de um mapa e a ilustração de duas pessoas: um homem moreno com bigode e uma mulher com roupa de flamenco, o exercício consiste em escutar um áudio e anotar a pontuação de cada país e, em seguida, fechar o

livro e dizer o nome de cinco países da lista. Resumindo, além de o exercício trazer uma imagem de dois personagens que reforçam os estereótipos que se tem sobre falantes do espanhol (bigode e flamenco), o exercício só utiliza os países como pano de fundo para realizar um exercício de competência auditiva e memorização. Já o outro exercício traz um mapa da América Latina com a capital de alguns países (Santiago, Caracas, Bogotá, Lima, etc) e é pedido para que se escreva o nome dos países de acordo com suas respectivas capitais, mas não se traz nenhuma outra informação, além de geográfica, sobre esses lugares, ou seja, consiste em um exercício mecânico de reconhecer as capitais dos países. Ocorre, nesse caso, o que é tratado por De Nardi (2015):

> Quando criticamos a simplificação da cultura do outro que entendemos recorrente nos LDs para o ensino de língua espanhola não o fazemos por entendê-la como uma representação falsa dessa cultura ou da realidade desses países. O fazemos porque por meio desse procedimento produz-se um apagamento do jogo de diferenças que envolve todos os movimentos socioculturais. Daí dizer-se que o estereótipo produz o falso porque simula uma identidade unitária (p.71).

Ainda na unidade 1 há um exercício sobre Argentina, México e Espanha que expõe imagens sobre gêneros musicais, comidas, paisagens, populações, diretores de cinema e famosos e pede para os alunos associarem as imagens com os países. Apesar de o exercício abordar elementos culturais sobre esses países, isso é feito de maneira muito superficial, se ignora a riqueza desses elementos que deviam ser explorados, pois não se fala nada sobre a origem, a importância e a história dos gêneros musicais, sobre lugares específicos (só se menciona a existência de geleiras e praias) e tampouco sobre o trabalho dos diretores de cinema e dos famosos.

Cabe ao professor encontrar, por meio de práticas didáticas, meios de preencher a invisibilidade da cultura latino-americana. No meu caso, como ministrante do Espanhol básico busquei trazer essa cultura desconhecida de diferentes maneiras. Diversas vezes levei para a sala de aula apresentações sobre diferentes países (Argentina, Uruguai, México) com informações sobre sua economia, política, seu povo, festas populares, pontos turísticos, etc, para que os alunos ampliassem suas visões, sabendo que espanhol não se limita a Espanha. Também foram levadas músicas de variados artistas (Shakira, Manu Chao, Enrique Iglesias, Juanes, etc), além de expressões idiomáticas corriqueiras no espanhol latino-americano.

4. AVALIAÇÃO

O trabalho apresentado pretende reforçar a ideia de que não existe aula de língua estrangeira sem cultura. Não podemos deixar que a imagem de uma língua seja construída por meio de estereótipos que ocultam a riqueza cultural característica da língua espanhola. Farneda e Nédio ressaltam: "Ensinar questões de interculturalidade numa sala de aula não é apenas transmitir informações culturais, é promover o diálogo intercultural que permite ao aprendente encontrar-se com a nova cultura sem deixar de lado a sua, promovendo o respeito mútuo, superando estereótipos ou preconceitos culturais e étnicos." (2015, p.1). Embora o livro didático possa apresentar lacunas no que diz respeito à representação cultural de uma língua, o professor pode adotar diversas estratégias e práticas pedagógicas para preenchê-las.

O projeto de extensão sempre tem como objetivo contribuir para a comunidade, nesse caso, se pensou na melhor forma de abordar a riqueza da cultura da língua espanhola incluindo os países de América Latina que são, muitas vezes, invisíveis. As questões suscitadas na prática extensionista serão levadas como ponto de discussão e análise para o projeto de pesquisa recém-criado "*Políticas Linguísticas do espanhol em contato nas fronteiras sul-americanas*" que se propõe a pensar as políticas linguísticas de países fronteiriços e as políticas públicas aplicadas ao ensino de língua espanhola.

5. REFERÊNCIAS

DE NARDI, F.S. **Um olhar discursivo sobre a língua, cultura e identidade: reflexões sobre o livro didático para o ensinho de espanhol como língua estrangeira**. 2007 (Tese). Programa de Pós Graduação em Letras Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FARNEDA SAMPAIO, E; NEDIO, M. **O projeto cultural de PLE comoagente da interculturalidade num contexto de não-imersão**. Letras&Letras, [S.l.], v. 31, n. 2, p. 14-35, dez. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/30351>. Acessoem: 5 out. 2017.

PERIS, E. M; BAULENAS, N. S. **Gente hoy 1:** Libro del alumno. Curso de español basado en el enfoque portareas. Barcelona: Difusión, 2013.

WULFF DE ANDRADE, D.; SIPAVICIUS SEIDE, M. **Língua e Cultura no ensino de espanhol como Língua Estrangeira: um estudo de caso com duas professoras do ensino público do oeste paranaense.** Entre Letras, v. 7, n. 1, p. 50 - 69, out. 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/2244>. Acessoem: 9 out. 2017.

PARA ALÉM DA MEMÓRIA
A CONSTRUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O GRUPO BAILA CASSINO

RAQUEL ROMEIRO ALVES[1]; DANIELA LLOPART CASTRO[2]; CARMEN ANITA HOFFMANN[3]

1UFPel – raquelkutner@hotmail.com
[2]UFPel - danielallopartcastro@gmail.com
[3]UFPel – carminhalese@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O presente texto refere-se ao processo de criação e montagem, em andamento, de um filme documentário que apresenta a história de 10 anos do grupo Baila Cassino, grupo que integra o projeto de extensão Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade do curso de Dança Licenciatura da UFPel. Para construção do filme documentário vem sendo usado material de arquivos doBaila Cassino, este material se refere a fotos e vídeos dos espetáculos, performances, saraus, viagens, brechós e homenagens que estas realizaram e receberam dentro do período de 10 anos, bem como entrevistas de participantes, ex-participantes, professores e amigos do grupo, e também de professores da UFPel vinculados ao curso de Dança Licenciatura. Dentro desse tempo, o Baila Cassino apresentou5 espetáculos, sendo eles Ritmos da Vida (2008), Salão Paraíso (2010), Mosaico (2011), Mamma Mia! (2012), Olé (2014), Apenas Mulher (2015), sendo o espetáculo Mamma Mia! o momento onde se inicia um novo clico do grupo, que passa então a se integrar ao projeto de extensão Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade.

A concepção de se fazer um filme documentário sobre o Baila Cassino surge para reviver e relembrar estes 10 anos do grupo, mas também para mostrar que, o trabalho desenvolvido com corpos maduros, possibilita a criação de outros olhares para a arte da dança, contribuindo com uma mudança de paradigma em relação à sociedade ocidental. O documentário pretende mostrar a realidade de mulheres maduras que se dedicam a dança como modo de superação de medos e vergonhas, bem como desenvolvimento pessoal e de suas autoestimas, sendo produtoras de arte e cultura e compartilhando esta arte com a comunidade, o que reafirma a importância extensionista dentro da UFPel, e da comunidade onde a universidade está inserida, através deste projeto de extensão.

2. DESENVOLVIMENTO

A ideia da criação do filme documentário surge no ano de 2017, sendo este o ano em que o Baila Cassino comemora seus 10 anos de existência. Diante da percepção da quantidade de material que o grupo possui neste período de tempo têm-se também a necessidade de criar um material que vá para além do palco e de notícias jornalísticas sobre estas mulheres. Percebe-se no filme documentário um dispositivo diferente do produzido até então pelo grupo, podendo também contar a história do grupo ao longo dos 10 anos à um público mais abrangente. Apesar de se iniciar com a ideia de um registro de memória, surge durante a construção do filme documentário, a necessidade de que se possa explorar também vieses acadêmicos. Outrora foi publicado um livro em que traz a memória do Baila Cassino, escrito por uma de suas integrantes em sua grande parte o livro apresenta depoimentos das bailarinas e um pouco da história do mesmo. Percebendo então que o livro, apesar de despertar curiosidade, não contribuía muito para a construção de uma discussão mais acadêmica sobre a dança na maturidade, surge no filme documentário a necessidade de explorar o Baila Cassino como parte de uma discussão acadêmica sobre a dança de em corpos amadurecidos. A proposta então é de construir um filme documentário destinado ao público relacionado ao Baila Cassino, mas também aos profissionais da dança e áreas afins, como forma de criar referências sobre a dança na maturidade. Quanto à construção do filme documentário, as diretoras do Baila Cassino, e idealizadoras do dispositivo, Daniela Llopart Castro e Maiara Gonçalves não possuíam conhecimentos sobre o modo de construção e linguagem de tal, deixando assim aberto para a construção da linguagem audiovisual do mesmo.

Para auxiliar no desenvolvimento da linguagem do filme documentáriousa-se como base o principal teórico do cinema que aborda o assunto, Bill Nichols, principalmente a partir de seu livro Introdução ao Documentário (2012), onde o teórico aborda seis gêneros possíveis para a construção de um filme documentário, a saber: gênero poético, expositivos, participativo, observativo, reflexivo, e performático (NICHOLS, 2012, p.135) somando estes gêneros às características de construção de um filme que existe no idealizador/diretor do filme documentário. Usa-se também o artigo A Imagem-Objeto e a Memória: Uma Reflexão Sobre a Linguagem a partir das Imagens de Arquivo em Documentários, de Ana Paula Penkala (2012), que aborda o uso de imagens de arquivo na linguagem documental e na construção da memória de um filme documentário, analisando a partir de três filmes brasileiros. E de modo mais geral, a partir do livro Sobre Fazer Documentários de Érika Bauer (2007), a experiência em montagem de Adérito Schneider Alencar

e Távora (2015), apresentada na tese Reflexões Sobre Teoria & Prática na Montagem do Filme Documentário Hang The Superstars e, por fim, no artigo Representificação: As relações (im)possíveis entre Cinemadocumental e Conhecimento, de Paulo Menezes (2003), que irão, portanto, apresentar o modo de construção de um filme documentário, desde a concepção da ideia, passando pelo roteiro, filmagens, seleção de material, bem como também os desafios da montagem e por fim os problemas existentes entre o real que um filme documentário diz apresentar e representações feitas apenas para a câmera. E afim de conhecer ações realizadas anteriormente pelo Baila Cassino, bem como também documentar melhor a história destas mulheres, usa-se os textos de Daniela Llopart Castro e Maiara Gonçalves, onde as escritoras irão apresentar as experiências delas com o Baila Cassino desde a ideia que levou ao surgimento do grupo.

3. RESULTADOS

Levando em conta que o filme documentário ainda se encontra em processo de montagem, até o momento o que se tem na construção deste são seleções de imagens e vídeos que serão usados como parte da construção da memória do grupo Baila Cassino, bem como também entrevistas realizadas tanto entre amigos do grupo como também professores do curso de Dança Licenciatura, e a diretora do Centro de Artes, professora Ursula Rosa da Silva.

Espera-se ter um primeiro corte do documentáriono início do mês de Novembro de 2017. Este corte, entretanto, não representa o filme documentário finalizado, apenas uma primeira visão do que se está construindo, neste primeiro corte geralmente saberá se será necessário acrescentar ou retirar algo da composição do documentário. Acredita-se também que até o momento da apresentação deste trabalho possa ser acrescentado um teaser de promoção do documentário para a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Pelotas, que servirá também como uma chamada para os amigos do grupo Baila Cassino e acadêmicos da Dança e público em geral.

Figura 1: Diretora do Centro de Artes Ursula da Rosa Silva fala sobre projeto Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade – Foto por Raquel Romeiro - Acervo Baila Cassino.

Figura 2: Projeto Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade na cerimômia de recebimento da Medalha da 54ª Legislatura em junho de 2017. Foto por Raquel Romeiro – Acervo Baila Cassino.

4. AVALIAÇÃO

O grupo Baila Cassino integrado ao projeto de extensão Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade tem sua importância como projeto de extensão no desenvolvimento e reconhecimento da necessidade de realização de atividades direcionadas para grupos da maturidade. Afirmando isto, a estruturação de um filme documentário se mostra extremamente significativa tanto para registro de memória como também para construção do conhecimento na área. Ao integrar o Baila Cassino ao projeto de extensão Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade, incorpora-se a comunidade em geral, especialmente a comunidade madura, para quem pouco se destina atividades culturais e artísticas, passando, o grupo, a ser também mediador de atividades entre comunidade e Universidade. O grupo, além disso, agrega alunos e egressos do curso de Dança Licenciatura da

UFPel, sendo atualmente a diretora geral e o professor, egressos do curso de Dança da UFPel. O projeto de extensão Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade também trabalha ainterdisciplinaridade, tendo bolsistas e voluntários de outros cursos do Centro de Artes, como Cinema e Audiovisual e Design Digital. O projeto traz inclusão da comunidade e difunde arte e diversidade cultural, oportunizando a produção e reflexão artística na maturidade, além de influenciar no cenário da dança tanto na universidade quanto fora desta. Entretanto, apesar de estar integrado ao projeto Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade, a montagem do documentário não irá parar após o fim da bolsa, já que anteriormente fora pensado que o tempo de bolsa não seria suficiente para finalizar um documentário, já que o tempo de produção de um filme demanda mais do que se pensam, e o fato de continuar a produção do documentário representa uma perca para a universidade, já que a montagem seguirásendo feita por uma equipe contratada pelo Baila Cassino, causando, assim, uma interrupção de um produto que teria um grande potencial para continuar inteiramente dentro da universidade.

5. REFERÊNCIAS

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas: Papirus, 2012.

BAUER, Érika. Sobre Fazer Documentários. São Paulo: Itaú Cultural, 2007. (PDF)

MENEZES, Paulo. “Representificação – As relações (im)possíveis entre cinema documental e conhecimento”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 18, nº 51, fevereiro, 2003.

PENKALA, Ana Paula. “A Imagem-Objeto e a Memória: Uma Reflexão Sobre a Linguagem a partir das Imagens de Arquivo em Documentários”. **Revista Doc Online**, n°13, dezembro, 2012.

CASTRO, Daniela Llopart. GONÇALVES, Maiara Cristina Moraes. Dança na Maturidade: Uma Experiência com o Grupo Baila Cassino. Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança: Comitê Interfaces da Dança e Estados do Corpo – Junho/2015.

CASTRO, Daniela Llopart. HOFFMANN, Carmen Anita. SANTOS, Eleonora Campos da Motta. Baila Cassino Grupo de Dança e Projeto de Extensão Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade como Proposta de Desenvolvimento e Produção Artístico-Cultural. 2017.

TÁVARO, Adérito Schneider Alencar. Reflexões Sobre Teoria & Prática na Montagem do Filme Documentário Hang The Superstars. 2015. Tese de Douturado - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG).

A TERRA É DE QUAIS SANTOS? DEBATES SOBRE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA SEMANA DO PATRIMÔNIO DE PELOTAS

RODRIGO ALVES ACEDO[1]; GUILHERME RODRIGUES DE RODRIGUES[2]; PAULO BRUM3; LOUISE PRADO ALFONSO[4]

[1]Universidade Federal de Pelotas - UFPel - rodrigoaacedo@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas -UFPel - guilhermerdr.rodrigues@gmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas - UFPel - paulo.brum@ufpel.edu.br
[4]Universidade Federal de Pelotas - UFPel - louiseturismo@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O projeto Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas vem, desde 2015, atendendo à Comunidade Beneficente Tradicional de Terreiro (CBTT) Caboclo Rompe Mato Ilê Axé Xangô e Oxalá, no âmbito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), num esforço mútuo de reconhecimento e difusão da cultura e religião de matrizes africanas na cidade de Pelotas, através de um pedido de patrimonialização e de ações de visibilização da pluralidade religiosa da região.

A proposta de registro como bem cultural do terreiro, a qual deu início ao projeto supracitado, partiu da própria comunidade. Gisa, a Mãe de Santo, buscou o Laboratório do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), para auxiliar na escrita deste relatório a ser entregue ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), visando o reconhecimento de suas práticas religiosas.

Apesar da cidade de Pelotas estar na segunda região no Brasil com maior número de terreiros das mais diversas vertentes, poucos habitantes, inclusive os mais antigos, tem conhecimento deste dado ou, ao menos, da relevância deste número na cidade. Não são raras, aliás, as ocorrências ou declarações preconceituosas em relação à cultura negra em Pelotas, tão decisiva em sua formação e que ainda opera ativamente, influenciando na dinâmica cotidiana dos fluxos e espaços na cidade.

Portanto, é nosso objetivo no ano de 2017 com o Projeto de Extensão Terra de Santo, no âmbito do GEEUR, evidenciar essas informações à população, colocando a temática da cultura afro em discussões ampliadas. Recentemente, por meio de uma exposição interativa que se deu durante três dias no evento de comemoração do Dia do Patrimônio de Pelotas, através de diálogos, objetos e informações textuais em banner

sobre as práticas plurais de um terreiro, suas materialidades e propósitos, realizamos esse primeiro momento de debate ampliado com a comunidade pelotense.

Este trabalho, então, irá apresentar alguns resultados dessa ação, que ocorreu no Casarão 2 (onde está instalada a Secretaria de Cultura - SECULT), em um dos módulos da exposição "Margens: diferentes formas de habitar Pelotas". Essa contemplou outras quatro temáticas: trabalho doméstico, travestis de Pelotas, narrativas do Passo dos Negros e a temática afro e indígena nas escolas; cada uma delas constitui um projeto de extensão específico desenvolvido pelo GEEUR e são vinculadas ao Projeto de Pesquisa "Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas".

2. DESENVOLVIMENTO

Durante o processo de concepção da exposição "Margens: diferentes formas de habitar Pelotas" foi estabelecido, num primeiro momento, que essa seria composta apenas por *banners* informativos, abordando os cinco projetos de extensão. A exposição de *banners* objetivaria instigar a comunidade em geral a refletir sobre os outros patrimônios de Pelotas que não estão diretamente incluídos nos discursos oficiais da cidade.

Tal proposta, contudo, possivelmente não impactaria e chamaria atenção suficiente dos visitantes como desejado. Para cumprir tal meta foi sugerida a criação de módulos temáticos, agregando a eles objetos materiais, criando assim um espaço mais comunicativo e interativo.

Para o módulo Terra de Santo foram expostos objetos e vestuário utilizados tradicionalmente por Mães e Pais de Santo. A cor branca teve destaque nesta seção devido ao seu importante significado, simbolizando a paz e harmonia, e se fez presente tanto em roupas como num pano que cobriu o chão neste espaço. Selecionou-se instrumentos musicais, como um tambor e um "agê" (semelhante a um chocalho), pela fácil associação de seus timbres aos ritos tradicionalmente realizados em casas de santo. Os "axós" (peças de roupas de babalorixás e yalorixás, correspondentes às vestes masculinas e femininas) foram utilizados em decorrência da sua presença no auge do culto que se realiza aos orixás. Tais peças, vale ressaltar, foram vestidas em dois manequins negros, cedidos para o projeto pela casa Reino de Oxalá e Ogum, de Rio Grande. Um informativo com contato do Projeto Ori (projeto social desenvolvido pela CBTT com mais de 80 crianças voltado para o reforço escolar) também fez parte desta seção da exposição e,

por praticidade, foi abandonada a ideia de manter exposta uma gamela com frutas, cujo valor, contudo, vale ser lembrado no presente trabalho.

Como estratégia de aproximação dos visitantes, algum dos integrantes do GEEUR, responsáveis pela mediação, faziam algumas perguntas introdutórias para iniciar um diálogo, indagando sobre o conhecimento e/ou participação em alguma comunidade de terreiro. Dessa forma, a interlocução entre visitante e anfitrião efetivou as discussões, conectando todas as temáticas à exposição "Margens". Destacamos que o diálogo com a sociedade serviu pesquisa etnográfica para o Grupo de mediadoras/es.

3. RESULTADOS

Após três dias de exposição, o módulo, posicionado logo em frente à entrada, recebeu diversos grupos de visitantes, de idades, gêneros, classes e etnias distintas. A recepção do público foi, inevitavelmente, plural. Discorreremos a partir da recepção de alguns desses grupos, cada qual com seu valor simbólico, para podermos traçar empiricamente um panorama geral de cada dia e daí tomarmos nossas conclusões.

O primeiro deles talvez tenha sido o mais conturbado para este módulo, isto é, com pouca ou quase nenhuma interatividade ou interesse demonstrados pelos visitantes, sinalizando alguma carga de preconceito. Para nos valermos de exemplos práticos, um grupo de homens luteranos (brancos) que acabava de voltar de um encontro religioso apenas passou pela seção, ignorando as figuras expostas; além de uma professora, que, acompanhando uma turma escolar de crianças, as tomou pela mão quando estas se demoraram na observação do módulo da Terra de Santo, guiando-as especificamente à outra seção. Enfim, deliberadas atitudes que buscavam evitar olhar para estas tradições. Ademais, houve comentários desdenhosos a respeito da cor dos manequins, questionando ironicamente sua pintura. Cabe destacar que o olhar etnográfico nos permitiu evidenciar as entrelinhas, muito além das falas das pessoas, mas as expressões, corporalidades e a própria negação quanto ao módulo nos disseram muito sobre a relação do público com a temática.

No segundo dia, houve uma participação maior por parte do público, em grande parte adolescente. Foi observado um senso de identificação (código de pertencimento), com mais interações e compartilhamentos de experiências e vivências: pessoas tocaram nos tecidos e apropriaram-se dos manequins para registrar informações. No terceiro, o ritmo se manteve semelhante. As trocas e diálogos eram mais comuns com os adultos,

porém pode-se dizer que houve um interesse geral do público pelas notáveis (e urgentes) representatividades. A participação da prefeita e do secretário de cultura de Pelotas configurou um importante momento em que se pôde apelar mais diretamente por medidas que apoiem e deem a devida visibilidade a essas formas de religião.

4. AVALIAÇÃO

O objetivo principal da exposição "Margens: diferentes formas de habitar Pelotas" era pôr em movimento assuntos que não são tradicionalmente pautados nas narrativas oficiais sobre Pelotas. Pelo mesmo motivo, o lugar onde foi realizada a exposição, o Casarão 2 (local de maior evidência na Praça Coronel Pedro Osório, principalmente, na Semana do Patrimônio[1]) não foi escolhido em vão. Quebrar a expectativa de, ao invés de conhecer a história da família proprietária da antiga edificação, ser apresentado às lutas e narrativas das domésticas que ali trabalhavam (em sua maioria, mulheres negras), ou sobre a presença das comunidades negras na periferia, como no Passo dos Negros, ou por religião e cultura africana, é um impacto um tanto quanto incômodo, porém que não deixa de efetivar reflexões.

Dado o espanto de muitos ao tomarem conhecimento do número de terreiros em Pelotas e as variadas demonstrações sutis de racismo, percebidas por expressões faciais, gestos e outros comportamentos corporais, aliadas a uma persistente vista grossa às causas negras, quase que negando ou rejeitando suas pluralidades, avalia-se que a exposição e difusão deste módulo são, em nosso contexto, provocatórias por si mesmas.

Se nosso desejo era de promover algum debate sobre essas questões, formulando e compreendendo a lógica do *outro* para nos transformarmos e transformarmos a cidade (MAGNANI, 2002), foram efetivos os esforços dessa exposição para, ao menos, trazer a espaços tradicionalmente elitizados de Museus esses conflitos urbanos latentes e invisibilizados. O Projeto, dessa maneira, se prolongará em seus intentos de expor e debater sobre esses grupos marginalizados, na história e em nosso cotidiano, evidenciando suas maneiras características de habitar Pelotas.

[1] Os pelotenses têm o costume de visitar esse casarão por ele guardar uma antiga carruagem de madeira, utilizada para cortejos fúnebres. Por ocasião de eventos como a Semana do Patrimônio, os quais fazem circular muitas pessoas, ocorre maior visitação a esta antiga condução.

5. REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana** vol. 21 no. 3 Rio de Janeiro Dez. 2015

MAGNANI, José. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de Ciência Sociais**. 2002, vol.17, n.49, pp.11-29. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002. Acesso em: 11/10/2017.

OLIVEIRA, D. O. F de, RODRIGUES, M. B., BRUM, P., MATHIAS, S. F., RODRIGUES, G. R. de, ALONSO, L. P. Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas. In: III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA. Pelotas, 2016. **Anais do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPel**. Pelotas: Editora UFPel, 2016. 109-112.

RODRIGUES, J. F., BRUM, P., RODRIGUES, M. B., MATHIAS, S. F., RODRIGUES, G. R. de, ALONSO, L. P. “Nós somos representantes de nós mesmos!”: um exemplo de regulamentação de casa de religião de matriz africana em Pelotas-RS. In: III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA. Pelotas, 2016. **Anais do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPel.** Pelotas: Editora UFPel, 2016. 198-201.

RODRIGUES, G. R. de, BRUM, P., RODRIGUES, M. B., DIAS, H. G. B., RODRIGUES, J. F., ALONSO, L. P. “Mudar para se adequar sem perder o fundamento”: processo de patrimonialização em um terreiro na cidade de Pelotas-RS. In: III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA. Pelotas, 2016. **Anais do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPel**. Pelotas: Editora UFPel, 2016. 170-173.

O TEATRO DO OPRIMIDO E O DEBATE ACERCA DE OPRESSÕES EM ESCOLAS PÚBLICAS DE PELOTAS: POSSIBILIDADES DE INSERÇÃO

SAMUEL DE MORAES PRETTO[1]; FABIANE TEJADA DA SILVEIRA[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – samuelmpretto@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – tejadafabiane@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar e refletir sobre o potencial de realização de práticas de Teatro do Oprimido nos contextos escolares. Para isso, apresentaremos dados relativos a um projeto que visa inserção do Teatro do Oprimido como uma possibilidade para a discussão de opressões. O projeto está sendo estruturado pelo Projeto de Extensão TOCO – Teatro do Oprimido na Comunidade, em parceria com o Ministério Público.

O projeto está previsto para ser desenvolvido durante o ano de 2018 junto às escolas que quiserem participar deste debate sobre as opressões e a violência escolar. Por compreender que tanto a opressão quanto a violência escolar podem perpassar as diversas seriações, desde a educação infantil até o ensino médio, compreendemos o público alvo como alunos e alunas da rede pública de ensino da cidade de Pelotas.

O objetivo é promover debates e experimentações cênicas para os/as aluno/as das escolas, sob o eixo da opressão e violência a partir do conjunto de técnicas teatrais denominadas Teatro do Oprimido relacionando seus contextos a estas práticas, possibilitando ações de reflexão e formação humana bem como políticas emancipatórias favorecendo a formação de sujeitos com comprometimento humano, social e cultural.

O Teatro do Oprimido (TO) é um conjunto de técnicas teatrais sistematizadas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, a maioria desenvolvidas durante a década de 1960 como resposta às necessidades da resistência em relação ao período ditatorial. Nos seus estudos, Boal investiga as potencialidades da cena no combate às opressões promovendo jogos e metodologias que estimulam suas jogadoras e seus jogadores a problematizar as condutas no que tange às opressões, sejam elas quais forem.

Os estudos sobre Teatro do Oprimido já foram utilizados em diversos espaços de educação, formais e não formais, para o combate a opressão. Até o ano de 2014 suas técnicas estavam presentes em mais de 77 países (TURLE, 2014, p. 45) mostrando-se,

desde o seu surgimento, uma ferramenta eficiente para a consolidação de um debate acessível acerca das opressões/violências de gênero, raça, sexualidade e classe.

Dentro do atual contexto brasileiro, torna-se cada vez mais necessário debater acerca dessas violências uma vez que estas, encontram-se institucionalizadas e em crescente expansão. Suas estruturas de manutenção são alimentadas por mecanismos de desinformação e intolerância e estimulam ações violentas em relação a determinados grupos como negros e negras, indígenas, comunidade lgbt e mulheres.

Reconhecemos que a instituição escolar é um espaço reprodutor de condutas opressivas gestadas na sociedade, mas também a compreendemos como um território fundamental na disputa pela formação humana, política, social e cultural como base para a construção de uma sociedade solidária e justa. O TOCO estrutura uma proposta de ação alicerçada no diálogo compreendendo-o como uma ferramenta histórica no combate a opressão, a desigualdade e a discriminação.

A atuação do TOCO articula práticas artístico-políticas na problematização dos processos cristalizados de opressão compartilhando os meios de produção teatral a todas as pessoas envolvidas na experiência, potencializando assim, o papel político da arte na formação humana e cidadã.

2. DESENVOLVIMENTO

O projeto se desenvolverá em encontros semanais realizando oficinas com os alunos envolvidos propondo discussões acerca do debate sobre opressões proporcionando a experimentação cênica e argumentativa. Para isso, desenvolveremos técnicas de Teatro do Oprimido (Teatro Imagem e Teatro Fórum) vinculando os conhecimentos específicos da prática e pedagogia teatral e demais estudos pedagógicos.

Serão realizadas práticas teatrais com os/as alunos/as buscando conhecer o nível de envolvimento com a linguagem teatral através de jogos apresentados pelos estudos de Augusto Boal, em especial no que se refere aos exercícios introdutórios. Nestes, são sistematizadas uma série de exercícios corporais que possibilitam a aproximação dos/as envolvidos e envolvidas na atividade com as especificidades da linguagem teatral, instrumentalizando-os/as para as posteriores atividades cênicas que serão realizadas para o debate sobre opressões. Segundo Bárbara Santos, pesquisadora do Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro (CTO Rio), o método sistematizado por Augusto Boal busca “restituir aos oprimidos o seu direito à palavra e o seu direito de ser” possi-

bilitando que estes se apropriem de seus respectivos espaços de luta e fala, ampliando suas capacidades de inserção e resistência no mundo. Para Boal, “cidadão não é aquele que vive em sociedade - é aquele que a transforma” (BOAL, 2009, p. 22).

Ao longo das oficinas serão utilizadas as técnicas de Teatro Imagem e Teatro Fórum possibilitando o exercício cênico e reflexivo acerca das suas capacidades de modificação social referente a questão das opressões, violências que em sua maioria encontram-se naturalizadas em nossos cotidianos e servem de alicerce para outros tipos de violência.

> No Teatro-Imagem, a encenação baseia-se nas linguagens não-verbais. Essa foi uma saída encontrada por Boal para trabalhar com indígenas, no Chile, de etnias distintas com línguas maternas diversas, que participavam de um programa de alfabetização e precisavam se comunicar entre si. Esta técnica teatral transforma questões, problemas e sentimentos em imagens concretas. A partir da leitura da linguagem corporal, busca-se a compreensão dos fatos representados na imagem, que é real enquanto imagem. A imagem é uma realidade existente sendo, ao mesmo tempo, a representação de uma realidade vivenciada (SANTOS, BÁRBARA, 2009, p. 1).

Assim como esta técnica foi importante para Augusto Boal na consolidação de uma unidade comunicativa entre distintas etnias indígenas no Chile, utilizaremos essa técnica como um instrumento pedagógico potencial na discussão dos temas acerca de opressões e como forma de introduzir algumas premissas específicas da linguagem teatral (como o som e a imagem) às jogadoras e jogadores. Essa etapa pode ser vista também como pressuposto pedagógico para a abordagem posterior, o Teatro Fórum.

> Produz-se uma encenação baseada em fatos reais, na qual personagens oprimidos e opressores entram em conflito, de forma clara e objetiva, na defesa de seus desejos e interesses. No confronto, o oprimido fracassa e o público é estimulado, pelo Curinga (o facilitador do Teatro do Oprimido), a entrar em cena, substituir o protagonista (o oprimido) e buscar alternativas para o problema encenado (SANTOS, BÁRBARA, 2009, p. 1).

Os procedimentos de construção e desenvolvimento das técnicas de Teatro do Oprimido possibilitam a criação de uma rede de compartilhamento de saberes e experiências que alimentam debates que contribuem para emancipação e problematizam nossos cotidianos e no caso deste projeto, o cotidiano escolar.

3. RESULTADOS

Trabalhar com Teatro do Oprimido no debate sobre opressões tem se consolidado como um mecanismo histórico de resistência baseado no diálogo e no protagonismo dos oprimidos e das oprimidas. Dentro dos contextos escolares esse conjunto de técnicas teatrais poderão auxiliar nos processos de emancipação humana, possibilitando uma formação ampla e humanizada dos alunos e das alunas envolvidos/as nas atividades de investigação cênica.

Contemplando assim, diversas questões relativas tanto às potências específicas da linguagem teatral quanto as pedagógicas como a convivência, formação política emancipatória e o protagonismo social. Ampliar as possibilidades de discussão e reflexão acerca do contexto brasileiro em relação aos seus processos opressivos de organização social por meio da cena estimulando sua análise e suscitando possíveis mudanças.

4. AVALIAÇÃO

O Teatro do Oprimido tem a potência necessária para pôr em crise padrões de comportamento reproduzidos diariamente e sustentados por lógicas opressivas. Além disso, possibilita a participação ativa de um indivíduo que, como oprimido, assume o protagonismo na busca pelos seus objetivos, defendendo-os e tornando-se capaz de refletir de forma mais ampla e profunda sobre o papel que está assumindo, o espaço que está ocupando e o discurso que está reproduzindo.

Formar-se humanamente com Teatro do Oprimido é excitar o ser cidadão que segundo Boal, configura um sujeito com potencial de transformação (BOAL, 2009, p. 22). É “ensaiar para a vida real” colocando-se como meio de modificação de uma cena que reverberará em maiores e mais profundas mudanças sociais. É reconhecendo esse potencial e buscando práticas dialógicas de formação como aquelas preconizadas por Freire e pelo próprio Teatro do Oprimido que consolidaremos um espaço fértil para pro-

blematização das opressões e outras violências que sustentam as condutas intolerantes e discriminatórias de algumas parcelas da sociedade.

5. REFERÊNCIAS

Livro

BOAL, Augusto. Jogos para Atores e Não-Atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas. 6. ed. Editora Civilização Brasileira S.A: Rio de Janeiro, 1991.

BOAL, Augusto. A Estética do Oprimido. Editora Garamond: Rio de Janeiro, 2009.

Documentos Eletrônicos

CTO RIO. **Método**. SANTOS, BÁRBARA. 2009. Centro de Teatro do Oprimido, Rio de Janeiro. Acessado em 20 set. 2017. Online. Disponível em: http://ctorio.org.br/sitio/index.php/metodo.

GEOCINEMA: CULTURA, ESPAÇO, SOCIEDADE E NATUREZA

SAMUEL MOREIRA SILVEIRA FERNANDES[1];
GIOVANA MENDES DE OLIVEIRA[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – samuca-kun@hotmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – geoliveira.ufpel@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O projeto Geocinema: cultura, espaço, sociedade e natureza, pertencente ao Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais do curso de Geografia busca a construção de ideias e pensamentos a partir de reflexões e debates acerca de películas, objetivando a reflexão crítica sobre a sociedade, numa união de saberes dentro e fora da universidade. É um projeto no qual apresentamos filmes com temáticas estabelecidas, discutimos e fazemos oficinas sobre o temas abordados nas películas. Temos, portanto, intuito de trazer, não somente para a área acadêmica mas também para a comunidade externa, um olhar mais crítico, fora do senso comum, para hábitos pertencentes à sociedade atual, partindo de espaço que é objeto de estudos da geografia. Ele é executado dentro da universidade para qualquer público, e fora da universidade, nas escolas e na comunidade.

Dentro e fora da universidade, por ser um projeto de extensão, ele constrói um diálogo com pessoas de comunidades periféricas e escolas públicas, assim sendo possível criar uma visão menos academicista, tratando de problemas na prática, com exemplos reais do dia a dia dos próprios espectadores.

O projeto não somente gera ganhos para a comunidade, mas também para, o acadêmico e professor, que participa de seu desenvolvimento, havendo um enriquecimento de sabedoria desde a escolha do catálogo de filmes até a troca de conhecimentos com os espectadores das sessões. A interdisciplinariedade por trás do projeto de extensão tem como principal objetivo resignificar a graduação, aproximando cada vez mais as áreas do saber.

2. DESENVOLVIMENTO

Diante de uma sociedade tecnológica e dita globalizada, as tecnologias digitais tem invadido o nosso cotidiano, nos seduzindo e nos condicionando, criando uma Matrix que

nos impede de reflexões próprias. Por que não usar do cinema, uma das mais antigas tecnologias audiovisuais para provocar a reflexão?

Ora, o cinema é um local de rir, chorar, pensar, divertir-se e estudar. Isso porque neste local passam filmes que são verdadeiros textos, alguns usam sons, outros são mudos, mas todos eles comunicam as ideias do autor e a percepção do diretor, contando com as expressões, os gestos dos atores.

Esse conjunto, ora usa apenas de realidade, ora ficção e em muitos casos, os dois, permitindo que nossa mente se envolva em determinada história e construa conexões entre o que está posto ali e a realidade, proporcionando o aprendizado de forma significativa.

Um filme pode, com vários efeitos, em especial hoje com a computação gráfica, antecipar realidades e voltar ao passado, levando nossas mentes a pensar em questões nunca percebidas por que não podiam ser vivenciadas. E tudo isso de forma agradável e eficiente. O filme serve para entretenimento e para reflexões profundas, para pensar na sociedade e na sua transformação.

A união do cinema com geografia é algo recente e escasso, tanto no Brasil quanto no resto do mundo. Mesmo podendo ser observado o espaço geográfico criado a partir de ações cinematográficas, recebe pouco enfoque em sua estrutura, com o geocinema foi possível demostrar que a geografia, por ser uma ciência social aplicada, pode ser vista e usada como instrumento em diversas áreas de estudo, afirma Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 261).

Segundo Almeida (1994, p. 7-8), o recurso cinematográfico pode ser usado tanto para o bem quanto para o mal, levando a uma alienação do espectador para com sua realidade. Com um senso crítico mais aguçado permitido pela geografia, o espectador deixará de ser usado como instrumento de consumo, sem a noção de suas consequências, e começa a pensar mais nas suas próprias atitudes, tendo exemplos de suas vidas passando na tela projetada, assim conseguindo ver por outro ângulo seu cotidiano, por muitas vezes complexo. O filme tem papel cultural, sendo um instrumento responsável por resignificar a vida das pessoas envolvidas pelas tramas, criando o ato de repensar em suas próprias vidas com uma nova perspectiva de existência.

Conforme Barbosa (199, p.131), utilizando de recursos audiovisuais, os filmes trazem consigo uma forma diferente de debater e alcançar ideias novas, sendo possível a construção de representações da realidade, alcançando novos conceitos socioespaciais acerca de diferentes assuntos. Sendo como processo inicial para debates, os filmes

demonstram realidades presentes na vida de muitos espectadores, sendo possível uma identificação e assim uma nova conscientização dos seus próprios atos.

Em 2017, o Geocinema atuou na escola, na universidade e em uma UBS, seguindo ritmos diferentes, de acordo com a comunidade que formava cada local. Na escola, trabalhando com alunos do nono ano do EJA (escola para jovens e adultos) da Escola Estadual Dom João Braga, foi construído ideias de ocupação e reintegração do lugar que era a escola para eles, partindo de filmes onde era explicado a importância de se sentirem mais próximos da escola. Após filmes e debates, foi construído cartazes onde foi criado a ideia do que poderia melhorar e o que eles, enquanto alunos, poderiam melhorar na escola.

Na UBS Osório, onde o geocinema aconteceu, foi possível ter um público bastante abrangente, desde pessoas idosas, donas de casa e seus próprios filhos. Tendo como principal motivação, o projeto foi proposto com o intuito de levar uma nova forma de vida para a comunidade, mostrando ser possível e até mais barato possuir uma alimentação mais saudável, orgânica e podendo ser produzida no quintal de casa.

Na universidade o projeto começou falando sobre sustentabilidade, entrando como auxílio inicial para outro projeto, chamado ‘’hortas urbanas’’, assim demonstrando por meio de filmes que é possível pensar numa cidade mais sustentável, sem uso de qualquer tipo de agrotóxicos, não agredindo a natureza e, ainda assim, sendo acessível para todas as classes sociais.

A tabela a seguir contem todos os filmes da temporada inicial, sendo abarcado vários fatores sobre o consumo e suas consequências.

Tabela 1 – filmes da temporada geocinema - sustentabilidade

Filme	Duração
O veneno está na mesa	50min
A carne é fraca	54min
Brasil orgânico	65min
Vivendo com um dólar	56min
Muito além do peso	84min
Criança, a alma do negócio	49min
O verdadeiro custo	92min
Lixo extraordinário	94min

Com o encerramento da temporada sustentabilidade, a temática diversidade teve início no âmbito acadêmico, levando informações e debates sobre um tema presente

na vida de muitas pessoas, tentando assim dar voz às minorias, que mesmo no século XXI ainda sofrem preconceitos diariamente. Usando das mesmas táticas da temporada anterior, os filmes tiveram papel de incentivar o diálogo de temas pouco debatidos, mas que são de grande importância, e a geografia entrando com seu olhar crítico ajudando nessas questões, que com a união de outras áreas, pode trazer ótimas ideias e propostas de intervenção para este assunto ter mais relevância dentro da universidade.

Além de trazer assuntos pouco debatidos, também a temporada "diversidade" levou como palestrante pessoas trans e mulheres, assim conseguindo obter um empoderamento para essas pessoas que diariamente são caladas pela opressão de serem o que são.

3. RESULTADOS

Com a temporada sustentabilidade o projeto conseguiu criar uma conscientização das pessoas em relação ao modo de vida consumista que, de primeira visão, parece ser a única forma de vida existente. Tratando da alimentação foi levado à universidade exemplos de alimentos orgânicos, por meio de uma feira de produtos, mostrando ser capaz de produzir alimentos mais saudáveis e pouco agressivos à natureza. Em três semanas foram acumulados agasalhos para doação a um asilo público da cidade de Pelotas, que contribuiu não somente para o bem de pessoas carentes, mas também para pensar em um consumo mais consciente.

Em parceria com o projeto ''hortas urbanas'' atuando em união com a Unidade Básica de Saúde da comunidade ''Osório'', foi criada uma horta urbana e orgânica de maneira cooperativista, onde moradores da região atuaram de maneira participativa desde sua estruturação até a contemplação dos alimentos produzidos. O geocinema tendo atuação de base, leva aos moradores uma proposta de um estilo de vida alternativo, tendo como pressuposto o debate e a construção de ideias, conseguindo assim dar uma maior autonomia para as pessoas envolvidas, mostrando que elas não são mais inferiores pelo seu local de vida ou sua condição social menos favorecida.

A segunda temporada intitulada de ''diversidade'' trouxe o assunto de gênero e sexualidade para a comunidade acadêmica, tendo como fator responsável por isso a ausência de discussões e mais visibilidade para as minorias. Com o cenário atual politico nada favorável a estas causas, é imprescindível a importância de falar sobre este assunto por meio de roda de conversas expositivas e com intervenções socioespaciais.

4. AVALIAÇÃO

Tendo como avaliação a presença e *feedbacks* sobre o projeto, foi possível avaliar que aconteceu com grande satisfação tanto para os organizadores quanto para os expectadores dos filmes, mantendo uma presença constante, e com ideias críticas para novas temporadas. Assim sendo possível pressupor que o geocinema teve um desempenho muito bom, sendo possível ser pensado em levá-lo adiante, para outras edições sem muitas modificações.

Com a interdisciplinariedade é possível alcançar novas ideias, que estudadas e analisadas de maneira unitariamente não seriam possíveis de alcançar. Com a troca de ideias, diálogo entre diferentes pessoas com diferentes estilos de vida o projeto geocinema se tornou não somente um projeto do curso de geografia, mas sim pertencente a vários cursos da universidade.

O destaque a novas formas de ser entendido o espaço é o maior ganho com esse projeto, pois tendo caráter mutável e particular, a construção e o próprio descobrimento do espaço geográfico pelas pessoas é de tamanha importância que a partir destas noções podem ser modificadas as maneiras de ver o mundo e de se ver no mundo. Com o simples fato de assistir um filme, é visto que ocorreram revoluções internas, seja pela procura de novas maneiras de viver, com uma consciência mais susentável, seja por proporem outros temas a serem debatidos e intervenções propostas pelos espectadores.

A principal função de um projeto de extensão é levar para fora do ambiente acadêmico o conhecimento adquirido em sala de aula, com o geocinema todos os envolvidos, desde sua organização, até a participação como ouvinte, geraram ganhos de conhecimentos por pertencer a um universo de inúmeras maneiras de enxergar a vida. Conhecimentos duradouros, estes que não são esquecidos assim que a conversa acaba, mas sim que seja levado para fora da roda de conversa, passado adiante, sendo uma consequência benéfica e encadeadora de conhecimentos e diversificação de culturas.

5. REFERÊNCIAS

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009. 383 p.

ALMEIDA, Milton José. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

OS MUSEUS DO CONHECIMENTO: CATÁLOGO DOS MUSEUS DA UFPEL

SIMONE BITTENCOURT DE FREITAS[1]; GIULIA FERREIRA MICHELON[2]; FRANCISCA FERREIRA MICHELON[3]

[1]Universidade Federal de Pelotas– bittencourtdf.si@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – giuliamichelon@gmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas – francisca.michelon@ufpel.edu.br

1. APRESENTAÇÃO

O catálogo intitulado"Os Museus do Conhecimento" é um dos resultadosdo trabalho desenvolvido pelo programa de extensão "O Museu do conhecimento para todos: inclusão cultural para pessoas com deficiência em museus universitários", que recebeu auxílio no Edital Proext/MEC 2015/Secretaria dos Direitos Humanos e Justiça. Todas as ações desenvolvidas no referido Programa objetivaram qualificar procedimentos voltados para os museus da Universidade Federal de Pelotas, tendo em conta a especificidadedo público de pessoas com deficiência. O catálogo resulta de um levantamento inicial dos espaços de memória institucional, com funções de museu, conforme o que consta no Estatuto dos Museus (Lei 11.904/2009), bem como de memória científica, nesta Universidade. Com vistas a divulgar os museus da UFPel para públicos de diferentes nacionalidades, apresenta os textos em três idiomas: português, inglês e espanhol.

Tal ação de traduzir ostextos dos museus levantados, contribui para que se lancem as bases de uma política de apoio e fomento aos setores que guardam os suportes da memória científica, tecnológica e cultural da universidade. Ao mesmo tempo,intensifica a discussão sobre os acervos e as diferentes modalidades de museus que existem na UFPel. Na proposição deste catálogo,encontra-se a consideração de que a divulgação deve ser feita no idioma dos países vizinhos, o espanhol, e no idioma das relações internacionais, o inglês. Destaca-se, ainda, no que tange a esse aspecto, que o produto ora relatado no presente resumo contemplao Programa que o gerou, também sobrea finalidade de formar recursos humanos e desenvolver produtos e procedimentos para a inclusão de pessoas com deficiência em museus universitários. Aplica-se ao objeto deste relato a compreensão de que se deve promover a divulgação para dar valor à existência e na sequência, dar acessibilidade de forma ampla, incentivando que diferentes públicos frequentem os museus.

O foco do projeto que gerou o catálogo é a inclusão cultural, fundamentadano entendimento da cultura como um direito a ser observado pela sociedade. Consta no texto da Declaração Universal sobre a Diversidade (UNESCO), que os direitos culturais são universais (UNESCO, 2002) e que qualquer cidadão deve dele fazer uso. Gerar os meios de acesso, portanto, condiz em gerar fatores favoráveis à cidadania.

Há ainda que se destacar que o levantamento feito, pelo qual se elencou os museus, expressa o desejo de que se possa mapear as modalidades de espaços de memória que foram sendo criados na UFPel. Ao ter o mapeamento concluído, que deverá gerar no futuro, outra publicação, será possível entender a amplitude e o modo como os suportes da memória científica foram sendo reunidos ao longo do tempo, bem como entender a lógica que os precedeu. Dar a conhecer o catálogo, no presente momento, significa, também, motivar a apresentação de outros espaços não elencados.

2. DESENVOLVIMENTO

A origem deste catálogo está em um evento ocorrido em 2015. A 13a Semana Nacional dos Museus, realizada de 18 a 24 de maio daquele ano (Fig. 1), foi promovida pelo já referido Programa de Extensão e discutiu a função das redes de museus para os museus universitários das Instituições Federais. Na ocasião, estiveram presentes a Professora Rita de Cássia Marques, coordenadora da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Claudia Aristimunha, coordenadora da Rede de Museus e Acervos Museológicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o Prof. Edmond Castell que inaugurou e dirigiu o *Sistema de Patrimônio y Museos (SPM) de la Universidad Nacional de Colombia*. Cada um apresentou a experiência da sua Universidadetanto na implantação como no funcionamento da rede de museus. O resultado do debate indicou que seria necessário conhecer os museus que deveriam compor o campo da futura Rede de Museus da UFPel. Para dar início ao levantamento dos espaços, indicaram-se aqueles que costumam receber professores e alunos e desenvolvam ações com a comunidade. Para padronizar tanto a busca como os resultados, regrou-se a proposição do conteúdo do catálogo, levando-se em consideração a missão e o histórico de cada museu, a descrição sintética do acervo, uma síntese das ações em ensino, pesquisa e extensão e a prática de formação de alunos. Desse modo, 12 museus foram pesquisados. A tipologia destes museus é bastante diversa, assim como o estado em que se encontram:seis estão implantados e em pleno

funcionamento; um é um projeto de uma área de museus, um memorial, um herbário, um planetário um processo museológico e dois museus que possuem acervo, regimento, mas ainda não estão implantados.

Fig. 1 - Abertura da 13a Semana dos Museus na UFPel, no Museu do Doce.

Fonte: Foto do arquivo do Museu do Doce/ UFPel

A criação gráfica do catálogo(Fig. 2), a produção e a tradução dos textos para o inglês foi realizada por alunos e orientada por professores. A tradução para o espanhol foi feita por uma professora uruguaia, que atua na área de museus. A tradução para o inglês foi desenvolvida com base em pesquisa de gramática e termos específicos museológicos e de conservação e restauração em sites e dicionários de língua inglesa. Foi conduzido com traduções individuais, através de busca de significados de palavras, frases e expressões, para verificação dos termos utilizados mundialmente e adequação à lingua inglesa quando necessário.

Fig. 2 - Capa do Catálogo Os Museus do Conhecimento para Todos.

Fonte: Foto do arquivo do Programa de Extensão O Museu do Conhecimento para Todos/ UFPel

3. RESULTADOS

O catálogo foi impresso em 2016 e lançado em 2017, como uma das ações da 15a Semana dos Museus da UFPel. O lançamento do catálogo reuniu os museus constantes e na ocasião foi apresentada a proposta de regimento da Rede de Museus, Processos e Acervos Museológicos da UFPel. Essa foi criada, efetivamente, após o evento, como um órgão suplementar da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. O regimento da rede foi apresentado e aprovado no Conselho Superior da UFPel em setembro deste ano de 2017.A Rede pretende constituir uma política para a área de museus, aportando iniciativas que contribuam com a melhoria dessas instituições. Após o lançamento, o catálogo foi distribuído entre os Museus e a Rede de Museus. Parte da tiragem foi encaminhada para doação às bibliotecas. Do catálogo também surgiu a primeira exposição dos Museus da UFPel que inaugurou o Espaço do Patrimônio. Este é um espaço expositivo no quarto andar do Bloco B do Campus Anglo. Trata-se de uma parede de 12 metros lineares que se localiza na frente do Auditório Élio Paulo Zonta. A parede foi adequada para ser um espaço expositivo destinado a conteúdos referentes ao patrimônio cultural da UFPel. O local recebe um vasto público, continuamente, por decorrência dos eventos que ocorrem no Auditório.

4. AVALIAÇÃO

A disponibilização do catálogo às instituições museológicas da UFPel,fomentou a discussão para os espaços de memória e de guarda dos acervos técnicos, científicos e culturais que se encontram nos museus da universidade, nas salas históricas e nos memoriais. A reunião desses sectores indica que ha uma variada tipologia de acervos e espaços e que conforme a instituição avança, outros espaços vão surgindo. O catálogo contribui para ampliar o reconhecimento dos acervos e dos espaços históricos. Sendo trilíngue,propõe-sea atingir um público mais amplo. Avaliou-se que o trabalho obteve êxito nos seguintes aspectos: 1. Destacar os espaços e iniciativas que detém acervos relacionados à memória técnico-científica-cultural da Instituição; 2. Incentivar a a proposição de um novo modelo de gestão (a Rede de Museus) do patrimônio cultural gerado a partir dos seus espaços de memória; 3. Intensificar a divulgação dos museus da UFPel, 4. Ampliar o acesso à informação sobre esses museus, acervos e novas formas de apresentar a memória.Sobretudo, destaca-se que o catálogo intensifica a sinergia entre as pessoas

que atuam com os patrimônios no âmbito da inclusão cultural na instituição. A avaliação identificou conteúdos que podem ser desenvolvidos a partir desta ação: 1. Fomentar o trabalho entre alunos do curso de tradução e alunos dos cursos da área de patrimônio cultural para aprimorar os termos técnicos da área. 2. Trabalho de levantamento dos acervos históricos existentes nas unidades; 3. Trabalho sistemático de divulgação desses acervos; 4. Incremento do desenvolvimento de produtos com vistas à acessibilidade. Entende-se que a própria Rede de Museus deverá dar continuidade ao trabalho que teve início com este catálogo.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n º 11.904, de 14 de janeiro de 2009.Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Diário Oficial da União, 15/01/2009.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.** Conferência Geral da United NationsEducational, Scientificand Cultural Organization, 2002. Disponível em http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf. Acesso em 09/10/2017.

ATELIER LIVRE DE PRÁTICAS PICTÓRICAS

TALES MACEDO VARGAS[1];
JOSÉ LUIZ DE PELLEGRIN[2]; EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES[3]

[1]*UFPel– tales.macedo@outlook.com*
[2]*UFPel – jpell@terra.com.br*
[3]*UFPel – dudagon@terra.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão Atelier Livre de Práticas Pictóricas inicia suas atividades em junho de 2017, destinado à abertura do atelier de pintura do Centro de Artes da UFPel, para a realização de atividades voltadas à produção pictórica de artistas formados por essa Instituição, assim como para artistas interessados em fomentar sua produção no espaço universitário, em coletividade com outros artistas e professores de artes. A motivação primeira dessa proposição é decorrente do número de formandos de 2016/2 que realizaram os Trabalhos de Conclusão de Curso/TCC com ênfase na linguagem pictórica, e que na

> Pesquisa em arte, ênfase de Poéticas Visuais, delimita o campo do artista-pesquisador que orienta sua pesquisa a partir do proceso de instauração de seu trabalho prático assim como a partir de questões teóricas e poéticas, suscitadas pelas suas práticas. (REY, 1996, p. 81)

Sob esta ótica teórico/prática, ou seja, os alunos no final do Curso apresentam um conjunto de trabalhos pautados pela coerência de um tema e motivados por um problema que lhes conferem contemporaneidade e uma monografía que revela a parte teórica do estudo através da qual da acesso aos referenciais teóricos, aos seus processos, ao diálogo com outros artistas e ao modo como traduz na práxis a síntese dessas vivências. Sendo teórico/prática os estudantes utilizam os ateliês como uma estrutura de suporte e de vivências e, ao saírem da universidade muitos deles deixam de ter um espaço específico para a realização de sua produção. É sabido que a maioria dos alunos que desenvolvem trabalhos na área de pintura têm espaço reduzido e impróprio para essa prática em suas residências e são raros os que podem comprar ou alugar locais para dar continuidade as suas práxis artísticas. Portanto, essas dificuldades acabam implicando

no abandono de suas práticas ou restringindo suas produções. Igualmente, no contexto da região de Pelotas e tendo-se em conta a situação econômica do país, os espaços reservados para a produção e consumo da cultura têm se reduzido como é próprio desses momentos. Por isso, as Instituições públicas têm papel fundamental de responder a essas necessidades já que são comprometidas com as áreas de formação e sustentação das atividades artístico-culturais.

A proposição desse projeto se pauta pelo compromisso com ex-alunos, com artistas e interessados nas manifestações artísticas. Visa à colaboração com a constituição de um sistema de arte no país que desde a era Collor tem tido dificuldades para se manter de forma mais efetiva e próspera. Depois dos anos 2000 alguns espaços não institucionais se organizaram e deram certo fôlego à área de cultura na cidade, entretanto nos últimos anos alguns desses espaços encerraram suas atividades, pelas dificuldades econômicas que implicam na diminuição do consumo e da frequentação do público. Outros espaços que permaneceram ativos o fizeram a partir da diversificação de suas atividades. Assim, entendemos que o acolhimento da solicitação da comunidade tem papel fundamental de colaborar para que o sistema da arte possa atravessar o período de crise e em especial gere espaço de conhecimento qualificado. Ressaltamos que, os agentes do sistema mantendo-se envolvidos com as atividades para sustentar o fluxo da cultura, evitando recomeços posteriores com perdas e desgastes consideráveis para alcançar estágios de desenvolvimento já trilhados têm papel fundamental de manter a produção em movimento, feitas na universidade motivam os alunos/artistas em formação e se constituem em espaços de resistência em tempos de crise que podem ser identificados pelo quase encerramento do Ministério da Cultura no ano que passou.

Como objetivo principal pretendemos que cada artista amplie seu repertório, mantenha sua produção garantindo uma formação continuada e constituída por uma visão crítica. Para que assim possam compartilhar o conhecimento e trabalho produzidos, levando tanto para espaços expositivos que a cidade oferece, quanto para circuitos mais amplos. Posibilitando assim ampliar a socialização com o público e contribuir culturalmente para a legitimação do sistema das artes; fazendo da extensão universitária um meio benéfico para os artistas em formação, bem como para os egressos. Como decorrência, a produção teórico/prática se torna um exercício de mão dupla. Acolhe esse público que promove um exercício de troca e amplia o espaço de formação para os que estão em curso e de qualificação para os primeiros.

2. DESENVOLVIMENTO

A atividade extensionista ocorre no Centro de Artes, na sala 110, nas terças das 18h às 21h30 e quartas das 8h30 às 12h. Os coordenadores e o bolsista acolhem os participantes que usufruem do espaço, tendo em vista as suas necessidades no que tange ao desenvolvimento das práticas pictóricas individuais. Assim, cada participante opta por seus meios que surgem a partir de motivações distintas. Nos encontros é comum a interlocução entre integrantes e professores, que a cada encontro disponibilizam-se a conversas e orientações sobre possíveis referencias artísticas, entre outros assuntos que surgem em decorrência de fatos que colaboram com o desenvolvimento do pensamento poético.

As ações do projeto são realizadas visando à experiência individual, partindo deste ponto para pensar as atividades exigidas pelo grupo. Cada integrante apresenta sua trajetória, suas expectativas e suas necessidades que são traduzidas, num segundo momento, por um plano individual de trabalho. O plano individual de trabalho envolve a organização do espaço, a eleição dos materiais que serão explorados, os instrumentos que permitem o trato com os materiais, as referências artísticas e conceituais que dão suporte para a constituição do processo poético. Nos encontros, os coordenadores e o bolsista disponibilizam material bibliográfico, como catálogos de exposições, livros de arte, revistas de arte, monografias, dissertações e teses, que possam motivar discussões acerca de diferentes concepções de espaço, de cor, de tempo, de faturas, de escala, de materiais e de referências teóricas no cenário artístico. Igualmente, o processo que envolve a atuação desses se caracteriza como uma mediação. Encontramos essa definição nas acepções de Mirian Celeste Martins sobre curadoria educativa que pode ser utilizada nesse âmbito da extensão devido à similitude do perfil que atribuímos a nossa presença nessa atividade. Ou seja, Martins revela que a ação de mediar se caracteriza:

> Não como ponte entre quem sabe e quem não sabe, entre a obra e o espectador, mas como um “estar entre” muitos (...). Estar entre muitos nos coloca na posição de quem também há de viver uma experiência, potencializando-a aos outros, pois a vive com intensidade. Na mediação, entre tantos, estamos atentos às falas, aos silêncios, às trocas de olhares, ao que é desvelado e velado, aos conceitos e repertórios que ditam os gostos, os modos de pensar, perceber e deixar-se ou não envolver pelo con-tato, com a experiência de conviver com a arte. Convívio que nos

> exige sensibilidade inteligente e inventiva para pinçar conceitos, puxar fios e conexões, provocar questões, impulsionar para sair das próprias amarras de interpretações reducionistas, lançar desafios, encorajar o levantamento de hipóteses, socializar pontos de vistas diversos, valorizar as diferenças, problematizando também para nós o convívio com a arte. (MARTNS, 2006, p. 2)

No espaço de atelier de práticas pictóricas as relações se estabelecem de maneira horizontalizada o que proporciona uma trajetória permeada pela autonomia na constituição dos conhecimentos e ao mesmo tempo entreposto por trocas entre todos os envolvidos.

3. RESULTADOS

Mesmo que o projeto tenha iniciado em decorrência de uma demanda identificada na proposta dessa atividade de extensão, fundamentalmente de ex alunos em recente formação, ou seja, já graduados em artes, há participação de pessoas da comunidade. Por exemplo: um ex técnico administrativo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, sem formação em artes, que ao se aposentar encontrou no projeto de extensão um espaço para investir em sua produção pessoal nunca antes tratada com regularidade. Assim como tem incentivado também artistas em formação que utilizam o espaço extraclasse para dar continuidade à produção realizada em aula, potencializando as investigações teórico/práticas, ao mesmo tempo quantificando a produção. Ressaltamos também, o retorno à instituição de alunos formados em anos distintos que retomaram a produção e que buscam um espaço de convivência, de troca e de interlocução. (Figura 1) Essas demandas singulares, nos artistas que desenvolveram trabalhos de maneira profícua já deram repercussão, como é possível verificar na recente exposição coletiva intitulada “Pedra, Papel e Tesoura: mãos em movimento”, realizada no Ágape, onde a artista Daniela Meine participa, e apresenta parte dos trabalhos desenvolvidos também com o suporte do projeto. Mario Schuster que expos recentemente no mesmo espaço e que, em discussão sobre a produção apresentada naquele momento está desenvolvendo um conjunto de trabalhos para uma nova exposição que teve como motivação um dos trabalhos lá apresentado. Aquí cabe salientar uma especificidade. O artista já divide espaço em seu atelier com outros artistas, mas parte deles integra as atividades de extensão do

CA como necessidade de troca e interlocução com seus pares. (Figura 2)

É evidente nas falas dos participantes que o espaço estimula a produção, pois estar em contato com outros artistas potencializa de forma positiva as ações em torno de cada poética. Por isso, há participantes que mesmo tendo ateliês vinculam-se às atividades do projeto por ser um modo de conexão com a produção de conhecimento universitária e para estar em contato com outros artistas, numa espécie de constante atualização. A atividade extensionista é recente e obviamente apresentará outros resultados adiante.

Figura 1 e Figura 2: Imagem (2017). Fonte: registro do bolsista

4. AVALIAÇÃO

O projeto ainda esta em andamento e ainda não passou por uma avaliação conclusiva, mas podemos aferir que entre o que se estabeleceu como meta há muitas surpresas no que se refere à diversidade da produção e o interesse de um público mais amplo, do que havíamos estabelecido inicialmente (no projeto); atualmente , participam da atividade os alunos formados a mais tempo, alunos em formação, sem formação em artes que buscaram o desenvolvimento de suas produções em convívio com outros artistas e em contato com seus ex professores. Verifica-se uma produção consistente que poderá integrar exposições coletivas e individuais. Além disso, é evidente um avivamento e movimentação no próprio atelier de pintura reforçando um envolvimento com a linguagem, há um impacto na formação dos estudantes e do curso ao qual estão vinculados. O espaço do atelier acolhe e passa a ser um continente de procesos de criação. A atividade de extensão interfere positivamente no fluxo do curso regular de Artes Visuais como atividade motivadora modelar para a postura do artista em formação.

E mais, o quão importante é o espaço do atelier no sentido de ser um tempo significativo no qual as pessoas trocam experiências coletivamente e se desafogam um pouco

do tempo corrido da vida contemporânea qualificando também o cotidiano e com ele a condição cidadâ dos indivíduos.

5. REFERÊNCIAS

MARTINS, Mirian Celeste (coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação – **Revista do Departamento de Educação/UNISC** - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27. Disponível em: http://fvcb.com.br/site/wp--content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Curadoria-Educativa.pdf

REY, Sandra. Da prática a teoria: Três instâncias medológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais. **Porto Arte**, Porto Alegre, vol. 7, n. 13, Nov. 1996, p.81-95. Disponível em: file:///C:/Users/OEM%20Install/Desktop/sandra%20rey.pdf.

PROJETO ARTE NA ESCOLA: AÇÕES E PARCERIAS

TALIA CORTES[1]; SIMONE DA SILVA CARDOZO[2];
CARMEM REGINA SILVEIRA NOGUEIRA[3]; NADIA SENNA[4]

[1]Universidade Federal de Pelotas – taliacortes23@gmail.com 1
[2]Universidade Federal de Pelotas – monedsc@hotmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas– carmemnogueira@gmail.com
[4]Universidade Federal de Pelotas- alecrins@uol.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho relata um breve histórico do Projeto Arte na Escola − Polo UFPEL, existente na instituição desde 1993. Destacamos as ações e parcerias, bem como alguns resultados obtidos na atual gestão, iniciada em 2013, que priorizou atividades no espaço das escolas, indo ao encontro de seu público alvo.

O Projeto Arte na Escola tem como objetivo a formação continuada dos professores atuantes na rede geoeducacional de Pelotas, para tanto disponibiliza materiais instrucionais imagéticos e bibliográficos para o ensino de artes em âmbito fundamental e médio. A missão incide sobre a formação complementar e ampliada dos futuros profissionais (licenciandos em artes visuais, teatro, dança e música), possibilitando práticas que envolvam a comunidade escolar e a universidade a fim de debater e desenvolver o conhecimento artístico.

As ações de formação se organizam a partir da disponibilização gratuita do acervo, oficinas de arte e artesanato oferecidas em instituições de ensino, espaços informais ou alternativos; a formação continuada é voltada para professores e contempla ciclos de debates, seminários, palestras, exposições, mediações e mostras de vídeos, propiciando um repertório reflexivo e crítico em torno da arte, compreendendo as instâncias culturais e educacionais.

A linha metodológica segue uma abordagem contemporânea denominada Artografia, que reúne professor, artista e pesquisador sem estabelecer divisões de papéis. Ao contrário, reconhece o quanto são imbricados entre si, propondo inovações na produção de narrativas, artefatos e dispositivos para ampliar a compreensão dos processos e fenômenos.

Essa concepção também se afina com uma atuação indissociada entre ensino, pesquisa e extensão, conforme preconizam os Planos de Desenvolvimento da UFPel

e do Centro de Artes;uma proposta pedagógica assumida por nossa unidade desde os seus anos iniciais. Por conta de nosso protagonismo na extensão universitária, conseguimos manter o projeto, em demanda contínua, expandindo atuações e parcerias.

A natureza aberta e híbrida que orienta as proposições em prol da qualificação do ensino da arte, da formação continuada e complementar, também é compartilhada pelos demais polos do Projeto, que constituem a Rede Arte na Escola.

Nosso engajamento na rede possibilitou estreitar ligações com professores coordenadores de outros polos, arte-educadores reconhecidos pelas experiências e pesquisas inovadoras. Mirian Celeste Martins, Rosa Iavelberg, Raimundo Martins e Irene Tourinhotem estado conosco em muitos eventos e publicações conjuntas. Do outro lado da fronteira e para além mar, temos contado com Gonzalo Vicci, Fernando Miranda, Miriam Tavares, Leonardo Charreu, Rosa Blanca, entre outros. São parceiros dedicados com quem dividimos inquietações, acompanhamos as mudanças e encaramos os desafios educacionais e artísticos do mundo contemporâneo

2. DESENVOLVIMENTO

Para atender a missão e as metas projetadas programamos as atividades segundo três linhas de ação.

A primeira compreendea Midiateca e a Biblioteca setorial, setor responsável pela guarda, manutenção e empréstimo do acervo. Aliás, a instauração das midiatecas está na origem do projeto, a implementação do acervo de vídeos e materiais didáticos nos polos universitários, atendia as necessidades de disponibilizar ferramentas para o ensino da arte contemporânea, através de documentários em torno de artistas, obras e processos criativos. E, isso em uma época em que o acesso às imagens era precário e defasado.

Durante os anos de 2015 e 2016 promovemos a catalogação do acervo com o auxílio de uma estagiária do curso de biblioteconomia da FURG nos termos da organização do sistema de bibliotecas da UFPel. Essa organização possibilitou a integração ao sistema pergamum e permitiu aos usuários o acesso online ao acervo. Destacamos a ampliação do acervo, nos últimos anos, via doação de instituições e particulares tendo em conta a nova estruturação e formalização da biblioteca setorial. Cabe ressaltar que salvaguardamos o empréstimo para profissionais, egressos e graduandos de outras instituições conforme a política do Instituto Arte na Escola.

Para dar visibilidade ao acervo da midiateca (vídeos, jogos e afins) promovemos exibições e oficinas integradas a eventos, organizados pela unidade ou pelas escolas, enfatizando diferentes possibilidades de uso pedagógico. Também incentivamos pesquisadores, professores e graduandos a conhecerem a qualidade e diversidade dos títulos disponíveis, especialmente no que tange à arte comtemporânea

A segunda linha de atuação engloba as ações voltadas para a comunidade escolar. Essa modalidade é uma caracteristica da atuação extensionista do polo UFPel, que oferece oficinas e atividades artísticas para fruição e qualificação junto às escolas da região.

Em função das dificuldades encontradas no contexto do ensino brasileiro, que restringem dinâmicas, sobrecarregam profissionais e engessam a fruição e produção em artes, adotamos uma estratégia de ação que prioriza atividades que acontecem no chão da escola. A cada semestre, elegemos escolas parceiras para desenvolver um programa integrado que contempla ensino, pesquisa e extensão com vistas a estimular a formação de jovens mais perceptivos, criativos e críticos de sua realidade.

Essa atuação ampliada concretiza o papel social da universidade com a comunidade na qual está inserida, desenvolvendo, capacitando e qualificando cidadãos. Nessa linha promovemos visitase mediações aos espaços de exposição, galerias e museus gerenciados pelo Centro de Artes e pela UFPel. Realizamos oficinas em nossos atêlies para alunos da rede de ensino fundamental e médio.O movimento, mais que disponibilizar o espaço, dá visibilidade a práticas e pesquisas, contribuindo para o reconhecimento da arte como área de saber e profissionalização. Ainda visando esse público específico, organizamos tardes de experimentação e fruiçãoem artes que acontecem nas escolas e reúnem bolsistas e voluntários de outros programas e projetos de extensão da unidade.

A terceira frente de ação busca promover aformação continuada, através de atividades voltadas aos profissionais atuantes. Incentivamos a participação em grupos de estudo e de pesquisas, ciclos de debate, seminários e palestras com intenção de qualificar o ensino de arte na região.

Para atender essa missão ofertamos cursos de extensão, que atualizam práticas e repertórios, ativamos grupos de estudos e encontros com renomados arte-educadores.

Nos últimos anos, ampliamos a parceria com a pós-graduação em nível de especialização e mestrado vinculadas ao Centro de Artes e a Faculdade de Educação, a associação implicou em atualizações e qualificaçãodas ações. Consolidamos o seminário sobre o ensino das artes que se encontra na sua terceira edição, tendo atingido a categoria internacional, através de parcerias e convênios com universidades da fronteira.

3. RESULTADOS

Na atual gestão iniciada em 2013 investimos na atuação dos bolsistas junto às escolas de forma contínua e intensiva, tal experiência tem se revelado prodigiosa para a formação e qualificação dos futuros professores, bem como dos profissionais em exercício. A parceria proporciona aos licenciandos uma vivência conectada com a realidade e lhes permite conhecer, experimentar e avaliar práticas pedagógicas e, assim adquirir a maturidade crítica essencial para futuros profissionais.

A sistematização do conhecimento adquirido proporciona visibilidade e possibilita o debate, retroalimentando o processo. Por outro lado, a escola e os professores diretamente envolvidos, ativam o intercâmbio sendo agentes transformadores e se qualificando conjuntamente. São convidados a relatarem a experiência nos grupos de trabalhos, participarem de mostras, oficinas e mesas redondas, atualizando currículos acadêmicos com vistas ao ingresso na pós-graduação.

Como resultado efetivo da ação destacamos os inúmeros trabalhos de graduandos sobre as experiências junto ao projeto, inclusive na forma de TCCs. E, ainda, a inserção e formação de ex-bolsistas e professores parceiros nos programas de especialização, mestrados e doutorados.

As ações nas escolas que envolvem grupos maiores e acionam a comunidade por inteiro (alunos, professores, técnicos, pais e amigos) atendem em plenitude a meta de formação de público, promovem a fruição e a vivência de processos criativos. A prática foi adotada para contornar dificuldades relatadas pelos professores da rede para aderir ao projeto e trazerem a escola para participar das atividades.A estratégia revelou possibilidades de atuação interdisciplinar, promoveu o encontro entre extensionistas de diferentes projetos socializando saberes e práticas em instância ampliada.

Para divulgar as ações e os resultados temos investido nos relatos, publicações em anais, organização de mostras e catálogos, que disponibilizamos em nosso site institucional.

4. AVALIAÇÃO

Desde a implantação do projetoem nossa unidade percebemos seu impacto positivo, principalmente, sobre a formação dos futuros professores, pela viabilização e acesso aos materiais pedagógicos. E, ainda, pelos programas de atualização e capacitação

docente com as metodologias inovadoras para o ensino da arte. Ana Mae Barbosa foi referência conceitual e líder desse momento de transformação, que valora a arte pelos seus aspectos cognitivos e expressivos, daí a ênfase na interrelação entre fazer, apreciar e contextualizar a arte.

De lá para cá, só temos intensificado experiências e pesquisas. Para alcançar professores da rede, apreender a diversidade cultural, promover trocas de saberes, integrar e interagir com tecnologias e, ainda, nos organizarmos politicamente frente as polêmicas, documentos oficiais, como LDB, PCNs e a atual BNC.

Então, não basta oferecer materiais e promover encontros, é preciso fomentar a reflexão, avaliar de forma crítica e constante a formação que estamos desenvolvendo, atentas às necessidades e desafios que se sucedem. A parceria com programas e grupos de pesquisa tem se constituído um instrumento valioso para dimensionar a atuação e sua repercussão, bem como qualificar futuras ações. Através das estratégias e parcerias, os professores tem retomado o contato com a Universidade e dão continuidade a sua qualificação.

Temos consciência do nosso papel para a inserção de profissionais capacitados, comprometidos com uma educação participativa, inclusiva e competente.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2003.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte**: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013.

IAVELBERG, Rosa. **Arte/Educação Modernista e Pós-Modernista**: fluxos na sala de aula. Porto Alegre: Pens, 2017.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Cultura Visual e Infância**: Quando as Imagens Invadem a Escola.Santa Maria: Ed. UFSM, 2010.

MARTINS, Mírian Celeste; Picosque, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

UM MUSEU ACOLHEDOR: VISITAS MEDIADAS NO MUSEU DO DOCE

TAMARA OLIVEIRA SILVA[1]; CARLA RODRIGUES GASTAUD[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas - UFPEL –muitasoliveiras@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – crgastaud@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

O Museu do Doce da UFPEL, criado através da portaria do reitor n°1.930, em 30 de dezembro de 2011, faz parte de um projeto que tem como missão salvaguardar os diversos saberes e fazeres da tradição doceira de Pelotas e região, bem como a pesquisa e a comunicação deste patrimônio, que se justifica pelo papel social, cultural e econômico que tal tradição cumpre na cidade, conhecida como Capital Nacional do Doce.

Neste sentido, é a ele vinculado o Projeto de Extensão Um Museu Acolhedor: Visitas Mediadas no Museu do Doce, o qual tem o objetivo de formar um corpo discente capaz de, segundo o estudo da bibliografia existente sobre o contexto sócio histórico cultural e arquitetônico da cidade de Pelotas, mediar visitas do público - composto tanto pela comunidade acadêmica e visitantes, quanto pela sociedade em geral, ao museu que ocupa o Casarão 8, situado na Praça Coronel Pedro Osório no centro histórico de Pelotas, prédio este que, associado às casas 2 e 6, nesta mesma quadra, formam um conjunto arquitetônico em estilo eclético tombado pelo Instituto do Patrimônio, Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1977.

A implantação e a organização do Museu do Doce, órgão suplementar do Instituto de Ciências Humanas- ICH/UFPEL, se deu a partir de estudos direcionados à pesquisa sobre a tradição doceira que caracteriza a cidade de Pelotas, feita por uma equipe de docentes desta mesma instituição, segundo a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais- INRC.

Este espaço, em consonância com sua especificidade de museu universitário, tem a característica de ser um laboratório de ensino, um instrumento norteador da experiência acadêmica, onde alunos e professores dos mais diversos cursos, entre eles Bacharelado em Antropologia e Arqueologia, Bacharelado em Museologia e de Conservação e Restauração de Bens Móveis encontram espaço propício para o desenvolvimento de seus projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, sendo também um espaço aberto à comunidade para realização de atividades culturais dos mais diversos segmentos, desde grupos

de estudos e rodas de debate sobre temas variados, até servir como tema e cenário para encenações teatrais e exposições fotográficas. Uma característica marcante deste espaço é o trânsito cotidiano de pessoas de diferentes lugares sociais e geográficos, tanto a nível municipal quanto internacional, o que faz do Museu do Doce um espaço de circulação constante de saberes, de vivências, de formas distintas de experimentar e compreender a cidade de Pelotas e seu patrimônio material e imaterial.

> A mostra deve adotar os princípios de uma museografia que busque a interlocução entre o visitante e a coleção, conseguindo se comunicar de forma objetiva com os diversos públicos, membros das diversas classes sociais, independentemente do grau de instrução ou faixa etária. (BINA, 2010, p. 78)

Por meio de ações educacionais o espaço museológico estabelece um diálogo com a sociedade em geral e reitera seu potencial de inclusão social ao fomentar a ampliação dos conhecimentos, principalmente através do estimulo ao questionamento crítico e criativo, por meio da preservação e problematização do patrimônio, memória e identidade, e também a partir da troca de conhecimentos que se dá neste espaço.

> Pode haver educação que não tenha como eixo a formação critica? Estou seguro de que não. A capacidade critica e, precisamente, a capacidade de separar, distinguir, circunscrever, levantar diferenças e avalia-las, situar e articular os inúmeros fenômenos que se entrelaçam na complexidade da vida de todos os dias e nas transformações mais profundas do tempo rápido ou lento. (MENESES,2000)

2. DESENVOLVIMENTO

O trabalho desenvolvido neste projeto se constitui na organização de visitas mediadas ao prédio do Casarão 8, primeiro objeto em exposição do acervo do Museu do Doce, e tem como intuito, além da divulgação do museu e sua relevância histórica no contexto político e arquitetônico na cidade de Pelotas , ser um veículo que possibilite a apropriação deste espaço pela comunidade, reconhecendo-o e valorizando-o enquanto um bem histórico e cultural, enquanto parte da memória material que compõe a identidade pelotense.

Assim, através da exposição de longa duração Entre o Sal e o Açúcar : O doce através dos sentidos, e das diversas exposições temporárias que ocorrem neste espaço, ações educativas são desenvolvidas no sentido de promover a democratização do acesso a este bem cultural, com foco nas mediações abertas à comunidade, sobre a história e iconografia que estão gravadas nos detalhes arquitetônicos do edifício, e a partir disto, fomentar uma "alfabetização cultural", a qual, segundo o educador Paulo Freire, aumentaria o leque de possíveis caminhos para as pessoas compreenderem suas identidades culturais e a se reconhecerem, de forma consciente, em seus valores próprios, em sua memória pessoal e coletiva, pois "A criticidade e as finalidades que se acham nas relações entre os seres humanos e o mundo implicam em que estas relações se dão com um espaço que não é apenas físico, mas histórico e cultural" (FREIRE, 2003).

3. RESULTADOS

Em busca de organizar um espaço museal que ultrapasse a contemplação e seja também lugar de questionamento, este projeto de extensão contribui cotidianamente com a diminuição da distância entre a educação formal e não formal, promovendo a abertura do espaço acadêmico ao público, e permitindo a disseminação pública do conhecimento produzido, tanto dentro como além das fronteiras institucionais da UFPEL.

A participação e interesse da comunidade ficam evidentes a partir das contribuições partilhadas pelos visitantes, no que diz respeito à construção da memória coletiva através do sentimento de pertencimento, de valorização das memórias individuais, a qual se percebe pela busca da população e também de escolas da rede por visitas mediadas, que possibilitam a criação de um novo olhar sobre o patrimônio e sobre a história da cidade de Pelotas e região.

Buscamos trazer a luz do diálogo percepções que ultrapassam o tempo presente, tanto nos percursos guiados pelo casarão, quanto no sentido de valorizar a participação da comunidade de forma que o espaço museológico seja visto como um lugar realmente acolhedor, explorando seu potencial enquanto patrimônio material de ser efetivamente um bem cultural, que transitando no interior desta sociedade, seja capaz de se inserir na vida social dos cidadãos promovendo a reflexão sobre seu passado e presente.

4. AVALIAÇÃO

No ano corrente, a despeito da escassez de recursos, tanto materiais como humanos, imposta pelos cortes abruptos realizados pelo governo federal à universidade e por conseguinte ao museu, houve um incremento de pelo menos 50% na visitação[1] em comparação com o ano anterior, sendo que deste número a maioria é constituída por escolas. Apontamos que a prática da revisita tornou-se frequente, como é o caso do Colégio Municipal Pelotense[2].

Os resultados obtidos até este momento nos indicam que este projeto de extensão tem cumprido seu papel social de promover o despertar de uma consciência crítica e de fomentar a responsabilidade da sociedade para com o reconhecimento e preservação do patrimônio cultural da cidade de Pelotas, o que entendemos como sendo a real função do museu: ser ferramenta para servir a comunidade e educar. De acordo com Chagas, isso se dá no espaço museológico devido, ”sua aptidão para a adaptação aos condicionamentos históricos e sociais e por sua vocação para a mediação cultural. Eles resultam de gestos criadores que unem o simbólico e o material, o sensível e o inteligível” (CHAGAS, 2008, p.59).

Assim, entendemos o Museu do Doce como um espaço de transição e trocas de conhecimentos e experiências, tanto no âmbito acadêmico como para a população em geral, que a cada dia se apropria mais deste espaço, demonstrando-nos a efetividade de nosso trabalho.

5. REFERÊNCIAS

BINA, E. D. **Museus: espaços de comunicação, interação e mediação cultural.** Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Universidade do Porto / Faculdade de Letras / Biblioteca Digital, v.2, p. 76-86, 2010.

CHAGAS, M.S.;Diversidade Museal e Movimentos Sociais. In: NASCIMENTO JUNIOR, J.;CHAGAS, M.(Orgs). **Ibermuseus**, Reflexos e Comunicações. Brasília: IPHAN, DEMU, 2008.

[1] Com base nos livros que todos os visitantes são incentivados a registrar sua passada pelo museu.
[2] Escola Municipal situada em Pelotas-RS, de acordo com o site da escola, possui mais de 3.000 alunos matriculados.

FREIRE, P. Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GASTAUD, C. R. et al. Do sal ao açúcar: as ações educativas do Museu do Doce da UFPEL . Pelotas: **Expressa Extensão**, v. 19, n. 2, p. 91-105, 2014.

MENESES, U. B. Educação e Museus: sedução riscos e ilusões. Ciências e Letras: **Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação**. Porto Alegre: FAPA, n. 27, p. 91-102, 2000.

MICHELON, F.F.; LEAL,N.M.P.M. **Os Museus do Conhecimento**: Catálogo de Museus da UFPEL. Bagé: Bühring, 2016.

VISIBILIDADE DAS NARRATIVAS, DA MATERIALIDADE E DAS LUTAS DO PASSO DOS NEGROS

TANIZE M. GARCIA[1]; GUILHERME G. RUCHAUD[2]; LOUISE PRADO ALFONSO[3]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – nize.garcia@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – guiruchaud@gmail.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho visa apresentar uma ação desenvolvida no âmbito do projeto extensão *Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogas/os em formação.* A ação foi voltada ao desenvolvimento de um módulo sobre o Passo dos Negros em uma exposição realizada pela equipe do projeto de pesquisa "*Margens: Grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*", vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) do Departamento de Antropologia da UFPel.

Além da comunidade do Passo dos Negros, o referido projeto de pesquisa envolve outros grupos formadores da cidade de Pelotas, em especial aqueles relacionados a outros quatro projetos de extensão: *Mapeando a Noite: o universo travesti; Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas; O Trabalho Doméstico entre o Passado e o Presente: Direitos e Cuidados da Atualidade; e A questão Afro-indígena nas escolas: oficinas com multiplicadores sobre identidade, patrimônio e arqueologia.*

A exposição *Margens: diferentes formas de habitar Pelotas* foi constituída de forma a apresentar alguns dos resultados desses projetos, ainda em andamento, e a provocar reflexões a respeito das narrativas oficiais sobre a cidade de Pelotas. Buscou-se dar visibilidade à diferentes grupos que compõem e constroem a cidade cotidianamente e que permanecem subsumidos nas narrativas oficiais. Ao trazer a multiplicidade de formas de se pensar cidade, convidamos as/os visitantes a refletir e, principalmente, a narrar a *sua* cidade.

Às/aos integrantes do grupo de pesquisa "Margens" somaram-se outras/os estudantes dispostas/os a contribuir na montagem da exposição, compondo uma equipe diversa e multidisciplinar, que corresponde à própria natureza dos projetos. Do mesmo modo, a multiplicidade teórica marcada pela presença de alunas/os de várias áreas do conhecimento foi pautada na orientação pedagógica da *pergunta*, proposta por Freire (1985),

como forma de imprimir desde o planejamento da amostra o pensamento crítico a partir do diálogo evocado pelos questionamentos. Estes dispostos em banners em cada módulo da exposição, em um painel interativo que continha uma série de perguntas que convidavam o visitante a participar por escrito da construção do painel ou pela conversa com as/os mediadoras/es da exposição.

A exposição aconteceu no período de 18, 19 e 20 de agosto de 2017, durante um evento promovido pela Secretaria Municipal de Cultura (Secult) de Pelotas (RS), intitulado "Dia do Patrimônio". Além de apresentar os primeiros resultados dos projetos, a ação pautada em uma *nova* museologia social que convida à reflexão, favoreceu o diálogo entre universidade e sociedade, contribuiu na formações discente e gerou novos dados para a pesquisa. além de atender demandas das comunidades envolvidas.

2. DESENVOLVIMENTO

Foi por meio de reuniões das equipes dos projetos, comunidades e curadoras/es que foram selecionados os temas e narrativas que seriam apresentadas nos módulos, a metodologia que guiaria a concepção dos banners e painéis interativos, que iriam expor e comunicar temáticas tão diversas. Também foram selecionas imagens fotográficas e objetos, os meios de interação e registros dessas comunicações seriam importantes para costurarmos uma gama tão variada de formas de ver e de construir a cidade de Pelotas. Conforme Agier (2011) a cidade se constrói constante e cotidianamente por diferentes formas de se habitar.

Formamos o que parecia uma "sala-mosaico" ou um "mapa interativo" que permitisse às/aos visitantes uma aproximação das pessoas de grupos diversos e a forma como elas vivem a cidade e constroem narrativas. Os *banners* dos projetos eram acompanhados por elementos materiais. A exposição iniciava com um banner de apresentação do Margens, seguido dos módulos dos cinco projetos de extensão. Em cada módulo, as/os visitantes eram abordadas/os por mediadores com perguntas sobre seu conhecimento a respeito das diversas temáticas expostas.O último módulo era composto por um painel de perguntas e repostas onde as pessoas poderiam descrever as suas formas de habitar e construir Pelotas, a partir de questionamentos como: *Que Pelotas tu conhece? Como as tuas histórias se misturam com as histórias da cidade? Como é viver em Pelotas? Quais são teus lugares preferidos na cidade?* Neste módulo ficavam disponíveis papéis em branco e canetas para o registro das respostas. Dessa forma, a participação de cada

visitante poderia vir a formar uma “Pelotas múltipla”, sendo as/os visitantes integrados imediatamente à exposição. Por fim, era apresentado um *banner* com a equipe que construiu a exposição.

Para o módulo do projeto *Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogas/os em formação* construímos uma narrativa fotográfica, utilizando fotos resultantes de trabalhos de campo coletivos junto à comunidade do Passo e textos que descreviam narrativas das/os moradores sobre a localidade e suas referências culturais. Essa narrativa fotográfica foi exposta sobre um grande mapa do Estado do Rio Grande do Sul, datado de 1902, que apresentava o Passo dos Negros como marco importante daquele período. Este mapa destacava a importância histórica da localidade e nossa intervenção, buscava apontar para a relevância contemporânea desse lugar e para a participação daquela comunidade no processo de construção da cidade ao longo do tempo. As imagens fotográficas ainda serviram para demarcar a região que consideramos o Passo dos Negros, com base no que as pessoas que habitam aquele lugar o compreendem e narram. Segundo Samain (2012) as fotografias são imagens que pensam, uma vez que veiculam ideias que fazem pensar.

O módulo buscava ainda, discutir o direito à cidade e apresentar o debate sobre a especulação imobiliária crescente na região e as ameaças de remoção de alguns grupos. Também, procurava incentivar a reflexão sobre os bens patrimoniais valorizados pela história oficial de Pelotas e sobre elementos e aspectos que são invizibilizados por estas narrativas oficiais, mas que também são importantes para a história da cidade (ALFONSO E RIETH, 2016).

O módulo continha, além do banner de apresentação dos debates propostos pelo projeto, um outro banner produzido e selecionado pelo Osório Futebol Clube, clube esportivo centenário do local. Bem como, um troféu de conquista histórica do clube escolhido pela comunidade, evidenciando a apropriação daquela comunidade da exposição e parceria com o projeto de extensão.

Todas as etapas da exposição enfatizaram que os diferentes grupos, marginalizados ou invisibilizados, nas histórias oficiais, também construíram e constroem a cidade todos os dias, em seus cotidianos. Sendo assim, suas narrativas e materialidades devem ser consideradas importantes enquanto patrimônio e devem compor a história oficial de Pelotas.

3. RESULTADOS

Em parte por ter sido realizada no Casarão 2, edificação tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e um dos mais privilegiados em termos simbólicos e de localização, a exposição "Margens: diferentes formas de Habitar Pelotas" recebeu uma grande quantidade de visitantes ao longo dos três dias. No primeiro dia, sexta-feira, se destacaram os grupos escolares, principalmente no período da manhã. A pedagogia pautada em perguntas, nos auxiliou a levar temas, muitas vezes polêmicos, com leveza para as crianças, que foram instigadas a interagir conosco, se mostravam empolgadas com o troféu cedido pelo Osório FC. O objeto, certamente, mais fotografado pelas crianças. Algumas chegavam a passar rapidamente por outros módulos para chegar mais rápido até o troféu. Uma menina do grupo escolar disse que sua mãe era torcedora do Osório até hoje. A mãe dela frequentava o Osório, mas hoje moram no Dunas, mais ao norte na cidade, e continua sendo torcedora.

Durante o final de semana, diferentes grupos visitaram a exposição, identificando-se mais ou menos com cada projeto exposto. Foram muitas as narrativas sobre o Passo dos Negros por parte destes grupos diversos. Como parte do nosso planejamento, oferecíamos nossa atenção para as trocas que enriqueciam aquela experiência. Entre as/os visitantes descobrimos também haver pessoas que conheciam a região do Passo dos Negros das mais diversas maneiras, como antigos moradores. Outro visitante, que ficou impressionado com as fotografias, enfatizava a importância do Engenho como patrimônio da cidade: "(...) é importante resgatar esses prédios, tem um colecionador, tipo um historiador (...) que conheço que tem fotografias antigas disso tudo aí, Pelotas não sabe valorizar a sua história (...)", dizia Fábio (visitante da exposição). Para ele, que fala sobre a cidade como uma entidade, seus moradores não dão ênfase suficiente à história "(...) tão rica de sua fundação e, deixam que tudo fique, assim, na pobreza (...)". Para Fábio, as imagens atuais do Passo e do centro histórico onde a exposição aconteceu, denotavam decadência. No entanto, continuou sua fala dizendo que era importante a presença daquelas histórias nos casarões, mostrando "(...) que Pelotas não é só o centro (...)". Algumas pessoas, ao se depararem com o painel mostrando o Passo dos Negros na atualidade, recordavam de situações do passado que os remetiam a bairros próximos. Percebemos que o Passo dos Negros pode ser também uma forma de acionar memórias sobre outras regiões da cidade, mantendo importante aspecto de conexão tal como se dava nos tempos de escravidão, não sendo, de forma alguma, um local isolado.

Muitos se interessavam pelos temas e se surpreendiam com as informações que

disponibilizávamos sobre a pesquisa e demonstravam preocupação quanto às ameaças de remoção de grupos, em especial das famílias de pescadores que serão realocadas em uma localidade distante do canal. Podemos, assim, perceber que as exposições mexiam com os visitantes, fazendo pensar sobre as outras formas de patrimônio em Pelotas, como nos propusemos a apresentar. Outros ainda reforçavam as formas mais clássicas de se entender patrimônio cultural, questionando-nos sobre o motivo de estarmos falando sobre as influências negras na construção histórica da cidade, quando deveríamos estar falando dos casarões. De fato as imagens e os objetos do Passo faziam-nos pensar.

4. AVALIAÇÃO

Considerando que o objetivo da exposição era legitimar e dar visibilidade às narrativas e às referências culturais de grupos que fazem parte de Pelotas, mas que são historicamente invisibilizados e excluídos, acreditamos que a exposição tenha cumprido seu papel. Esta foi uma das ações mais visitadas durante o evento e mais abordadas pela mídia local. O interesse demonstrado por grande parte das/os visitantes, a percepção do desconhecimento sobre os temas, narrativas e lutas dos grupos apresentados, mesmo por pessoas nascidas em Pelotas, enfatizaram nossa hipótese inicial de que esses grupos estão invisíveis na narrativa que se constrói sobre a cidade, por meio de seus aparatos discursivos oficiais.

A ação também foi de extrema relevância para as equipes dos projetos que atuaram como mediadoras/es, alternando entre os diferentes módulos para a recepção das pessoas. Embora muitas/os mediadoras/es possuíssem mais afinidade com uma ou outra temática específica, foi possível observar que nossas próprias narrativas a respeito da exposição e dos painéis variava ao longo desses três dias, pois se modificavam conforme as experiências das mediações anteriores e as relações que foram sendo costuradas com as/os visitantes. Aprendemos muito durante o processo.

Ressaltamos a apropriação da comunidade do Passo dos Negros da ação, Tanto pela disponibilidade de participar de uma mesa redonda organizada pelo projeto para apresentar o Passo, como nas contribuições para a formação do módulo.

Entendemos que a exposição desses trabalhos no Casarão 2, no evento comemorativo do “Dia do Patrimônio”, foi uma forma muito importante de buscar a visibilização destes grupos em processos de exclusão em Pelotas. Os resultados desta ação deve

somar-se aos resultados de outras ações desenvolvidas junto a esses grupos pelos respectivos projetos. A percepção de atitudes preconceituosas, ou sorrisos de reconhecimento de visitantes contribuíram, também, para a continuidade de nossas reflexões. Diante das experiências, entendemos que os grupos que compuseram essa exposição estão mais próximos das narrativas sobre cidade e sobre patrimônio das/os visitantes pois, por meio do diálogo e trocas experiências, foram possíveis reflexões sobre a necessidade de ampliar suas visões sobre Pelotas.

5. REFERÊNCIAS

AGIER, M.. **Antropologia da cidade**: lugares, situações e movimentos. São Paulo: Ed, Terceiro Nome, 2011

ALFONSO, L. P.; RIETH, F.M.S.. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. SCHIAVON, Camen Burget; PELEGRINI, Sandra de Cássia. (Org.). **Patrimônios plurais: iniciativas e desafios.** Rio Grande: Editora da FURG, p. 131-147, 2016.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A.. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Ed, Paz e Terra. 1985.

SAMAIN, E. As imagens não são bolas de sinuca. **Como Pensam as Imagens.** São Paulo: UNICAMP, 2012 pp. 21-36

AS VIVÊNCIAS DOS IDOSOS NA CIDADE DE PELOTAS E A RELAÇÃO COM O BAIRRO ONDE VIVEM

TULIO MATHEUS SOUZA[1]; GISELE SILVA PEREIRA[2]; GREYCI BOLZAN[3]; LUCAS PREZOTTO[4]; SIRLENE. M. SOPEÑA[5]; ADRIANA PORTELLA[6]

[1]*Universidade federal de Pelotas – tulio.sid@gmailcom*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – gisele_pereira@hotmail.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – greycibbolzan@gmail.com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas – lucasprezotto@hotmail.com*
[5]*Universidade Federal de Pelotas – sirmellos@hotmail.com*
[6]*Universidade Federal de Pelotas – adrianaportella@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

Diante do aumento da presença de pessoas maiores de 60 anos, no Brasil e no Reino Unido, surgem os questionamentos sobre como projetar uma cidade que esteja apta a melhor receber essa significativa parcela da população. Esse é o desafio ao qual o projeto "*Projetando lugares com idosos: Rumo a comunidades amigas do envelhecimento*" Se propôs. O referido projeto é resultado de uma parceria internacional liderado pela Universidade Heriot-Watt em Edimburgo, no Reino Unido, e pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em Pelotas, no Brasil.

> Esta pesquisa reconhece que simplesmente mudar a forma construída não é suficiente para criar um ambiente mais inclusivo para o envelhecimento, pois os lugares são mais do que espaços físicos. Ambientes viáveis são articulados através de um forte sentido de lugar, definido como os vínculos sociais, psicológicos e emocionais que as pessoas têm com seu ambiente. Um forte senso de lugar resulta do acesso a apoios para participação ativa, oportunidades para construir e sustentar redes sociais e assumir um papel significativo na comunidade. Em contraste, um sentimento de deslocamento ou "falta de espaço" está associado à alienação, ao isolamento e à solidão, muitas vezes resultando em problemas adversos de saúde e bem-estar, particularmente entre os idosos vulneráveis. Socialmente, a criação de ambientes urbanos amigáveis à idade que apoiam o sentido de lugar é parte integrante do envelhecimento bem-sucedido, garantindo que os idosos possam con-

> tinuar a contribuir positivamente na velhice, atrasando a necessidade de cuidados institucionais e reduzindo os custos de saúde e assistência social. (PLACE AGE, 2016).

A pesquisa possui três cidades estudos de caso, tanto no Reino Unido (Edimburgo, Glasgow e Manchester) quanto no Brasil (Pelotas, Belo Horizonte e Brasília).

Na UFPEL, a equipe de pesquisadores é composta por professores dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Turismo. Conta também, com alunos bolsistas e voluntários de graduação e de pós-graduação dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, de Geografia e de Turismo.

Estando vinculado à extensão, o projeto busca uma maior proximidade da comunidade em geral com os assuntos acadêmicos. Como a comunidade idosa será a maior beneficiada e atingida pelos resultados desse projeto, nada mais justo que ela esteja presente em todos os métodos adotados para o desenvolvimento do mesmo.

Muitos relatos apontam que o ambiente preferido pelos idosos é a comunidade, onde eles podem permanecer ativos, socialmente conectados e independentes. Sendo assim, o objetivo do presente estudo é analisar as vivências que os idosos têm com a sua vizinhança, para assim, entender a relação que os maiores de 60 anos sentem com o seu bairro.

2. DESENVOLVIMENTO

Apoiando-se a ideia de obtermos diferentes níveis de classes sociais, escolaridades e diferentes vivências, em cada País, foram escolhidos, em cada cidade, três bairros distintos. Em Pelotas, os bairros participantes da pesquisa são: Fragata, Navegantes e Centro. Assim dentre todas as metodologias desenvolvidas pela pesquisa, foi realizada uma entrevista face a face, semiestruturada, com os idosos de cada bairro.

No bairro Navegantes foram realizadas 10 entrevistas, no bairro Fragata foram conduzidas 12, e no Centro também foram feitas 10 entrevistas, totalizando 32 entrevistas. As entrevistas foram realizadas durante os meses de Janeiro e Fevereiro, de 2017, por uma equipe de pesquisadores composta por bolsistas e alunos voluntários de graduação e pós-graduação. Todas as entrevistas foram feitas seguindo um roteiro padrão, que foi organizado pelos coordenadores do projeto, em escala nacional e internacional. As perguntas do roteiro de entrevistas são de certa forma, muito esclarecedoras para

entender como é a vida dos idosos em suas comunidades, começando com perguntas relacionadas à vizinhança, como por exemplo: o que o idoso gosta em sua comunidade? Como é viver na vizinhança? Quais são as vantagens e desvantagens de viver no bairro?

Na sequência, as perguntas relacionam-se aos espaços públicos e apoios comunitários, contemplando perguntas relativas à acessibilidade, ao transporte, à manutenção das ruas, etc.

Depois de realizadas, todas as entrevistas gravadas foram transcritas e impressas a fim de serem analisadas pela equipe de pesquisadores participantes da pesquisa. Para uma melhor organização dos dados obtidos, os mesmos foram agrupados em categorias encontradas nas entrevistas transcritas.

3. RESULTADOS

Como a pesquisa teve início em 2016, o projeto ainda está em seu estágio inicial, não sendo possível, neste momento, a apresentação de resultados conclusivos. Vale salientar, então, que todos os resultados apresentados a seguir são preliminares e estão sujeitos a mudanças de acordo com o avanço da pesquisa.

As categorias que emergiram das entrevistas foram as seguintes:

Sentimento em relação ao lugar (residência e bairro); Vizinhança e relação entre vizinhos; Sentir-se respeitado ou importante; Melhor lugar para envelhecer; Participação (grupos de idosos, trabalho voluntário, etc.); Engajamento político; Aquisição de informação; Contato com jovens; Contanto com familiares; Condições de saúde; Se é ativo; Segurança/Violência.

No entanto, a categoria analisada pelo presente estudo é: Melhor lugar para envelhecer.

Perguntar para uma pessoa na terceira idade, como seria o lugar ideal para se envelhecer, é muito importante para entender como é a relação que o idoso tem com o bairro.

Se as respostas estiverem relacionadas a qualquer outro lugar que não seja o bairro, poderemos concluir que algo está errado com a comunidade, e o trabalho de planejamento do bairro, será um pouco mais complexo que o esperado, pois teremos que pensar em como proporcionar uma maior aproximação dos idosos, com o lugar onde vivem.

Se as respostas estiverem relacionadas de maneira positiva sobre o bairro, estaremos no caminho certo, e poderemos prosseguir com o trabalho sabendo que os idosos entrevistados, possuem uma ligação forte com o seu local de moradia.

4. AVALIAÇÃO

O projeto de extensão apresentado neste estudo é de grande importância para as populações que habitam as cidades participantes.

Além disso, todas as melhorias que o projeto poderá proporcionar às comunidades contribuirão de maneira direta e indireta no desenvolvimento social, econômico e ambiental da cidade, pois uma cidade bem planejada, que oferece uma melhor acessibilidade e bem-estar aos seus moradores, torna-se atrativa a investidores e turistas.

Entender como é a relação do idoso com o seu bairro, é o ponto de partida para iniciarmos o desenho de uma cidade mais amiga dos idosos, pois muitos desses adultos mais velhos acompanharam todo o desenvolvimento da vizinhança, e estão aptos a apontar os problemas e as qualidades de sua comunidade.

A partir da análise da categoria proposta, foi possível entender que a relação que os moradores maiores de 60 anos têm com o bairro onde moram, é de identidade de lugar. Termo que é definido por Proshannsky et al. (1983), como um subsistema da identidade do eu, cuja função consiste em descrever e socializar a pessoa por meio de suas interações com o mundo físico. Os lugares significativos emergem em um contexto social, cultural e econômico, são geograficamente localizados, fornece aos indivíduos um senso de pertencimento, uma identidade territorial. A identidade de lugar consiste em cognições sobre o mundo físico que podem estar relacionadas à memória, às atitudes, aos valores, às preferências, aos significados e às concepções sobre comportamento e experiência ligados ao cotidiano.

Mesmo citando vários problemas, como violência, sujeira nas ruas, etc., os idosos de maneira geral definem o seu bairro com incomparável, e que nunca sairiam dali. Quando questionados, sobre o melhor lugar para envelhecer, os entrevistados dizem que seria em casa, com seus familiares e amigos.

Amigos esses, que foram adquiridos no bairro, através de longos anos de convívio. O bairro é definido por eles, como uma comunidade, onde todos se conhecem e se ajudam. Tanto os mais novos, quanto os mais velhos. Dessa forma, diante dessa relação que os vizinhos possuem, fica difícil o desapego ao lugar.

Diante desse resultado, é possível concluir que, o projeto está no caminho certo, no sentido de contribuir no planejando uma cidade melhor, baseada no apego e na identificação que os mais velhos têm com o seu lugar.

5. REFERÊNCIAS

PLACE AGE. **Projetando lugares com idosos**: Rumo a comunidades amigas do envelhecimento. Online. Acessado em 03 de Outubro de 2017. Disponível em: http//placeage.org.

Proshansky, H., Fabian, A. K. & Kaminoff, R. (1983). Placeidentity: Physical world socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**, 3, 57-83.

CICLO DE PALESTRAS DE PROFESSORES-TRADUTORES

VITÓRIA TASSARA COSTA SILVA[1]; BEATRIZ VIÉGAS-FARIA[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – vitoriatassara26@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – beatrizv@terra.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão *Ciclo de Palestras de Professores-Tradutores* da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), organizado por uma professora e uma aluna de graduação do CLC (Centro de Letras e Comunicação), visa a divulgar entre os interessados em Línguas, Literatura e Tradução as diferentes experiências de 5 professores, do CLC, no que se refere a trabalhos de tradução e pesquisas por eles realizados. Cada palestra contará com um professor/tradutor de um par linguístico: Inglês/Português, Alemão/Português, Espanhol/Português e Francês/Português. A última palestra se dedicará a relatar as experiências sobre traduções de obras de Shakespeare.

A iniciativa partiu de uma professora da Área de Tradução, que ao seguir a sugestão de um aluno da graduação sobre as diferentes experiências com tradução dos professores vinculados ao CLC, imaginou que seria produtivo dividir com alunos e interessados no tema as dificuldades e demais implicações do processo tradutório.

Os palestrantes poderão discorrer sobre os autores traduzidos, o contato com as editoras, a pesquisa acadêmica no campo de Estudos da Tradução, os diferentes temas e gêneros traduzidos (narrativas, poesia, teoria da Literatura, teatro etc). O público estará convidado a fazer perguntas aos palestrantes e um breve questionário deverá ser respondido pelos participantes. Esses questionários serão posteriormente analisados para fins de registrar se houve uma significativa mudança no nível de conhecimento do público presente quanto ao que significa ler um texto escrito em Português do Brasil versus o que significa ler um texto traduzido.

É generalizada a desinformação do público em geral (e mesmo dos profissionais de Letras que não atuam como tradutores nem estudam teorias e práticas de Tradução) quanto à complexidade do processo tradutório. Ainda hoje as pessoas de um modo geral acreditam que basta ser fluente em um par de línguas para estar apto a traduzir. Em *Oficina de Tradução: A Teoria na Prática* (Arrojo, 1986), a autora Rosemary Arrojo cita vários teóricos prescritivistas que ditam regras e pregam como a tradução deve ser. Como

J.C. Catford, que pressupõe a tradução apenas como a transferência de uma língua para outra, com a maior fidelidade ao texto-fonte quanto possível. Em seu livro, Arrojo traz outros paradigmas dentro dos quais a tradução é concebida, como o distanciamento da tão almejada fidelidade e maior importância com o texto e cultura de chegada. Traz também outros panoramas de traduções de textos literários e suas implicações na cultura de chegada.

Nas palestras, os professores irão falar sobre suas experiências na área de tradução. Entre as questões abordadas pelos palestrantes estão: como é a relação do tradutor com uma editora, como se comunicar com os clientes – no caso de um tradutor *freelance* -, como justificar as escolhas tradutórias para o revisor responsável, como conseguir espaço no mercado de trabalho, etc. Cada palestrante trará exemplos de livros já traduzidos por eles, e discorrerão sobre o que permeou tal trabalho. Desde os primeiros contatos com as editoras até a publicação da tradução – envolvendo a questão de pagamento e direitos autorais.

Assim, o projeto busca informar e esclarecer de um modo informal, a partir das experiências dos professores/tradutores, sobre as dificuldades e os desafios de verter para outra língua um texto de qualquer natureza - acadêmico, poético, dramatúrgico, ficcional e etc. Um dos objetivos específicos do nosso projeto está em concordância com o que sugere Susan Bassnett em seu livro *Estudos de Tradução* (2005): a importância da equivalência em textos, dando exemplos sobre a tradução de expressões idiomáticas e cita divisões e categorizações de equivalências feitas por outros autores. Além disso, um dos objetivos das palestras é abordar outras questões tradutórias que muitas vezes a literatura não traz, como questões de mercado de trabalho, pagamento, diálogo com editoras e empresas de tradução.

O objetivo geral do projeto de extensão é informar o público quanto ao que seja um processo tradutório. As questões discutidas abrangerão os elementos que o tradutor deve conhecer: as gramáticas de um par de línguas, os elementos textuais (superfície linguística), os elementos discursivos (vida e obra de um autor de ficção ou momento histórico e sociopolítico), os elementos intertextuais e os elementos culturais (diferenças de hábitos e costumes de dado povo e época a serem inseridos num texto alvo de um público leitor de outros hábitos e costumes).

2. DESENVOLVIMENTO

O projeto de extensão se dedica a apresentar palestras de professores-tradutores e de pesquisadores em Tradução (todos do CLC da UFPel) que se dispõem a relatar suas experiências com o traduzir.

São cinco palestras, - cada uma dedicada a traduções de quatro línguas estrangeiras: Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, e uma quinta palestra dedicada a traduções de textos de William Shakespeare. Será importante que os tradutores mostrem as dificuldades não só textuais (a superfície linguística do texto fonte vs. suas muitas camadas de significação), mas também as questões editoriais/mercadológicas de traduzir um texto que será livro à venda para um (determinado) público leitor.

O público-alvo vai desde alunos do curso de Letras a grupos de qualquer outra área do conhecimento que tenham interesse no assunto. As palestras ocorrerão aos sábados, quinzenalmente, em um dos campi da UFPel. As inscrições serão gratuitas, e a entrada a cada um dos cinco eventos se dará mediante a entrega de um quilo de alimento não perecível que será doado para uma creche municipal da cidade de Pelotas.

A discente participou de todas as etapas deste Projeto de Extensão, começando pela confecção do cartaz de divulgação que foi enviado à alunos, à veículos de comunicação em massa – Diário Popular, Zero Hora – e publicado no website da Universidade Federal de Pelotas. Após este passo, a organização da lista de presença e confecção do questionário que seria aplicado ao público da palestra foi feita pela docente e discente à quatro mãos. Nas palestras, a discente se responsabiliza pela organização da sala, apoio ao palestrante e recolhimento dos questionários aplicados ao público.

3. RESULTADOS

As metas do projeto de extensão *Ciclo de Palestras de professores-tradutores* são levar informações desconhecidas do grande público e mesmo aos profissionais de Letras sobre as muitas e diversas questões (dificuldades) que desafiam o tradutor no exercício de suas ações de reescrita, re-textualização, transculturação, re-criação.

Dentre os resultados esperados das palestras e das conversas do público com os palestrantes são o aumento do conhecimento da comunidade sobre tradução – as questões envolvidas no processo tradutório, quais as implicações que um texto traduzido traz para a cultura de chegada e até uma maior valorização do trabalho do tradutor.

Outros resultados esperados são o aporte de informações oferecido que deve ser estatisticamente significativo junto ao público ouvinte. Para tanto, será preparado um instrumento de averiguação - breve questionário do tipo marcar opções com um "X" - que deverá ser respondido pelos participantes. Esses questionários serão posteriormente analisados para fins de registrar se houve uma significativa mudança no nível de conhecimento do público presente quanto ao que significa ler um texto escrito em Português do Brasil versus o que significa ler um texto traduzido. As perguntas que compõem o questionário são:

1) Você costuma ler obras traduzidas?
( ) pouco ( ) muitas vezes ( ) bastante
2) Quando assiste a um filme estrangeiro, você prefere a versão:
( ) dublada ( ) legendada
3) O que você acha importante num texto traduzido? [Pode marcar mais de uma opção]
( ) gramática correta
( ) terminologia correta
( ) notas de rodapé esclarecedoras
( ) a presença de marcas da cultura estrangeira no texto traduzido
4) Você tem ideia do que faz o tradutor quando traduz?
( ) nenhuma ( ) imagino ( ) sei um pouco ( ) sei bastante sobre o processo tradutório

Os respondentes precisarão assinar seus nomes e área do conhecimento para posteriores análises e comparações dos dados.

4. AVALIAÇÃO

É possível afirmar que tal projeto tem extrema relevância no que diz respeito ao aumento do conhecimento sobre tradução da comunidade. De acordo com Paulo Henriques Britto, em sua obra *A Tradução Literária* (2012), leigos muitas vezes fazem afirmações equivocadas sobre tudo que envolve o processo tradutório - desde a questão linguística até a questão formal. Assim, levar essas informações ao público leitor aponta para a importância do projeto de extensão.

Resultados parciais são esperados após as análises dos questionários respondidos pelo público.

5. REFERÊNCIAS

ARROJO, R. **Oficina de tradução:** a teoria na prática. São Paulo: Editora ática, 1986.

BASSNETT, Susan. Questões Centrais. In: _____. **Estudos de Tradução**. Porto Alegre: Ufrgs Editora, 2005. p. 35-59.

BRITTO, P. H. **A Tradução Literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 160p.

ESCUELA TALLER DE BOYACÁ: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO

TAIS BELTRAME DOS SANTOS[1]; MARGARETE R. F. GONÇALVES[2]

1Universidade Federal de Pelotas– tais.beltrame@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas - margareterfg@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

A escuela Taller de Boyacá localiza-se na cidade de Tunja, no departamento de Boyacá, Colômbia. É uma escola de caráter técnico voltada para a inclusão e capacitação de jovens em situação econômica vulnerável, oriundos da violência do conflito armado, de mães chefes de família e de portadores de alguma deficiência. A Escola faz parte de uma rede de escolas de origem espanhola, que possui instalações em diversos países da América Latina e Caribe, incluindo o Brasil, e adota como metodologia o exercício prático dos saberes e ofícios tradicionais para a recuperação do patrimônio cultural, material e imaterial. Seu programa é divido em três vertentes: construção e recuperação de edificações de importância histórica, promoção do turismo cultural e resgate da gastronomia tradicional.

A cidade de Tunja possui um importante número de edificações históricas, contando com inúmeros exemplos de arquitetura colonial. Por esses motivos, o programa funciona de uma forma tão importante, pois educa e ensina os jovens a construir com estratégias e métodos necessários para recuperar o patrimônio edificado na própria cidade. Além, é claro, de resguardar um processo culturalmente importante para o município e um saber construir que é patrimônio imaterial.

O projeto de defesa e luta pela preservação do patrimônio desenvolvido na Escola se constitui em restaurar o patrimônio histórico da cidade, incluindo o Claustro de Santa Clara la Real, local que sedia os cursos ofertados. A proposta, procura não somente revitalizar o prédio, mas também, recuperar os conhecimentos sobre a técnica de construir artesanalmente utilizando madeira e terra crua.

A experiência a ser relatada se prende no âmbito das técnicas de bioconstrução, a qual vivenciei pelo período de um semestre letivo, enquanto estudante em mobilidade acadêmica e participante do projeto de defesa e luta pela preservação do patrimônio. Me coloco, nesse ponto, como voluntária e parte pequena de um projeto de grande escala, dirigido pela Arquiteta Nancy Camacho Pérez na escola. Além da intervenção feita coti-

dianamente, pelos alunos no próprio espaço da escola, também ocorrem ações externas em locais que possuem a necessidade de recuperação das mesmas técnicas ensinadas na Escola. Sobre este enfoque, relatarei minha participação na pontual intervenção feita na pequena cidade de Ráquira, com a parcial construção e reforma da casa de um casal de ceramistas: Sr. Mariel e Sra. Rosa.

2. DESENVOLVIMENTO

O projeto de preservação do patrimônio ocorre na escola técnica anualmente e todo o jovem que se encontre nos parâmetros de seleção pode se candidatar a uma vaga no projeto, cujas atividades ocorrem no claustro de Santa Clara La Real, o primeiro convento construído pela coroa espanhola na América, no território de Nova Granada. A edificação data de 1571 e possui paredes feitas de taipa e blocos de adobe, cobertura feita em madeira e telhas cerâmicas. Em seu interior existem importantes exemplares de pintura mural, feitas pelas Irmãs Clarissas, moradoras do claustro no século XXVI e XXVII.

Além das atividades do projeto, também, participei de diversas aulas, ministradas pela arquiteta Nancy para um grupo de estudantes de arquitetura.

No tocante as atividades externas, me encaixei como voluntária, em uma intervenção fora da escola, e trabalhando junto aos futuros técnicos, na recuperação da casa e ateliê dos ceramistas, Sr. Mariel e Sra. Rosa.

No caso dos ceramistas a realidade e metodologia foram diferentes do que adotada para a recuperação do patrimônio histórico. Ambos vivem em uma pequena casa feita de adobe, que possui uma infraestrutura debilitada enquanto abrigo e necessitava de reparos e acabamento. Nesse caso, deslocou-se uma equipe de estudantes da Escuela Taller e do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santo Tomás, para recuperar o local. A ação fez parte de um projeto de discriminação da técnica de construir com barro, como reconhecimento e pertencimento cultural, pois foi aplicada em uma cidade conhecida regionalmente pela produção de artefatos de cerâmica.

Para a realização desse trabalho prático, inicialmente, identificou-se a tipologia das paredes quanto ao adobe em blocos. Após, identificou-se os pontos de degradação nas paredes e analisou-se a composição do adobe. Os alunos de arquitetura em plantas, elaboradas por eles, registraram as informações obtidas. Posteriormente, foram preparadas as massas de adobe e reconstituídas as paredes.

3. RESULTADOS

O programa em si, enquanto escola técnica, possui como resultados imediatos e cotidianos a restauração do prédio em que está instalado. O edifício, que em sua história possuiu diferentes usos, e por vezes, desuso, hoje se encontra parcialmente restaurado no seu uso original. A cobertura já foi praticamente reconstituída, as paredes e vigas não originais foram substituídas por matérias que conversem com madeira e terra crua.

O edifício em geral, busca não somente se adaptar a escola que acolhe, com seus diversos programas. Mas ser um espaço cultural público-privado dentro da cidade, e receber cada mais jovens e mulheres de diferentes realidades socioeconômicas. Além de preservar a cultura material e imaterial, se propõe também, a oferecer uma biblioteca, com materiais de diversos assuntos.

A experiência em Ráquira, por sua vez, foi concluída parcialmente, já melhorando muito a vida do casal que vive na casa. O projeto integral, que busca construir uma loja e ateliê aberto, no próprio terreno dos ceramistas, ainda não foi construído, pois depende de verbas. Mas de todo modo, demonstrar em uma cidade conhecida pela cerâmica, que é possível construir da forma não comercial, usando terra e a própria mão de obra, é um grande exemplo de modificação social.

4. AVALIAÇÃO

A formação de jovens e o resultado do programa é inegavelmente positivo. É completo por qualificar a mão de obra necessária para resgatar o patrimônio histórico, enquanto oportuniza aos jovens e mulheres a qualificação e inserção dos mesmos em um mercado formal de trabalho. Enquanto conhecimento, ainda, resgata a metodologia que historicamente foi sendo esquecida.

A intervenção em si, em Ráquira, possui uma potencialidade muito grande, pois busca, além de tudo, ampliar a técnica de construir e modelar barro, e dissipá-la. Além do mais, serve de molde para os estudantes da escola técnica e da arquitetura. Vale ressaltar que nesse segundo caso, os moradores da casa participaram em todo momento do processo e das escolhas de projeto das futuras instalações.

Pessoalmente, foi muito importante presenciar e contribuir para com o projeto. Foi interessante perceber que técnicas simples e baratas, que se tornaram ultrapassadas, hoje, nesse caso, podem ser vistas “dentro da sala de aula” outra vez. É essencial per-

ceber também, como programas autogeridos e bem direcionados podem ter um grande alcance e potencial modificador. E, ainda mais, perceber brechas e possibilidades para a carreira de arquiteto e urbanista.

5. REFERÊNCIAS

Livro

LENGEN, J. V. **Manual do Arquiteto Descalço**. Porto Alegre. Livraria do Arquiteto. 2004.

Capítulo de livro

VILLANUEVA, L. Lucha contra la Pobreza, herramientas de paz. In: SALGADO, M. d. M. **Programas de Escuelas Taller de La Cooperación Española**. Madrid: Cooperación Española, 2015. P. 59 – 62.

ESCOBAR, A. Nuevas Profissiones, Innovación y tradición. In: SALGADO, M. d. M. **Programas de Escuelas Taller de La Cooperación Española**. Madrid: Cooperación Española, 2015. P. 89 – 94.

Documentos eletrônicos

El Tiempo. Em el claustro de Santa Clara la real, de Tunja, Nació la Escuela Taller de Artes y Oficios. Colômbia, 16 set. 2010. Acessado em 10 out 2017. Online. Disponível em: http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-79100607

Red Escuelas Taller Colombia. Escuela Taller de Boyacá. Colômbia. 2017. Acessado em 10 out 2017. Online. Disponível em: http://www.programaescuelastallercolombia.com/

Red Escuelas Taller em America Latina. Escuelas Taller de Colombia - Herramientas de Paz. 2017. Online. Disponível em: http://redescuelastaller.com